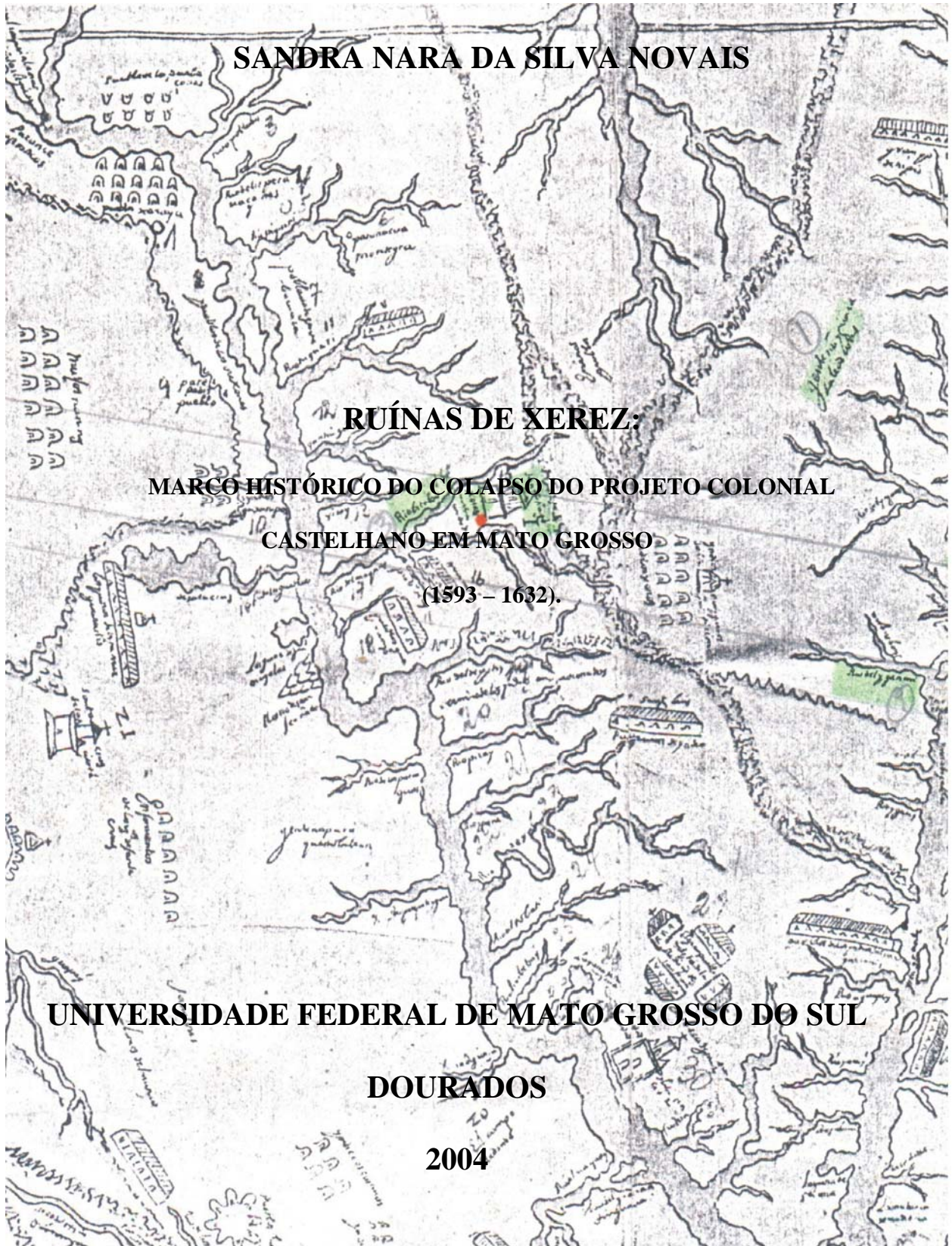


**SANDRA NARA DA SILVA NOVAIS**



**RUÍNAS DE XEREZ:**

**MARCO HISTÓRICO DO COLAPSO DO PROJETO COLONIAL**

**CASTELHANO EM MATO GROSSO**

**(1593 - 1632).**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**DOURADOS**

**2004**

**SANDRA NARA DA SILVA NOVAIS**

**RUÍNAS DE XEREZ:**

**MARCO HISTÓRICO DO COLAPSO DO PROJETO COLONIAL**

**CASTELHANO EM MATO GROSSO**

**(1593 – 1632).**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**DOURADOS**

**2004**

**SANDRA NARA DA SILVA NOVAIS**

**RUÍNAS DE XEREZ:**

**MARCO HISTÓRICO DO COLAPSO DO PROJETO**

**COLONIAL CASTELHANO EM MATO GROSSO**

**(1593-1632)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em História, Área: História, Região e Identidades da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Dourados.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Rodolfo Martins

**DOURADOS**

**2004**

981.72  
N935r

NOVAIS, Sandra Nara Novais da Silva

Ruínas de Xerez: marco histórico do colapso do projeto colonial castelhano em Mato Grosso (1593 – 1632) / Sandra Nara da Silva Novais; orientador, prof. Dr. Gilson Rodolfo Martins.

Dourados, 2004.

206 p.; ilust.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campus de Dourados. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui bibliografia

1. Santiago de Xerez - História
2. Paraguai Colonial – História
3. Mato Grosso colonial – História.

**SANDRA NARA DA SILVA NOVAIS**

**RUÍNAS DE XEREZ:**

**MARCO HISTÓRICO DO COLAPSO DO PROJETO**

**COLONIAL CASTELHANO EM MATO GROSSO**

**(1593-1632)**

**COMISSÃO JULGADORA**

**DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

Prof. Dr. Gilson Rodolfo Martins (UFMS):

Presidente e Orientador

Prof. Dr. Paulo Marco Esselin (UFMS):

Examinador

Prof. Dr. Earle Diniz Macarthy Moreira (PUCRS)

Examinador

**DOURADOS-MS, 24 de Agosto de 2004.**

## **DADOS CURRICULARES**

### **SANDRA NARA DA SILVA NOVAIS**

**NASCIMENTO:** 05/01/1974 – Corumbá MS

**FILIAÇÃO:** Nelson Novais  
Manoelina Valeriana da Silva  
Novais

**GRADUAÇÃO:** 1996-1999 – Curso de História  
Licenciatura  
Plena – Universidade Federal de  
mato Grosso do Sul – UFMS,  
Aquidauana-MS.

**PÓS-GRADUAÇÃO:** 2002-2004 – Mestrado em  
História – Universidade Federal  
de Mato Grosso do Sul – UFMS,  
Dourados-MS.

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus alunos da Escola Municipal Indígena Francisco Farias da aldeia Água Branca e da Escola Municipal Indígena Feliciano Pio da aldeia Ipegue pois, são vocês que me fazem acreditar que é preciso continuar vivendo e lutando. Olhando para vocês renova-se em mim a esperança de juntos construirmos uma história de respeito, tolerância e reciprocidade entre índios e não-índios.

## AGRADECIMENTOS

A minha família, em especial aos meus pais, que sempre tiveram a preocupação de dar aos filhos um ensino de qualidade e uma formação moral e ética norteada pelos princípios da bondade e da justiça. Com eles, desde criança, aprendi que é muito fácil ser feliz porque a felicidade está nas coisas simples da vida, num sorriso verdadeiro, num abraço amigo e num gesto de compreensão, carinho e afeto.

Aos professores do curso de mestrado, Prof. Dr. Jerri Roberto Marin, Prof. Dr. Cláudio Alves Vasconcelos, Prof. Dr. Oswaldo Zorzato e Prof. Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz, pelo empenho, dedicação e seriedade com que conduziram as discussões abordadas em suas disciplinas, fazendo com que nos sentíssemos mais aliviados e menos inseguros perante à difícil tarefa que tínhamos pela frente.

Aos colegas de curso, turma 2002, pela amizade, pelo carinho, pelas sugestões e pelas animadas conversas no Centro de Documentação, onde costumávamos nos reunir em busca das fontes históricas que nos permitissem ampliar as questões e abordagens propostas em nossos estudos.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, Programa de Demanda Social, pelo apoio financeiro concedido desde março de 2003 e que permitiu dedicação exclusiva à pesquisa.

A equipe do Laboratório de Pesquisas Arqueológicas, especialmente a Iberê Martins e Éder Jânio da Silva, pelas vezes que precisei de ajuda e pude contar com a boa vontade e paciência de ambos em colaborar comigo.



À professora Ceila Maria Puia Ferreira pelo paciente trabalho de revisão e de correção do texto e também pelas sugestões que contribuíram para melhorar a redação final.

Ao meu orientador, companheiro e amigo, Prof. Dr. Gilson Rodolfo Martins pela atenção, confiança e gentileza em ceder-me grande parte do seu acervo pessoal que permitiu o aprofundamento conseguido nesta pesquisa. Obrigada pela sua impecável orientação, pelas sugestões, pelos retoques finais ao texto e por ter me ensinado a trabalhar com fontes primárias, despertando em mim o gosto pelo estudo da história colonial.

## EPÍGRAFE

“O documento não é inócuo. É antes de mais o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O Documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmitificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro- voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias.” (LE GOF, 1997, p. 103-104).

## RESUMO

No âmbito da Expansão Marítima e Comercial Européia, durante as primeiras décadas do século XVI, as descobertas geográficas, a conquista e a colonização ibérica, na América do Sul, ocorreram por meio de três movimentos concomitantes: a ocupação portuguesa do litoral atlântico, a submissão do mundo incaico/andino ao conquistar castelhano, Francisco Pizarro e a conquista da bacia Platina pela expedição comandada pelo espanhol, D. Pedro de Mendoza. Nesta dissertação é analisado o projeto castelhano de colonização, no interior do continente sul-americano, da área banhada pelo alto curso do rio Paraguai, enfocando-se, sobretudo, a região centro-sul do Pantanal que, nessa época, integrando o extenso Paraguai Colonial, denominava-se Campos de Xerez. A motivação inicial desse processo foi a cobiça por metais preciosos, expressa historicamente pelo mito da Serra de Prata, materializado com a descoberta das extraordinárias jazidas minerais de Potosi, no oriente boliviano. No entanto, razões ditadas pela geopolítica colonial da coroa filipina para o interior da América do Sul, levaram as autoridades paraguaias/castelhanas a redirecionarem a expansão do povoamento colonial para o nordeste de Assunção. Assim, após uma permanência efêmera (1593-1600) no baixo curso do rio Ivinheima, os colonos assuncenhos do núcleo urbano de Santiago de Xerez reassentaram-se, até 1632, em algum ponto entre os rios Aquidauana e Miranda. O objetivo desta pesquisa histórica foi reconstruir, por meio da consulta em fontes primárias e na historiografia anteriormente produzida, a origem desse fenômeno colonial, suas especificidades no interior do modelo colonizador ibérico para a bacia Platina, bem como o entender os fatores históricos que explicam o insucesso dessa experiência povoadora pioneira em Mato Grosso do Sul.

Palavras-chaves: Santiago de Xerez; Paraguai Colonial; Mato Grosso Colonial.

## **ABSTRACT**

In the scope of the European Maritime and Commercial Expansion, during the first decades of century XVI, the geographic discoveries, the conquest and the Iberian settling in South America had occurred by means of three concomitant movements: the Portuguese occupation of the Atlantic coast, the submission of the andean world by Francisco Pizarro (Spanish conqueror) and the conquest of the Platinum basin by the expedition commanded by D. Pedro de Mendoza. In this dissertation the Castilian project of settling in the interior of the South American continent is analyzed, as well as the area bathed by the high course of Paraguay River, focusing the Pantanal's center-south region, at that time integrating extensive Colonial Paraguay, called "Campos de Xerez". The initial motivation of this process was covets it for precious metals, historically expressed by the myth of the Silver Mountain, materialized with the discovery of the extraordinary mineral deposits of Potosi, in the Bolivian east. However, reasons dictated by the colonial geopolitics of the phillipino's crown for the South America's interior, had taken the paraguayan/castilian authorities to redirect the expansion of the colonial peopling for the northeast of Assunção. Thus, after an ephemeral permanence (1593-1600) in the low course of the river Ivinheima, the colonists from Assunção, of the urban nucleus of Santiago de Xerez, resettled themselves, up to 1632, in some point between the rivers Aquidauana and Miranda. The objective of this historical research was to reconstruct, by means of the consultation in primary sources and the historiography previously produced, the origin of this colonial phenomenon, its specificities in the interior of the Iberian colonization model for the Platinum basin, as well as understanding the historical factors that explain the failure of this pioneering settling experience in Mato Grosso do Sul.

Key-words: Santiago de Xerez; Colonial Paraguay; Colonial Mato Grosso

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	VI
AGRADECIMENTOS.....	VII
EPÍGRAFE.....	IX
RESUMO.....	X
ABSTRACT.....	XI
SUMÁRIO.....	XII
ÍNDICE DE FIGURAS. ....	XIV
INTRODUÇÃO.....	16
<b>Capítulo I - A CONQUISTA E O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DA BACIA PLATINA NO SÉCULO XVI.....</b>	<b>32</b>
1-1 A EXPEDIÇÃO DE ALEIXO GARCIA.....	39
1-2 A EXPEDIÇÃO DE SEBASTIÃO CABOTO.....	48
1-3 A EXPEDIÇÃO DE D. PEDRO DE MENDOZA.....	50
1-4 ORIGEM DAS ALIANÇAS ENTRE ÍNDIOS E ESPANHÓIS.....	62
1-5 A POLÊMICA EM TORNO DA FUNDAÇÃO DE ASSUNÇÃO.....	66
1-6 O GOVERNO DE ÁLVAR NUÑEZ CABEZA DE VACA.....	71
1-7 O GOVERNO DE DOMINGUES MARTINEZ DE IRALA.....	89
<b>CAPÍTULO II – A PRESENÇA ESPANHOLA NO GUAIRÁ E NO ITATIM NO SÉCULO XVI.....</b>	<b>95</b>

2-1 A FUNDAÇÃO DE ONTIVEIROS.....	104
2-2 A FUNDAÇÃO DE CIUDAD REAL DO GUAIRÁ.....	108
2-3 A FUNDAÇÃO DE VILA RICA DO ESPÍRITO SANTO.....	116
2-4 A DESTRUIÇÃO DAS REDUÇÕES DO GUAIRÁ EM 1629.....	120

**CAPÍTULO III – OS INSUCESSOS COLONIZADORES NOS CAMPOS DE XEREZ.....**

XEREZ.....	127
3-1 SANTIAGO DE XEREZ NO CONTEXTO DA UNIÃO IBÉRICA.....	138
3-2 A PRIMEIRA FUNDAÇÃO DE SANTIAGO DE XEREZ.....	149
3-3 A SEGUNDA FUNDAÇÃO DE SANTIAGO DE XEREZ.....	159

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
---------------------------	-----

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	192
1- FONTES IMPRESSAS.....	192
2- REVISTAS.....	194
3-BIBLIOGRAFIA GERAL.....	196

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de D. Luis de cespedes Xeria (1628) – Fonte: “*Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista*”; Affonso D’Escragnolle Taunay; Vol. I, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1922.

Figura 2: Mapa do Pantanal - Fonte: “*História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos xvi e xviii*”; Maria de Fátima Costa; Kosmos. São Paulo, 1999.

Figura 3: Mapa da localização de Xerez na cartografia atual de Aquidauana - Fonte: “Diretoria de Serviço Geográfico – Ministério do Exército. Escala 1:250.000 – Rio de Janeiro – RJ”. Carta imagem de radar, 1976, Aquidauana-MS.

Figura 4: Mapa del Río de la Plata y países limítrofes atribuído a Ruy Diaz de Guzmán – Fonte: “*Anales del Descubrimiento, Poblacion y Conquista del Río de La Plata*”; Ruy Diaz de Guzmán: Ediciones Comunerós, Assunción, 1980.

Figura 5: Mapa das Missões Jesuíticas do Paraguai, Pe. Caraffa (1647) – Fonte: “*RapozoTavares e a Formação Territorial do Brasil*”; Jaime Cortesão, Rio de Janeiro, 1958.

Figura 6: Mapa do Paraguai Católico – Fonte: “*El Paraguay Católico*”; Pe. José Sanches Labrador: Imprenta de Coni Hermanos; Buenos Aires, 1910.

Figura 7: Mapa de Matthaeo Seuttero, S.C M.G August, George Matthäus Seutter, 1726. Fonte: “*O rio Paraná no retorno da marcha para o Oeste*”, Theophilo de Andrade; 1941. Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro-RJ.

Figura 8: Mapa de Bandeirante anônimo da região Parano-Paraguai – Primeira metade do século XVIII. Fonte: “*Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga*”; Affonso D’Escragnolle Taunay; Vol I, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1992.

Figura 9: Mapa do Pantanal – Fonte: “*História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*”; Maria de Fátima Costa; Ed. Kosmos, São Paulo, 1999.

Figura 10: Foto 1- Vista aérea do rio Aquidauana (1965), na região onde estaria localizada *Santiago de Xerez*.

Figura 11: Foto 2 – Fragmentos de telha de cerâmica na área onde estaria localizada *Santiago de Xerez*.

Figura 12: Foto 3 – Fragmentos de telha de cerâmica na área onde estaria localizada *Santiago de Xerez*.



# I - INTRODUÇÃO

“É preciso detectar as anomalias, fazer falar indícios mudos, acumular provas, inventar formas indiretas de revelar o que os documentos não dizem abertamente” (MATTOSO, 1988, p. 25).

O passado colonial ibérico da região sudoeste do atual Estado de Mato Grosso do Sul pode ser compreendido e dividido, para melhor analisá-lo e entendê-lo, em dois compartimentos cronológico/conjunturais, os quais evidenciam momentos específicos da formação de sua história, isto é, o contexto abarcado pela colonização castelhana-paraguaia e a colonização luso-paulista. O primeiro compartimento corresponde, sobretudo, aos séculos XVI e XVII, enquanto o segundo inicia-se timidamente nas primeiras décadas do século XVII, vindo a consolidar-se de forma definitiva durante os anos seguintes, culminando, na segunda metade do século XVIII, com a instalação de um sistema fortificado de ocupação, expresso pelos fortes Iguatemi, Coimbra, Albuquerque e Miranda.

Esta pesquisa teve como objetivo explicar as principais características da geopolítica colonial castelhana no então Estado de Mato Grosso e entender os fatores históricos que inviabilizaram a perpetuação do projeto assuncenho-castelhana, no território, hoje, sul-mato-grossense, abrangendo especificamente a região que, na toponímia colonial, foi denominada “Campos de Xerez”, a qual caracteriza o recorte espacial deste estudo, e que abrangia uma extensa área situada entre os rios Taquari e Apa, limitando-se a oeste pelo rio Paraguai e a leste pela serra de Maracaju. A ocupação colonizadora pioneira, nessa região, no início do século XVII, com a fundação por assuncenhos de um pequeno núcleo urbano denominado Santiago de Xerez.

A opção por este tema justifica-se pelo fato de que a historiografia sul-americana peca por um certo regionalismo, ou seja, ao olhar os fenômenos históricos ocorridos no interior desse continente, a faz, predominantemente, ou sob uma ótica atlântica ou andina. Dessa forma, há uma ausência das explicações históricas mais detalhadas no que diz respeito aos eventos ocorridos na Bacia Platina, sobretudo nas regiões banhadas pelo Médio e Alto Paraguai. É o caso, por exemplo, da formação da fronteira oeste do Brasil e dos episódios relacionados à conquista, colonização e ocupação do espaço sul-mato-grossense, nos séculos XVI e XVII. As abordagens da historiografia brasileira, com algumas respeitáveis exceções, situam a dinâmica histórica, de forma unilateral, em que os fatos históricos ocorridos no recorte espacial fixado por este trabalho são sempre vistos como desdobramento do movimento bandeirante luso-paulista, permanecendo o contexto histórico marcado pela presença colonial espanhola-assuncenha pouco conhecido.

O quadro temporal desta pesquisa abrange o período compreendido entre fins do século XVI e meado do século XVII, especificamente entre os anos de 1593 e 1632. Tal periodização justifica-se por ser 1593 o ano da fundação de Santiago de Xerez por Ruy Diaz de Gusmán, em algum ponto da margem direita do baixo curso do rio Muney, hoje Ivinhema, no atual município sul-mato-grossense de Naviraí. Essa cidade foi fundada com o objetivo de sediar a capital da Província Nova Andaluzia, permanecendo, nesse local, até o ano de 1600, quando, por causa dos obstáculos ambientais e atendendo às insistentes solicitações dos colonos, Ruy Diaz de Gusmán pleiteou junto às autoridades assuncenhas o traslado de Xerez que ocorreu em 1600, e o novo espaço escolhido localizava-se na região banhada pelo rio Mbotetey, também denominado na toponímia colonial como Bitetey ou, ainda, rio dos Apóstolos e, mais tarde, Mondego, em algum ponto na área compreendida, atualmente, pela bacia dos rios Miranda e Aquidauana, na

parte não inundável do Pantanal sul-mato-grossense, o que nos permitiu, segundo as fontes primárias, identificar os arredores, ou seja, a área conjunta dos atuais municípios de Miranda e Aquidauna, como “Campos de Xerez.”

A instabilidade socioeconômica do núcleo urbano xerezano se agravou com o progressivo assédio bandeirante luso-paulista sobre a região, isso a partir de 1620 aproximadamente. O ponto crítico foi atingido em 1632, quando um fulminante ataque bandeirante ao Itatim provocou a capitulação dos colonos xerezanos, que abandonaram definitivamente a região, restando, no local, apenas as ruínas dos ensaios de um ousado projeto colonizador. Em linhas gerais, adotou-se o ano de 1593 como marco temporal por ser o ano em que ocorreu a fundação da primeira Santiago de Xerez, e, 1632, por finalizar a sua curta existência enquanto espaço colonial espanhol em terras hoje pantaneiras.

Sobre os “Campos de Xerez”, nessa mesma época, instalou-se a Província Jesuítica do Itatim, iniciativa colonizadora fundamental para o sistema colonial ibérico, isso porque essa região entrepunha-se entre o litoral atlântico paulista e os contrafortes orientais andinos. Nos séculos XVI e XVII, a região do Itatim servia de anteparo à expansão portuguesa para além do Tratado de Tordesilhas, bloqueando os contatos comerciais entre os territórios coloniais limítrofes e interrompendo os antigos caminhos utilizados pelos colonos espanhóis em direção à Ilha de Santa Catarina e São Vicente. A destruição dessa província jesuítica ocorreu em 1648, logo após o desaparecimento da cidade de Santiago de Xerez. Isso ocorreu em função das sucessivas investidas dos bandeirantes paulistas durante as décadas da primeira metade do século XVII, sobretudo a da grande bandeira de Raposo Tavares em 1648, para o que muito contribuíram as desavenças entre jesuítas e colonos xerezanos que disputavam entre si a exploração da mão-de-obra indígena local. Essas desavenças contribuíram para a eficiência das

incurções portuguesas, que acabaram por enfraquecer os pólos de colonização espanhola nos “Campos de Xerez.”

A escolha do título desta dissertação: “*Reconstruindo os Campos de Xerez*” - a formação do espaço colonial castelhano-paraguaio no sul de Mato Grosso (1593-1632) revela em si o esforço e a preocupação em esclarecer alguns aspectos mal explicados pela historiografia referente à conquista e à colonização do interior do continente sul-americano. Daí surgiu à necessidade de se fazer uma criteriosa análise da documentação disponível, destacando-se inicialmente os textos dos cronistas membros das primeiras expedições de reconhecimento da região que por meio de relatos minuciosos nos ofereceram as primeiras informações sobre esse espaço geográfico e os habitantes nativos que nele viviam. Paralelamente aos relatos dos cronistas, igualmente de grande importância para este estudo, é a análise da cartografia colonial, uma vez que essa análise nos possibilita fazer uma leitura histórica do espaço, a qual nos permite compreender como se pensava o espaço e a região ainda no século XVI. A cartografia histórica revela-se, aos olhos do presente, como sendo uma fonte indispensável na reconstrução das formas de ocupação do espaço no passado, na medida em que ela não representa apenas o espaço físico, mas pode ser entendida como sendo um dos instrumentos de representação da articulação entre o espaço físico e os interesses políticos e econômicos das potências coloniais, que procuravam legitimar e delimitar sua soberania sobre os territórios coloniais no Novo Mundo.

Ao selecionarmos para análise as fontes históricas a serem utilizadas na elaboração desta dissertação, buscamos inicialmente as informações existentes nos relatos daqueles colonizadores que estiveram na região entre os séculos XVI e XVII. Tais narrativas oferecem elementos imprescindíveis para compreendermos o conjunto de representações que se fazia de uma realidade espacial totalmente desconhecida dos

européus, a qual era habitada por povos, por eles, considerados selvagens e que apresentava uma geografia carregada de incertezas. Em tais relatos encontramos referências importantes sobre os povos indígenas que habitavam o Paraguai antes da chegada do europeu e que desempenharam um papel significativo na conquista e na consolidação do modelo colonizador. Referimos-nos tanto àqueles que estabeleceram alianças com os espanhóis e colaboraram com a conquista, unindo-se a eles por laços familiares, dando origem à intensa mestiçagem, principalmente em Assunção e arredores, como também, aos grupos indígenas que optaram por resistir à colonização por meio de acirradas guerras contra os invasores, o que resultou na desterritorialização e no extermínio de grande contingente populacional indígena da América do Sul.

Entre tais fontes, foram de fundamental importância os relatos do soldado alemão Ulrich Schmidel, membro da expedição do *adelantado* D. Pedro de Mendoza e testemunha ocular de importantes episódios relacionados aos primeiros anos da conquista do Paraguai e do rio da Prata. Ulrich Schmidel, durante o período em que esteve na região platina, testemunhou a fundação de Assunção e de Buenos Aires, participou ainda de algumas entradas em busca das riquezas da mitológica Serra de Prata e do “rei Branco”, participou também das guerras contra os povos indígenas resistentes à conquista, revelando em suas crônicas particularidades do mundo étnico do Chaco Paraguaio nos primeiros anos da conquista espanhola. Schmidel, durante os dezoito anos em que permaneceu no rio da Prata e Paraguai, presenciou a concentração dos conquistadores em Assunção, por ordens de Irala, participando inclusive, das polêmicas que envolveram a chegada de Cabeza de Vaca como novo *Adelantado* em 1542, episódio que teve como desfecho a deposição, a prisão e a deportação de Cabeza de Vaca. Sobre a fundação de Buenos Aires, Schmidel referiu-se assim aos índios *Querandíes*, antigos habitantes da região:

“ In este sitio construimos una ciudad que se llama Buenos Aires. En las catorce naves trajimos de España también setenta y dos caballos y yeguas. Hallamos en esta parte asimismo un lugar donde vivían los indios llamados querandíes, de los que había cerca de tres mil hombres con sus mujeres e hijos, y éstas van vestidas igual que las charrúas, del ombligo hasta las rodillas. Nos trajeron de comer pescado y carne. Estos querandíes no tienen morada fija, sino que van vagando por el país, como entre nosotros los gitanos. Si se desplazan en verano, recorren a veces más de treinta leguas de tierras secas, donde no encuentran ni una gota de agua, y si acaso dan con un ciervo u outra caza, beben la sangre de los mismos. A veces descubren unas raíces que llaman cardos y los comen para apagar la sed. El hecho de que beben sangre se debe únicamente a que no tienen agua ni outra cosa, y de outra manera tendrían que morir de sed.” (SCHMÍDEL, 1986, p. 31).

Os historiadores classificam Schmidel como cronista e nesta pesquisa as informações contidas em sua obra “*Relatos de la Conquista del Rio de la Plata y Paraguay 1534-1554*” assumem o caráter de fontes históricas, pois relatam e são testemunhos do contexto histórico em que se deu a penetração, o reconhecimento e a conquista da bacia platina pelos espanhóis. Segundo Maria de Fátima Costa, “Schmidel é, sem dúvida alguma, o narrador mais importante para se conhecer a primeira fase da conquista espanhola desta parte da América Meridional. Nos quase dezoito anos (1535-1553) que viveu como soldado nas terras interiores entre o Prata e o Paraguai, participou de todos os movimentos e entradas realizadas, acumulando informações únicas para o conhecimento desta região e de sua história.” (COSTA, 1999, p. 69).

A crônica de Schmidel também é considerada por Vicente Pistilli o primeiro relato completo sobre a conquista do rio da Prata e do Paraguai, muito embora, em sua cronologia existem alguns anacronismos, que foram posteriormente comentados pelos estudos de Pistilli “*Cronología de Ulrich Schmidel*” (1987) e Kloster e Sommer. “*Ulrich Schmidel no Brasil quinhentista*” (1942). Esses estudos esclarecem que Schmidel, ao escrever a sua crônica, utilizou-se de um calendário diferente do atual, o que deu origem a certos desencontros factuais e cronológicos.

Félix de Azara (1847) considera a obra de Schmidel a mais exata que temos e a mais pontual ao descrever as situações vividas e ao estabelecer as distâncias percorridas pelos conquistadores da bacia platina. Azara faz um alerta aos exageros cometidos pelo autor quando se refere aos feitos militares, fato que estaria relacionado a sua formação militar e ao seu envolvimento direto em muitos episódios por ele narrados. De Angelis, qualificou o livro de Schmidel como “el primer monumento de nuestra historia y la única fuente en que deben beber los que se proponen seguir los primeros pasos de los europeos en estas remotas regiones.” (DE ANGELIS, 1836, p. 5).

Enrique de Gandía caracterizou a obra de Schimidel como expressão de uma época. “... el autor pasó a la inmortalidad, no por ser su *Viaje* una obra fundamental en la historia de la conquista, pues los documentos lo han superado, sinó porque su obra es la voz más amplia, más honda y humana que en la lejana Europa, fuera de España, evocó las gestas supremas de Don Pedro de Mendoza, Domingo de Irala y Álvar Núñez, el caminante de América.” Porém, esclarece Gandia, não se pode atribuir a Schimidel o papel de historiador, uma vez que seu objetivo não era o de escrever a história dos países do rio da Prata. Em seus relatos procurou descrever acontecimentos que podem contribuir para a construção dessa história, tratando-se de um depoimento pessoal daquilo que ele viu e viveu em terras sul-americanas.

Não muito simpáticos ao trabalho de Schmidel são os comentários de Paul Groussac: “... o rudo soldado bávaro no aprendió en veinte años de nomadismo platense a pronunciar ni escribir un solo nombre castellano ou indígena, pero fue testigo presencial de lo que relata: y este solo hecho presta a sus balbuceos apenas intelegibles, llenos de exageración y disparates, un valor inapreciable...”(Apud. CARDOZO, 1979, p. 168).

Dos narradores/cronistas que descreveram a região, entre os séculos XVI e XVII, e os episódios por eles vividos em terras platinas, destacamos também as contribuições oferecidas por Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, transcritas por intermédio do escrivão-mor de sua expedição Pedro Hernández nos *Comentários* (1987). Esse relato encontra-se dividido em 84 capítulos e descreve a trajetória percorrida por Cabeza de Vaca, quando no ano de 1541, quando assumiu o posto de *Adelantado* do rio da Prata. Pedro Hernández relatou a travessia do Atlântico, a chegada a Santa Catarina e os meses em que viveram na ilha até que fosse possível seguir viagem rumo a Assunção, no Paraguai, aonde chegaram no ano de 1542, após uma longa viagem feita por caminhos terrestres e fluviais. A nomeação de Cabeza de Vaca foi uma surpresa e também uma decepção para os pioneiros conquistadores, entre eles Domingo Martinez de Irala que, com a morte de Ayolas, ocupou interinamente o cargo de governador.

Nos *Comentários*, também é possível encontrar referências aos vários grupos indígenas, com os quais Cabeza de Vaca estabeleceu contatos, ressaltando sempre a forma amigável como era recebido pelos índios, o que confere aos *Comentários* o caráter de um texto quase etnográfico. Por meio dos relatos das diversas expedições exploradoras das terras ocidentais do rio Paraguai nos *Comentários* encontram-se descrições ricas em detalhes sobre o modo de vida dos índios Agace, Payaguá, Guaycuru Guazarapo, Guató, Sacosi, Chanese, Arianicosi, Artanece e Xarayé.<sup>1</sup> A leitura desses relatos evidencia que, nesse momento, já havia uma preocupação dos espanhóis em tornar os índios cristãos e súditos de sua majestade católica, o rei da Espanha. Para tal, o *Adelantado* decidiu estabelecer uma nova política indigenista, proibindo a

---

<sup>1</sup> - A grafia do nome dos povos indígenas e suas respectivas línguas quando aparecem citados nessa pesquisa obedecem à convenção preconizada pela Associação Brasileira de Antropologia (1953) cujos pontos principais adota: “a utilização dos nomes de povos e de línguas indígenas serão empregados como palavras invariáveis, sem flexão de gênero (falaremos da língua Bororo e não língua Borora); nem flexão de número (serão os indígenas Bororo e não os indígenas Bororos).” (RODRIGUES, 1994, p. 10). No entanto, quando nos utilizamos de informações retiradas dos documentos, respeitamos a grafia que foi empregada na época em que o documento foi escrito.



escravidão e os abusos que Irala praticava contra os Guarani. Ao mesmo tempo, Cabeza de Vaca iniciou uma bem sucedida campanha de pacificação dos grupos indígenas mais “arredios” que viviam nas redondezas, próximos a Assunção, na margem direita do rio Paraguai.

Outro aspecto importante narrado nos *Comentários* são as teias de intrigas e conspirações que se estabeleceram em Assunção após a chegada de Álvaro Nuñez, como novo *Adelantado*. Esse fato teve como consequência uma ruptura entre os próprios conquistadores, os quais, a partir de então, se dividiram em dois grupos. De um lado, se posicionaram-se aqueles que se manifestavam a favor de Irala. De outro, encontravam-se os que preferiram manterem-se fiéis e aliados a Cabeza de Vaca. Esses dois grupos políticos passaram a disputar o poder em Assunção. Nesse cenário de intrigas e conspirações é possível perceber as habilidades e as manobras políticas de Irala que, articulando-se aos antigos conquistadores de Assunção, conspirou e providenciou para que Cabeza de Vaca fosse preso e deportado para a Espanha. Assim sendo, seria possível para Irala organizar novas expedições em direção da mitológica Serra de Prata e se apossar dos tesouros que tanto cobiçava, não medindo esforços na tentativa de tomar posse da fortuna que imaginava existir nos domínios do “Rei Branco” império Inca. Efraim Cardoso (1979) considera os *Comentários* de Cabeza de Vaca o mais valioso documento da época da conquista. Isso por causa da precisão de seus dados e da riqueza de suas observações, cujo documento revela as características específicas dessa frente colonizadora do Novo Mundo.

No conjunto dos relatos que destacaram a presença espanhola em terras hoje pertencentes a Mato Grosso do Sul, foi de fundamental importância, para o esclarecimento da problemática estabelecida por esta pesquisa, a releitura crítica da crônica histórica produzida pelo fundador de Xerez, Ruy Diaz de Guzmán, denominada

“*Anales del Descubrimiento y Conquista del Rio de la Plata*”, obra que, em algumas edições anteriores, aparece com o nome de “*La Argentina*.” Muito embora a dedicatória feita por Guzmán seja datada de 1612, sua obra só foi impressa pela primeira vez em 1835. Durante todo esse tempo, circularam pelo Paraguai numerosas cópias manuscritas utilizadas por cronistas, historiadores e religiosos, com o objetivo de conhecer e divulgar o período e o contexto histórico reconstruído por Guzmán, como matriz historiográfica do Paraguai atual.

Nos últimos anos as opiniões em torno dessa obra têm sido divergentes e até mesmo contraditórias. Alguns historiadores, entre eles Paul Groussac, a consideram pouco útil, na medida em que novas pesquisas têm se revelado mais precisas e esclarecedoras. Groussac atribuiu a Guzmán a difusão da existência de seres fabulosos, de milagres e de algumas extravagâncias que não correspondiam à realidade. Já, para outros historiadores, em especial Enrique de Gandia, consultar essa obra é imprescindível, pois linhas revelam a mentalidade de uma época, mostram como os homens falavam e pensavam o rio de *La Plata* e Paraguai em fins do século XVI e começo do século XVII. “*La Argentina de Ruy Díaz de Guzmán: prosa clara y fuerte, que tiene la transparencia de lectura de una obra moderna y todo el encanto, toda la emoción, de lo que realmente es: la primera historia de la Argentina y del Paraguay escrita por un hijo del Río de La Plata.*”<sup>2</sup>

Ruy Diaz de Guzmán era um mestiço, nascido em Assunção do Paraguai, entre os anos de 1558 e 1560. Sua mãe, dona Úrsula de Irala, era uma das filhas de Domingo Martinez de Irala, com uma índia guarani de nome Leonor e seu pai era o capitão espanhol Alonso Riquelme de Guzmán, sobrinho de Álvar Nuñez Cabeza de Vaca. Pelo que consta em sua biografia, Guzmán nasceu e morreu sem nunca ter saído da região

---

<sup>2</sup> - In: GUZMÁN, Ruy Díaz. *La Argentina*. 1943, p. 11.

platina, tendo vivido entre Assunção e Guairá. No ano de 1575, acompanhou Ruy Diaz de Melgarejo na fundação de *Villa Rica del Spíricu Santu*. Em 1580, ajudou os espanhóis a manter a ordem em Santa Fé, sufocando a primeira rebelião *criolla* nessa região que se voltava contra as autoridades espanholas. Em seguida, encontrava-se em Tucumán onde presenciou a fundação de Salta. Ao retornar ao Paraguai, empenhou combates contra os índios do Guayrá, providenciando o traslado de *Ciudad Real* para um lugar mais seguro. Em 24 de março de 1593, fundou a primeira cidade de Santiago de *Jerez*, objeto deste estudo.

Guzmán desempenhou importantes funções burocráticas e militares que lhe possibilitaram conhecer quase toda a região conquistada pelos espanhóis, percorreu o Chaco, a Bacia do Alto Paraguai e o Alto Peru. No ano de 1612, estava terminada a fase da conquista, e Guzmán concluiu a sua única obra literária, que teve o objetivo de contar a história da conquista e preservar a memória dos conquistadores, narrando os principais fatos que marcaram a implantação do modelo colonizador no século XVI.

A análise que fazemos da obra de Guzmán é a que se constituiu no primeiro esforço historiográfico produzido por um filho do rio da Prata, o olhar *criollo* sobre os descobrimentos geográficos e a implantação colonial como alicerce de uma nova sociedade. Em suas páginas encontramos histórias vividas e recordadas. Para relatar os episódios relacionados à conquista da Bacia Platina pelos espanhóis, Guzmán se dedicou a recuperar parte da memória sobrevivente da esquadra de D. Pedro de Mendoza, cujos depoimentos, um prenúncio da história oral, foram fundamentais para que Guzmán pudesse compor a sua obra. Consta que, por ocupar durante anos alguns cargos burocráticos da alta administração colonial, Guzmán teve acesso a documentos e chegou a pesquisar em vários arquivos coloniais.

Guzmán organizou sua obra em três capítulos ou livros. No livro I, procurou descrever os descobrimentos, a organização políticas e a geografia da bacia do Alto Paraguai. Esse texto compreendeu a história do rio da Prata desde o descobrimento, relembrando as expedições de Solís, Magalhães, Aleixo Garcia e Sebastião Caboto, e se estendeu até o despovoamento de Buenos Aires e a concentração dos espanhóis em Assunção em 1541. No livro II, Guzmán se dedicou a descrever a expedição de Mendoza, a fundação de Buenos Aires, a fundação de Assunção, a expedição de Ayolas, a morte de Mendoza, o primeiro governo de Irala, o governo de Cabeza de Vaca, sua destituição, o segundo governo de Irala, até aproximadamente o ano de 1555. No livro III, descreveu o governo de seu avô, Domingo Martinez de Irala, a quem dedicou seu trabalho, o qual estendeu até o ano de 1573, data da fundação de Santa Fé. Segundo alguns pesquisadores teria existido um quarto livro em que Guzmán abordaria especificamente a efêmera existência de Santiago de Xerez, no entanto, se de fato existiu, o manuscrito do mesmo até hoje se encontram desaparecidos os que representa uma insubstituível perda para a historiografia do contexto abordado por esta dissertação. Sobre a existência de um quarto livro nos utilizamos informações do próprio Guzmán que nos levam a acreditar que de fato possa ter existido:

“Tres léguas mas arriba está fundada una ciudad, que llaman Ciudad Real, en la boca de un rio que se dice Pequirí; está en el mismo Trópico de Capricornio, por cuya causa es lugar enfermísimo, y lo es todo lo mas del rio y provincia que llaman de Guairá, tomando el nombre de un cacique de aquella tierra. Doce leguas mas adelante entran outro á la izquierda, llamado Muñú, que baja de la Provincia de Santiago de Jerez, de la qual y su poblacion, á su tiempo se hará mencion.” (GUZMÁN, 1943, p. 18).

Ao estabelecermos uma comparação entre os três cronistas comentados anteriormente, observa-se que Schmidel e Cabeza de Vaca não tinham por objetivo escrever a história da conquista e colonização da bacia Platina pelos espanhóis,

relataram apenas alguns aspectos presenciados e vividos por eles durante o período em que estiveram na região, caracterizando, sobretudo o “olhar estrangeiro” sobre essas terras. O texto de Guzmán, ao pretender narrar e compreender os acontecimentos que implicaram no surgimento da sociedade colonial paraguaia aproxima-se da historiografia. Podemos considerá-lo, dentro dos limites e possibilidades de seu tempo, como sendo o primeiro historiador do rio da bacia Platina.

Para esta pesquisa, além dos relatos dos cronistas, também são consideradas fontes primárias os relatos de bandeirantes luso-paulistas, os documentos que foram elaborados por autoridades coloniais das duas metrópoles ibéricas e também a documentação jesuítica referente às Províncias Missioneiras do Guairá e do Itatim, reunidas na *Coleção de Angelis*. Efraim Cardozo (1979) compreende que, com o término da conquista, a historiografia Paraguaia muda de vertente, deixando de ser civil e militar para tornar-se preponderantemente religiosa. No entanto, esclarece Cardozo que os cronistas jesuítas seguem a mesma filiação histórica dos antigos cronistas paraguaios. A conquista espiritual foi uma continuação do que havia sido a conquista civil: “El Paraguay jesuítico no es sino prolongación del Paraguay histórico. La historiografía jesuítica toma a Schmidl, Cabeza de Vaca Barco de Centenera y Guzmán, allí donde quedaron y continúa su relato.” (CARDOZO, 1979, p. 215).

Em 1951, a Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro iniciou a publicação dos manuscritos da *Coleção de Angelis*. O primeiro tomo (1951) inclui documentos relativos ao Guairá, cobrindo o período entre 1549-1640 tem como título “*Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*.” O segundo tomo, referente ao Itatim, aborda os episódios ocorridos entre 1596-1710, com o título “*Jesuítas e Bandeirantes no Itatim*”, em ambos a introdução, comentários, notas e glossário são do historiador português Jaime Cortesão. Essas são as fontes disponíveis mais importantes

a serem consultadas para se conhecer as especificidades da colonização espanhola na região, principalmente no que se refere a Santiago de Xerez, objeto central de nossas preocupações.

Utilizamos também os trabalhos de historiadores representantes de distintas gerações historiográficas, tanto no Brasil, como na Argentina e no Paraguai. Entre os autores clássicos, representantes da primeira geração de historiadores que se dedicaram a esclarecer alguns aspectos da conquista do interior das terras da América do Sul pelos espanhóis, destacamos Enrique de Gandia (Argentina), Jaime Cortesão (Portugal), Sérgio Buarque de Holanda (Brasil) e Roberto Quevedo (Paraguai). Fazem parte da segunda geração autores da dita história oficial tais como Virgílio Corrêa e outros autores regionais que pouco recorreram às fontes primárias como suportes para a produção de suas análises. Preocupados com a mesma temática, temos uma terceira geração integradas por historiadores tais como Uacury Ribeiro de Assis Bastos, Regina Gadelha, Maria de Fátima Costa, Paulo Marcos Esselin e Otávio Canavarros que olharam para o fenômeno aqui abordado utilizando-se de um criterioso instrumental metodológico, todos consultados e de grande importância, pelas contribuições oferecidas, e que foram imprescindíveis na elaboração desta dissertação.

O conteúdo desta pesquisa, deste esforço de quem dá os primeiros passos na construção do conhecimento histórico, encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro, *A conquista e o início da colonização da Bacia Platina no século XVI* tem como objetivo oferecer uma síntese dos primeiros acontecimentos, vividos pelos espanhóis em terras do interior da América do Sul, com destaques para a conquista e o início da colonização desse espaço regional. O segundo capítulo *A presença espanhola no Guairá e no Itatim no século XVII* destaca os núcleos de povoamento que foram fundados para garantir a posse espanhola sobre essas regiões, a qual se deu com o

surgimento de cidades como *Ontiveros*, *Ciudad Real de Guayrá* e *Vila Rica del Spiritu Sanctu*. O terceiro capítulo *Os insucessos colonizadores nos Campos de Xerez* discute a fundação e a problemática estabelecida a partir da fundação de Santiago de Xerez e a conseqüente colonização da região pantaneira por assuncenhos, na passagem dos séculos XVI para o XVII, fenômeno que encerra a etapa dos descobrimentos geográficos e conquista colonial no Alto Paraguai.

O interesse pelo tema surgiu após a constatação de que este é um assunto que, muito embora tenha sido discutido e apresentado por renomados e brilhantes historiadores brasileiros e platinos, pela sua complexidade e abrangência, o mesmo tem sido apresentado com inaceitáveis lacunas as quais têm gerado incertezas e imprecisões históricas. Tais dúvidas, ao nosso ver, se apresentam como um desafio para as novas gerações de historiadores, preocupados em oferecer novas e diferentes abordagens na busca de respostas para problemas históricos que embora possam parecer antigos ou fora de “moda”, uma vez que a produção historiográfica também é afetada pelos modismos, são de fundamental importância para reconstruções abrangentes do passado colonial.

Ao voltarmos nossas atenções para o estudo do período colonial brasileiro, particularmente para a montagem das etapas iniciais, buscamos compreender quais foram às circunstâncias históricas em que se deu a presença colonial espanhola, na região do atual Estado de Mato Grosso do Sul. Partimos da premissa de que são os fenômenos descritos com imprecisões e contradições, os que precisam ser questionados, investigado e revisitado, para que, dessa forma, possamos ter condições de esclarecer e entender as particularidades da conquista e o início da colonização desse espaço regional, o sul de Mato Grosso colonial. Por meio da interpretação e da análise crítica os

fatos históricos, que caracterizam o período selecionado/analísado, acreditamos estar contribuindo modestamente para o avanço da historiografia colonial.



# CAPÍTULO I

## A CONQUISTA E O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DA BACIA PLATINA NO SÉCULO XVI.

“El historiador honesto tiene la obligación de mostrar las pruebas sobre las cuales há erigido su obra, y de que manera las ha utilizado. Es innegable que el historiador debe saber prescindir de las partes inútiles de un documento, y salvo en ciertos casos, no transcribirlo íntegramente, sin más afán que el de llenar páginas; pero la ocultación de la erudición, solo aconsejada por su pobreza, inspira la sospecha de la simulación de la cultura.” (GANDIA, 1932, p. 8)

A Expansão Marítima Comercial Européia, realizada a partir do início do século XV, fez com que os europeus, em suas viagens por “mares nunca d’ antes navegados”, citando o poeta português, Luis Vaz de Camões, incorporassem o continente americano em suas metas comerciais. Assim, houve um deslocamento no eixo econômico da Europa, ou seja, do Mediterrâneo para o Atlântico. À frente desse processo, destacaram-se, pioneiramente, os países ibéricos, Portugal e Espanha. A partir de então, pela Europa, passaram a circular histórias fantásticas sobre as novas terras. A possibilidade de encontrarem significativas jazidas de metais preciosos, bem como promissoras perspectivas de intenso comércio fez com que, durante o decorrer do século XVI, os conquistadores ibéricos explorassem cada vez mais as desconhecidas terras do interior do continente-sul americano.

No alvorecer da conquista e colonização da América, as áreas abrangidas hoje pelo México e Peru/Bolívia foram aquelas que atraíram a maior parte dos esforços metropolitanos castelhanos, isso porque aí floresciam complexas e opulentas

civilizações indígenas, as quais, em sua cultura material, apresentavam espetacular domínio da metalurgia, sobretudo na produção de artefatos de cobre, prata e ouro. Além disso, nessas áreas, concentrava-se uma densa população indígena assentada em prósperos e extensos núcleos urbanos.

Com a descoberta das fabulosas minas de prata da região de Potosi, na Bolívia, em 1545, a política de conquista colonial elaborada pela coroa espanhola, para a América do Sul, priorizou a defesa daquele patrimônio, o qual, para os europeus, possuía um valor incalculável. A mineração favoreceu uma intensa concentração demográfica na região do Alto-Peru, em torno das cidades de La Paz, Chuquisaca (atual Sucre) e Potosi. Entre os anos de 1580-1582 e 1590-1600, a produção aurífera de Potosi atingiu o máximo de seu esplendor. Com isso, reforçou-se o sistema monopolista e metalista espanhol, visando obter o máximo de lucros com a extração dos preciosos metais de suas colônias na América. Essa realidade espetacular alimentou o imaginário europeu sobre a existência de uma fonte inesgotável de riquezas. A presença de uma população indígena, densas e sedentárias, portadoras de uma agricultura intensiva e de rígidos mecanismos de tributação e organização do trabalho pronunciava-se como futuro e fascinante mercado fornecedor e consumidor de mercadorias no âmbito do Sistema Colonial. Além disso, a região do Alto-Peru passou a ser vista, na ótica metropolitana, como uma área fornecedora de mão-de-obra compulsória. Estabeleceu-se assim, a partir da segunda metade do século XVI, uma relação centro-periferia com a metrópole ibérica, as funções e os objetivos do modelo estabelecido se voltavam para a concentração de capitais na área central.

As chamadas “altas culturas americanas” concentravam-se nas áreas centrais e montanhosas do México e do Peru/Bolívia e foram essas duas regiões as que receberam e sentiram o mais forte impacto da colonização quinhentista européia, que, ao se

estabelecer na região, implantou modelos sociais, econômicos e institucionais conforme os padrões europeus, enquanto que, nas outras áreas da América Latina, a implantação do modelo colonizador se fez de forma bem mais lenta e menos intensa. Buscando priorizar a região do Alto-Peru, os espanhóis só se empenharam em colonizar os lugares onde havia índios agricultores e riquezas minerais, assim, grandes extensões da América do Sul colonial permaneceram por longo tempo deslocadas das atenções metropolitanas.

“A Coroa espanhola estruturara toda a sua política comercial à base de um sistema de monopólio estatal exclusivo, de comércio e navegação com as Índias. Constituíra esse sistema, o chamado “exclusivismo” metropolitano, através do qual a Metrópole dominava toda a produção mercantil e o comércio de suas colônias, procurando reter sozinha os respectivos lucros.” (GADELHA, 1980, p. 143).

Nas duas primeiras décadas do século XVI, tanto os espanhóis como os portugueses haviam explorado a costa meridional atlântica da América do Sul, buscando assim, controlar a área em torno da desembocadura do grande sistema fluvial do Prata. Essa preocupação se tornou ainda maior quando, a partir de 1531, se espalharam pela Europa às informações das grandes riquezas metálicas do Peru descoberto por Pizarro. Essas notícias sacudiram a península ibérica e fizeram com que os espanhóis abandonassem a prática da expansão marítimo-comercial “passo - a - passo” e decidissem por tomar posse efetiva e definitiva dessa região. Frente a esses acontecimentos, os portugueses viram-se obrigados a acelerar também o processo colonizador das terras que lhes cabiam pelo que determinava o Tratado de Tordesilhas. O ano de 1530 marca, na história do Brasil, a passagem do período pré-colonial para o da colonização propriamente dita.

Para tentar entender historicamente a conquista do interior da América do Sul por colonos vindos do continente europeu nos reportaremos, inicialmente, ao que pensa

o historiador argentino, Enrique de Gandía, que associa a história da conquista da América à história de seus mitos.

“Andando los siglos, a medida que avanzaban las conquistas de los Incas, se expandía cada vez más el brillo de la civilización quéchu. Al mismo tiempo, los indios llevaban en sus diferentes migraciones, a todos los confines de América, la fama del esplendor Incásico. De este modo la existencia del Cuzco, del Titicaca y del Imperio del Sol con sus Incas, sus templos y casas de mujeres escogidas, llegó hasta la América Central, penetró en las selvas del Amazonas y del Orinoco, Cruzó el Chaco, descendió por el Rio de la Plata y se expandió a lo largo de la costa del Brasil.” (GANDÍA, 1929, p. 152 – 154).

Concordante com essa interpretação, para Cortesão, tais mitos, “são tipicamente mitos da conquista, criados pela imaginação ardente e o caráter heróico dos conquistadores, que não souberam descortinar nas informações dos indígenas, do Amazonas e do Alto Paraguai, a miragem das opulências do Império dos Incas.” (CORTESÃO, 1950, p. 45).

A propagação, na Europa, dos mitos maravilhosos sobre a América, típicos da época dos descobrimentos, se deu por meio de informações repassadas e multiplicadas pelos tripulantes da armada de D. Nuno Manuel e Cristóvão de Haro (1513-1514), pelos naufragos da armada de Solis (1516-1528), e pelos tripulantes da armada de Caboto (1527-1530), exploradores pioneiros do estuário do Prata, que obtiveram relatos maravilhosos nos contatos que fizeram com os indígenas que habitavam o litoral meridional atlântico. As menções feitas pelos indígenas referiam-se à existência de uma serra pertencente a um “rei branco, cujo reino abrangia o centro produtor da prata utilizada em adornos exibidos pelos índios platinos. Tal “rei” governava um vasto império pontilhado por inúmeras riquezas.” (CORTESÃO, 1950, p.21).

Desde a chegada de Cristóvão Colombo à América, os índios falavam da existência de um lugar indefinido onde eram utilizados muitos objetos de metais dourados (o *El Dorado*) e do reino maravilhoso de Paititi. Segundo as descrições feitas

pelos indígenas, esse hipotético reino estaria localizado em uma ilha de uma lagoa (*Laguna Dorada*), cuja margem estava povoada por felizes moradores:

“A ordem e a formosura de seus edifícios, o palácio situado em uma ilha que é o centro da lagoa; as paredes de ouro, as vasilhas forjadas do mesmo metal. As portas de bronze, a imagem da lua fixada sobre uma coluna de 25 pés de altura... toda de prata que iluminava com excesso de claridade, a lagoa, as praças, arvoredos, jardins e fontes que os regavam, fluindo seus cristais por grossos canos de ouro, o altar e as lâmpadas de prata... a imagem do sol, toda de ouro, a quem rendiam sagrados cultos, como única divindade...”<sup>3</sup>

Esses relatos exerceram um considerável fascínio no imaginário dos conquistadores que, sonhando com o enriquecimento fácil e rápido, passaram a acreditar que a quantidade de prata existente, segundo esse mito, “fosse considerada como sendo o equivalente ao volume de uma serra. Assim, o mito da Serra de Prata, pertencente a um rei branco, transformou-se gradativamente no principal objetivo da conquista européia.” (BASTOS, 1979, p. 49).

Ao incorporar-se ao cotidiano dos primeiros conquistadores europeus do litoral do Brasil, o mito atravessou o oceano Atlântico e passou a se fazer presente também nas representações que as cortes européias faziam do continente americano, especialmente na Espanha e em Portugal, despertando ainda mais o interesse por essas terras e suas sonhadas riquezas.

Assim como, ainda nos dias de hoje, tem se mostrado uma tarefa não muito fácil tentar estabelecer a quem cabe a primazia sobre a descoberta do continente sul-americano, se a portugueses ou espanhóis, para a historiografia, precisar o momento exato em que surgiu o mito da Serra de Prata, no conjunto das representações que se fazia sobre o continente americano e a partir de quando e como foi transferido para a Europa, mesmo com a vasta documentação existente nos arquivos, que está disponível

---

<sup>3</sup> - LOZANO, Pedro. *História de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata e Tucumán*. Buenos Aires: Bib. Rio de la Plata, 1873, p. 9 – 10. Tradução nossa.

aos pesquisadores, isto também tem se revelado uma dificuldade. Da mesma forma, em oposição a outros, alguns historiadores, entre eles Jaime Cortesão, afirmam que a primeira presença européia no estuário do Prata foi a da esquadra armada de Cristóbal de Haro e Nuno Manuel, sob o comando de João de Lisboa, que teria atingido o cabo de Santa Maria, atual Maldonado, no Uruguai, no biênio 1512-1514 e que teria sido precursora da expedição de Solís. Capistrano de Abreu acredita que, entre os anos de 1513-1514, Nuno Manuel e Cristóbal de Haro passaram em frente ao estuário do rio da Prata, porém o confundiram com um golfo ou um estreito, conforme aparece traçado no mapa de Schoner de 1515.<sup>4</sup> Paul Groussac,<sup>5</sup> na tentativa de estabelecer a prioridade espanhola na descoberta do grande estuário, aceita como verdadeira a hipotética viagem de Juan Díaz de Solís, realizada entre os anos de 1512 ou 1513. No entanto, José Toribio Medina afirma que Paul Groussac insiste em um erro, em seus estudos Medina demonstrou que tal viagem não se realizou nessa época. Segundo alguns autores, foi Juan Díaz de Solís quem primeiro chegou ao sul do Atlântico Ocidental e descobriu o delta que, anos mais tarde, seria chamado de rio da Prata. Na época, pensou-se que Solís havia encontrado uma nova rota marítima para o Oriente, meta geográfica maior do comércio mercantilista.

Devido ao clima de espionagem entre as duas cortes ibéricas, a presença de Solís no estuário platino, entre os anos de 1512 ou 1513<sup>6</sup> foi mantida no mais absoluto segredo pelo rei Fernando de Aragão, talvez, por isso, muitos historiadores não o mencionam, enquanto boa parte dos cronistas atribui a descoberta oficial do rio da Prata

---

<sup>4</sup> - Cf. *la Introducción* de J. Capistrano de Abreu a *la Historia topographica e bellica da nova Colonia do Sacramento*, de Simón Pereira de Sá, Rio de Janeiro, 1900, p. 31.

<sup>6</sup> - GROUSSAC, Paul.. *De Mendoza a Garay* – p. 14 a 33 : In *Anales de la Biblioteca de Buenos Aires* vol VIII.

<sup>6</sup> - Esta data aparece nos documentos, sempre variando entre os anos de 1512 – 1513, por isso não nos é possível precisá-la, convém nos referirmos a esse fato sempre o localizando entre esses anos.

ao próprio Solís, somente por volta dos meses de janeiro ou fevereiro do ano de 1516. Já para os historiadores, Toríbio Medina e Madero, entre outros, somente existiu a expedição que partiu da Espanha no ano de 1515, nos meses de janeiro ou fevereiro de 1516 chegou ao Rio da Prata, que resultou na morte do grande navegador espanhol Solís<sup>7</sup>. Ainda segundo Medina, para realizar essa expedição, Juan Díaz de Solís partiu de Castela, no ano de 1515, e consta que teria recebido Quatro mil ducados e três embarcações (duas galés e uma caravela). Ao sair, em 8 de outubro, do porto de Lepe, ou San Lúcar de Barrameda<sup>8</sup>, a frota deu início a uma aventura que levaria o próprio Solís à morte. Segundo Guzmán, “Solís llegó al cabo de San Agustín y costeando la vía meridional vino a navegar setecientas leguas hasta ponerse en 40 grados, retrocediendo a mano derecha descubrió la boca de este gran Rio de La Plata a quien los naturales llaman Paraná Guasú que quiere decir río como mar.”

Quanto ao restante da expedição, ao retornar à metrópole, uma das caravelas naufragou próximo à ilha de Santa Catarina, na costa brasileira. Entre os que conseguiram se salvar estavam o português Aleixo Garcia, Henrique de Montes, Melchior Ramires, Francisco do Porto, Francisco Chavez, Gonçalo da Costa, Francisco Fernandez, Duarte Perez, Alejo Ledesma entre outros. “Estos hombres muy pronto se adaptaron a la vida salvaje de aquellas costas misteriosas, formaron su hogar con las mujeres indias y comenzaron a soñar con el Imperio del Rey Blanco que se ocultaba al final de aquellas selvas, en lo más profundo del continente inexplorado.” (GANDIA, 1933, cap. IV, p. 120).

---

<sup>7</sup> - A morte de Solís também tem sido fruto de divergência entre os historiadores. Alguns acreditam que Solís foi morto pelos índios Charrua. Outros historiadores preferem acreditar que Solís foi morto pelos índios Timbu.

<sup>8</sup> - San Lúcar de Barrameda era o nome do porto da cidade de Sevilha localizado na foz do rio Guadalquivi. Era de onde partiam as principais expedições espanholas para a América.

Ao se instalarem no litoral, no território compreendido hoje pelo Estado de Santa Catarina, os naufragos europeus deram início a uma série de contatos com os povos indígenas, antigos habitantes da região e passaram a conviver entre eles. Esse convívio permitiu aos europeus formarem famílias mestiças, aprenderem os usos e costumes e se tornarem também conhecedores da língua nativa. Por meio dessas trocas culturais, os europeus passaram a conhecer as histórias contadas pelos índios, entre elas as constantes referências à existência da lendária Serra de Prata situada no ocidente à longa distância do litoral atlântico. Os índios diziam conhecer um caminho sagrado que levaria a uma terra longínqua, a oeste, com montanhas altas, onde existiriam muitos objetos que brilhavam, onde o povo usaria roupas e haveria um “rei” de pele mais clara.<sup>9</sup>

### **1.1 – A expedição de Aleixo Garcia.**

De posse dessas informações, ainda que vagas e imprecisas, o português Aleixo Garcia, maravilhado com as histórias que os índios lhe contavam e com a possibilidade de encontrar significativas riquezas, dedicou-se a organizar uma ousada expedição aos Andes. No ano de 1523, provavelmente, partindo de Santa Catarina, passando por Guairá, no atual oeste-paranaense, recrutou novos contingentes indígenas, exercendo um denso poder de liderança entre eles, após trilhar pioneiramente os futuros “Campos de Xerez”, região compreendida entre os rios Aquidauana e Miranda, em Mato Grosso do Sul, cruzou o rio Paraguai, na altura dos Itatins, em algum ponto do atual município

---

<sup>9</sup> - “A notícia que havia um *Rey Blanco*, ou Inca, nadando em ondas colossais de ouro, a fama dos *Caracaraes* e dos *Chimeneos*, o monte que brotava prata (o Potosi) e a *Casa de Ouro* no lago Titicaca, a civilização quechua simbolizada em Cuzco, a cidade fantástica da alta riqueza, dos ricos metais e pedras preciosas, tudo isso corria de boca em boca. E os comentários cada vez mais exagerados, constituíam a preocupação quase única de todas as tribos errantes.” (ALMEIDA, Mario Monteiro. *Aleixo Garcia Descobridor Portuguez do Paraguay e da Bolívia em 1524 – 1525 Gloria Ignorada de Portugal*. Lisboa. Editora Livraria Central de H. E. G. de Carvalho. 1923, p. 22).



sul-mato-grossense de Corumbá.<sup>10</sup> Em seguida, atravessou o Chaco e atingiu a fronteira leste do Império dos Incas. Consta que, com Aleixo Garcia, seguiram quatro ou cinco náufragos, seus companheiros da expedição de Solís e em torno de dois mil índios Guarani, sendo estes últimos exímios conhecedores das tradicionais trilhas e caminhos que levavam aos limites do Império Inca.

Esse milenar caminho indígena, denominado Peabiru<sup>11</sup>, foi o mais importante sistema viário das terras baixas da era Pré-colombiana da América do Sul. Segundo Maack (1959), “Os índios denominavam Peabiru o caminho transcontinental mais importante da época anterior ao descobrimento da América. Complementando as informações de Maack, Romário Martins esclarece que: “...chamavam os índios

---

<sup>10</sup> - Mario Monteiro de Almeida (op. cit. p. 26- 27) ao apresentar as várias versões sobre o possível itinerário que teria feito Aleixo Garcia em direção à sonhada Serra de Prata, utilizou-se do relatório de viagem de Alvar Nuñez, que sugere ter Aleixo Garcia atravessado a Serra de Santa Luzia, em frente à boca do Ipané, o Mbotetei de agora (19º e um terço). Prosseguindo, Garcia teria passado à infinita e perigosa planície *Tierra de los Mbyaes* (P. Fernandez – Indios Chiquitos – Tomo I. cap. VIII) e seguiu adiante, sempre em direção ao Ocidente, com os objetivos voltados para a região de Charcas, seguindo possivelmente pela mesma direção pela qual, mais tarde, seguiu Ayolas, que teria sido guiado pelos mesmos escravos que estiveram a serviço de Garcia (Carta de Irala). Alcançando, muito para o interior, os domínios dos *Chaneyes*. (Alvar Nuñez – *Comentários* – cap. 56) e com esses novos amigos, que eram inimigos dos *Caracaraes*, e com os *Tarapecos* (*Comentários*. Cap. 70) diz-nos Guzmán que: “*ao cabo de muitas jornadas, chegou a reconhecer as cordilheiras do Peru*”- onde teriam entrado roubando e matando, num avanço de mais de quarenta léguas para lá dos povos de Presto e Tarabuco que ficavam em Tomina, a Oeste, perto de Chuquisaca (Sucre) estando o primeiro a 19º e o segundo a 19º ou 20º aproximadamente. O sr. Dr. Antonio Corrêa da Costa, publicista brasileiro, no opúsculo *Os predecessores dos Pires de Campos e Anhangüera*, em comemoração do bi-centenário da fundação da cidade de Cuyabá, (1918), assim se refere ao itinerário feito por Garcia: “*A vista d’este formal depoimento dos índios Guaxarapos, Garcia desceu pelo rio Miranda, que era o Ypaneme desses gentios até sua foz, atravessou, nas imediações da foz do Miranda, o rio Paraguay e se internou pelo território adjacente à sua margem occidental em busca das minas de Potósi. A latitude de 19º, 20º, que os pilotos acharam, e que combina com a situação da foz do Miranda, exclui qualquer dúvida que pudesse surgir a respeito da identidade do referido rio.*” (COSTA, 1918, p. 17). Mario Monteiro nos esclarece que: “se Garcia desceu pelo Miranda, e por ele veio ter ao Paraguay, não subiu por este rio de Assumpção até S. Fernando, como supõe o ilustre Dr. Manuel Dominguez; o percurso que realizou para atingir esse ponto foi outro, efetuado por terra, atravessando o Ipané, o Aquidaban e o Apa e ao penetrar no território, hoje de Mato-Grosso, caminhou fraldeando os contra-fortes da serra de Amambahy até encontrar aquele rio, pelo qual desceu ao Paraguay.” (MONTEIRO, 1923, p. 26 - 27).

<sup>11</sup> - Existe um debate sobre o significado da palavra Peabiru, assim como sua grafia pode ser encontrada escrita de diferentes formas em vários documentos: Peabeyú, Piabyru, peavijú, Piabiú e Tape Avirú. Quanto ao significado da palavra Ruy Diaz de Gusmán diz que Peabeyú é “Caminho Antigo de Ida e de Volta” ou “Por Aqui Corre o Caminho Antigo.” Para Cardozo, Peabiru seria “Caminho Batido”, “Caminho Pisado” ou “Caminho Amassado”, para Guimarães da Costa, Tape Avirú significaria “Caminho Terraplanado”, “Caminho Estofado” ou “Caminho fofo”, e Galdino interpreta Peabiru como “Caminho para a Montanha do Sol.”

Peabiru a um caminho pré-colombiano que se estendia por mais de 200 léguas... por onde os povos indígenas se comunicavam com o mar e com as regiões mais distantes do Ocidente...”<sup>12</sup>.

Hoje, sabemos que a existência desse caminho era real, denominado por alguns Peabiru, devido a várias referências a ele nos *Comentários*, relatos que nos foram deixados por Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca (1541), por depoimentos de alguns religiosos como os padres Manuel da Nóbrega, em suas “*Cartas do Brasil*” (1549–1560), Antonio Ruiz de Montoya, em sua obra “*Conquista Espiritual Hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay, y Tape*”(1993) e Pedro Losano, na “*História de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumám*” (1873).

O Jesuíta Antonio Ruiz de Montoya, que chegou a trilhar pessoalmente o Peabiru, mais de cem anos após a passagem de Aleixo Garcia, deixou um importante depoimento: “Vimos meus companheiros e eu um caminho que tem oito palmos de largura e neste espaço nasce uma erva muito miúda... Corre este caminho por toda aquela terra e me certificaram alguns portugueses que corre muito seguido desde o Brasil, e que comumente lhe chamam de caminho de Santo Tomé.”<sup>13</sup>

O Peabiru era um caminho sagrado para os Guarani, isso porque através dele os índios acreditavam que poderiam chegar a Terra Sem Mal<sup>14</sup>, que ficaria a leste do

---

<sup>12</sup> - MARTINS, Alfredo Romário. *História do Paraná*. Brasil. Editora Guairá., s.d.

<sup>13</sup> - MONTOYA, Pe. Antonio Ruiz de. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*. Argentina, 1993.

<sup>14</sup> - Os guaranis crêem na existência da Terra Sem Mal, o Yvy-Marã-Ey, um paraíso ou Yvaga, também clamado por certos grupos Mba'é Verá Guçu, e por outros Yvy-Nomimbyré, um lugar onde se alcançou a bem-aventurança, a graça divina, a perfeição, um lugar seguro e com tudo que na terra não se obtém. Onde se vive em comunhão com as divindades. Crêem que ela (a Terra Sem Mal) está situada no Leste, onde nasce o sol, e as migrações dos povos Guarani os levava para esse lado, em sua Busca.. Muitos chegaram à costa Atlântica e, ao não achá-la, acreditaram que a (Terra Sem Mal) estava mais além, no outro lado do oceano ou em alguma ilha no mar, onde reina aquele que conhece as coisas, o Avá-Mba'é – Kuaá. (TORRES, Dionísio. *Cultura Guarani*. Paraguay, 1987, p. 42).

Atlântico. Esse caminho passou, a partir do século XVI, a adquirir um caráter místico também para os espanhóis e portugueses, pois estes passaram a acreditar que essa trilha teria sido aberta por São Tomé, apóstolo de Jesus Cristo, o qual teria vindo pregar no Ocidente, em sua missão evangelizadora, no século I da era cristã, abrindo caminho desde a costa atlântica brasileira até o Peru pré-incaico. Foram os Guarani, em busca do paraíso que acreditavam estar localizado no leste, que teriam aberto o caminho do Peabiru até o litoral brasileiro. “A Terra–Sem–Mal, de acordo com os pajés Guarani, ficava do lado onde o sol nasce. Por isso é que esses índios, habitando o Paraguai, vieram para o leste, para o Brasil, à procura de seu paraíso. Nessa andança teriam aberto o caminho de Peabiru.” (BOND, 1996, p. )

Sergio Buarque de Holanda, em seu estudo “*O Extremo Oeste*” (1986), assim se referiu ao Peabiru:

“É plausível supor, sem dúvida, que, mesmo antes da conquista, certas trilhas indígenas fossem mais do que picadas intratáveis: no Brasil há o exemplo bem conhecido do Peabiru ou caminho de São Tomé, largo de oito palmos, por onde nascia uma erva miúda que, dos dois lados, crescia até quase meia vara, e ainda quando queimassem os campos nascia sempre aquela erva e do mesmo modo. Nada impede, além disso, que, ao longo de algumas vias, certas paragens servissem para a instalação de pousos reíúnos, que por sua vez eram pontos de partida para povoações mais estáveis.” (HOLANDA, 1986, p. 30).

O Peabiru media aproximadamente três mil quilômetros, interligando o oceano Atlântico ao Pacífico, atravessando terras do Brasil, Paraguai, Bolívia e Peru. No Brasil, tinha dois pontos de partida, ou de chegada. “Um deles era nas cercanias de São Francisco do Sul, Santa Catarina, onde penetrava o interior na altura do Rio Itapocu. O outro era nas proximidades de São Vicente e Cananéia, no litoral paulista.” (BOND, 1998, p. 36).

Enrique de Gandía, em seu estudo, *História Crítica de Los Mitos da Conquista Americana* (1929), assume, é óbvio, uma postura contrária e de contestação à narrativa

sobre a vinda de São Tomé à América. Para Gandía, tal vinda seria obra e invenção dos jesuítas com interesse de fornecer ao Papa, com a chegada à América de um apóstolo anterior à chegada dos espanhóis e portugueses, argumento para se proclamar senhor territorial das descobertas. Segundo Gandía, tal plano teria sido revelado na carta de 1549, enviada pelo padre Manoel da Nóbrega a Martin de Azpilcuelta Navarro, onde Nóbrega diz ser forte a crença na pregação de São Tomé, especialmente na área vicentina, coincidindo justamente com o ponto inicial do Peabiru. Nóbrega, ao perceber que a idéia da vinda do apóstolo se encaixava no conjunto das representações e aspirações míticas tanto do ameríndio como do português, converteu o nome indígena Sumé ou Zumé para São Tomé em benefício dos interesses papais e da própria Companhia de Jesus. Assim, para Gandía, foi a Companhia de Jesus criou o mito da presença de São Tomé em terras brasileiras, somando-se, assim, a outros mitos que foram típicos da fase da conquista. Ao negá-lo, Gandía também contesta a existência do Peabiru da maneira como alguns autores costumam enfatizar:

“Aquel camino, según Lozano, los guaraníes lo llamaban Peabirú, y los españoles de Santo Tomé. Ahora bien, ni Alvar Núñez ni Ruy Diaz Melgarejo, al ir desde el Brasil al Paraguay, siguiendo la antigua ruta de Alejo Garcia, tuvieron a más mínima noticia de que en aquellos lugares existiese un camino como el decrito por los jesuítas, y menos aún que por aquellas partes hubiese andado Santo Tomás.” (GANDIA, 1929, p. 58).

O arqueólogo Igor Chmyz, da Universidade Federal do Paraná, realizou pesquisas no interior paranaense, entre 1970/71 e relacionou o Peabiru com os sítios arqueológicos da Tradição Itararé, grupo ceramista cujas datações mais antigas, situa-se entre 800 e 1000 A D. Segundo Chmyz: “... um conjunto de sítios Itararé, estudado no vale do rio Piquiri, estava ao longo de um caminho que poderia ser um dos ramais do

Peabiru. Esse caminho media 1,40 m de largura e 0,40 m de profundidade e foi percorrido na ocasião das pesquisas, em uma distância de 30 km.”<sup>15</sup>

Muito embora não se possa afirmar com segurança a idade do Peabiru e nem quem foram seus construtores, ou se realmente era um caminho sagrado capaz de conduzir os Guarani a Terra Sem Mal, pode-se dizer, com certeza, que era uma trilha indígena e que esse caminho já era trilhado, há séculos, pelos indígenas em suas constantes migrações, e que foi essencial para a penetração européia aos pontos mais distantes do litoral Atlântico, rumo ao interior do continente sul-americano, como evidencia Cortesão:

“Sem os conhecimentos geográficos dos índios Guarani sobre as conexões fluviais entre os afluentes do Paraná e do Paraguai, que rasgam caminhos desde as costas brasileiras até os Andes, e sem a sua cultura econômica espacial e itinerante, Aleixo Garcia não teria conseguido o êxito fulminante da sua extraordinária investida predatória sobre algumas ricas povoações do império incaico.” (CORTESÃO, 1950, p. 56).

Partindo do litoral brasileiro, na altura de Santa Catarina, Aleixo Garcia, seus quatro companheiros náufragos e uma multidão de índios Guarani seguiram pelas trilhas indígenas, o Peabiru, rumo à rica civilização das montanhas do oeste dispostos a encontrar o tão sonhado *El Dorado*. O historiador português, acima citado, Jaime Cortesão, em sua obra *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil*: (1950), nos oferece mais detalhes sobre a expedição de Aleixo Garcia:

---

<sup>15</sup> - Chmyz diz ser difícil precisar a antigüidade do Peabiru: “... este sistema de caminhos seria pré-histórico... Não se sabe a idade do Peabiru. E cada dia que passa fica mais difícil saber. O caminho que vimos, entre Bela Vista do Piquiri e Erveiras, passando por Campina da Lagoa, estava coberto em grande parte por matas; esta constatação foi em 1970. Agora, aquele trecho de caminho não mais existe: foi destruído pelas atividades agrícolas. O que sabemos em relação à cronologia é que os sítios do Itararé registrados ao longo daquele caminho que, friso, não seria o tronco do Peabiru, mas talvez um dos seus ramais, foram datados pelo carbono - 14 entre A.D. 1215 e A.D. 1418. Não podemos dizer que o Itararé é responsável pelo caminho. Pode ser. É bem possível até que, quando os mesmos ocuparam aquela área, o caminho já existisse.” (CHMYZ, Igor; SAUNER, Zulmara Clara. *Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no Vale do rio Piquiri*. Brasil, Dédalo, Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo, 1971, p. 70).

“Partindo da costa, a expedição atingiu o Paraná, atravessou o Iguazu acima do Salto de Santa Maria, passou daquele rio ao Paraguai, que subiu, alcançando a atual região de Corumbá, atravessou o Alto Chaco e penetrando entre os rios Pilcomayo e Grande ou Guapaí, alcançou a região de Potossi e Sucre, onde atacou algumas povoações incaicas, que saqueou e cujos despojos a expedição carregou na sua retirada para o Paraguai. Aí Aleixo Garcia enviou dois dos seus companheiros para a base de Santa Catarina, com a notícia do êxito da empresa e algumas amostras da prata e do ouro apreendido. Pouco depois era assassinado, por motivos que se desconhecem pelos índios.” (CORTESÃO, 1950, p. 54).

A expedição de Aleixo Garcia, ao cruzar tão vastos territórios, confirmou as possíveis ligações entre o Prata e a região andina, trazendo também a certeza da existência dos tais sonhados metais preciosos, estimulando ainda mais a ambição dos espanhóis que começaram a se preocupar em estabelecer-se na região do Prata e impedir que outras potências européias, principalmente Portugal, pois já era latente a rivalidade entre ambas as metrópoles coloniais Ibéricas pela posse das descobertas, pudessem se aventurar e ser bem sucedida na busca de tais tesouros. Estima-se que Aleixo Garcia tenha morrido no ano de 1524. “Una noche estando descuidado se congregaron algunos indios de la tierra para matarlo, y así lo pusieron en efecto los mismos que fueron con él a la jornada. Él y sus compañeros fueron muertos sin dejar ninguno a vida excepto aun niño, hijo de Alejo Garcia, que por ser de poca edad no le quisieron matar, al cual yo conocí...”

Sua expedição, muito embora tenha permanecido emblemática e com ares de lendária, acabou por impulsionar novas expedições espanholas ao Prata. Assim todas as expedições que se seguiram buscavam, de certa forma, repetir a façanha e o êxito de Garcia, visto que foi o primeiro europeu a atravessar os atuais Estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, no Brasil, o Paraguai e a Bolívia e ter penetrado no Império Inca antes mesmo de Francisco Pizarro. “Alejo García es el descubridor del Paraguay, del Chaco y de las Charcas, y las noticias y las muestras de oro que dieron sus indios a los naufragos de Santa Catalina, influyeron grandemente en los viajes al Rio de la Plata de Sebastián

Caboto y Diego García de Moguer, cuyas capitulaciones les ordenaban llegar hasta las Molucas.” (GANDIA, 1933, cap. III, p. 98).

Visando esclarecer as polêmicas em torno da expedição de Garcia, o historiador paraguaio Manuel Dominguez, em seu estudo sobre “*O Chaco*”, publicado em 1904, e posteriormente no “*La Sierra de la Plata, en El alma de la raza*”, publicado em 1946, pp. 295-304, mencionou e descreveu, apoiando-se em uma ampla base documental, as migrações Guarani ao Peru, fazendo-as coincidir com a viagem de Aleixo Garcia. Existem ainda as contribuições do historiador argentino Enrique de Gandía, (*Historia del Gran Chaco, Historia crítica de los mitos de la conquista americana e História de la conquista del Río de la Plata y del Paraguay*), em que Gandía procurou reconstruir a odisséia do português Aleixo Garcia, cuja aventura é para o autor uma das mais sensacionais da fase da conquista, e se tornou o primeiro passo para que se pudesse consolidar a expansão territorial do Brasil no Novo Mundo. Destaca-se ainda a contribuição do sueco Erland Nordenskjold em seu estudo “*A Invasão Guarani ao Império Inca no século XVI - Uma Histórica Migração Indígena*” (Geographical Review, New York, 1917). Ao analisarem-se tais estudos, pode-se concluir que o português Aleixo Garcia, náufrago de uma das primeiras armadas de reconhecimento geográfico do Prata, no período em que permaneceu na ilha de Santa Catarina, organizou uma expedição de conquista colonial, a qual, em 1523, aproximadamente, partiu das costas do atual Estado de Santa Catarina, e atingiu o Império Inca na região do piemonte andino Oriental na Bolívia. Além dos trabalhos produzidos por historiadores, alguns estudos etno-históricos contribuem para esclarecer esse fato, pois confirmam a presença de Aleixo Garcia entre os Guarani. Recentemente, alguns trabalhos de pesquisadores do Museu Etnográfico “Andrés Barbero”, localizado em

Assunção, no Paraguai, <sup>16</sup> têm contribuído para esclarecer e dar veracidade à fantástica viagem feita por Garcia, seus companheiros e uma legião de índios Guarani catarinenses, em pleno século XVI, em direção à rica e sonhada Serra de Prata e para dar veracidade a essa viagem.

Jaime Cortesão, em seu estudo sobre as Bandeiras Paulistas, reconheceu Aleixo Garcia como um precursor do bandeirismo luso-paulista. São suas as seguintes palavras: “Assim, Aleixo Garcia apresenta-se-nos na história da América como um pré-e-protobandeirante. Na verdade, bandeira foi essencialmente uma expedição de alguns poucos brancos ou mamelucos e muitos índios, com fins de expansão econômica, geográfica ou política.” (CORTESÃO, 1950, p. 55).

Conforme esse mesmo autor, já havia, nessa época, alguns ensaios engendrados pela Corte Portuguesa com o objetivo de assegurar à coroa, em plena fase de expansionismo de sua política mercantilista, limites que ultrapassassem o estipulado pelo Tratado de Tordesilhas. Tal plano teria se consolidado com a ação de Raposo Tavares, que, além de representar os interesses coloniais paulistas, obedecia a uma política do Estado Português, que era dilatar as fronteiras do território colonial brasileiro para o Oeste.

Divergindo dessa análise, Sergio Buarque de Holanda esclarece que: “A cobiça do ouro representou, em realidade, fator tão pouco decisivo da penetração do território quanto o desejo atribuído por alguns autores aos sertanistas de São Paulo, de ampliar deliberadamente a área da colonização lusitana.” (HOLANDA, 1986, p. 28).

Buscando dar continuidade às descobertas feitas por Aleixo Garcia, no ano de 1520, Fernando de Magalhães, um português a serviço da Espanha, empreendeu uma breve excursão de reconhecimento do rio da Prata. Ao dirigir-se para o Sul, Fernando de

---

<sup>16</sup> - SUSNIK, Branislava E. Chiriguano – Museo Etnográfico Andrés Barbero. p. 165. TOMO I – Assuncion 1969.



Magalhães foi morto por índios da Patagônia. Sua viagem foi completada por João Sebastião Elcano, seu ajudante, o qual se tornou o primeiro navegador a dar a volta ao mundo.

## 1. 2 - A expedição de Sebastião Caboto.

Ainda na fase inicial da conquista, no ano de 1526, a coroa espanhola assinou um contrato com Sebastião Caboto, que, seguindo a mesma rota percorrida por Fernando de Magalhães, em sua viagem de 1519/21, aportou costa da atual ilha de Santa Catarina em busca de mantimentos, onde acabou por encontrar-se com os náufragos da expedição de Solís, que lhes contaram sobre a lendária Serra de Prata.

“Los dos sobrevivientes de la carabela de Solís se llamaban Enrique Montes Y Melchor Ramírez. Sus relatos pronto excitaron la imaginación de Caboto y de toda su gente. Lo que aquellos hombres decían, parecían delirio. Contaban que al outro lado de la selva, a muchos cientos de leguas de distancia, existía un imperio desconocido, cuyos habitantes eran tan ricos que llevaban coronas de plata en la cabeza y planchas de oro colgadas al cuello. En aquel Imperio había una Sierra que brotaba plata y un lago en el cual los indígenas aseguraban que dormía el Sol.”  
(GANDIA, 1933, cap. IV, p. 122 ).

Seduzido por essas histórias, Sebastião Caboto resolveu aventurar-se a tentar repetir a trajetória de Aleixo Garcia. Afastou-se do objetivo inicial de sua viagem, que era atingir o Pacífico pela passagem descoberta por Magalhães e, atingindo-a, navegar até as Molucas. Caboto, no entanto, lançou-se à busca dos sonhados metais e, penetrando pelo rio de Solís,<sup>17</sup> navegou-o até este se encontrar com o rio Paraná. Navegando a montante, escolheu um de seus afluentes, o *Carcaraña*, onde, no dia nove de junho de 1527, construiu um forte o qual denominou *Sancti-Spiritus*, o qual posteriormente, ficou sendo considerado o primeiro estabelecimento espanhol na região

---

<sup>17</sup> - O rio de Solis, na toponímia dos primeiros exploradores da região era o estuário do rio da Prata.

do Prata. “No había por tanto que perder a oportunidad de conquistar el país más rico y grandioso que la imaginación puede concebir, y Caboto se dirigió al Río de la Plata soñando com sus minas inagotables.” (GANDIA, 1933, cap. IV, p. 125 ).

Caboto, após fundar o forte de *Sancti Spíritus*, na boca do *Carcaraña*, encontrou-se com Diego García de Moguer, outro navegante espanhol que havia firmado uma *Capitulación* para ir as Molucas e que ao chegar à costa brasileira e ouvir dos índios as mesmas histórias que ouviu Caboto, resolveu desistir de sua viagem ao Oriente e seguiu à procura dos tais tesouros que se ocultavam no interior do rio da Prata. Ambos os capitães, Caboto e García de Moguer resolveram unir suas forças para alcançar Potosí. Porém, aquele país fantástico, de riquezas infinitas, de que tanto falavam os índios, encontrava-se do outro lado de uma extensa área inóspita, o Chaco, que os colonizadores não se sentiam capazes de vencer. Para dificultar ainda mais, os índios atacaram e incendiaram a fortaleza de *Corpus Christi*, destruindo-a e massacrando seus defensores. Enfim, de todas as esperanças e ilusões nada restou, e assim, Diego García e depois Sebastião Caboto, regressaram à Espanha, em fins de 1529. Nas considerações de Enrique de Gandía, quando se refere a Serra Encantada e ao Rei Branco, que segundo as descrições indígenas, estavam escondidos no fundo do Ocidente tenebroso, só ficou o doce nome de rio da Prata.

“Sebastián Caboto tomó puerto y le llamó de Sancti Spiritus, el cual visto la altura y comodidad de esta escala, fundó allí una fortaleza de madera terraplenada com dos torreones y cubos bien cubiertos, y corriendo a la redonda tuvo comunicación com los indios de la comarca, com algunos de los cuales trató amistad y pareciéndole muy conveniente reconocerlo más adelante, digo adentro de la tierra para el fin que pretendía de descubrir por aquel camino entrada para el reino del Perú.” (GUZMÁN, 1943, livro I, cap. VI. P 44 - 45 ).<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> - GUZMÁN, 1943, livro I, capítulo VI- *De la armada com que entró a esta provincia del Rio de la Plata Sebatión Gaboto*.

Porém, devido à hostilidade dos indígenas e à falta de mantimentos, Caboto foi obrigado a retornar para a Espanha. Dessa passagem pouco restou, sendo o forte de Caboto destruído e seus defensores mortos pelos índios que ofereciam tenaz resistência à invasão espanhola no estuário do Prata.

Uacury Ribeiro de Assis Bastos, em seu clássico estudo “*Expansão Territorial do Brasil Colônia no Vale do Paraguai*” (1767-1801), esclarece que, no continente europeu, a repercussão do mito da Serra de Prata e a penetração de embarcações européias no interior do continente sul-americano, pela sua vertente atlântica, resultou numa intensa movimentação diplomática entre as coroas ibéricas, ao mesmo tempo em que houve complexas ações de espionagem entre Portugal e Espanha, acelerando a rivalidade entre as coroas Ibéricas em torno da posse colonial do estuário do Prata. Seguiram-se inúmeras expedições, fluviais e terrestres buscando descobrir o caminho que teria sido feito por Aleixo Garcia até alcançar a região da Serra de Prata, o que evidencia o interesse por essa área pelas metrópoles coloniais. A fundação de Assunção, vinculada ao mito da Serra de Prata, acabou por confirmar o empenho crescente da coroa espanhola em tomar posse efetiva da região antes que a geopolítica de Portugal fosse bem sucedida. (BASTOS, 1979, p.55).

### **1.3 – A expedição de D. Pedro de Mendoza.**

Buscando tomar posse efetiva da região do Prata, a Coroa espanhola, no ano de 1535,<sup>19</sup> organizou uma grande expedição, muito maior do que as que conquistaram o México ou o Peru. Partiu essa expedição da Espanha, em 1535, tendo como

---

<sup>19</sup> - “El 24 de agosto del año 1535 partió del puerto de San Lucar de Barrameda la brillante armada de Don Pedro de Mendoza rumbo al misterioso y codiciado Rio de La Plata y Del Paraguay” (GANDIA, Henrique. *História de La Conquista Del Rio de La Plata y Del Paraguay (1535 – 1556)* – Buenos Aires, 1932. p. 13).

comandante D. Pedro de Mendoza e, no início do ano seguinte, fundou a cidade de Buenos Aires, na boca do Prata, região estratégica para se ter o controle da navegação do grande estuário<sup>20</sup>. Essa expedição, de certa forma, foi uma resposta à expedição portuguesa de Martim Afonso, realizada em 1531, a qual partindo de Cananéia tinha por objetivo repetir a façanha de Aleixo Garcia, penetrando em parte do território que, para a coroa espanhola, estava situado bem a Oeste da linha de Tordesilhas, o que demonstrava claramente a intenção da política colonial de Portugal em participar das descobertas de metais preciosos no interior do continente sul-americano.

Com a *Capitulación*,<sup>21</sup> datada de 21 de maio de 1534, D. Pedro de Mendoza recebeu o título de *Adelantado*<sup>22</sup> e foi investido de amplos poderes civis e militares que tal título lhe conferia. Assim, partiu em busca das fabulosas riquezas da bacia Platina. Dom Pedro de Mendoza e seus aguerridos conquistadores se dirigiram para a América com o objetivo de impedir os avanços dos portugueses que tentavam penetrar até o Alto Peru, para apoderar-se de suas minas. Cabia a D. Pedro de Mendoza fazer a defesa de tudo o que estivesse dentro dos limites da demarcação correspondente à Coroa de Castela. Entendia-se que tal demarcação obedecia ao que fora determinado pelo Tratado de Tordesilhas que, desde o Amazonas até a embocadura do rio da Prata, dividia de Norte a Sul as possessões espanholas e as possessões portuguesas na América.

---

<sup>20</sup> - “No se há encontrado el acta de fundación de la primera Buenos Aires y hasta se supone que, dada la enfermedad del adelantado, aquella no se llevara a cabo con todo el formulismo que caracterizó la fundación de Garay.” (GANDIA, Enrique. *Historia de la conquista del Rio de La Plata e Paraguay (1535 – 1556)*– Buenos Aires , 1932. p. 30).

<sup>21</sup> - *Capitulación* – título jurídico que servia de base a toda expedição ou nova povoação, contrato firmado entre a coroa ou seus representantes e os chefes das expedições. (Zavala, Silvio A “ *Las Instituciones jurídicas em la conquista de América*” Madrid , 1935. págs. 123 – 129).

<sup>22</sup> - *Adelantado* - chefe supremo da hoste conquistadora, cujo poder emana da “ *Capitulación*” celebrada com a coroa espanhola. (VARGAS MACHUCA, B. *Milicia y Descripcion de las Indias*. Madrid, 1892. p. 47 vol. I).

“Dom Pedro, conforme se estipulara em su capitulación, corria a América “a conquistar y poblar las tierras y provincias que hay en el Rio de Solis que llaman de la Plata donde estuvo Sebastián Caboto y por allí calar y pasar la tierra hasta llegar a la mar del sur... donde tengáis doscientas leguas de luengo de costa de gobernación que comience desde donde se acabar la gobernación que tenemos encomendada al mariscal Don Diego de Almagro hacia el estrecho de Magallanes y conquistar y poblar las tierras y provincias que hubiere en las dichas tierras.” (GANDIA, 1932, p. 17).

Consta que essa expedição saiu de Salúcar de Barrameda, em 24 de agosto de 1535, e era composta por quatorze navios, dois mil e quinhentos soldados espanhóis, cento e cinquenta alemães e ainda setenta e dois cavalos. Seu Estado Maior era formado por representantes da alta nobreza espanhola, vários Mendoza, parentes do capitão-mor e dentre outros se destacavam Juan de Ayolas, Domingos Martinez de Irala e Juan de Salazar, que se tornaram personagens centrais da história da conquista da Bacia Platina e do Paraguai Colonial. A expedição de Dom Pedro de Mendoza deu os primeiros passos para que se pudesse consolidar a conquista colonial fazendo o reconhecimento e a fortificação da jurisdição conforme o estabelecido no documento de Toledo de 21 de maio de 1534.<sup>23</sup> Grande eram os desígnios dessa armada, porém, grande também foram seus fracassos.

---

<sup>23</sup> - Em 1534, o rei da Espanha, Carlos V, assinou um contrato ( *capitulación* ) com D. Pedro de Mendoza, onde se estabeleceu como deveria ser feita a conquista e povoamento das terras e províncias do rio da Prata. A seguir, apresentamos uma transcrição dos pontos essenciais do Documento de Toledo de 21 de maio de 1534:

“Primeiramente, vos doy licencia y facultad para entrar en el rio de Solís hasta el mar del Sur, donde tengáis doscientas leguas de luengo de costa de gobernación que tenemos encomendada al mariscal don Diego de Almagro hasta el estrecho de Magallanes y conquistar y poblar las tierras y provincias que hubiere en las dichas tierras.”

“Item, prometemos de Vos hacer nuestro Governador y Capitán General de dichas tierras y provincias y pueblos del rio de la Plata, y de las dichas doscientas leguas del Mar del Sur”.

“Otro sí, os haremos nuestro Adelantado de las dichas tierras y provincias, com el oficio de Alguacil Mayor de dichas tierras, perpetuamente.”

“Otro sí, os Vos hacemos merced, para que com parecer y acuerdo de nuestros oficiales podáis hacer en las dichas tierras y provincias hasta tres fortalezas de piedra, en las partes e lugares que más convengan... para Vos y dos herederos y sucesores vuestro uno en pos de outro...”

“Item: Vos damos licencia y facultad para que podáis conquistar y poblar las islas a que estén dentro de los límites de nuestra demarcación.”

“Declaramos que en caso de muerte, vuestro heredero o la persona que por vos fuese nombrada, pueda acabar la dicha población y conquista, y gozar de las mercedes de esta Capitulación contenidas... que guardaremos y mandaremos cumplir. Fechado en la ciudad de Toledo a 21 de Mayo de 1534 Yo El Rey *Capitulación de Carlos V. com Don Pedro de Mendoza – Comisión Oficial del Cuarto Centenario de la Primera Fundación de Buenos Aires – Crónicas del Viaje a las Regiones del Plata, Paraguay y Brasil –*

“Em las mentes de Ayolas, Guevara e Irala bullirían mil pensamientos de aventura y ensueños maravillosos. Ellos habían sido los elegidos para ir en busca de la Sierra de la Plata, por ser los más audaces y resistentes, y los três habrían jurado conquistarla o morir. Sin duda no imaginaban que Ayolas lograría cruzar el Chaco, aquel desierto infinito que custodiaba como un dragón de leyenda el tesoro de las minas fabulosas, y que al regresar al Paraguay, cargado con un botín deslumbrante, los índios lo matarían como al portugués Alejo Garcia; aquel héroe maravilloso que desde la costa del Brasil, como un semidios de los indígenas, había cruzado o continente y llegado a las Charcas antes que la conquistaran las tropas de Pizarro.” (GANDIA, 1932, p. 46).

Pode-se afirmar que a expedição de Dom Pedro de Mendoza tinha dois objetivos: estabelecer o povoamento permanente na região do Prata em proveito espanhol e conquistar a tão sonhada Serra de Prata.(ESSELIN, 2000, p.26). Gandía esclarece-nos que: “Con la expedición de Mendoza y o inicio definitivo, en el Paraguay, de la colonización española, comienza la verdadera historia de las relaciones de frontera entre las posesiones de España y de Portugal en América.” (GANDÍA, 1933, cap. III, p. 98).

Segundo Schmidel, ao chegarem no estuário platino, em dois de fevereiro de 1535, Mendoza e seus companheiros de expedição tentaram estabelecer-se na nova terra. Aportaram na margem esquerda do rio, em San Gabriel, onde posteriormente surgiu a colônia portuguesa de Sacramento. Nessa margem do rio, encontrou-se com os índios Charrua, que fugiram à aproximação dos expedicionários. Somente algum tempo depois, em março de 1536, transferiram-se para a margem direita do rio da Prata e ali levantaram um pequeno forte ao qual deram o nome de Santa Maria de Buenos Aires. Junto a essa margem existia uma aldeia dos índios *Querandis*, que inicialmente mantiveram boas relações com os expedicionários.

---

Tomo II P. 41 – 44. Buenos Aires, 1948. In: PISTILLI, Vicente S. *La primera fundacion de Asuncion - la gesta de Don Juan de Ayolas*. Assunção Editorial El Foro, 1987, p. 7.

“Em março de 1536 foi fundada a cidade de Buenos Aires, cuja existência de um lustro e abandono determinado por Domingos Martínez de Irala, resultou não só de dificuldades de sobrevivência do agrupamento que permaneceu sitiada pela população indígena, mas também do firme propósito de concentrar todos os esforços na base de Assunção.” (BASTOS, 1979, p. 56-57).

Aos poucos, a aventura, o sonho e a fantasia desses expedicionários, distantes de suas terras, começaram a desaparecer. Apesar do nome dado à região e da esperança de encontrar o maravilhoso “*eldorado*”, o sonho sobre as riquezas americanas, progressivamente, se revelou menos promissor do que o imaginado. Agravando a situação, constantes eram os ataques promovidos pelos indígenas, dificultando ainda mais, para o colonizador, sua fixação, pois, para tal, era indispensável conquistar esses indígenas ou dominá-los, até mesmo para encontrar o que comer. Os *Querandis* que, inicialmente repartiam com os expedicionários os poucos víveres que possuíam, deixaram de lhes abastecer e, por esse motivo, Mendoza ordenou um ataque à aldeia, matando mais de mil índios. Frente a inúmeras dificuldades, os expedicionários acabaram isolados em um território que lhes era hostil e completamente desconhecido. Sem mantimentos suficientes para abastecer o expressivo contingente humano da expedição de Mendoza, os espanhóis foram obrigados a conseguir os suprimentos necessários para a sua sobrevivência, com o próprio esforço e muito trabalho, fato que causou um profundo mal-estar e revolta entre os conquistadores. É sabido que tinham sim, como propósito, encontrar metais preciosos, fazer fortunas rápidas, alcançar prestígio e para isso deveriam se apropriar dos produtos que os indígenas e a realidade colonial pudessem lhes oferecer. Porém, a dura realidade fez com que esses “aventureiros” passassem a conviver com situações de fome, miséria, desencantos e penúria. Todos os dias morriam dezenas de soldados.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> -“ En medio de estas desdichas sólo una esperanza sostenía el ánimo de Mendoza y de sus soldados: la de poder remontar el misterioso Río de la Plata y llegar a la Sierra encantada. La locura del oro se confundía con la locura del hambre, y así, en aquel infierno dantesco que fué nuestra primera Buenos

A expectativa de encontrar riquezas com que tanto sonhavam e se apossar delas desmoronou diante de uma realidade tão caótica:

“Nadie, sin duda, imaginaba que aquella conquista era la del país del hambre, que sólo la miséria e la muerte los esperaban en aquellas tierras tan bellas y engañosas a la distancia, y que de las soberbias naves y de las aguerridas tropas, sólo volverían unos cascajos destruidos por las tempestades con unos pocos hombres medio muertos de horror, que el poderoso Don Pedro carcomido por la sífilis, moriría hambriento en alta mar, mientras que un grupo de conquistadores, últimos sobrevivientes de aquella soberbia expedición, abandonados en lo más profundo de las selvas vírgenes, se impondría a los índios y con ellos crearían un verdadero imperio, un paraíso terrenal, como una ficción de leyenda, y en él mandaría uno de los más oscuros capitanes de aquella armada: Domingo de Irala.” (GANDIA, 1932, p. 28).

Na tentativa de vencer tantas dificuldades, D. Pedro de Mendoza resolveu enviar seu ajudante, Juan de Ayolas, para procurar víveres e obter notícias sobre a nova terra. Navegando o Paraná, rio acima, Ayolas deveria fundar um forte, no mesmo local em que Caboto havia construído o primeiro estabelecimento espanhol na região, o forte *Sancti-Spiritus* e que fora posteriormente destruído pelos indígenas. Ao reconhecer o local, Ayolas ergueu uma fortificação à qual deu o nome de *Corpus Christie*, no rio Paraná, nas proximidades onde, hoje, está localizada a cidade Argentina, Santa Fé. Ayolas estabeleceu contato com os índios Timbu, habitantes da região e, bem recebido pelo cacique principal, promoveu uma aliança na qual os indígenas passaram a lhe fornecer víveres. Em seu regresso para o forte de Buenos Aires, Ayolas levava consigo grande quantidade de mantimentos, aliviando a situação de fome, miséria e penúria dos que ali permaneceram.

“En este tiempo padecían en Buenos Aires cruel hambre, porque faltandoles totalmente la racion, comian sapos, culebras y las carnes podridas que hallaban en los campos, de tal manera, que los excrementos de los unos comian los otros, viniendo á tanto extremo de hambre como en tiempo que Tito e Vespasiano tuvieraon cercado á Jerusalén, comieron carne human; así le sucedió á esta mísera jente, porque los vivos se sustentaban de la carne de los que morian, y aun de los ahorcados por justicia, sin dejarle mas de los huesos, y tal vez hubo hermano sacó la

---

Aires, los conquistadores morían abrazados a un sueño. (GANDÍA, Henrique de. *La Ciudad Encantada de Los Cesares*. Buenos Aires: Librería de A. Garcia Santos, 1933. p. 130).



asadura y entrañas á outro que estaba muerto para sustentarse com ella. Finalmente murió casi toda la gente...” (GUZMÁN, 1943, livro I, Cap. XII. p.79 - 80).<sup>25</sup>

As notícias dadas por Ayolas a D. Pedro de Mendoza puderam reanimar um pouco o espírito do Adelantado. Ayolas dizia que os índios da fortaleza de Caboto tinham boas notícias sobre a Serra de Prata, o que fez com que Mendoza, mesmo enfermo, seguisse com Ayolas até *Corpus Christi*, ambos sonhando com um império que jamais haveriam de ver. A aliança estabelecida com os indígenas Timbu possibilitou a D. Pedro de Mendoza trasladar-se com seus expedicionários para o forte de *Corpus Christi*, deixando o comando do porto de Buenos Aires com o capitão Ruiz Galan, junto a uma pequena guarnição de soldados<sup>26</sup>. Ulrich Schmidel, que tomou parte nessa expedição, recorda que esta viagem foi um novo desastre, pois em poucos dias Mendoza já havia perdido mais de duzentos homens, todos mortos de fome. Estando, finalmente, estabelecido em *Corpus Christie*, Dom Pedro de Mendoza fundou um novo forte, ao qual deu o nome de Nossa Senhora da Boa Esperança. Ali, os expedicionários puderam iniciar os preparativos que lhes permitiriam comunicação com o Peru e de onde poderiam encontrar a tão sonhada Serra de Prata, que era uma espécie de “ímã” que atraía a atenção e todos os esforços dos espanhóis para aquela conquista.

“Cansados de estas miserias, los soldados se preguntarían si aquellos sufrimientos y aquellos horrores eran la felicidad y las riquezas a cuyo encuentro habían salido desde Sevilla. No obstante, las esperanzas de hallar tesoros remontando el Rio de La Plata o al fondo de aquella Pampa misteriosa e infinita, no abandonaba ni aún a los más míseros. Quizás, pensaban - ayudados por los consejos de los que ya conocían aquellos padeceres por haber venido en la armada de Caboto - que una vez salidos del campamento, adonde el morbo gálico mantenía encadenada a Don Pedro de Mendoza, verían allá lejos las ciudades desconocidas y riquísimas con que todos soñaban.” (GANDIA, 1932, p. 34 - 35).

---

<sup>25</sup> - Capítulo XII. De la hambre y necesidad que padeció la armada.

<sup>26</sup> - “Francisco Ruiz Galán quedo como gobernador interino em Buenos Aires, y Don Pedro, doliente y hambriento, se encaminó con Ayolas al fuerte de Corpus Christi, marcando el camino com los cadáveres de sus soldados exhaustos, que iban muriendo uno trás outro.” (GANDIA, Henrique de. *História de la conquista del rio de la Plata y del Paraguay ( 1535-1556 )*. Buenos Aires, 1932. p. 42).

Segundo W. Kloster e F. Sommer (1942), foi na esperança de encontrar melhores meios de subsistência junto às comunidades de indígenas agricultores, que se encontravam afastadas do litoral, e, movidos também pelo desejo de encontrar os tesouros da Serra de Prata, que os espanhóis decidiram ampliar seu campo de ação para o interior da terra platina. Para tal, deixaram Buenos Aires e Buena Esperanza, fracamente guarnecidas, deslocando o corpo principal da expedição que, naquele momento, já estava bastante reduzida por causa do decréscimo do quantitativo humano, como consequência de moléstias e de todo tipo de privações, bem como pelas constantes investidas indígenas. Mendoza, então, ordenou a exploração do baixo e médio curso do Paraguai. (KLOSTER e SOMMER, 1942, p.15).

Dom Pedro de Mendoza determinou que nova expedição fosse enviada em direção à mitológica Serra de Prata. Sob o comando de Juan de Ayolas, essa expedição saiu do porto de Boa Esperança, em 14 de outubro de 1536, em busca da fantástica Serra de Prata. Além de Ayolas, faziam parte da expedição Dominguez Martínez de Irala, Carlos de Guevara, Juan de Ortega entre outros. A expedição subiu o rio Paraná com três bergantins e algumas embarcações menores e um número de aproximadamente cento e sessenta homens, singrando o rio Paraguai até a latitude de 20°, segundo Irala 19° 40', aonde no dia dois de fevereiro de 1537, chegou Juan de Ayolas com seus homens, em um lugar do rio Paraguai, num ponto que fora denominado de Porto de Nossa Senhora da Candelária. (BASTOS, 1979, p.58).

O historiador paraguaio Manuel Dominguez, em seu estudo *Viajes y muerte de Ayolas* (1899) oferece-nos mais detalhes sobre essa expedição. Segundo Dominguez, estando Ayolas algumas léguas acima do porto de Boa Esperança, encontrou-se com alguns índios Guarani que viviam em um lugar chamado *Itapuá*<sup>27</sup>, esses índios, como

---

<sup>27</sup> - *Itapuá*: *Itá*, pedra, e *apuá*, redonda. Topônimo guarani que significa pedra redonda.

eram aliados dos conquistadores, lhes forneceram víveres. Em seguida, a pouca distância, penetraram pelo *Jejuí*<sup>28</sup> em cuja margem direita começava a dilatada região do *Itatin*<sup>29</sup>. Alcançaram depois o rio *Piray*<sup>30</sup> e, em seguida, o *Corriente* que, posteriormente, passou a ser chamado *Apa*<sup>31</sup>, passando em seguida pelo Pão de Açúcar, se aproximaram do atual Forte Olimpo, onde receberam alimentos de seus aliados, os Guarani. Estavam os conquistadores nos limites do Império Guarani, que se estendia até aos 21°. Adiante só encontrariam índios inimigos e hostis. Mesmo tendo de enfrentar muitos obstáculos do meio natural e a hostilidade das etnias nativas, esses homens não desanimaram, cruzaram o *Nabileque* e, no dia dois de fevereiro de 1537, desembarcaram na margem oriental, no fundo de uma pequena meia lua, formada por uma ondulação do rio Paraguai aos 20° 40', num lugar que batizaram com o nome de *puerto de Nuestra Señora de la Candelária*. (DOMINGUEZ, 1899, p. 149-150)<sup>32</sup>.

No Porto de Nossa Senhora da Candelária, Ayolas encontrou-se com um antigo escravo de Aleixo Garcia, o aventureiro português, náufrago da expedição de Solís, que desde a costa do Brasil havia ido a pé, cruzando meio continente até a terra dos famosos Cara-cará. Assim, puderam tirar as dúvidas sobre qual seria a verdadeira rota, que teria percorrido Garcia e que os conduziria a Serra de Prata e aos domínios do “Rei Branco.”

---

<sup>28</sup> - Tudo indica que a palavra *Jejuí* não se trata de um topônimo guarani.

<sup>29</sup> - *Itatin*: *Itá*, pedra, *morotín*, branca. Topônimo guarani que significa pedra branca.

<sup>30</sup> - *Piray*: *Pirá*, pés e y, água. É o nome guarani do *Aquidabán*, palavra que provavelmente tenha surgido de uma alteração do *Mbayá*.

<sup>31</sup> - *Apa* pelo que tudo indica não é um topônimo Guarani, pode até ser guarani se for *Apá*. O nome guarani do rio era *Tepotí*, segundo o mapa de Solís. Segundo Félix de Azara o *Apa* também se chamou *Corrientes*.

<sup>32</sup> - Os autores divergem quanto à localização exata do Porto Candelária. Azara o localiza aos 21° 5'. Whasburn o localiza aos 21° 2'. Moussy o localiza aos 21° 5'. Em outras referências as localizações assim costumam aparecer, 21° 17'- 21° 22'- 21° 25'- 21° 56'. Alvar Nuñez que esteve no porto Candelária, pouco depois da morte de Ayolas, escreveu no cap. 49 de seus *Comentários*: “...y aqui se tomó el altura, y se halló en 21° grados, menos um tercio, esto es, en 20° 45.” Para Schmidel o ponto de onde Ayolas partiu em direção ao Peru, estava a 92 léguas de Assunção, e Candelária. Segundo Alvar Nuñez, estava a 120 léguas. Segundo Oviedo a 80 léguas e acredita Herrera esta a 100 léguas.

Em 12 de fevereiro de 1537, antes de partir, Ayolas nomeou Irala seu lugar *teniente* ordenando que este lhe aguardasse até seu retorno, ordem que Irala não cumpriu, alegando que a falta de notícias o fizeram retornar antes do combinado.

Partindo do Porto de Candelária, Ayolas penetrou no Chaco. Ao fim de uma viagem cheia de obstáculos e imprevistos, chegou à terra dos índios Chané, nos confins de Charcas e, estando entre os índios Cará-cará<sup>33</sup>, seus homens depararam-se, por um instante, com as riquezas que tanto haviam sonhado encontrar. Aqueles índios tinham em suas casas muitos objetos de ouro e lhes explicaram que os adornos que utilizavam pelo corpo, tais como braceletes de prata, recebiam de outros índios, que moravam em casas de pedra, andavam vestidos e reconheciam haver um chefe supremo.

Os cronistas, entre eles Schmidel e Guzmán, dizem que Ayolas “... tocó en la falda de la montaña del Peru, en los pueblos de los Samacosis y Sibicosis, nación muy política.” Irala e seus companheiros também se encontraram com esses *Samacosis*, quando sua expedição chegou ao rio *Guapay*<sup>34</sup>. Dominguez esclarece que *Samacosis* é uma contração de *Saramacosis*, palavra de origem quechua que significa: *comedores de mais*. É o nome primitivo dos *Chamacocos*, conhecidos também com o nome de *Samucos*. Esses *Samucos* ou *Chamacocos* ocupava uma parte do território que depois se chamou *Chiquitos*, em uma extensão que ia dos 19° aos 21°. Dominguez interroga se havia montanhas no centro principal da população *Samuca*. Em seguida, esclarece que existiam serras e colinas: “Al Norte de San Ignacio estaban los Montes Coerótides y

---

<sup>33</sup> - “Os *Caracarás* eram índios oriundos de *Caracará*, antiga província de *Charcas*, no Peru, acima de Potosi, a N. E. de *Chuquizaca* (atual Sucre) até aos 19°. Esses índios eram tão esforçados na guerra como hábeis na paz, denunciam-nos através dos tempos, mais prosperidade do que os *Charcas* dentro dos limites da geografia primitiva. E por ser atribuído a esses o senhorio dos metais valiosos e por serem peruanos no idioma dos Guarany *Craracaraes* foi essa a razão determinante que levou as primeiras expedições regulares ao Paraguai a buscar-lhes o rastro. Foi esse também o motivo que levou os Guarani a travarem relações com aquela tribo antes de ser conquistada. Porque já há muito, realizavam contínuas excursões do Brasil e do Paraguai ao Alto Peru em busca das lâminas de metal que não sabiam trabalhar.” (ALMEIDA, Mario Monteiro op. cit., p. 21).

<sup>34</sup> - Segundo Guzmán, *Guapay*, quer dizer rio que o absorve todo.

aquel bosque enmarañado, impenetrable (el bosque del Purgatorio) en que se estrello un heróico missionero. Al N. O. estaban los Iórbides ó Iochibides. Puede que Ayolas tocara en los Iórbides, hoy llamados, si no estamos equivocados, Cerro de San Miguel, y que han de estar á 70 ú 80 leguas de nuestro rio.” (DOMINGUEZ, 1899, p. 153). Por quê, então, os cronistas, insistem em dizer que Ayolas chegou no Perú? Dominguez assim esclarece:

“ Tengase en cuenta que Perú era un nombre vago que expressaba bastante, mas que el Perú de los Incas: Toda Bolivia y una parte del Chaco Paraguayo eran designadas com este nombre. Nos referimos a los primeros tiempos; pero aun despues, algunos autores mal informados daban por limites al Perú las montañas de los Samucos. Consta entoces que conforme á la geografia incierta de la conquista, Ayolas com llegar á los Iórbides estaba al pié de las montañas del Perú. Pero conste tambien que conforme á nuestra geografia, Ayolas no salió de nuestro Chaco. Es fama que entre los Samacocis cogió alguna cantidad de metales preciosos. Lo que tal vez se pudiera negar. Es lo cierto que dejó a tres de sus compañeros enfermos entre los Chamacocos y retrocedió.” (DOMINGUEZ, 1899, p. 153-154 ).

Ao retornarem ao Paraguai, os poucos sobreviventes dessa expedição marchavam vacilantes, consumidos pela febre, pela fome e pelo cansaço. No dizer de Dominguez, penosa foi a travessia pelas terras inundadas do Chaco. Quando finalmente chegara ao Porto de Candelária, Ayolas, juntamente com todos os seus companheiros, foi assassinado pelos indígenas Payaguá, habitantes tradicionais das terras ribeirinhas, ao rio Paraguai, os quais haviam se revoltado devido aos maus tratos a que Irala os submetera.

A responsabilidade sobre os acontecimentos relacionados ao episódio acima contados pode ser atribuída muito mais à atitude de Irala que à hostilidade dos índios. Irala, contra as ordens de Ayolas, retirou os bergantins e desguarneceu o porto de Candelária, onde, pelas ordens que recebera, deveria aguardar o retorno de Ayolas. Ao retornar do Chaco, Juan de Ayolas e sua gente não encontraram Irala, que ali deveria estar aguardando-os com as embarcações. Dessa forma, Ayolas e seus companheiros,

foram obrigados a permanecer no Porto de Candelária por aproximadamente quatro meses, padecendo enormes sofrimentos e fome. Frente a essa situação, os índios Payaguá, habitantes da região, os quais estavam revoltados com os maus tratos e desmandos de Irala, ao constatarem que os espanhóis estavam muito fracos e militarmente inferiorizados, lhes armaram uma emboscada. Convidaram-nos para ir até sua aldeia, onde no caminho mataram pauladas o capitão Juan de Ayolas, com todos os seus companheiros de expedição que haviam sobrevivido desde a chegada a esse porto. Segundo Cabeza de Vaca, os indícios são de que Irala agiu dessa forma propositalmente para eliminar a autoridade do capitão Juan de Ayolas. Gandía, assim sintetizou esse episódio: “La tragedia de Alejo García se había repetido. De los ciento veintes hombres que había regresado con Juan de Ayolas, ninguno de ellos volvió a hablar con los conquistadores que habían quedado en el Paragay.” (GANDÍA, 1933, cap. IV, p. 132).

O capitão Juan de Ayolas, ao adentrar no Chaco Paraguai, tornou-se o segundo europeu a chegar próximo aos limites do Império Inca, tendo sido precedido apenas pelo português Aleixo Garcia. O historiador paraguaio Manuel Dominguez, em seu estudo sobre a *La Conquista Sudamericana por el Oriente*, diz que Ayolas e Alejo Garcia chegaram próximos a serra, e que voltaram com o ouro que buscavam, mas a traição dos selvagens acabou com ambos. Segundo Dominguez era mais difícil cruzar o Chaco por duas vezes, do que triunfar o mundo correndo sobre o mar.

A falta de notícias sobre Ayolas fez com que Dom Pedro de Mendoza enviasse Juan de Salazar à procura dos expedicionários. Em fins de abril de 1537, chegou Salazar à fronteira com os Cário, lugar onde Ayolas fundou uma cidade, a primeira Assunção. Nesse local, Salazar teve a idéia de fundar outro forte, com o mesmo nome e em lugar mais adequado, mais para o norte. Em 15 de abril de 1537, Juan de Salazar fundou uma

fortificação na Bahía dos Cário, a qual daria origem à atual cidade de Assunção. Para alguns historiadores, Dom Gonzalo de Mendoza, irmão de Dom Pedro de Mendoza, é considerado co-fundador de Assunção, tendo Irala também participado da fundação, ao lado de Salazar, sem entrar em conflito com ele, pois Salazar trazia um mandado de Dom Pedro de Mendoza tendo Irala feito o mesmo em Lambaré, quando Ayolas, sete meses antes, havia construído a primeira fortificação no Paraguai.

“Con la llegada de Salazar, éste e Irala se aprestaron a hacer una excursión en busca de Ayolas, el jefe desaparecido, del cual los indios daban noticias cada vez más vagas e inquietantes; pero los payaguá, que tan amigos se habían hecho de Ayolas, ahora se habían rebelado a causa de los excesos de Irala y estaban de no buen propósito se serbir a los cristianos e levantados.” (GANDIA, 1932, p. 63).

Salazar, após fundar o forte de Nossa Senhora de Assunção, seguiu em direção ao Norte à procura de Ayolas e seus demais companheiros. Após encontrar Irala, em 23 de junho de 1537, e ter certeza da morte de Ayolas e não sendo propícia à ocasião para adentrar o Chaco, por causa da cheia do rio Paraguai, retornaram a Assunção, onde a partir desse momento, os conquistadores europeus, principalmente Irala, trabalharam na perspectiva de estabelecer uma aliança defensivo - ofensiva e de parentesco com os Carió.

#### **1.4 – Origem das alianças entre índios e espanhóis.**

Os índios que habitavam a região próxima a Assunção e a Oeste do rio Paraná eram os Guarani, conhecidos durante as primeiras décadas do século XVI como Carijó no Brasil e Cário no Paraguai colonial. Segundo Martins (1993), o termo Guarani, que significa guerreiro, passou a ser utilizado somente a partir do século XVII, quando a ordem tribal dos Guarani já se encontrava esfacelada por mais de 100 anos de

exploração colonial. Surgiu então o nome Guarani para designar um grande número de índios que viviam em aldeamentos pertencentes a grupos falantes de dialetos da língua Guarani, da família lingüística Tupi-guarani. Para oeste, no Chaco, viviam povos caçadores coletores nômades, etnias guerreiras, como os Guaycuru, que eram inimigos tradicionais dos Guarani. Os espanhóis, nessas circunstâncias, optaram por instalar-se junto à população indígena sedentária agricultora, estabelecendo uma aliança com os Guarani Cário, a qual acabou por satisfazer a ambos, na medida em que os espanhóis tinham por objetivo a penetração e a permanência nesse território, e os Cário desejavam conseguir apoio e proteção contra as repentinas investidas dos Guaycuru e Agace. “Era a reciprocidade de favores no processo da conquista e da colonização.” (BASTOS, 1979, p.25).

Durante os primeiros vinte anos de contato interétnico, os espanhóis e os Guarani formaram uma espécie de aliança, que parecia vantajosa para ambos, mas os índios não imaginavam o que essa aliança poderia significar no futuro. Os espanhóis, inicialmente, davam aos índios uma ajuda valiosa contra seus inimigos e em troca eram integrados à sociedade Guarani como parentes. Recebiam mulheres e alimentos de presente, como parte das obrigações devidas a esses pelos índios. Assim, puderam dispor dos recursos humanos para que pudessem implantar definitivamente o modelo colonizador. As regras de parentesco tiveram um papel de suma importância na nova posição que os espanhóis passaram a ocupar entre os Guarani. O “*cuñadasgo*” foi o instrumento que selou a fusão étnica e racial entre índios e brancos no Paraguai colonial. Entre os Cário, os irmãos homens da noiva deviam prestar serviços braçais ao marido da irmã, futuro cunhado, daí o nome *cuñadasgo*, como parte de suas obrigações familiares. Os espanhóis puderam contar então com o trabalho e ajuda dos cunhados e das mulheres, pois na sociedade Guarani eram as mulheres, as esposas, que cuidavam da



agricultura, base da economia, e da tecelagem do algodão. Faziam todo o trabalho, quanto mais mulheres um espanhol tivesse em sua casa, mais acesso teria à mão-de-obra, tanto dos cunhados como também das esposas.

Os espanhóis aproveitaram-se de um traço cultural da sociedade Guarani adaptando-o às suas necessidades de mão-de-obra. Ao perceberem esse aspecto cultural dos índios e a utilidade que ele trazia para as metas coloniais, os espanhóis foram orientados por Irala, a casarem-se com quantas mulheres lhes fossem oferecidas, assim, cada espanhol casou-se ao mesmo tempo com várias índias. O concubinato, associado à poligamia em que os espanhóis viviam cercados por várias mulheres, foi uma pré-condição para a sobrevivência do colono europeu, fato que se tornou à base da sociedade paraguaia, dando origem a uma grande prole mestiça. Esses mestiços farão parte de uma segunda geração de conquistadores.<sup>35</sup> Sem o que, o isolamento, a inferioridade numérica do europeu em relação aos índios e o total desconhecimento dos recursos oferecidos pelo meio natural hostil teriam resultado em desastrosas perdas para o colonizador e até mesmo inviabilizado o processo de colonização. “Foi esse processo

---

<sup>35</sup> - “La fundacion de esta ciudad fue mas por via de cuñadasgo que de conquista porque navegando los españoles por el rio Paraguay arriba, que es muy caudaloso, los indios que estaban poblados en este puesto les preguntaron quienes eran, de onde venian, adonde iban, y que buscaban: dixeronse: responrieron los indios que no passassen adelante porque les parecia buena gente; y assi les darian sus hijas y serian parientes. Pareçio bien este recaudo a los españoles, quedaronse aqui. Reçibieron las hijas de los indios y cada español tenia buena cantidad: de donde se seguio que en breve tiempo tubieron tanta cantidad de hijos mestiços, que pudieron com poca ayuda de gente de fuera poblar todas las ciudades que agora tienen y tambien las de la governaçion del rio de la plata que son otras quatro y se llaman san Juan de vera, siete corrientes, la concepcion rio bermejo santa fe y el puerto de la trinidad buenos Ayres. Y assi se poblo este sitio de la ciudad de la assumption mas como los pueblos de españa apretados y com poco sitio, que no al modo de las indias por quadra, llamaronse luego los indios, y españoles de cuñados, y como cada español tenia muchas mancebas, toda la parentela acudia a servir a su cuñado honrandose com el nuebo pariente. Viendose los españoles abundosos en comida de la tierra, y com tantas mancebas no aspiraron a mas, contentandose com un poco de lienço de algodon teñido de negro para su vestido: e como estaban en el Parayso de mahoma se governaban a su modo, y assi su gobierno mas era dispotico y tiranico que politico, y christiano, prendiendo-se y matandose unos a otros, y casi hasta agora dura este gobierno dispotico porque calquiera cosa que aya menester la Justiça de hacienda agena se la toma sin tratar de paga, solo com decir que conviene al serviçio de su magestad: y a los que no son veçinos los mandan ir a la guerra sin sueldo solo com un conviene: Y los pobres para aviarse venden quanto tienen dejando a sus mugeres e hijos...” XXXII – Informe de um jesuíta anônimo sôbre as cidades do Paraguai e do Guairá espanhóis, índios e mestiços. dezembro, 1620. (In: CORTESÃO, Jaime (org) *Manuscritos da Coleção de Angelis I Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, vol I, 1951, p. 162-163).

de europeização de índios e de indianização de europeus, realizado em tempo mínimo que assegurou à sociedade paraguaia condições de sobrevivência.” (BASTOS, 1979, p.59).

Foram os milharais dos Cário, que, inicialmente, alimentaram os sobreviventes da destroçada expedição de Dom Pedro de Mendoza, permitindo assim a implantação do primeiro povoamento europeu na região aonde viria a ser Assunção do Paraguai. “La fundación tuvo lugar el 15 de agosto de 1537, día de la Asunción. Los españoles”, em concordia destes índios Cário levantaron “una casa fuerte do todo se metiesen, com gran trabajo e necesidad traiendo los palos acuesta.” (GANDIA, 1932, p.65).

Edificada à margem esquerda do rio Paraguai, num terraço fluvial estruturado, Assunção desfrutava de excelente posição geográfica, por estar localizada na área central de uma região de campo e livre de inundações. É nessa área que hoje se concentra a maior parte da população do Paraguai. A fundação dessa cidade reflete os esforços e as decisões que foram sendo engendrados pelos espanhóis, desde meados do século XVI. Ayolas edificou a primeira fortificação em Lambaré; posteriormente, Salazar, a segunda, sobre a Bahia dos Cário, onde Irala lhe deu a estrutura necessária com a criação do Cabildo, convertendo-a em cidade.<sup>36</sup>

## **1.5 – A polêmica em torno da fundação de Assunção.**

---

<sup>36</sup> - “ Esta ciudad esta poblada sobre el rio Paraguay, es el sitio malo lo uno por ser bajo y arenal; lo outro porque tiene el oriente al rio assi quando nasce el sol le hecha todos los vapores em çima de donde si sigue ser mal sano. El rio es muy caudaloso, y fondable, y y assi pueden subir por el vergantines grandes. Es abundante de muchos generos de pescado, y muy buenos; sus riberas estan pobladas de grandes arboledas; ay muchos y buenos paxaros em ellas. Tiene esta çiudad en su contorno muchos y buenos montes muy fertiles com mucha y buena madera para edifiçios: tiene muy buenos campos para estancias de todo genero del ganado... es esta tierra fertilissima para todo genero de bastimentos...” (CORTESÃO, Jaime (org) Op. cit., vol I, p. 163-164).

Quanto à fundação de Assunção, alguns estudiosos identificam como sendo um só porto os fortes edificadas por Ayolas e posteriormente por Salazar, isso ocorre, porque ambos os portos tinham o mesmo nome, muito embora, tivessem seus fundadores nomes diferentes. Alguns estudiosos da História do Paraguai consideram que Juan de Ayolas foi o fundador de Assunção. Porém, em numerosos documentos se afirma o contrário, ou seja, que Juan de Salazar foi o fundador da capital do Paraguai, e ainda, alguns estudiosos, chega a atribuir a Dominguez Martínez de Irala tal ato, por ter sido ele o legitimador do Cabildo que atribuía a Assunção o caráter de cidade.

Com o objetivo de esclarecer esse importante aspecto da história colonial do Paraguai, o historiador paraguaio Manuel Dominguez produziu um estudo sobre a fundação de Assunção<sup>37</sup>, em que as evidências por ele encontradas o levaram a concluir que o fundador de Assunção foi Juan de Salazar. Entre os documentos consultados por Dominguez, destaca-se um de grande importância para a reconstrução da história do Paraguai colonial: “*La Vera Historia de Ulrich Schmidel*”, testemunho ocular dos mais notáveis fatos ocorridos nas primeiras décadas da conquista do Paraguai e do rio da Prata, em que o cronista alemão afirma que foi Ayolas o fundador de Assunção, precisamente no dia de Nossa Senhora de Assunção e não Salazar, como concluiu Dominguez.

Para sustentar sua tese, Dominguez procurou mostrar, seguindo as evidências que os documentos lhe sugeriam que, em 15 de agosto de 1537, dos três possíveis fundadores de Assunção, somente Salazar esteve entre os Cários, porque Irala estava no porto Candelária esperando Ayolas retornar do Chaco e, portanto, não poderia Ayolas ter fundado Assunção nessa data. Dominguez procurou demonstrar de maneira clara, ao dialogar com as fontes que lhe eram disponíveis, que Salazar fundou Assunção em 15

---

<sup>37</sup> - DOMINGUEZ, Manuel: *El Alma de la Raza* – Caps. La Fundacion de Asunción; El primer Problema de los Orígenes – Ed. Ayacucho – Buenos Aires, 1946.

de agosto de 1537, na costa sul da *Bahía de Los Carió*. Porém, entre os documentos analisados por Dominguez, encontrava-se a velha crônica de Schmidel, testemunho ocular da fundação de uma fortificação, no dia da tomada de Lambaré por Ayolas, que passou a ser o ponto discordante entre o cronista e o historiador.

Para resolver esse impasse, Dominguez realizou um criterioso estudo das fontes documentais, tecendo comparações entre Schmidel e outros cronistas, na qual as evidências foram conduzindo-o a descobrir que Schmidel utilizou um calendário, diferente do calendário oficial espanhol. Em seu estudo “*La Cronologia de Ulrich Schmidel*”, esse pesquisador demonstra que Schmidel utilizava um calendário no qual se celebrava Assunção em 18 de janeiro. Vicente Pistilli, em seu estudo “*La Primera Fundacion de Asuncion- La gesta de Don Juan de Ayolas*” (1987), concorda com Dominguez quando este diz que foi Salazar quem fundou Assunção, porém discorda desse historiador quando este quer negar a contribuição de Schmidel como cronista, pois Schmidel refere-se a primeira Assunção, fundada por Ayolas, nas proximidades de Lambaré, sete meses antes da fundação da segunda Assunção, feita por Salazar, nas proximidades da boca da *baía de Los Cário*, em 15 de agosto de 1537. (PISTILLI, 1987, p.13). Schmidel, no capítulo 21 de sua obra, “*De la ciudad de Lambaré y cómo fue asediada y conquistada*”, faz uma descrição da Vila de Lambaré:

“ La ciudad de estos indios, que llaman estos indios Lambaré, está rodeada de dos cercas de palos, del grueso de un hombre, puesto de doce en doce pasos, hincados en la tierra, quedando fuera tanto como la altura de un hombre con la espada y brazo levantados, y a quince pasos tenía hechos fosos y hoyos de tres estados de hondo, cubiertos con ramas y tierra, y en medio de cada uno una lanza fijada aguda.” (SCHMIDEL, 1986, cap. 21. p. 46).<sup>38</sup>

Pistilli com esse estudo dedicado à fundação da primeira Assunção, a Assunção de Ayolas, à qual se refere Schmidel, diz ter sido essa fundação efêmera, sendo

---

<sup>38</sup> - Cap. 21- De la ciudad de Lambaré y cómo fue asediada y conquistada.

mencionada apenas por alguns poucos historiadores, tais como Félix de Azara e Blas Garay, e que foi esquecida porque se acreditava que a Assunção de Salazar era a única, assim como se havia pensado da Assunção de Ayolas. “Pero no fue así, pues realmente Asunción fue fundada dos veces, y las dos veces en el día de la Asunción...” (PISTILLI, 1986, p.13). Essa polêmica em torno da fundação de Assunção também se faz presente, e de forma bastante confusa, em torno da fundação de Santiago de Xerez, objeto central deste estudo, e que procuramos desvendar.

Com o desmembramento da expedição de Mendoza, foi no forte de Assunção, fundado pela segunda vez por Juan de Salazar em 1537, que se reuniram os poucos sobreviventes da destroçada esquadra de Dom Pedro de Mendoza. Consolidada a união hispano-guaraníca, “o período que se estende desde a fundação do forte de Nossa Senhora de Assunção em 1537, até 1564, ano do movimento populacional conhecido como êxodo para o Peru, caracteriza o período do expansionismo assuncenho, cuja finalidade era romper o isolamento em que se encontrava Assunção.” (BASTOS, 1979, p.60-61).

Com o objetivo de fortalecer o novo núcleo populacional, os espanhóis determinaram concentrar todo o contingente humano em Assunção, que passou a ser a referência, o ponto de partida, para as futuras expedições em direção à mitológica Serra de Prata. Foi com o propósito de concentrar todos os esforços em Assunção que, em 28 de julho de 1540, Juan Ortega, cumprindo ordens dadas por Irala, dirigiu-se com dois barcos ao estuário platino com a missão de despovoar Buenos Aires. Sendo assim, depois de cinco anos de existência (fevereiro de 1536 a junho de 1541) foi destruída, ficando como se nunca houvesse sido fundada a cidade de Buenos Aires.

Nas análises desenvolvidas por vários críticos da história do Paraguai, entre eles Enrique de Gandía, a ordem dada por Irala para despovoar Buenos Aires, não foi por

causa da pobreza da terra e nem da hostilidade dos indígenas, como insinuam os documentos de Irala e Cabrera, pois a resistência dos povoadores de Buenos Aires em não deixar a região prova o contrário. Tal atitude expressa o desejo de Irala de concentrar em um só lugar, e sob suas ordens, todos os habitantes espanhóis do rio da Prata para que pudesse ele próprio organizar as novas incursões em direção à mitológica Serra de Prata. Prosseguindo em sua análise, Gandía considera que o objetivo principal do despovoamento de Buenos Aires, a mando de Irala, era eliminar Ruiz Gabam,<sup>39</sup> nomeado por Dom Pedro de Mendoza autoridade de Buenos Aires, pois Gabam poderia vir a ser um estorvo para Irala em suas preensões de impor-se perante os espanhóis de Assunção como novo governador, para que, à frente desse cargo, pudesse organizar novas expedições em busca da Serra de Prata e obter para si próprio as riquezas e os méritos que tanto sonhava conquistar. (GANDÍA, 1932, p.89).

A atitude de Irala provocou uma ruptura no curso da história do Paraguai, e buscando valorizar as rupturas em detrimento das permanências, consideramos que tal fato passou a ser o marco divisório entre o que havia sido a fase da conquista, para o que viria a ser a colonização. Muito embora durante grande parte desse novo momento histórico, os colonizadores de Assunção, sob o comando de Irala, tenham continuado em suas expedições em busca da Serra de Prata, o povoamento que passou a existir em Assunção assumiu características próprias. Os índios que, durante toda a fase da conquista, haviam colaborado com os espanhóis, prestando-se a servirem como guias, dado o conhecimento que tinham da topografia e da geografia da região, mostrando-lhes os caminhos que adentravam ao interior do continente sul-americano, onde, pelas evidências encontradas, acreditavam existir muitas riquezas, no segundo momento,

---

<sup>39</sup> - “Irala, para estar más cerca de la Sierra de la Plata y destruir el único lugar en donde podía mandar su rival Francisco Ruiz Galán, despobló definitivamente Buenos Aires a fines del mês de junio de 1541.” (GANDÍA, Henrique de. *La Ciudad Encantada de Los Césares*. Buenos Aires: Libreria de A. Garcia Santos, 1933. p. 133).

estabeleceram alianças com espanhóis e passaram a servir-lhes como “parentes”, o que contribuiu para que no Paraguai, a segunda geração de colonizadores, por causa da dificuldade de se encontrar mulheres européias, fossem na sua totalidade mestiços.

Buscando traçar um paralelo entre a formação das famílias luso-tupis do Brasil e a formação das famílias hispano-guaranis do Paraguai, Jaime Cortesão destacou a poligamia como sendo uma característica comum também na formação de São Paulo quinhentista. “Os paulistas possuíam na época articulações com o sertão que se estendia para oeste, através de parentesco estabelecido em tantos lugares quantas eram as concubinas que possuíam. Através das mulheres do sertão os diversos laços de parentesco foram sendo estabelecidos.” (CORTESÃO, 1955, p. 130-135).

Assim como na formação de São Paulo em Assunção os espanhóis adaptaram um traço cultural da sociedade Guarani, que estabelecia as relações de trabalho baseadas no parentesco, e passaram a utilizar-se da mão-de-obra das suas concubinas e de seus cunhados, pois não dispunham de recursos para comprar escravos negros. Muito embora a Igreja condenasse essa prática, a poligamia foi à condição de sobrevivência do colono europeu. “No caso do Paraguai, essa adaptação tornou-se condição de sobrevivência do adventício. Este ou se deixava assimilar, contribuindo para a formação de uma sociedade híbrida, pelo sangue ou se extinguiu...” (CORTESÃO, 1955. p. 10-11).

Com o despovoamento de Buenos Aires<sup>40</sup>, em 1545, iniciava-se um segundo momento da história do rio da Prata e do Paraguai. Encerrava-se a fase da conquista para ter início à colonização propriamente dita, na qual Assunção passou a ser a base onde se deveriam concentrar todos os esforços humanos e materiais com o objetivo de

---

<sup>40</sup> - Irala escreveu em sua carta de 1545, que não abandonou Buenos Aires, até o mês de junho deste ano aguardando a vinda de alguma possível armada. Mais adiante, revelou Irala, ter chegado ao Paraguai somente em 2 de setembro de 1545, levando-nos a acreditar que o tempo que utilizou para despovoar a cidade foi de aproximadamente dois meses.

organizar novas expedições rumo a Serra de Prata.<sup>41</sup> A partir desse momento, como em toda a conquista colonial, um só era o pensamento e o desejo dos conquistadores de Assunção: descobrir o caminho que havia sido percorrido por Aleixo Garcia e posteriormente por Juan de Ayolas, e, enfim, encontrar os tão sonhados metais preciosos e submeter finalmente os seus produtores.

“Com a despoblación de Buenos Aires comienza em la história Del Rio de La Plata y Del Paraguai uma segunda época: la de la colonización heróica, Del trabajo abnegado y de aislamiento, em o cual la Asunción se convirtió em una especie de Império de leyenda, perdido entre lãs selvas encantadas, llenas de rumores de tesoros, de um inmenso continente inexplorado.” (GANDÍA, 1932, p. 93).

Confirmada a morte de Ayolas, Irala se impôs como novo chefe dos conquistadores e ordenou que se preparasse uma nova entrada ao Chaco. Porém, foi surpreendido, juntamente com todos os moradores de Assunção, pela notícia de que Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, havia chegado às costas do Brasil e se dirigia ao Paraguai para ocupar o posto de Adelantado. Álvaro Nuñez partiu de Cádiz, em 2 de dezembro de 1540, com duas naus e uma caravela, juntando-se a outras caravelas que o esperavam nas ilhas Canárias, à frente de quatrocentos homens e quarenta e seis cavalos. Desses animais, poucos chegaram ao Paraguai. (GANDÍA, 1932, p. 97).

## **1.6 – O governo de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca.**

Álvar Nuñez Cabeza de Vaca, após uma longa viagem, desembarcou na ilha de Santa Catarina, então *Puerto de los Patos*, incluída em sua capitulação como possessão

---

<sup>41</sup> - Gandia entende que a conquista heróica termina quando os primeiros conquistadores pisaram as sonhadas terras do Paraguai e se estabeleceram nela. Para Gandia depois da expedição de Dom Pedro de Mendoza, começa a colonização; uma colonização que na realidade foi uma longa conquista; “... pero sus cimientos ya se hallaban echados y los habitantes de la Asunción hablaban com respeto de los “descubridores”, venidos com Caboto, y de los “conquistadores”, llegados com Mendoza, casi todos muertos, salvo algún viejo sacerdote a quien le llevaban los difuntos a sus casa para que los bendijese...” (GANDIA, 1932, p. 264).



espanhola, no dia 29 de março de 1541. Ao desembarcar, o Adelantado estabeleceu contato com os indígenas, procurando obter informações sobre os espanhóis que sua expedição deveria socorrer na região do rio da Prata. Em maio, do mesmo ano, Cabeza de Vaca, enviou Felipe de Cáceres, contador real, com uma caravela e oitenta homens para que entrassem pelo rio da Prata e fossem visitar o povoado que havia sido fundado por D. Pedro de Mendoza, Buenos Aires. Porém, por causa dos fortes ventos, que dificultavam a navegação pelo rio da Prata, foram obrigados a retornar. Ainda no mês de maio, após Cáceres ter regressado de sua mal sucedida tentativa de chegar a Buenos Aires, chegaram à Santa Catarina, nove espanhóis que haviam fugido de Buenos Aires, isso por causa dos maus tratos impostos por Irala, que já havia ordenado o despovoamento do local. Esses fugitivos relataram minuciosamente ao novo governador todos os fatos que haviam acontecido no Paraguai, desde a entrada de Ayolas no Chaco até a entrada de Irala, após a suposta morte de Ayolas. O governador, após ouvir o relato dos fugitivos, que afirmavam que em Buenos Aires haviam ficado sessenta homens e que era impossível subir com os cavalos rio acima, decidiu despachar os navios para Buenos Aires e seguir por terra, com os demais até Assunção. Essa atitude de Cabeza de Vaca contrariou Felipe de Cáceres e o piloto Antônio Lopes que entendiam que toda a armada deveria seguir por mar até Buenos Aires.<sup>42</sup>

Na esperança de encontrar um caminho que os conduzisse por terra firme a Assunção, Pedro Dorantes, feitor da expedição, juntamente com alguns espanhóis e alguns indígenas, que deviam servir de guias na expedição, cumprindo ordens dadas por Cabeza de Vaca, partiram de Santa Catarina. Passados três meses e meio, ao retornarem, relataram ao governador que haviam atravessado muitas terras, colinas e terrenos completamente abandonados, até que chegou a um lugar chamado “campo”, que é onde

---

<sup>42</sup> - CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. *Comentários*, 1987, cap. I, p. 123 – 130.

começa a terra povoada. O governador procurou se certificar de todas as informações sobre o local por onde pretendia realizar sua entrada por terra adentro. No dia 18 de outubro de 1541, seguiram com os vinte e seis cavalos que ainda restavam, trilhando provavelmente o caminho utilizado por Garcia <sup>43</sup>, deixando na ilha de Santa Catarina, cento e quarenta pessoas capitaneadas por Estopiñán Cabeza de Vaca, irmão do governador, para que embarcassem e fossem por mar até o rio da Prata, munidos de mantimentos suficientes para a expedição e para os que estavam aguardando algum socorro no porto de Buenos Aires. Antes de partir, o governador deu muitos presentes aos índios, o que fez com que muitos decidissem acompanhá-lo em sua entrada por terra adentro, dispostos a ensinar-lhe o caminho e também servi-lo em outras necessidades inerentes à viagem<sup>44</sup>. Cabeza de Vaca, ao chegar junto a uma população cujo chefe principal chamava-se Tapapiraçu, encontrou um índio chamado Miguel, que se ofereceu para guiar os expedicionários até a capital do Paraguai. Com isso, os índios que haviam sido guias até aquele ponto retornaram a Santa Catarina.

Seguindo em sua entrada, o governador e sua expedição, continuaram caminhando por entre os povoados de índios Guarani, sendo sempre bem recebido.

Após vários dias de caminhada, em 1º de dezembro, chegaram a um rio que os índios

---

<sup>43</sup> - Ernesto Guilherme Young, em seu estudo “*Apontamentos relativos a Aleixo Garcia*” (1907), diz não haver nada que o faça supor que de Santa Catarina a Assunção, Alvar Nuñez seguiu o mesmo roteiro feito por Aleixo Garcia. Para Young, somente no ano seguinte à chegada de Álvaro Nuñez a Assunção e que este procurou saber sobre o caminho que Garcia seguiu. Contudo, explica Young, não é de duvidar que durante o tempo em que Álvaro Nuñez permaneceu em Santa Catarina não tenha ouvido alguma notícia sobre semelhante viagem. (YOUNG, Ernesto Guilherme. *Apontamentos relativos a Aleixo Garcia*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: vol XII, 1907, p. 222).

<sup>44</sup> - Em seus *Comentários*, cap. I, p. 131 – 141, Cabeza de Vaca descreve sua emocionante trajetória até chegar a Assunção, onde diz ter seguido acompanhado por 250 arcabuzeiros e balisteiros além dos vinte e seis cavalos, dos dois frades e dos índios que o acompanhavam, tendo encontrado pelo caminho algumas povoações de índios guarani, com as quais estabeleceram contatos, e não movendo guerras contra os indígenas os expedicionários conseguiram muitos alimentos. Cabeza de Vaca parece se admirar com os guarani por esses serem lavradores, semearem milho e mandioca duas vezes por ano e criarem galinhas e patos, assim como os da Espanha. Esses índios possuem ainda muitos papagaios, ocupam uma grande extensão de terra e falam uma só língua. Mas também comem carne humana e tanto pode ser dos índios seu inimigos, dos cristãos ou de seus próprios companheiros de tribo. É gente muito amiga, mas também muito guerreira e vingativa. Cabeza de Vaca descreve ainda a dificuldade em atravessar os muitos rios e as longas jornadas que tiveram que percorrer até chegar a Assunção em 11 de março do ano de 1542.

chamavam de *Iguaçu*, que quer dizer “água grande.” Seguindo adiante, chegaram a um outro rio que os índios chamavam de *Tibagi*: “... que era todo ladrilhado, com lajes grandes e tão bem formadas como se ali tivessem sido colocadas pelo homem. Tivemos grande trabalho para atravessar aquele rio, pois tanto os cavalos como as pessoas resvalavam muito e, além disso, a correnteza era muito forte. A solução foi todos atravessarem abraçados.” (CABEZA DE VACA, 1987, p.132). No dia sete de dezembro, chegaram a um outro rio, que os índios denominavam *Taquari*, rio com boa quantidade de água e boa correnteza tendo em sua ribeira um povoado de índios cujo chefe principal se chamava *Abangobi*.<sup>45</sup>

Em janeiro de 1542, chegou Cabeza de Vaca ao rio *Piquiri*, onde voltou a escrever aos colonizadores de Assunção, pedindo que lhe enviassem alguns bergantins para que pudessem atravessar e chegar ao rio Paraná. Vencidas as dificuldades, depois de andarem mais alguns dias por terras despovoadas, padecendo grande fome, chegaram novamente ao rio Iguaçu, agora na altura de 25 graus e meio onde o governador foi informado, pelos nativos, que o rio Iguaçu, entra no rio Paraná, e que nesses rios, os índios haviam matado os portugueses que Martín Afonso de Souza havia enviado para descobrir aquelas terras e que, preparavam um assalto contra eles. Com o objetivo de se protegerem dos ataques e vigiarem as duas margens do rio, Cabeza de Vaca, determinou que deveriam seguir por dois caminhos diferentes: “Iria ele com parte do pessoal em canoas, rio Iguaçu abaixo, até encontrarem o rio Paraná. O restante do pessoal e os cavalos iriam por terra e se colocariam à margem do rio para proteger a passagem das canoas...” (CABEZA DE VACA, 1987, cap. I, p. 139).

Cabeça de Vaca, em seus *Comentários*, diz que assim procedeu e que, para tal, comprou algumas canoas dos índios e embarcou com oitenta homens rio *Iguaçu* abaixo,

---

<sup>45</sup> - *Comentários*, Cap. I, p. 133.

seguindo o restante por terra, devendo todos se juntar no rio Paraná. Mas, ao irem rio *Iguaçu* abaixo, era tão forte a correnteza que as canoas corriam com muita fúria, como evidencia nessa passagem dos *Comentários*:

“Logo adiante do ponto onde haviam embarcado o rio dá uns saltos por uns penhascos enormes e a água golpeia a terra com tanta força que de muito longe se ouve o ruído. De modo que foi necessário sair da água, tirar as canoas e conduzi-las por terra até passar aqueles saltos. Assim, à força de braços, as conduziram, por mais de meia légua passando grande trabalho. Vencido aquele obstáculo, voltaram a colocar, as conduziram por mais de meia légua, passando grande no Paraná. Quis Deus que a gente que ia por terra com os cavalos e os que iam por água com as canoas chegassem todos ao mesmo tempo.” (CABEZA DE VACA, 1987, p. 139 – 140).

Depois de realizada a ultrapassagem do rio Paraná, Cabeza de Vaca ficou em dúvida se realmente receberia a ajuda que havia solicitado aos colonizadores de Assunção, para realizar aquela travessia, que naquele momento já havia sido feita. Mesmo assim, os bergantins solicitados ainda lhe eram muito úteis, pois eram inúmeros os enfermos e não lhe parecia seguro deixá-los ali entre os indígenas. Frente a esse impasse, o governador, “... resolveu não esperar pela ajuda solicitada e decidiu enviar o enfermo rio Paraná abaixo em balsas, que ele próprio havia encomendado de um índio chamado Iguaron, que se ofereceu para ir junto até o lugar onde morava um outro índio, chamado Francisco, que fora criado entre os colonizadores e era empregado de Gonzalo de Acosta.” (CABEZA DE VACA, 1987, cap. I, p. 141).

Embarcados os enfermos, somando trinta homens, com eles seguiram cinquenta arcabuzeiros e balisteiros para dar-lhes a proteção necessária, enquanto o governador, partiu por terra com destino a Assunção, que segundo haviam lhe informado, os índios do rio Paraná, estava a nove jornadas dali. Consta que antes de partir, o governador

tomou posse do rio Paraná em nome de sua Majestade e os pilotos mediram a posição do local, que estava a 25 graus.<sup>46</sup>

Seguindo sua viagem, continuou o governador caminhando com seus demais companheiros de expedição por aquelas terras, deparando-se com alguns povoados de índios Guarani, sendo sempre bem recebido por eles, quando se deparou com um espanhol que vinha da cidade de Assunção para informar-se sobre sua chegada. Este, ao encontrar-se com o governador, relatou sobre a difícil situação dos que se encontravam em Assunção, os perigos que passavam e as necessidades que tinham de socorro, especialmente depois do ocorrido com Ayolas, pois eram constantes os ataques que os índios Agace faziam contra eles.

Sabendo de todos os fatos ocorridos, finalmente no dia 11 de março, do ano de 1542, Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, chegou à cidade de Assunção, que está assentada na ribeira do rio Paraguai, a vinte e cinco graus da banda sul, 120 léguas abaixo do porto de Candelária e distante 350 léguas do povoado de Buenos Aires, gastando no percurso de Santa Catarina a essa cidade 143 dias. O governador foi recebido festivamente pelos moradores de Assunção e por todas as autoridades presentes. Assumiu o governo do Paraguai, que estava interinamente nas mãos de Domingo Martinez de Irala, que a partir de então, deixou de ser governador e deveria se submeter às ordens de Cabeza de Vaca<sup>47</sup>.

Uma das primeiras providências que o novo governador adotou assim que chegou a Assunção, foi enviar dois bergantins com mantimentos a Buenos Aires. Reuniu gente experiente na navegação pelo rio Paraná, para que pudessem socorrer os cento e quarenta espanhóis, enviados por ele, a Buenos Aires, estando ainda em Santa

---

<sup>46</sup> - *Comentários*, cap. I - A pé de Santa Catarina ao Paraguai, p. 141.

<sup>47</sup> - *Comentários*, Cap. II – Chegada à cidade de Assunção – p. 143.

Catarina, antes de obter as informações de que Irala havia determinado despovoar o local. “Em seguida, ordenou que se tratasse logo de povoar novamente aquele porto, pois ele era de fundamental importância para toda aquela gente que residia em Assunção. Ali deveria ser feito os bergantins para subirem as 350 léguas rio acima, trazendo as pessoas e artigos que chegassem pelas naus vindas da Espanha.” (CABEZA DE VACA, 1987 cap. II, p. 145). Gandía, assim como Cabeza de Vaca, entende que nesse momento “... no se pensaba em Buenos Aires como en una escala para alcanzar la Sierra de la Plata, sino como en un puerto imprescindible para o comercio y la colonización de estas regiones.” (GANDÍA, 1933, cap. IV, p. 133).

Uma outra mudança proposta pelo novo governador, logo que chegou a Assunção, depois de ter ouvido as inúmeras críticas sobre os abusos que eram cometidos pelos oficiais de sua Majestade contra os habitantes nativos da região e que serviu para dificultar ainda mais o diálogo do novo governador com os antigos conquistadores de Assunção, foi ter determinado o fim da cobrança dos pesados impostos,<sup>48</sup> exigidos pelos colonizados espanhóis e que recaíam sobre a população indígena. No entender de Cabeza de Vaca, aquelas imposições eram o motivo principal das revoltas e ataques que os espanhóis sofriam por parte dos índios e que, por esse motivo, era possível de se explicar e também de se entender o estado de pobreza em que se encontravam os colonizadores de Assunção. Essa determinação, no entanto, despertou muito ódio entre os oficiais de Irala, por temerem que, com a perda desses impostos, fossem obrigados a buscar seu próprio sustento. A partir de então, por vias indiretas, os antigos conquistadores de Assunção, passaram a se opor às decisões

---

<sup>48</sup> - Em seus *Comentários*, cap. II p. 149, Cabeza de Vaca relata que os moradores de Assunção impunham altas taxações sobre os indígenas, que correspondiam a pagamentos em pescado, manteiga, mel, milho e outros mantimentos, além das peles com que se vestiam. Esses abusos e explorações faziam com que os índios se revoltassem e movessem ataques contra os colonizados dificultando ainda mais as condições de sobrevivência de todos.

tomadas pelo novo governador, dificultando sua administração. Frente a esses fatos, Cabeza de Vaca se viu obrigado a tomar medidas enérgicas contra os conspiradores, prendendo-os, o que dificultou ainda mais a sua relação com os antigos moradores de Assunção.

Enrique de Gandía tece algumas considerações importantes sobre a chegada de Cabeza de Vaca a Assunção, como novo governador, e o que esse fato representou para os antigos conquistadores já estabelecidos na região. Nas considerações de Gandía os antigos moradores de Assunção temiam a perda de seus cargos e privilégios e viram com maus olhos a chegada do novo governador, passando a contrariá-lo em todos os seus atos, dificultando sua administração. Considera Gandía que a primeira decisão tomada por Álvar Nuñez, ao chegar a Assunção, e que contrariou profundamente Irala, Alonso Cabrera e Garcí Venegas, foi ter ordenado Nuñez que fosse adiada, por mais algum tempo, a expedição que Irala havia preparado rumo ao Peru, em busca da Serra de Prata:

“Com esta expedición, Irala y los suyos perdían la ocasión de hacerse dueños de los tesoros de las Charcas, que suponían todavía sin conquistar, así como el descubrimiento de aquellas noticias misteriosas de que tanto hablaban los indios, que los habían atraído desde España y por las cuales habían despoblado Buenos Aires. Aunque la expedición se hiciese con Alvar Nuñez, es indudable que tanto el mérito como el botín recaerían sobre éste y su gente, y no sobre Irala y los suyos.” (GANDÍA, 1932, p. 107 – 108 ).

Dentre as inúmeras preocupações do novo governador, desde sua chegada a Assunção, destaca-se ainda o desejo de estabelecer a paz com os índios Agace, que eram temidos por todas as demais nações indígenas, por serem valentes e ousados e por terem, sob a bandeira da paz, provocado muitas mortes. Antes da chegada de Cabeza de Vaca a Assunção, os espanhóis já haviam travado guerra contra esses índios, estabelecendo depois a paz. Porém, os tempos de paz duravam pouco, porque os Agace, mesmo tendo aceitado o acordo de paz, continuavam atacando e saqueando os povoados

Guarani, causando grandes perturbações em Assunção. Cabeza de Vaca assim os descreveu:

“São homens de corpos imensos e andam como corsários em suas canoas pelo rio, saltando à terra, roubando e matando os Guarani, que têm como seus principais inimigos. Vivem da caça, da pesca e do que a terra dá, pois não são plantadores. Têm por costume prender os Guarani e levá-los amarrados nas canoas até as próprias terras destes, para então, em frente de seus pais, filhos irmãos ou mulheres, exigirem que lhes tragam de comer, caso contrário o matarão. Então os parentes do prisioneiro trazem enorme quantidade de mantimentos até encher-lhe as canoas. Feito isso, eles vão embora, mas ainda carregando junto o prisioneiro, e são raras as vezes que o soltam. Muitas vezes continuam a açoitá-los e acabam por degolá-lo, colocando sua cabeça fincada em um pau na margem do rio.” (CABEZA DE VACA, 1987, cap. II, p. 149).

Estabelecida a paz com esses índios, ficou determinado que não poderia os *Agace* andar pelo rio durante a noite, e mesmo durante o dia, só poderiam andar junto à margem oposta à que estavam assentadas as povoações dos Guarani e dos espanhóis. Não poderiam, ainda, intervir nas atividades de caça, pesca ou na lavoura dos espanhóis e dos Guarani. Deveriam devolver alguns índios Guarani que haviam feito prisioneiros e permitir que algumas índias *Agace*, que haviam sido trazidas para serem doutrinadas, pudessem continuar nessa santa obra.<sup>49</sup> Porém, o mesmo acordo de paz não aconteceu em relação aos *Guaykuru*.

As inúmeras queixas dos índios que habitavam próximos a Assunção, contra os *Guaykuru*, obrigaram o governador Cabeza de Vaca a se empenhar em organizar uma expedição, formada por espanhóis e Guarani, a primeira que se tem notícia na história das terras do Chaco, em busca dos *Guaykuru*, conhecidos e temidos por serem valentes, guerreiros e também muito ágeis. Sendo nômades, não permaneciam por muito tempo em um mesmo lugar e para conseguirem o necessário as suas sobrevivências, saqueavam outras comunidades, roubando o que estas produziam. Antes, porém, o governador pediu aos índios Guarani que lhe apresentassem provas dos danos que os

---

<sup>49</sup> - *Comentários*, Cap. II, p. 149.



Guaykuru lhes haviam feito. Após obter as informações que considerou serem necessárias, o governador mandou chamar os religiosos, que ali estavam, para aconselhar-se com eles se deveriam ou não declarar guerra contra os Guaykuru. Após discutirem o assunto, foi concenso da maioria, que era necessária a guerra contra os Guaykuru, que muitos transtornos já haviam causado a todos os moradores daquela região.

Após uma frustrada tentativa de estabelecer acordos de paz com os Guaykuru, o governador saiu de Assunção, em 12 de Julho de 1542, com duzentos arcabuzeiros e balesteiros, juntando-se a eles mais doze a cavalo, e seguiram em direção a um povoado vizinho chamado *Tapua*, localizado a quatro léguas de Assunção. Nesse local, deveria o governador, juntamente com toda a sua comitiva, cruzar o rio Paraguai. Para realizar a travessia do rio Paraguai, Cabeza de Vaca já havia providenciado dois bergantins, que se juntaram às muitas canoas que os índios trouxeram para a travessia dos arcabuzeiros e dos cavalos. Feita a travessia, puderam finalmente se juntar aos demais Guarani que para lá se dirigiam. “Pelo caminho, o governador já foi recebendo a adesão de grandes esquadrões de índios, sendo coisa linda de se ver a maneira organizada como seguiam, pintados e ornados com penas de papagaios, levando seus instrumentos de guerra e tocando seus atabales e flautas.” (CABEZA DE VACA, 1987, cap. II, p. 152).

Muito embora os Guarani estivessem em maior número, em relação aos Guaykuru, Cabeza de Vaca relatou ser visível o medo que esses índios sentiam, parecendo faltar-lhes coragem para enfrentar os inimigos. “Este temor aumentou ainda mais quando rompeu o dia e os Guaykuru despertaram com o seu costumeiro ritual de tocar os tambores e conclamar as outras nações a virem se juntar a eles, que eram poucos, mas valentes, sendo senhores de todas aquelas terras e de toda a caça que por ali havia.” (CABEZA DE VACA, 1987, cap. II, p.157).

Amedrontados, frente à bravura dos inimigos, os índios que acompanhavam o governador, não ousaram enfrentá-los e fugiram em direção dos montes, buscando abrigarem-se dos ataques. Percebendo que não poderiam mais contar com a ajuda dos Guarani, o governador ordenou a D. Diego de Barba que preparasse a artilharia e ao capitão Salazar que aprontasse a infantaria. Mandou ainda que preparassem os cavalos e, formando dois esquadrões, partiram para cima dos inimigos. Como os Guaykuru nunca haviam visto cavalos, pois até então esses animais eram desconhecidos deles e por grande parte das comunidades indígenas da América, ficaram espantados frente a um animal tão grande, forte e ágil, o que fez com que fugissem apavorados. Com os Guaykuru aparentemente derrotados e em fuga, o governador continuou em sua perseguição e estando muito cansado, acampou com sua gente e no dia seguinte iniciaram a viagem de volta para Assunção. Em seu retorno, continuaram sofrendo vários ataques dos Guaykuru inimigos, quando finalmente chegaram à margem do rio Paraguai, onde haviam ficado os bergantins e as canoas. Feita a travessia, continuaram caminhando até chegar a Assunção, onde Cabeza de Vaca havia deixado Gonzalo de Mendoza como capitão com cerca de duzentos e cinquenta homens.<sup>50</sup>

Aproveitando-se da ausência do governador, os Agace, que embora houvessem selado um acordo de paz, ao serem informados de que na cidade de Assunção, havia ficado pouca gente, pois a maioria seguiu junto ao governador no combate aos Guaykuru, voltaram a atacar. Os espanhóis decidiram, então, declarar guerra contra os Agace e ao mesmo tempo conseguiram estabelecer um provisório acordo de paz com os Guaykuru.

---

<sup>50</sup> - *Comentários*, cap. II, p. 160–161.

Restabelecida a paz em Assunção, Álvar Nuñez, mandou chamar os religiosos, clérigos e oficiais de sua Majestade<sup>51</sup>, dizendo-lhes que queria descobrir todas aquelas províncias e que nada e nem ninguém deveria servir de obstáculo para que pudesse alcançar seu objetivo. “Que se deveria buscar caminho por onde se colocasse em prática a entrada pela terra, sem perigo e menor perda de sua gente por onde houvesse povoações de índios e abastecimentos, mas afastando-se das áreas despovoadas e dos desertos.” (CABEZA DE VACA, 1987, cap. III, p.167). O governador também convocou todos os chefes principais dos Guarani e relatou a eles sua pretensão em descobrir as povoações e os mistérios daquela região, mas antes, precisava enviar alguns espanhóis para que investigassem o melhor caminho a ser seguido, e pediu aos chefes alguns índios para servirem de guia. Os chefes principais concordaram em auxiliar o governador, em tudo o que viesse a precisar, inclusive muitos se ofereceram para guiar os expedicionários.

Enquanto esses índios se preparavam para partir, Cabeza de Vaca mandou preparar três bergantins, com mantimentos e os utensílios necessários e os entregou ao capitão Domingo Martinez de Irala, para que, junto a mais noventa conquistadores, os conduzisse rio Paraguai acima, por aproximadamente três meses e meio, buscando obter informações sobre a região. “Estes três navios de cristãos partiram aos vinte dias do mês de novembro do ano de 1542, levando três espanhóis intérpretes e aqueles índios que haveriam de fazer os descobrimentos.” (CABEZA DE VACA, 1987, cap. III, p.169).

---

<sup>51</sup> - Nos Comentários. Cap. II, Álvar Nuñez cita as autoridades presentes: “Estavam ali reunidos o comissários e frei Bernaldo de Armenta mais frei Alonso Lebrón; da ordem de São Francisco; frei Juan de Salazar, da ordem das Graças; frei Francisco de Andrade, o bacharel Martín de Almenza, e clérigos da igreja da cidade de Assunção.” (*Comentários*, 1987, p. 168) .

Após passarem-se vinte dias desde que partiram de Assunção, os três espanhóis e mais os 800 índios Guarani, guiados pelo cacique Aracaré,<sup>52</sup> que dominava todo o Chaco Setentrional, retornaram a Assunção. Tendo em vista o fracasso da expedição guiada por Aracaré, outros índios da região se ofereceram ao governador para levarem os espanhóis para que pudessem descobrir aquelas terras. Aproveitando-se da disposição dos índios em prestar ajuda, quatro espanhóis, experientes em descobrimentos de terras, pediram ao governador para providenciar uma nova expedição, e aos quinze dias do mês de dezembro de 1542, partiram com suas canoas rio Paraguai acima até o porto das Pedras, tendo outro grupo seguido por terra até esse local. “A partir dali deveriam fazer a entrada que passaria inclusive por terras de Aracaré, que mais uma vez voltou a agir, para desarticular também esta nova expedição.” (CABEZA DE VACA, 1987, p. 171).

Aos quinze dias do mês de fevereiro de 1543, retornou para Assunção Domingos Martinez de Irala, com os três bergantins que havia levado para fazer as descobertas rio Paraguai acima. Em seu retorno, Irala relatou ao governador tudo o que havia sucedido com sua expedição desde que saíram de Assunção, no dia 20 de outubro de 1542, navegando rio acima, até que no dia seis de janeiro de 1543, chegaram a uma grande lagoa cercada de montanhas, a lagoa Gahyva, a qual deu o nome de *Puerto de los Reis*, a cem léguas do Porto Candelária, em comemoração ao dia de sua chegada, seis de janeiro de 1543, dia de Santos Reis. Esse lugar acabou se tornando mais importante que o próprio Porto Candelária, de onde partiu Ayolas em direção às terras do interior do Chaco. *Puerto de los Reis* estava a 17° graus de latitude sul, distante do Porto

---

<sup>52</sup> - Nos *Comentários*. Cap II, Álvaro Nuñez relata que o cacique Aracaré posteriormente se arrependeu em oferecer ajuda aos espanhóis, passando a contrariá-lo: “... por onde passavam iam colocando fogo na vegetação, o que era contra o costume dos que iam fazer descobrimentos, pois com isso os índios eram avisados de sua chegada e vinham atacá-los.. Além disso, o Aracare publicamente ia dizendo aos índios que voltassem e não ensinassem o caminho para os cristãos, porque estes eram maus. Com aqueles posicionamentos o grupo de entrada foi sendo desarticulado e desamparado, tendo os três espanhóis resolvido retornar juntamente com os índios que lhes eram fiéis.” (*Comentários*, 1987, p. 169 - 170).

Candelária 2º graus e 40' e era habitado pelos índios Cacociés Chanes, que criavam patos e galinhas e tinham grandes plantações de milho e mandioca. Esses índios lhe informaram que existia um caminho para o interior das terras, pelo qual andou Irala durante três dias, não encontrando nas margens do rio um lugar que lhe parecesse propício para se fazer a entrada e o reconhecimento da região, porém, viu entre os índios muitos adornos e utensílios de ouro e prata. Esses índios, segundo Irala, se dispuseram a guiar e a ensinar o caminho aos expedicionários, demonstrando um certo desejo de estabelecer relações de amizade com os espanhóis a fim de conhecerem seu governador.<sup>53</sup>

Após ouvir os relatos de Irala, Cabeza de Vaca ordenou que se fizesse uma nova expedição ao *Puerto de los Reis*, propondo-se a comandá-la pessoalmente à frente de 400 espanhóis arcabuzeiros e besteiros, 1200 índios auxiliares com 12 cavalos, 10 bergantins e 120 canoas, embarcações que haviam sido construídas pelos próprios assuncenhos para serem utilizadas nessa expedição. A expedição partiu de Assunção, no dia oito de setembro de 1543 e seguiu dividida em duas comitivas, devendo uma seguir por água e outra por terra. A comitiva que seguiu por terra, com os cavalos, foi orientada a ir acompanhando a margem direita do rio, para que se encontrassem aos demais em um lugar, a ser combinado, às margens do rio Paraguai, em São Fernando, onde foram embarcados nos navios. Em Assunção, o governador deixou como seu *lugar teniente*, Juan de Salazar com aproximadamente duzentos homens, encarregados de realizar melhoras na cidade, construir uns bergantins e terminar uma caravela, com a qual, ao retornarem, pretendiam ir à Espanha relatar ao rei todos os episódios ocorridos nessas terras.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup> - *Comentários*, Cap. III, p. 175.

<sup>54</sup> - *Comentários*, Cap. IV, p. 182.

Cabeza de Vaca, em sua entrada, atravessou o território ocupado pelos Guarani, o qual se estendia de Assunção ao Fecho dos Morros, onde foi informado pelos índios da região que os demais expedicionários que seguiam por terra haviam passado em suas terras e seguiriam com destino ao *Itabitam*, que se supõe ser o antigo nome do Forte Olimpo, onde ficariam esperando o restante da expedição. Consta que nesse local o governador se encontrou com seus demais companheiros de expedição. Do *Itabitam*, atual Forte Olimpo, para cima, até Corumbá ou pouco mais acima, até o Porto de Candelária, dominavam os índios Payaguá ou Guaxarapo. “El 12 de octubre de 1543 Alvar Nuñez llegó al puerto de la Candelária, donde se informó de algunos indios de la muerte de Juan de Ayolas y de las sessenta y seis cargas de oro e plata que le habían robado. Seis días más tarde, Alvar Nuñez se adelantó al puerto de los Guaxarapos...” (GANDÍA, 1932, p. 140).

Cabeza de Vaca levava consigo um índio Guarani, que conhecia bem a língua, os costumes e a região habitada pelos Guaxarapo. Esse índio lhe serviu como intérprete, procurando obter dos Guaxarapo algumas informações sobre onde estavam estabelecidos seus povoados. Os índios Guaxarapo explicaram ao governador que, próximo de onde estavam, havia um outro rio que entrava pelo Paraguai e que esse rio, embora fosse bem menor, possuía fortes correntezas, “... que os antigos diziam que por ali viera Garcia, o português, que entrou por aquelas terras com muitos índios, fazendo a guerra à gente dali, destruindo muitos povoados...” (CABEZA DE VACA, 1987, p. 191). O índio continuou relatando ao governador que por aquelas terras havia outros índios, chamados Chanê que, ao fugirem de Garcia, haviam se juntado com os índios Sococies e xaquetes, que vivem perto do *Puerto de los Reis*.

O governador, prosseguindo em sua entrada, chegou à foz do Miranda, *Yapaneme dos Guaxarapo*, e conseguiu obter desses índios informações sobre Aleixo

Garcia e sobre a região que iriam percorrer. Continuou então o governador seguindo pelo rio Paraguai até que chegou a uma parte em que o rio se dividia em três braços, sendo que um dos braços era uma grande lagoa, mas que os índios chamavam de rio Negro, que corre para o norte terra adentro, e os outros dois braços se encontram mais abaixo. O governador foi seguindo e atravessou a região alagadiça dos *Xaraés*, uma vasta planície entre o rio Paraguai e o rio Cuiabá, São Lourenço, Taquari e Miranda, cujas águas a inundam, transbordando periodicamente, ocasionando as cheias do Pantanal, fenômeno, que antes de ser compreendido pelos antigos conquistadores, foi comparado ao mar, *O Mar dos Xaraés*, chegando finalmente à lagoa *Gahyva*, que Irala havia denominado de *Puerto de los Reis*.

O governador tomou posse dessa região para a coroa espanhola e estabeleceu, nesse porto, uma base de operações que pudesse lhe dar o necessário auxílio nos reconhecimentos que pretendia realizar. Para tal, procurou estabelecer relações com os índios *Xaraés*, que eram numerosos e dominavam as vastas planícies inundáveis do pantanal, enviando dois de seus oficiais, com vinte espanhóis, à aldeia do cacique Camire, que era o chefe dos *Xaraés* para que pudessem obter desse chefe algumas indicações relativas ao objetivo principal da expedição: “Descobrir o caminho do Peru e apoderar-se das fabulosas riquezas que tanto excitavam a cobiça dos espanhóis.” (COSTA, Antônio, 1918, p. 36).

No retorno da expedição ao *Puerto de los Reis*, os espanhóis seguiram acompanhados por vinte índios *Xaraés*, até o aldeamento dos Altaneses e desse ponto em diante, continuou com os conquistadores somente o índio Guarani que, por ordens do cacique Camire, deveria servir de guia. Este, ao ser interrogado por Cabeza de Vaca a respeito do caminho que os conduziria ao Peru, respondeu-lhe que pertencia à tribo dos Guarani, que habitava com os seus em *Itatin*, à margem do rio Paraguai quando sua

nação se reuniu para fazer guerra aos índios do Chaco, e que era muito jovem, mas mesmo assim se juntou aos demais que invadiram aquela região, assaltando as povoações e tomando-lhes muitos objetos e adornos de ouro e prata. Os índios que estavam sendo perseguidos, primeiro foram recuando e depois fugiram para o interior das terras chaquenhas, onde se reuniram a outros e, em grande número, vieram ao encontro dos invasores, matando-os e recuperando tudo o que estes lhes haviam roubado. Os inimigos, escondidos nos varadouros, por onde tinham de passar, armaram-lhes inúmeras emboscadas e foram poucos os que conseguiram escapar, sendo que ele só conseguiu sobreviver porque se embrenhou nas matas, chegando à aldeia dos Xaraés, onde foi bem recebido. Disse-lhe, ainda, que quanto ao caminho para o interior das terras, por ter já se passado muito tempo, não se recordava direito, mas que talvez se voltasse a percorrê-lo, pudesse se lembrar. “Que o dito caminho começava de um monte alto e redondo que dali do *Puerto de los Reis* se avistava, e que indo por ele, com cinco dias de jornada, chegariam às terras povoadas, onde abundavam mantimentos, pois as aldeias destruídas pelos da sua geração estavam reconstituídas e a região era farta de caça e mel.” (COSTA, Antônio, 1918, p. 44).

De posse dessas informações, Cabeza de Vaca resolveu realizar a exploração do interior das terras chaquenhas, mas foi obrigado a desistir, por causa das dificuldades em romper a mata, pela falta de víveres à sua expedição e porque o índio que lhe servia de guia, confuso, confessou não se recordar do caminho. O governador então determinou que o capitão Francisco de Ribera, com mais seis espanhóis e alguns índios prosseguissem, voltando a *Gahyva*, onde encontrou em precárias condições a guarnição que ali ficara. Ribera acabou ficando sozinho em sua missão, pois os índios que o acompanhavam fugiram, sendo obrigado a regressar ao *Puerto de los Reis*, sem fazer o reconhecimento das terras do interior. Completamente abandonados e sitiados pelos



índios agora revoltados com os conquistadores, no *Puerto de Los Reis*, o governador foi perdendo seus melhores soldados, e após quatro meses de muito sofrimento embarcaram de volta para Assunção.

Ao chegar a Assunção, foi o governador surpreendido com uma conspiração que se tramara em sua ausência. Doente, foi deposto do governo, preso, e deportado para a Espanha, onde faleceu<sup>55</sup>. Para ocupar o seu lugar, como governador, os moradores de Assunção elegeram provisoriamente, Dominguez Martinez de Irala que, na verdade, juntamente com os outros conquistadores que se opunham ao governo de Álvaro Nuñez foi quem iniciou o processo de calúnias e difamações contra Álvaro Nuñez, fazendo com que os moradores de Assunção acreditassem que o governador iria tomar-lhes suas terras e suas índias e dividir entre os que haviam seguido com ele, em sua expedição pelo interior do continente sul-americano, procurando descobrir o caminho que teria feito Aleixo Garcia, em busca da Serra de Prata. Ulrico Schmidel em seus *Relatos*, assim se refere a esse episódio:

“Conforme a lo pactado, el contador, el tesorero y el secretario por su Majestad, a saber Alonso Cabrera, Francisco de Mendoza y García Vanegas, tomaron doscientos hombres y prendieron a Alvaro nuestro capitán general cuando menos lo esperaba. Y esto sucedió el día de San Marcos del año 1543, en abril, y liu tuvieron preso un año entero, hasta que se aparejó un barco, que se llama carabela, com bastimentos, gentes y lo que es menester para la navegación, y enviaron al dicho capitán general a Su Cesárea Majestad com otros dos caballeros...” (SCHMIDEL, 1986, p. 76).

A prisão e a deportação do governador dividiu a opinião dos espanhóis, que por aproximadamente dois anos, passaram a trocar mútuas acusações de traição, período que pode ser comparado a uma verdadeira guerra civil, tendo, de um lado, os partidários

---

<sup>55</sup> - “Depois de algumas excursões, em que se manifestou feroz o despeito de Irala por não ter sido nomeado Adelantado, rompeu entre os expedicionários uma revolta contra Cabeza de Vaca, capitaneada ocultamente por Irala, ele foi deposto e preso, conservando-se na prisão cerca de onze meses, de onde foi mandado, sob guardas, para a Espanha, com denúncias graves forjadas pelos seus perseguidores. Na Espanha Cabeza de Vaca foi absolvido e declarado inocente pelo Conselho das Índias.” (RIBEIRO, João Coelho. “Ulrich Schmidel notícias biográficas.” In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: vol. X, 1905, p. 35).

de Cabeza de Vaca, os Alvaristas, e do outro, os seguidores de Irala. Aproveitando-se das rixas entre os espanhóis, os índios Cário, do Paraguai, que outrora eram aliados dos espanhóis, frente a esse impasse, decidiram por aliarem-se aos seus tradicionais inimigos, os Agace, e aproveitaram para se rebelar contra os invasores europeus. Foi então que os conquistadores entenderam como aquela frente indígena poderia ser muito perigosa e prejudicial para a concretização de seus objetivos, que visava implantar definitivamente a colonização espanhola na região. Pois, com essa divisão entre os espanhóis, os índios se sentiram fortalecidos. Uma divisão entre os conquistadores representava para a população indígena há muito descontente a oportunidade para se rebelar contra as imposições que lhes eram impostas pelos espanhóis. Então, os espanhóis, visando cumprir as metas que haviam estabelecido em seus planos de colonização, se viram obrigados a permanecerem unidos, pois só assim, poderiam continuar tendo o controle da situação e decidiram por fazer as pazes.

### **1.7 – O governo de Dominguez Martinez de Irala.**

Estabelecida a paz entre os conquistadores de Assunção, o expansionismo assuncenho voltou a ser comandado por Irala que seguiu lutando contra os indígenas. As sucessivas investidas contra a população indígena garantiram aos espanhóis que obtivessem grandes vitórias, essas lutas trouxeram como resultado a morte de milhares de índios. Assim, por volta do ano de 1546, os indígenas, após sofrerem tantos massacres contra seus povoados, acabaram se rendendo ao domínio espanhol. Em 1547, Irala, após sufocar violentamente as insurreições indígenas, voltou a ter o controle da situação e decidiu por organizar uma nova expedição em busca da Serra de Prata, com o objetivo de conquistar Potosí e se apoderar de suas riquezas. Essa expedição navegou

pelo rio Paraguai até o Pão de Açúcar, onde Irala deixou uma guarnição, para que protegessem as embarcações, e seguiu por terra em direção ao Peru. Junto com Irala seguiram alguns espanhóis e um grande número de índios Guarani. No ano de 1548, depois de tantos combates e sofrimentos, Irala e seus demais companheiros, chegaram ao território de Charcas, em terras peruanas, na mesma região onde havia chegado, alguns anos antes, Aleixo García e Juan de Ayolas, e para surpresa e decepção de todos os que o acompanhavam, nessa expedição, foi quando finalmente os espanhóis de Assunção constataram que aquelas terras já estavam ocupadas por outros espanhóis vindos da costa Ocidental, que ali chegaram antes dos assuncenhos e já haviam organizado núcleos de povoamento e se apossado das riquezas que tanto cobiçavam os conquistadores e colonizadores do Paraguai, uma vez que a colonização como afirmou Gandía foi, na verdade, uma longa conquista.

É sabido que antes dos conquistadores vindos de Assunção, Pizarro, no ano de 1531, já havia se apossado das riquezas metálicas do Peru, garantindo a posse espanhola sobre a região. O mito da Serra de Prata chegou, de forma melancólica, ao fim e, com ele, também, o sonho dos colonizadores de Assunção de se tornarem donos das riquezas que esperavam encontrar, e que para tal, não mediram esforços, numa busca incessante, fazendo-os arriscarem suas próprias vidas em ousadas e perigosas expedições. Atingir a Serra de Prata era a meta principal dos povoadores do Paraguai desde o começo da conquista, sem pensar, em momento algum, que as riquezas que tanto sonhavam encontrar já haviam sido descobertas.

Os assuncenhos, comandados por Irala, decepcionados e frustrados com os fatos, ao qual se depararam, foram forçados pelo governador do Peru, la Gasca, a retornarem à sua base em Assunção e abrir mão dos seus sonhos de se apossarem das riquezas metálicas do Peru. No retorno da expedição, Irala e seus companheiros, empreenderam

guerras contra os índios chaquenhos, escravizando-os e levando-os para Assunção. “A unas cuarenta leguas el Puerto de San Fernando, los indios mbayá, por temor que tenían de los cristianos, quemaran sus casas y huyeron; pero Irala mandó a los indios Cario (Guarani) que lo acompañaban, que podrían ser hasta dos ou tres mil hombres de guerra, que les hiciesen la guerra, y así mataron y prendieron tantos...” (GANDÍA, 1932, p. 236).

Com o fim das ilusões em torno do mito da Serra de Prata e do “rei branco”, fator que inicialmente serviu para impulsionar as sucessivas expedições em direção ao oeste, adentrando o interior do continente sul-americano, os espanhóis de Assunção, não mais ousaram explorar o território ao norte e noroeste do rio Taquari. Essa nova realidade forçou os espanhóis a adotar novas perspectivas para a conquista da região platina. Seguiram fundando núcleos de povoamento, buscando estabelecer novas vias de comunicação e comércio, no sentido leste e sul, com o objetivo de expandir a província do Paraguai. Foi com esse objetivo que, no ano de 1553, Irala fundou o Porto de San Juan, na costa oposta de Buenos Aires, para servir de escala aos navios vindos da Europa. Porém, a fundação desse porto, por Irala, não obteve o êxito esperado, pois os índios Charrua e Chana, descontentes com os colonizadores, organizaram vários ataques ao novo núcleo e impediram o seu desenvolvimento, obrigando os moradores a abandonarem o lugar.

Segundo Bastos, foram vários os fatores que colaboraram para que os assuncenhos desistissem das expedições rumo ao Peru. Dentre os fatores mais importantes destacou: “o desgaste do mito da Serra de Prata, a fragmentação da Província Gigante de Indias, o interesse assuncenho em romper o isolamento em que se encontrava e a necessidade de abrir puertas para la tierra.” (BASTOS, 1979, p. 69). Para Bastos, esses foram os principais fatores que fizeram com que o expansionismo

assuncenho sofresse uma mudança de 180 graus em suas diretrizes, tanto em seu sentido geográfico, como também, em seu conteúdo socioeconômico de ocupação territorial. É o próprio Bastos, quem concebe a ideologia expansionista de Irala como uma síntese do pensamento assuncenho nesse período. Irala entendia que as áreas mais importantes para a efetiva colonização do Paraguai eram Guaíra e Itatins. A primeira teria a função de estabelecer a ligação entre Assunção e o litoral de Santa Catarina. E para tal, nessa região, dever-se-ia fundar um porto que servisse de ligação entre o Paraguai e a Espanha. “As fundações espanholas em Guairá, respondem, pois a um conflito entre as duas áreas coloniais Ibéricas. Também representam o interesse em estabelecer ligações entre Assunção e o litoral da província de Mbiazá. Vincula-se também a ocupação do Guairá ao problema das encomiendas.” (BASTOS, 1979, p. 70).

Em Assunção, a aliança entre espanhóis e índios Guarani se estabeleceu por meio das relações de parentesco e eram como “parentes” que os índios estavam acostumados a servirem aos espanhóis. A princípio não ficou muito claro como a utilização da *encomienda* poderia ser adaptada à realidade existente no Paraguai colonial e, por um período de aproximadamente 20 anos, permaneceu uma certa indefinição quanto a sua utilização pelos colonizadores de Assunção. Mas mesmo assim, no Paraguai, surgiram fortes pressões favoráveis à adaptação e à utilização dessa instituição. Tais pressões refletiam o desejo dos colonos de Assunção que esperavam obter o mesmo retorno que obtiveram os conquistadores do Peru ao se utilizarem dessa instituição e, também, o objetivo das autoridades espanholas em ter uma estrutura uniforme e única em todos os territórios pertencentes e sobre o domínio da Coroa. A *encomienda* só se instituiu formalmente no Paraguai no ano de 1556, quando cerca de cem mil índios, que viviam em torno de Assunção, foram divididos em concessões de tamanho relativamente pequeno, de trinta a noventa tributários em cada uma, o que

causou grande descontentamento entre os colonizadores, a quem os índios deveriam servir como mão-de-obra.

Diante da especificidade existente no Paraguai, inicialmente, os espanhóis de Assunção começaram a considerar como *encomiendas*, suas próprias concubinas, servos e parentes índios que era quem lhes prestava serviços. Como no Paraguai colonial havia pouco excedente agrícola a ser retirado da população indígena, além de não existir minas de ouro e prata e nem mesmo um mecanismo de coleta de impostos, o que o diferenciava das áreas centrais, México e Peru, os índios que deviam servir aos colonos como *encomendados*, continuaram a prestar serviços pessoais na casa ou nos campos do *encomendero*. A ausência de intermediários proporcionou aos índios Guaraní das *encomiendas* um contato freqüente e direto com seus *encomendero* e, desse modo, no Paraguai colonial existiu apenas uma única estrutura, onde os espanhóis ocupavam um nível superior, em relação aos índios, mas dispunham de uma economia frágil, sem muitas moedas, com acesso limitado a mercadorias importadas, e os poucos recursos de que dispunham eram basicamente de subsistência, da qual participavam tanto espanhóis como índios, muitas vezes, com acentuado destaque para as relações de parentesco.

Sabemos que a primeira geração de espanhóis que se estabeleceu em Assunção não mediu esforços na tentativa de encontrar riquezas minerais, e como não puderam fazer uso das riquezas que esperavam conquistar, se viram obrigados a buscar algumas alternativas para que pudessem desenvolver a economia colonial. Para tal, optaram por oferecer alguns de seus produtos locais para que pudessem ser vendidos na rota do comércio para o Peru. Dentre os produtos locais de que dispunham os colonizados de Assunção, destacou-se o couro, o fumo e a erva-mate. Desses produtos, o couro nunca chegou a representar grandes lucros, pois sofria forte concorrência com o produzido em Tucumán, e que era de melhor qualidade. O fumo também nunca chegou a representar

grandes lucros. Somente o comércio da erva-mate, que era o produto mais apreciado durante os séculos XVII e XVIII gerou algum capital na economia do Paraguai, mas mesmo o mercado da erva-mate era limitado, por causa do isolamento em que se mantinha o Paraguai.

## CAPÍTULO II

### A PRESENÇA ESPANHOLA NO GUAIRÁ E NO ITATIM NO SÉCULO XVI.

“A verdade histórica existe na medida em que a história não é uma fantasia: é feita a partir de fatos e processos sociais. Ao mesmo tempo, é objeto da interpretação do historiador. A história não apresenta uma verdade absoluta.” (FAUSTO, 2002, p. 91).

Desvendados os mistérios em torno do mito da Serra de Prata e do “Rei Branco” configurou-se uma nova realidade histórica para os assuncenhos, os quais, desde a expedição de Juan Díaz de Solís até a expedição conquistadora e colonizadora de D. Pedro de Mendoza, haviam se preocupado em ocupar posições privilegiadas e estratégicas em relação à metrópole concorrente, acelerando, assim, a rivalidade entre ambas as monarquias ibéricas em terras do continente sul-americano. Para Sérgio Buarque de Holanda, a fundação de Assunção é fruto dessa rivalidade, uma vez que para o autor: “A posse de Assunção, mesmo que não significasse posse de riquezas novas, somadas a tantas outras que tinham ajudado Castela, de repente, a converter-se em potência universalmente respeitada ou invejada, colocava-a numa posição central, que lhe daria a chave da conquista de todo continente, bloqueando todas as possibilidades de acesso dos de Portugal às minas de metais preciosos.” (HOLANDA, 1986, p. 119).

Por uma determinação do rei da Espanha, com o objetivo de proteger e assegurar para si a posse da extração de metais da região de Potosi e evitar os desvios do metal, feito por rotas alternativas que fugiam ao controle da metrópole, no ano de 1552, o rei



decidiu proibir os colonizadores estabelecidos em Assunção, de organizarem novas expedições em busca da mitológica Serra de Prata:

“A existência da prata de Potosi aumenta as preocupações do governo espanhol em isolar totalmente as regiões mineiras. Todas as medidas são tomadas para impedir o desvio do precioso metal. Regime de porto único, sistema de frotas e galeões, fixação de rotas contingentes e interdição de caminhos considerados ameaças ao monopólio espanhol, foram expedientes que contribuíram para o confinamento do Paraguai” (BASTOS, 1979, p. 73).

Junto a essa determinação, constava ainda que não poderiam os assuncenhos participar e nem usufruir das descobertas metálicas de Potosi, pois essas possessões da América já haviam sido incorporada ao domínio espanhol por Pizarro no ano de 1531. No entanto, tais restrições não conseguiram impedir que as colonizadoras de Assunção deixassem de procurar pelas riquezas que imaginavam e ambicionavam encontrar, principalmente, metais e pedras preciosas. Motivo que, apesar das dificuldades, foi o fator determinante para a permanência e ocupação do interior do continente sul-americano pelos espanhóis. Nas palavras de Taunay: “A alucinação dos europeus emigrados para o Novo Mundo visava os metais nobres, mercadorias de que havia verdadeira fome na Europa da Renascença. Que valiam terras da América sem minas?” (TAUNAY, 1975, p. 19).

Movidos pelo desejo de encontrar novas fontes de riquezas e diante das novas possibilidades que se apresentavam, os assuncenhos, orientados por Irala, deram início, a partir de princípios de 1553, à consolidação de uma política expansionista. Assim, Irala buscava viabilizar recursos, que julgava ser necessários para desenvolver o seu projeto de expansão territorial. Para Irala duas eram as áreas de grande importância para garantir o expansionismo assuncenho: Guairá e Itatim. Guairá, na análise que Irala fazia da geopolítica colonial do Paraguai, teria a função de estabelecer ligações entre Assunção e o litoral de Santa Catarina. Nessa região deveria ser fundado um porto para

servir de ligação entre o Paraguai e a Espanha. Quanto ao Itatim, os motivos que levaram os espanhóis a se estabelecerem nessa região estão relacionados ao fato de que a Província Jesuítica do Itatim constituía-se em uma possível passagem, ou seja, encontrava-se no caminho para o Peru. Sendo assim, quebraria o isolamento em que se encontrava Assunção. Outro fator importante estava relacionado ao problema das “*encomiendas*” e ao fato de que estando os povoadores de Assunção, descontentes com o número de índios que haviam recebido como encomendados, saíssem a procura de novos territórios cujos habitantes pudessem dominar e submeter a tal prática:

“A mão-de-obra indígena representava a única riqueza que podia o colono possuir, em território pobre de minério como o Paraguai e onde, devido à relativa abundância, as terras não eram compradas e nem adquiridas e, sim, obtidas por real doação. Assim a riqueza e prestígio de um indivíduo eram medidos pelo número de *encomendas* por ele possuídas.” (GADELHA, 1980, p. 77).

Dentre os motivos que contribuíram para o estabelecimento dos povoadores de Assunção nas regiões do Guairá e também no Itatim, o que implicou, por sua vez, o surgimento de novos núcleos de povoamento nessas regiões, caracterizando o período expansionista assuncenho, cujo apogeu foi marcado pelas fundações de Buenos Aires, Ontiveiros, Cidade Real, Vila Rica e Xerez, podemos acrescentar também o desejo de encontrar novas riquezas metálicas, sonho que ainda rondava o imaginário da época, bem como assegurar a posse espanhola sobre a região do Prata, frente às penetrações portuguesas oriundas do Atlântico; expandir a província do Paraguai e garantir uma saída, por terra, para o Atlântico; retirar Assunção do isolamento ao qual estava condenada e submeter o elemento indígena, localizado nas margens dos rios Tietê, Paranapanema, Tibagi, Ivaí, Piquiri, Iguaçu e do próprio rio Paraná, à grande riqueza de que dispunha a região.

Otávio Canavarros, ao estabelecer uma periodização para estudar a colonização do Paraguai, a qual adotamos como eixo norteador na construção dos capítulos encontrados neste trabalho, assim afirmou: “a colonização do Paraguai, denominada inicialmente por “província Gigante de Yndias”, a qual originariamente se estendia do estuário do Prata ao rio Amazonas<sup>56</sup> conheceu três períodos nitidamente distintos: a fase inicial, expansionista e exploratória (século XVI), a tentativa de consolidação territorial com as missões jesuíticas (século XVII) e o refluxo assuncenho (séculos XVII/XVIII), devido à progressão paulista.” (CANAVARROS, 2002, p. 304).

A Província do Guairá, região que se tornou domínio jesuítico, a partir do século XVII, tinha como limite o rio Paraná a oeste, o Paranapanema ao norte, o Iguaçu ao sul, e ia terminar na zona dos Campos, que se estendem desde o Itararé até Guarapuaba.<sup>57</sup> Essa região pertence hoje ao Estado do Paraná. Segundo Jaime Cortesão (1950), a região do Guairá, por ser zona de transição, trânsito e fronteira, formava uma

---

<sup>56</sup> - “ El Paraguay nació com enorme extensión territorial que le valió el dictado de Provincia Gigante de Indias. Assunción fue desde 1537 hasta 1617 centro y capital de la Conquista, irradiada hacia todas las direcciones del vasto perímetro. Madre de la civilización del Río de La Plata, la historiografía correspondiente a este período dinámico, lo es también de los países, hoy segregados, que entonces estuvieron bajo su dependencia. La filiación directa del Paraguay actual com a Provincia Gigante, no se discute. No existe la misma unanimidad de opiniones tratándose del Paraguay jesuítico que nació casi al mismo tiempo que el Paraguay político sufría la segregación de Buenos Aires. Creada la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús en 1604 para la evangelización le los indígenas, tuvo vida hasta 1768, año de la expulsión de los jesuitas, y porque incluyó dentro de su distrito espiritual otros territorios, además del Paraguay...” (CARDOZO Efraim. *Historiografía Paraguaya*. México: Instituto Panamericano de Geografía e História. Número V, 1979, p. 4).

<sup>57</sup> - “... 30 leguas adelante de la reduccion de que acabamos de hablar estan los lindes donde comienza a estenderse la 2.<sup>a</sup> prov.<sup>a</sup> que llamamos del Guayra y tomo este nombre del cazique que antiguamente la tenia en possession. Famosa sí por la ferocidad y crueza de sus naturales de que dire en su lugar mucho mas por la gloriosas victorias que los ministros del evang.<sup>o</sup> han alcanzado del infierno penetrando conta todo su poder com las ensiñes de nuestra redencion lo mas escondido de ella y colocandolas triunfantes em mil barbaras naciones. Corre esta prov.<sup>a</sup> 300 leguas asta confinar com el Brasil en la villa de S. Pablo, tiene de ancho gran numero de leguas aun no se sabe el determinado mas que por levante la cercan la serra del Brasil, i por el poniente el Rio Paraná por donde se camina para ella. Lo particular desta provincia, sitio i distancia de ñras reducciones se conecera mejor dando quenta del viagem que hice a ellas para visitarlas que es cosa que desee sumamente desde que començe el oficio y tuve noticia de la puerta, que en esta prov.<sup>a</sup> estava avierta para el conversion de muchos milliares de almas...” XXXVII- Carta Anua do padre Nicolau Duran em que dá conta do estado da reduções da província do Paraguai, durante os anos de 1626 e 1627, na parte que diz respeito às reduções do Guairá. Córdoba, 12 de novembro de 1628. (In: CORTESÃO, Jaime. (org.) *Manuscritos da Coleção de AngelisI. Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549- 1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, vol. I, 1951, p. 209).

encruzilhada onde se encontravam os climas, as espécies vegetais e as correntes humanas<sup>58</sup>. O Guairá se caracterizou desde o início como terras de conflito e de grande fermentação política. No entender de Bastos: “... as fundações espanholas no Guairá, e no Itatim respondem a um conflito entre as duas áreas coloniais ibéricas e expressam também, o interesse dos colonos de Assunção em estabelecer ligação entre Assunção e o litoral da província de Mbiazá.” (BASTOS, 1979, p.70). Esse mesmo autor relaciona também a ocupação do Guairá ao problema da utilização e controle da mão-de-obra indígena pelos assuncenhos. Sabemos que, nessa época, viviam nessa região em torno de 40 mil índios Guarani, estoque de mão-de-obra considerável para o abastecimento do regime de trabalho compulsório típico da economia colonial platina, sistema das *encomiendas*.<sup>59</sup>

No Paraguai colonial, distinguimos ainda a região do Pantanal, hoje pertencente ao sudoeste de Mato Grosso. Estende-se o Pantanal desde a foz do rio Jauru até o rio Apa com cerca de 770 km de extensão e cerca de 100.000 km<sup>2</sup> de largo. Durante aproximadamente dois séculos, os espanhóis permaneceram instalados nos limites do Pantanal, sem poder nele penetrar mais profundamente. Instalaram-se na chamada Província do Itatim ou Itati, onde fundaram uma precária vila. No entanto, foram obrigados a abandonar essas terras, frente às perseguições dos paulistas, bem como pelos constantes ataques por parte dos indígenas inimigos, os quais se opunham à ocupação da região pelos espanhóis. Com o abandono da região pelos padres da

---

<sup>58</sup> - CORTESÃO, Jaime. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Serviço de Documentação, 1950, p. 130.

<sup>59</sup> - O ato de repartir índios entre os conquistadores recebeu o nome de *encomienda*, em toda a América espanhola. Nessa instituição, os índios repartidos recebiam o nome de *encomiendados*, os espanhóis que os recebiam eram chamados de *encomendero*. Na documentação referente à utilização e apropriação da mão-de-obra indígena pelo colonizador, junto à denominação de *encomiendas* também costuma aparecer a designação *repartimiento*, ambas, ao que tudo indica, eram termos utilizados para indicar a mesma prática. (BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. *Expansão Territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai (1767-1801)*). Op. cit., p. 104).

Companhia de Jesus, tornou-se esse território domínio dos Guaicuru, emigrados do Chaco, antes que Portugal pudesse ocupá-la, durante o século XIX.<sup>60</sup>

Segundo o padre Diogo Ferrer, superior das Missões do Itatim, em sua Carta Anua de 1633, situava-se o território Itatim entre os 19<sup>o</sup> e 22<sup>o</sup> de latitude sul e entre os rios Paraguai a oeste, e, a leste, a serra de Amambaí. Em termos de geografia atual, essa região pertence ao sudoeste de Mato Grosso e está situada entre o rio Taquari ao norte e o Apa ao sul. O Itatim era uma região estratégica, pois possibilitava comunicações entre o Brasil e o Peru. Fato comprovado pelo êxito da expedição de Aleixo Garcia, pois foi trilhando o território do Itatim que Aleixo Garcia, no ano de 1522 ou 1523, atingiu o Império dos Incas em plena região andina. Estabelecer-se na Província do Itatim também daria aos colonos espanhóis a possibilidade de se apossarem da maior riqueza encontrada na região: a mão-de-obra indígena. O Padre Diogo Ferrer assim descreveu a região:

“Digo pues que entre los dos grandissimos rios Parana y Paraguay ay una cordillera que corre casi de Norte a Zur de suerte que todos los rios que salen de ella y corren hazia el levante entran en el Parana, y todos los rios que salen de ella y corren hazia el Poniente entran en el Paraguay, y tiene una cosa notable y es que todas las tierras que tiene hazia el Oriente son altas, y todas las que tiene hazia el Poniente son bajas, de suerte que passandola yendo de este Itati hazia el Parana no se haze sino subir la cordillera pero no se baja siendo todas las tierras desde la cumbre de la cordillera para adelante casi yguales com la cumbre de cordillera, y viniendo desde el Parana para aca no se sube la dicha cordillera sino bajase siendo todas estas tierras baxas yguales com el pie de la cordillera, de aqui proviene que todas las aguas que entran en el Parana como corren por tierras altas son clarissimas: pero las mas aguas que entran en el Paraguay como passan por tierras bajas son turbias principalmente por los muchos anegadizos que ay en ellas en tiempo de aguas quando se esplayan los riachuelos que parecen mares por ser las tierras tan bajas. Nuestro Itati tiene de parte do Oriente a la dicha cordillera, al Poniente tiene al Rio Paraguay, de la parte del Norte tiene al rio Butetey que entra en el Paraguay que esta cuajado de muchissimos Gualachos labradores, y hazia el sur tiene los pueblos que corren hazia la Assumpcion. Su altura o elevacion de polo sobre el Horizonte es de diez e nueve grados hasta veynte y dos grados y medio hazia el Sur. Esta tierra del Itati es muy

---

<sup>60</sup> - GADELHA, Regina Maria A. F. *As missões jesuíticas do Itatim: um estudo das estruturas sócio-econômicas coloniais do Paraguai (séculos XVI e XVII)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 51.

fragosa y por esto se llama Itaati que quiere dezir piedra com puntas por los muchos pedregales que ay en ella.”<sup>61</sup>

Consideramos ser importante, para esta pesquisa, destacarmos alguns dos aspectos que compõem a geografia da Província do Itatim, uma vez que os “Campos de Xerez” se encontravam dentro dos limites da antiga província, sendo este, então, o recorte espacial onde se desenvolveram os episódios sobre os quais se deu a fundação de Santiago de Xerez, bem como o seu abandono, no ano de 1632, quando os colonos xerezanos, diante das enormes dificuldades, compreenderam ser inviável continuar à frente de tal projeto colonizador.

Abordaremos inicialmente algumas características do relevo dessa região, o qual apresenta aspectos muito singulares e complexos. Entre os aspectos geográficos formadores do local, podemos destacar a serra de Bodoquena, com morros que chegam à cerca de 600 metros. Ao norte, encontra-se uma série de morros conhecida como Serra de Albuquerque. A região apresenta ainda morros isolados que se espalham pelo Pantanal, nas vizinhanças do rio Paraguai, ao sul de Albuquerque. São os chamados “Fecho dos Morros”, situados a 120 km acima da foz do rio Apa. Dentre eles o mais famoso é o “Pão de Açúcar”, com 410 m de altura. À borda ocidental do rio Paraguai, a 25 km ao sul de Corumbá, ergue-se o Maciço do Urucum que inclui, em seu conjunto, o morro do Urucum, as serras de Santa Cruz, Rabicho, São Domingos e Piraputanga, e um morro isolado chamado Tromba dos Macacos. Confina a Província, à leste, com a serra de Aquidauana, e ao sul temos o conjunto formado pela Serra de Maracaju-Amambai. São vários os rios que cortam esse território, quase todos tributários do rio Paraguai. Dentre eles, destacam-se o rio Taquari, o Negro, o Miranda (com seu afluente o

---

<sup>61</sup> - “Ânua do Pe. Diogo Ferrer para o Provincial sobre a Geografia e Etnografia dos indígenas do Itatim 21-VIII-1633” (In: CORTESÃO, Jaime (org). *Manuscritos da Coleção de Angelis II. Jesuítas e Bandeirantes no Itaim (1596-1760)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de obras Raras e Publicações, vol. II, 1952, p. 29-30).

Aquidauana), o rio Nabileque, o Branco, o Tererê, o Tarumã e o Apa. Ultrapassando as serras de Maracaju e Aquidauana, alcançam-se as nascentes dos tributários do rio Paraná, região percorrida pelos bandeirantes a caminho do Itatim.<sup>62</sup>

Jaime Cortesão ressaltou a importância da província do Itatim, como possível caminho para Potosi e que por isso a região estaria inevitavelmente na rota dos bandeirantes. Os jesuítas também ressaltavam a importância, que tinha para eles, o estabelecimento de uma missão na região do Itatim, justificando que por representar um caminho para Potosi, tratava-se de uma região estratégica de comunicação crucial entre o Brasil e o Peru, entre o vale do Paraguai e o do Amazonas. Portanto, deveria a região permanecer sob a sua direção, pois no futuro, a presença das missões jesuíticas no Itatim, serviria como referência, para o estabelecimento dos limites de ocupação territorial entre espanhóis e portugueses, ou seja, entre hispano-americanos e luso-brasileiros<sup>63</sup>. “Porém os jesuítas não puderam defender o Itatim das investidas feitas pelos bandeirantes paulistas. Abandonados pelos seus conterrâneos espanhóis, e pelas autoridades coloniais, tiveram que retirar os índios Itatim do seu território, abandonando assim a Província.” (GADELHA, 1980, p. 31). Com a saída dos jesuítas da região, em 1648, o antigo território do Itatim tornou-se domínio dos indomáveis Guaikuru, emigrados do Chaco. Somente no século XIX é que os portugueses passaram a ocupar essa região.

Foi com o objetivo de buscar uma melhor configuração geográfica, de forma a garantir a viabilização do empreendimento colonial assuncenho/castelhano no Prata, que Garcia Rodrigues de Vergara, obedecendo a ordens dadas por Domingo Martinez de Irala, fundou a primeira comunidade espanhola no Guairá, no ano de 1554. Os

---

<sup>62</sup> - GADELHA, Regina Maria A. F. Op. cit., p. 56-57.

<sup>63</sup> - Documentos para a História da Argentina. Tomo XIX, Iglésia. Buenos Aires, 1927.

espanhóis, pela leitura que faziam do Tratado de Tordesilhas, consideravam que as terras localizadas ao oeste desse meridiano pertenciam a Castela. Portanto, o estabelecimento das reduções jesuíticas ao norte no Itatim e a leste no Guairá bem como o surgimento de alguns núcleos de povoamento nessa região decorreu das interpretações que os espanhóis faziam dos limites outrora estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas.

“Entre os espanhóis criou-se a convicção de que a linha legítima fronteira era a de Belém-Cananéia quando os portugueses queriam a todo o transe deslocá-la para oeste de quase 10 graus até em face de Buenos Aires, pretendendo, portanto, a posse do território uruguaio, parte da Mesopotâmia parano-uruguaia, quase todo o Paraguai, embora ainda assim abrindo mão de enormes áreas do Amazonas e do oeste mato-grossense.” (TAUNAY, 1975, p. 25).

Os paulistas, no entanto, desde o século XVI, repudiavam tal pretensão por parte dos colonizadores de Assunção e se utilizaram desse fato como pretexto para legitimar suas incursões pelo sertão espanhol em busca de índios.<sup>64</sup> Jaime Cortesão sintetizou os acontecimentos que contribuíram para que permanecesse um clima de tensão entre os assuncenhos do Paraguai e os colonizados portugueses de São Vicente, em terras do interior do continente sul americano.

“Nos meados de quinhentos, os vicentistas, como vimos, começaram a visitar Assunção, que demandavam por terra com certa assiduidade. No sentido oposto também os espanhóis do Paraguai, ainda que em menor número, começaram a demandar a costa pelo caminho de São Vicente. Mas, ao passo que os primeiros visitavam a cidade paraguaia por motivos de tráfico, para os segundos tratava-se mais que tudo do problema das comunicações rápidas com a Europa. Em qualquer dos casos, este intercurso não poderia deixar de levantar mútuas suspeitas aos dirigentes dos dois governos ibéricos. Mas foi acima de tudo o freqüente aparecimento dos portugueses em Assunção, tão adentrando no continente, que despertou apreensões aos espanhóis sobre os possíveis perigos dessas visitas no futuro.” (CORTESÃO, 1958, p. 122).

---

<sup>64</sup> - TAUNAY, Affonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1975 – Tomo I, p. 27.



## 2.1 – A fundação de Ontiveiros.

O primeiro núcleo colonial espanhol fundado na região do Guairá foi Ontiveiros<sup>65</sup>, no ano de 1554. Localizava-se esse povoado na margem esquerda do rio Paraná, próximo ao Salto das Sete Quedas, ao redor de uma povoação indígena chamada Canideyú. A fundação de Ontiveiros se originou, dentre outros motivos, do desejo de Irala em abrir um caminho que lhe possibilitasse uma saída para o mar, após a tentativa fracassada de estabelecer um porto no estuário platino, por onde pretendia manter contatos com a Espanha. Pretendia também, com a fundação desse núcleo, proteger os índios guairenhos dos constantes ataques que lhes faziam os portugueses de São Vicente. A povoação deveria servir ainda como ponto de apoio para o estabelecimento de outras vilas na região, com o objetivo de atingir Santa Catarina e estabelecer um porto no litoral, por onde pretendia manter contato com a Espanha.

A fundação de Ontiveiros correspondeu ao ano em que se deu, por determinação da política colonial portuguesa em sua possessão na América, a fundação do Colégio de São Paulo nos campos de Piratininga.<sup>66</sup> Esse fato obedeceu a uma deliberação do primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Sousa, proibindo a utilização de um antigo caminho terrestre, o qual acreditamos ser um dos ramais do Peabiru, por onde

---

<sup>65</sup> - Quanto à data da fundação de Ontiveiros, Guzmán a estabeleceu no ano de 1554, quando o capitão Garcia Rodriguez de Vergara, com 60 soldados fundou tal povoado. (GUZMÁN, Ruy Díaz de. *La Argentina*. Buenos Aires, 1943, p. 184). Sergio Buarque de Holanda também a situa no ano de 1554. (HOLANDA, Sergio Buarque de. *O Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 129). Uacury Ribeiro de Assis Bastos, em nota de número 74, se refere a Ontiveiros como sendo a primeira fundação espanhola no Guairá, fundada no ano de 1539, por Garcia Rodrigues de Vergara. (BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. *Expansão territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai (1767-1801)*. São Paulo, 1979, p.70. nota n. 74).

<sup>66</sup> - “Em 1553 recebeu Santo André o predicamento de vila. E a 25 de janeiro de 1554 fundavam os jesuítas, por ordem de Nóbrega, a vila de São Paulo do Campo de Piratininga. Em fins do século XVI, os aborígenes, dizimados pela superioridade dos invasores, resignavam-se ao cativo, ou, afugentados, internavam-se no Sertão.” (TAUNAY Affonso de E. *História das Bandeiras Paulistas*. Op. cit., p. 17).

eram feitas as comunicações entre Assunção e São Vicente.<sup>67</sup> Esse caminho era muito freqüentado tanto por espanhóis, como pelos portugueses, que por ele tinham comunicação entre si e faziam negócios de muito proveito para ambas às partes<sup>68</sup>. Desde que os primeiros portugueses se fixaram em São Vicente, na Cananéia e no planalto, e mais ao sul, na ilha de Santa Catarina, teve início o tráfico de escravos com as comunidades indígenas do sertão e que posteriormente se tornou o principal motivo das penetrações na região do Guairá.<sup>69</sup>

A decisão de Tomé de Sousa não pode ser compreendida e nem analisada isoladamente. Tal decisão correspondia ao conjunto das práticas econômicas da época, estabelecidas pela política mercantilista vigente, e deve ser entendida como uma das medidas que foram adotadas e implementadas pelas metrópoles Ibéricas em suas respectivas colônias. A política mercantilista baseada no exclusivismo colonial, que lhe era assegurado pelo pacto colonial ao dispor de um aparato que funcionava com seus próprios sistemas de frotas e galeões, portos únicos e caminhos pré-determinados pela alfândega real, contribuiu para que o Paraguai permanecesse à margem do circuito comercial. A existência de abundantes minas de prata em Potosi levou o governo espanhol a isolar a região mineira para impedir o desvio do metal. Assim, as atenções se voltaram para a região do Alto-Peru. Uma das alternativas encontradas, para suprir a carência de produtos nas colônias do interior do continente sul americano, foi o surgimento de uma intensa rede de contrabando ao longo do território colonial espanhol,

---

<sup>67</sup> - Taunay relatou que desde 1550 já eram freqüentes as relações entre os vicentinos e os castelhanos de Assunção, apesar da proibição do trânsito decretada pelas duas coroas. Manuel da Nóbrega chegou a denunciar ao seu provincial um princípio de despovoamento de São Vicente em favor do Paraguai. (TAUNAY, Affonso de E. *História das Bandeiras Paulistas* op. cit., p. 27).

<sup>68</sup> - HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Extremo Oeste*. Op. cit., p. 120.

<sup>69</sup> - CORTESÃO, Jaime.(org.) *Manuscritos da Coleção De Angelis Jesuítas e Bandeirantes no Guairá* (1549-1640). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional \_ Divisão de obras Raras e Publicações, vol I, 1951, p. 67.

que segundo Bastos: “... se iniciou no século XVI, foi ampliado no século XVII e atingiu seu ápice no XVIII, minando de tal forma o sistema de monopólio comercial...” (BASTOS, 1979, p. 80).

Ruy Diaz de Guzmán interpretou a decisão de Irala em fundar Ontiveiros como uma resposta à proibição de Tomé de Sousa que impedia a utilização da mais importante via comercial existente na região do Prata. Guzmán assim justificou a fundação desse núcleo colonial por Irala:

“Domingos Martinez de Irala, habiendo considerado que hasta entónces no se habia podido sustentar poblacion alguna en la entrada del Rio de la Plata, siendo tan necessaria para escala de los navíos que viniessen de España, determinó hacer una fundacion en el camino del Brasil á la parte del leste sobre el rio Paraná, pues era fuerza haber de cursar aquel camino, y tener comunicacion y trato com los de aquella costa para avisar por esa via á S. M. del estado de la tierra. Y tambien por escusar los daños y assaltos, que los portugueses hacian por aquella parte á los indios Carios de esta provincia, levándolos presos y cautivos sin justificacion alguna de guerra vendiéndolos por esclavos, privándolos de su libertad, y sujetándolas a perpétua servidumbre.” (GUZMÁN, 1943, p. 183-184).

Quanto à fundação de Ontiveiros e a sua localização exata erguem-se opiniões contrárias e desencontradas entre os pesquisadores. Tal desencontro de informações constitui-se em uma problemática para a arqueologia histórica, assim como a localização exata das ruínas relativas a Santiago de Xerez. Uacury Ribeiro de Assis Bastos (1979) refere-se a Ontiveiros como sendo a primeira fundação espanhola no Guairá, fundada por Garcia Rodrigues de Vergara no ano de 1539, na margem esquerda do rio Paraná. Romário Martins, no seu “Mappa histórico da Província del Guayrá” (reproduzido por Silveira Netto, em 1914), a situa na margem esquerda do rio Piquiri, a leste de Ciudad Real. Reinhard Maack (1959) a localiza na margem direita do rio Paraná em frente a Ciudad Real. Charlevoix (1957) a localiza na margem direita do rio Paraná, cerca de 6 km abaixo do Salto Grande. Jaeger (1957) a localiza 6 km acima do

Salto Grande, no rio Paraná. Azara (1904) a situa na margem oriental do rio Paraná, uma légua acima do Salto Grande<sup>70</sup>.

A imprecisão quanto à localização exata onde foi fundada Ontiveiros, se na margem esquerda ou na margem direita do rio Paraná, persiste, pois até o presente momento não foram encontradas as ruínas que teriam pertencido a esse núcleo colonial. Igor Chmyz (1976) relatou que, no ano de 1876, Telêmaco Borba e seus demais companheiros realizaram uma viagem de exploração pela margem direita do rio Paraná e localizaram, logo abaixo da foz do Ribeiro Itaquarai, ruínas de uma antiga povoação, com paredes de taipa. Na ocasião se pensaram ter sido encontrada as ruínas de Ontiveiros. O local onde foi encontrado tais ruínas pertencem, hoje, ao atual Estado de Mato Grosso do Sul, e está localizada a uma distância de 60 km acima do local onde se encontrava localizada as Sete Quedas. Para Chmyz, no entanto, essas ruínas não são as que teriam pertencido a Ontiveiros, mas acredita esse pesquisador que possam ser as ruínas do antigo Porto de Maracaju e, no entanto, estariam relacionadas à exploração da erva-mate na serra de Maracaju. O esclarecimento dessa questão é de fundamental importância para se elucidar algumas questões abordadas por esta pesquisa, pois, se as investigações arqueológicas identificarem as ruínas de Ontiveiros, na margem direita do rio Paraná, portanto, em terras do Mato Grosso do Sul, passa a ser esse núcleo a cidade colonial espanhola mais antiga do Estado, e não Santiago de Xerez, como o presente trabalho procura enfatizar.

Devido ao curto período que assinala a existência de Ontiveiros, aproximadamente dois anos, poucas são as referências que nos permitem identificar quais foram às relações econômicas que se estabeleceram nesse núcleo colonial. O que se sabe é que a cidade de Ontiveiros, por causa da insalubridade do local onde fora

---

<sup>70</sup> - CHMYZ, Igor. *Cadernos de Arqueologia* – Museu de Arqueologia e Artes Populares – Universidade Federal do Paraná – Paranaguá – Brasil, Ano I, N.1, 1976, p. 70.

construída, tornou-se inviável e não prosperou. Além dos inconvenientes advindos de sua má localização geográfica<sup>71</sup>, outro fator que contribuiu para o abandono desse núcleo colonial, foi ter Ontiveiros se transformado num centro de oposição ao governo de Irala, pois o governador, na tentativa de uma pacificação política com o grupo de opositores, membros da expedição de Cabeza de Vaca, ou desejando o exílio político de seus opositores, os afastou de Assunção para fundar Ontiveiros<sup>72</sup>. Constantes também eram as rebeliões indígenas que promoviam ataques ao recém-fundado povoado. Diante dessas constantes rebeliões indígenas e dos conflitos entre os próprios espanhóis, Nuflo de Chaves trasladou os remanescentes de Ontiveiros para um outro local, a cerca de três léguas ao norte, na confluência do rio Paraná com o rio Piquiri e deu ao novo núcleo o nome de Ciudad Real do Guairá.

## 2.2 – A fundação de Ciudad Real do Guairá.

Obedecendo a determinações de Irala, em sua política expansionista e de ocupação do Guairá, o capitão Ruy Diaz de Melgarejo estabeleceu, no ano de 1557, ou fins de 1556, na foz do rio Piquiri com o Paraná, a comunidade espanhola de Ciudad Real, em terras do cacique Guairá, três léguas ao norte de Ontiveiros.<sup>73</sup> Para Guzmán, a

---

<sup>71</sup> - Ruy Díaz de Guzmán assim descreveu as circunstâncias em que foi fundada Ontiveiros “...Y com esta resolución dió facultad al capitan Garcia Rodriguez de Vergara, para que con 60 soldados fuese á hacer esta poblacion; y tomando los pertrechos necesarios, salió de la Asuncion el año de 1554, y com buen sucesso llegó al Paraná, y pasó de la outra parte, donde fué bien recibido de los indios de la comarca, y considerando el posto mas acomodado para el asiento de su fundacion, tuvo por conveniente el hacerla una legua poco mas ó menos mas arriba de aquel gran Salto en el pueblo de los indios sujetos al cacique Canendiyú, que era muy amigo de los españoles. Parecióle á Garcia Rodriguez ser por entónces aquel sitio o mejor; y mas acomodado para su pretension por ser en el próprio pasage del rio y camino del Brasil, y por la muchedumbre de naturales que en su contorno habia, aunque despues se seguieron muchos inconvenientes y daños de estar mal situada.” (GUZMÁN, Ruy Díaz de. *La Argentina*, Buenos Aires, 1943, p. 184).

<sup>72</sup> - CHMYZ, Igor. *Cadernos de Arqueologia*. Op. cit., p. 69.

<sup>73</sup> - Jaime Cortesão nos oferece mais detalhes sobre a fundação de Ciudad Real: “O próprio Domingo Yrala que, em 1553, não receava vender índias Guarani a troco de ferramentas, aos vicentistas, confiava

fundação de Ciudad Real, na foz do Piquiri na província do Guairá, se deve ao fato de ser este um ponto de escala e passagem do caminho que conduzia ao Brasil. Assim se referiu Guzmán à fundação de Ciudad Real:

“Partió el capitán Melgarejo com 100 soldados y llegado felizmente al Paraná, pasó a la outra parte a los pueblos del Guairá y habiendo especulado la disposición del terreno, hizo su fundación tres léguas más arriba de la villa de Ontiveros com título de Ciudad Real, donde agregó toda la gente que había quedado en la cercanía de aquel peligroso salto, por haber contemplado ser mejor sitio en que se hacia esta fundacion, que el de la villa de Ontiveros. Empezóse esta á los principios del año de 1557 en sitio rodeado de grandes bosques y arboledas sobre el próprio rio Paraná en la boca del rio Pequirí.” (GUZMÁN, 1943, p. 207).

Discordando de Guzmán, Gandía não acredita ser exatamente esse o motivo que levou Irala a ordenar a fundação dessas duas povoações no Guairá. Mas a esperança de Irala de encontrar metais em grande quantidade no rio Paraná, conforme afirmou ter encontrado Juan de Salazar, no ano de 1556. Cortesão prefere acreditar que Irala decidiu fundar Ciudad Real na foz do Piquiri<sup>74</sup> para barrar as investidas dos portugueses em um lugar que para ele era estratégico, por ser este o ponto crucial do caminho que da costa

---

quando dois anos após era nomeado governador do Paraguai, a Rui Dias Melgarejo a missão de fundar uma povoação nos territórios do Guairá e às margens do Paraná. Em cumprimrnto das ordens recebidas, Melgarejo fundava em começos de 1557, Ciudad Real, acima do Salto Grande e junto à foz do Piquiri. Três anos antes Garcia Rodrigues de Vergara fundara também por ordem do mesmo governador, a vila de Ontiveiros, sobre o Paraná, um pouco ao sul de Ciudad Real, povoação a que vieram em breve agregar-se os escassos habitantes daquela vila, que teve efêmera duração.” (CORTESÃO, Jaime. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Op. cit., p. 122).

<sup>74</sup> - “... senal de la devocion que tienen a nuestra Señora. Los Chiquis jentilidad de gualachos que estan entre el rio de Piquiri y el Yguaçu supieron de ni venida y vinieron a verme a cierto puesto en donde di vara al Casique diziendole que llevasse mi habla a los demas Indios. Fue contentissimo y hizolo tan bien que en brebe volvio trayendo consigo a su padre y una multitud de gente y uviera venido outra tanta si no les uviera sucedido una desgracia y fue que aviendo hecho una puente para pasar el Piquiri estando en medio della algunos se quebro y se ahogo um niño quedando la mitad de la gente de la outra parte que se volvio a su tierra, vinieron cargados de cera, mantas y otras cosas de rescates. Dixeles que si se juntaban cierto numero de Casiques que yo tenia notiçia avia por alli les daria padres. Fueron tan contentos que e savido andan com grandissimo ferbor haciendo pueblo en el mismo rio del Piquiri que sale a la ermita y e savido que desde este puesto a la ermita no ay mas que tres dias por el rio, y asi me a parecido convenir mucho tomar aquel puesto porque esta del yguaçu pocos dias. Y de las concepcion dos solos por tierra y entiendo que se podra navegar por el rio tambien...” XL- “Carta Ânua do padre Antonio Ruiz, superior da missão do Guairá, dirigida em 1628 ao padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus.” (In: CORTESÃO, Jaime. (org) *Manuscritos da Coleção de Angelis I, Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, vol I, 1951, p. 295).

levava ao Paraná, ou seja, o caminho mais rápido para Assunção.<sup>75</sup> No entanto, esclarece Sérgio Buarque de Holanda que esse avanço por parte dos espanhóis em direção ao leste, dependia, sobretudo para a sua viabilização e sucesso de uma saída para o mar. Sendo assim, os espanhóis deveriam dispor de um porto cujas bases fossem bem seguras e capazes de resistir a quaisquer tipos de ameaças externas<sup>76</sup>.

O projeto de Irala em busca de uma saída para o mar enfrentou fortes resistências por parte dos portugueses de São Vicente, mas, mesmo assim, durante muitos anos, os assuncenhos insistiram na utilização da rota guairenha em direção ao litoral catarinense. Consta que, mesmo após a fundação definitiva do porto de Buenos Aires, alguns governos do Paraguai, entre eles Hernandarias de Saavedra, ainda insistiram no estabelecimento e utilização dessa rota por acreditar que, além de boa e breve, a utilização dessa rota, não oferecia grandes riscos à navegação por mar até a Espanha. Hernandarias de Saavedra também considerou a importância de consolidar e fortificar a província do Guairá e, para tal, se dispôs a dar toda a assistência necessária aos jesuítas, para que estes pudessem se estabelecer na região do Guairá e evangelizar a considerável população guaraníca que vivia ao sul do Paranapanema.<sup>77</sup>

Segundo Igor Chmyz, os vestígios de Ciudad Real estão localizados no atual município paranaense de Terra Roxa do Oeste. A decisão de fundar um núcleo nesse local, segundo Chmyz, estava relacionada ao fato de que Melgarejo, juntamente com os demais espanhóis, pretendia utilizar-se de um dos ramais do *Peabiru*, que passava por essas terras e que possibilitava a passagem para Mato Grosso e o Paraguai. Para desenvolver o novo povoado, os assuncenhos contavam com o apoio indispensável do elemento indígena. Utilizando-se da mão-de-obra compulsória indígena Guarani, por

---

<sup>75</sup> - CORTESÃO, Jaime. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Op. cit., p. 123.

<sup>76</sup> - HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O extremo Oeste*. Op. cit., p. 130.

<sup>77</sup> - TAUNAY, Affonso de E. *História das Bandeiras paulistas*. Op., cit. p. 33.

meio das *encomiendas*, puderam estabelecer-se na região e fundar Ciudad Real. Chmyz afirma que no decorrer dos anos foram retirados inúmeros objetos das ruínas de Ciudad Real, desaparecendo assim grande parte dos vestígios da cultura material, os quais são imprescindíveis para se compreender como se encontrava estruturado esse núcleo urbano.

“Durante as pesquisas de campo, obtivemos vários relatos de moradores antigos da região de Guairá e Terra Roxa do Oeste, às vezes beirando a fantasia, sobre achados de sinos, cruzeiros, estatuetas, armas, vasilhas, etc. Os seus descobridores, geralmente pessoas estranhas ao local, as retiraram sorrateiramente das ruínas. O destino das peças é, em quase todos os casos, desconhecido.” (CHMYZ, 1976, p. 99).

Os Guarani que habitavam o Guairá, no ano de 1553, já haviam se deslocado para Assunção em busca de proteção contra os freqüentes ataques dos Tupi que seguiam junto aos mamelucos de São Paulo, aterrorizando suas aldeias. Esse fato foi de fundamental importância para que Irala pudesse ter percorrido grande parte do rio Paraná, chegando a penetrar pelo Tietê, quando então, decidiu iniciar a exploração do Guairá, situado à margem esquerda do rio Paraná. Região que se transformou, a partir da segunda metade do século XVI, e durante todo o século XVII, em uma área de acirradas disputas entre os assuncenhos, os *encomenderos*, os bandeirantes lusopaulistas e os jesuítas. Esses conflitos surgiram porque as reduções da Companhia de Jesus, estabelecidas no Paraguai, para sermos precisos, em 30 de janeiro de 1609, passaram a disputar o controle e a utilização da mão-de-obra indígena Guarani com os colonos. Os conflito entre essas três forças, com interesses específicos e antagônicos, tiveram como desfecho final à expulsão dos jesuítas do domínio espanhol, em 27 de fevereiro de 1767.

“Los jesuítas llegaron al Paraguay por vez primera en 1588 llamados por el obispo del Paraguay y Rio de la Plata Fray Alonso de Guerra de la Orden de Santo



Domingo, por ser conoedores de la lengua guarani y procedentes de San Pablo, los primeros fueron los padres Juan Saloni, Manuel Ortega y Tomás Fields discípulos del padre Anchieta quienes hicieron el viaje por mar al Rio de La Plata y llegados a Buenos-Aires fueron a tucumán y posteriormente vinieron al paraguay llamados por el bispo quedando en Asunción el padre Saloni y los otros siguieron al Guairá viajando a pie donde trabajaron en Ciudad Real luego en Villa Rica donde bautizaron 6.600 indios, realizaron 280 matrimonios en nueve meses.” (TECHO, 1897, p. 152).

A presença dos jesuítas na colônia portuguesa iniciou-se no ano de 1549. Os primeiros jesuítas chegaram à Bahia e posteriormente se espalharam por toda a colônia. Em 1554, o padre Anchieta fundou o Colégio de Piratininga, que deu origem à cidade de São Paulo. Os jesuítas portugueses que atuaram no Colégio de São Paulo, nos últimos anos quinhentistas, não conseguiram impedir as entradas dos paulistas sertão adentro em busca da mão-de-obra indígena. No dizer de Monteiro (1994), o único “remédio do Sertão”, por causa do fato de serem poucos e também pela fraca atuação que tiveram. Porém, enfatiza Taunay: “o que os jesuítas não conseguiram fazer entre os portugueses de Piratininga, realizaram entre os espanhóis do Paraguai, do Guairá, da Mesopotâmia Platina e mais tarde nos Povos das Missões onde a sua obra conseguiu a magnífica florescência setecentista, causa primeira e pretexto da perseguição pombalina.” (TAUNAY, 1975, p. 41).

Muito embora os jesuítas tivessem encontrado mais dificuldades para se estabelecer na América espanhola do que na América portuguesa, somente no ano de 1572, vinte e três anos após terem desembarcado na Bahia, é que os jesuítas chegaram a Lima, no Peru. Mais para o final do século, fundaram a Província do Paraguai, a qual inicialmente ocupava uma dilatadíssima área hoje brasileira, paraguaia, argentina e boliviana. Em Assunção, os jesuítas entraram no ano de 1588, a princípio em número bem reduzido. A Província Gigante, nome pelo qual era denominado inicialmente todo o Paraguai colonial, cuja capital era Assunção, contava com onze cidades, quando os jesuítas passaram a atuar nessa parte da América: Ontiveros, Nueva Asunción, Santa

Cruz de la Sierra, Ciudad Real, Villa Rica del Espíritu Santo, Santa Fé, Buenos Aires, Concepción del Bermejo de la Buena Esperanza, San Juan de las Siete Corrientes, Santiago de Xerez e Zaratina de San Salvador.<sup>78</sup>

Decorridos alguns anos, em 1628, a Companhia de Jesus possuía um grande número de *pueblos* e um grande número de índios, sobre seu controle, em todo o território do Paraguai. Contudo, o grande surto colonizador inaciano se iniciou em 1610, com a fundação da aldeia de Loreto, pelos padres Cataldino e Mazzeta, na confluência do Pirapó com o Paranapanema, seguido da fundação de um novo núcleo, o de Santo Inácio, às margens do Pirapó. Taunay destacou a importante contribuição do evangelizador e filólogo Antonio Ruiz de Montoya, o apóstolo do Guairá. Com o seu trabalho e dedicação, Montoya foi o responsável pelo surgimento de onze novos *pueblos*, entre os anos de 1622 e 1628. Cinquenta mil índios se agruparam em torno desses novos *pueblos*, cuja vida era difícil e cheia de sacrifícios, disciplina e privações.<sup>79</sup>

Para Monteiro, a conquista espiritual pode ser entendida como consequência e complemento da expansão política, na medida em que:

“... os jesuítas serviam aos interesses da Coroa como instrumentos da política de desenvolvimento da Colônia. Oferecendo um contraponto à dizimação deliberada praticada pela maioria dos colonos, os jesuítas buscaram controlar e preservar os índios através de um processo de transformação que visava regimentar o índio enquanto trabalhador produtivo. Com o estabelecimento de aldeamentos, os jesuítas acenavam com um método alternativo de conquista e assimilação dos povos nativos.” (MONTEIRO, 1994, p. 36).

Os colonos de São Paulo e de outras vilas vizinhas, desde o século XVI, adentrando pelo século XVII, organizaram grandes expedições com o objetivo de atingir

---

<sup>78</sup> - CARDOZO, Efraim. *Paraguay Colonial*. p. 100 e sgts.

<sup>79</sup> - TAUNAY, Affonso de E. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo, 1975, Tomo I, p. 43.

as numerosas aldeias Guarani do Guairá<sup>80</sup>. Essa região se constituía em um vasto e vagamente definido território, o qual servia de parâmetro para separar os extremos dos respectivos domínios ibéricos na América do Sul. Tais expedições deslocavam-se para o sertão e promoviam verdadeiros “assaltos” às aldeias indígenas em várias regiões do Guairá e do Itatim em busca da mão-de-obra indígena, os “*negros da terra*”, para abastecer o crescente uso da força de trabalho indígena utilizada nas lavouras do planalto paulista<sup>81</sup>.

Frente a esses acontecimentos, os espanhóis, que também se utilizavam da mão-de-obra indígena Guarani, ao depararem-se com o avanço luso-paulista em direção ao Guairá, trataram de estabelecer alguns povoados na região para intensificar o controle sobre a população indígena. Essa foi uma tentativa de impedir que os portugueses e luso-paulistas pudessem aprisioná-los e levá-los como cativos para os Campos de Piratininga. Monteiro chama a atenção para o fato de que, muito embora a historiografia paulista tradicional, ao pretender construir uma história com bases nacionais, tenha adotado a convenção de dividir a história das bandeiras, ou o chamado bandeirantismo em fases, ou ciclos, faz-se imprescindível perceber e ressaltar que todas as características que o movimento bandeirante adquiriu ao longo de sua existência refletiram os esforços dos paulistas em busca da mão-de-obra indígena. Em síntese: “... apesar dos pretextos e resultados variados que marcaram a trajetória das expedições, a penetração dos sertões sempre girou em torno do mesmo motivo básico: a necessidade

---

<sup>80</sup> - As referências encontradas na documentação paulista destacam algumas das entradas que foram realizadas nas duas primeiras décadas do século XVII. Dentre elas as de Diogo de Quadros ( 1604 ) aos carijós, a entrada de Manuel Prêto ao Guairá ( 1607 ), a entrada de Belchior Dias Carneiro ao sertão dos bilreiros (1607) ) que veio a falecer em 1608 tendo como sucessor Antonio Rapôso Tavares. No ano de 1611 deu-se a grande entrada de Pedro de Vaz de Barros ao Guairá por instigação de D. Luís de Sousa. Contemporânea parece ser a de Diogo Fernandes aos Pés Largos. De 1612 datam-se as de Sebastião Prêto ao Guairá, e Garcia Rodrigues Velho aos bilreiros. (TAUNAY, Affonso de E. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo, 1975, Tomo I, p. 32).

<sup>81</sup> - MONTEIRO, Jonh Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 57.

crônica da mão-de-obra indígena para tocar os empreendimentos agrícolas dos paulistas.” (MONTEIRO, 1994, p. 57).

Inicialmente, os povoadores de Ciudad Real puderam dispor da abundância dos recursos naturais que a região oferecia e que eram conseguidos pelos índios por meio da coleta, da caça e da pesca, complementada pela agricultura indígena Guarani. Dentre os produtos agrícolas que os Guarani cultivavam destacavam-se o milho, a mandioca, legumes, cana-de-açúcar, banana, frutas cítricas e algumas espécies de uvas, o tabaco e a erva-mate. No entanto, a principal atividade econômica que se desenvolveu em Ciudad Real foi à extração da erva-mate na própria região e na Serra de Maracaju<sup>82</sup>. Produto que chegou a ser exportado, posteriormente, para as reduções do Rio Grande do Sul. Muito embora a Igreja católica tenha, inicialmente, proibido o consumo da erva mate, pelos espanhóis, com o tempo a sua utilização tornou-se uma prática comum em todo o Paraguai colonial. Nos dias atuais, a utilização da erva-mate encontra-se incorporada à vida cotidiana dos paraguaios. O Tererê e o mate se apresentam como

---

<sup>82</sup> - Quanto à utilização da mão-de-obra indígena na extração da erva-mate da Serra de Maracaju, encontramos várias denúncias dos padres da Companhia de Jesus, nas Cartas Anuais, onde revoltados com tal brutalidade, denunciam os abusos cometidos pelos encomenderos espanhóis e classificam esse trabalho como sendo o pior entre todos os demais, devido às péssimas condições às quais eram submetidos os índios. Segundo os padres, poucos eram os índios que retornavam dos trabalhos nos ervais, a maioria, devido à umidade da mata fechada da Serra de Maracaju à falta de comida e aos maus tratos de que eram vítimas, não resistiam e acabavam morrendo. Encontramos também nas Cartas Anuais relatos de como os índios utilizavam a erva. Vício que, segundo os padres, faziam com que os índios tivessem alucinações. Daí proibir a utilização da erva entre os espanhóis, pois a consideravam uma planta alucinógena “... haze lastima ao contarlo, deve cada indio dos meses de travajos y le hazen servir dos o 3 años por fuerza fuera de su casa sin premio ninguno , y quando mucho le dan dos bars de lienzo a cada uno. Los españoles venden esta hierba molida a los españoles mercaderes que vieen hasta el dicho puerto a trueque del lienzo y paño, sombreros y otras cosas necesarias. Y acontece dar dos mil libras de hierva por un vestido de paño ordinario y 100 por un sombrero. O uso de esta tierra es que todos los españoles hombres y mugeres y todos los indios beven estos polvos en agua callente com que truequen todo lo que tienen en el estomago cada dia una y dos vezes. Quando no tienen com que comprarla dan sus calzones y frezadas, y uvo muger que quito las tejas del texado por hierva en que dicen que consiste su salud en tanta forma que quando les falta la hierva desfallecen y dicen que no pueden vivir; todos los indios la toman antes que amanezca y todas las vezes que la tengan, cuando travajan aunque no coman com sola hierva se sustentan y se avivan sus fuerças para travajar de nuevo, y como yo le visto en los bagadores de las balzas este vicio há condido fuera del Paraguay a las Provincias del rio de la plata, Tucuman, Chile y aun llegadua Potosí y al Piru, donde vale quatro pesos la libra de la hierva, valiendo donde se coja medio real...” XXXVIII- “Carta anual do padre Nicolau Duran em que dá conta de estado das reduções da Província do Paraguai, durante os anos de 1626 e 1627, na parte que diz respeito às reduções do Guairá. Córdoba, 12 de novembro de 1628. (In: CORTESÃO, Jaime. (org). Op. cit., vol I. p. 216).

componentes da cultura paraguaia, costumes que foram transmitidos aos contemporâneos pelos Cários, denominação pela qual os Guaraní são conhecidos naquele país.

### **2.3 – A fundação de Villa Rica del Spírectu Santu.**

A política de ocupação do Guairá, após a morte de Irala, continuou a ser implementada pelo novo governador de Assunção, Juan de Garay que, em fins de 1576, ordenou a Melgarejo a fundação de Vila Rica do Espírito Santo, no Guairá. Os motivos que determinaram a fundação de Vila Rica não resultaram diretamente da ambição de se estabelecer uma via de comunicação com o litoral atlântico, mas por causa das notícias de que nessa região existiam abundantes jazidas de ouro. O local escolhido por Ruy Díaz de Melgarejo, para estabelecer a fundação do novo núcleo colonial, situava-se mais para leste de Ciudad Real, na foz do rio Corumbatai com o Ivaí,<sup>83</sup> em terras do cacique Coraciberá, onde os espanhóis acreditavam encontrar ouro e prata. Quanto à data e local da fundação de Vila Rica do Espírito Santo, assim como Ontiveiros, e Santiago de Xerez assinalam-se opiniões desencontradas entre os pesquisadores. As informações mais seguras parecem ser as oferecidas por Oldemar Blasi, citado por Chmyz, que realizou escavações nas ruínas de Vila Rica, na foz do rio Corumbatai com o Ivaí. Não conseguindo precisar a data da fundação desse núcleo, as estabeleceu entre os anos de 1576, 1577 ou 1579.

---

<sup>83</sup> - Encontramos na documentação consultada dois importantes documentos os quais aqui citamos: “I- Doação de terras em Vila Rica do Espírito Santo por Ruy Diaz de Guzmán à Companhia de Jesus para sustento da sua casa e cultivo de hortas e vinhas necessárias, datado de 16-11-1594.” “II- Declaração de posse de terras em Vila Rica do Espírito Santo a favor da Companhia de Jesus. Feita por Ruy Dias de Guzmán. Santiago de Xerez, datada de 22-7-1595. Na primeira doação não menciona o lugar a que se referem as terras doadas. Já na segunda podemos concluir que se trata da Vila Rica no Ivaí no estado do Paraná. “... digo que por quando en la transladacion de la Villa Rica del Spiritu Sancto q hize en nombre de su mag. en el rrio del Ubay donde al presente esta fundada. Hize a los vezinos y moradores della rrepartimiento de tierras asi de solares como de chacaras donde aviendo hallado en el dicho rrio asentado..” (In: CORTESÃO, Jaime. (org). Op. cit., vol. I, p. 117- 120).

Consta que para a fundação de Vila Rica, Melgarejo partiu de Ciudad Real, com 40 homens e 53 cavalos, seguindo em direção leste, abrindo picadas pela mata, onde há cerca de 60 léguas de distância de Ciudad Real e de três léguas das supostas minas, em terras do cacique Coraciberá, Melgarejo ordenou que se construísse uma igreja com uma cruz ao lado e também ordenou a construção de uma fortaleza. Posteriormente, foi estabelecido o traçado do povoado, dividindo-se as terras onde deveriam ser construídas as casas e o local onde seriam feitas as lavouras. Segundo Cardozo, citado por Chmyz, esses acontecimentos teriam ocorrido por volta do mês de maio do ano de 1570, enfatizando que não há nenhuma referência à margem do rio Ivaí nessa primeira fundação de Vila Rica do Espírito Santo. “Os seus restos estariam em uma região de campos, entre as nascentes dos rios Piquiri e Ivaí, ao lado do caminho por onde penetraram Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Hernando de Trejo e outros...” (CARDOZO, 1970, p. 50 e 51).

Calcula-se que a povoação de Vila Rica do Espírito Santo foi transferida para a margem esquerda do rio Ivaí, pouco abaixo da foz do rio Corumbatai, somente após o ano de 1578. Entre os anos de 1577 e 1578, Melgarejo encontrava-se envolvido com a fundição de ferro das minas situadas nas proximidades da primeira Vila Rica do Espírito Santo. No ano de 1595, esse povoado já havia sido transferido para a foz do rio Corumbatai, sob os protestos dos seus moradores, os quais eram contra a transferência dos campos de Coraciberá. Estabelecidas as comunidades, no ano de 1630, Vila Rica contava com aproximadamente 150 brancos e Ciudad Real com apenas 50, sendo ambas dirigidas por um tenente-governador e câmara de vereadores. Estima-se, ainda, que a população indígena, na área de influência das duas regiões, era de aproximadamente 150 mil pessoas.

Segundo Chmyz, os vestígios de Vila Rica foram encontrados no ano de 1770, pelo capitão Francisco Lopes da Silva em viagem determinada pelo capitão de São Paulo, D. Luis Antônio de Souza Mourão. No ano de 1865, as ruínas de Vila Rica, foram parcialmente levantadas pelos irmãos Keller, os quais, com a realização desse trabalho, puderam oferecer importantes considerações sobre como se encontrava organizada a cidade. As escavações e os levantamentos feitos nas ruínas de Vila Rica foram realizados nos anos de 1959 e 1962. Os vestígios da cultura material, encontrados durante as escavações, permitiram aos pesquisadores compreender como se encontrava estruturada essa cidade. Pelas evidências, tornou-se possível perceber que a cidade fora construída de forma regular, dispondo de ruas bem alinhadas e largas, as quais se cruzavam formando ângulos retos. As casas, em sua maioria, eram feitas de taipa e cobertas de telhas. Num canto da praça, no centro da cidade, foram encontrados os vestígios que se acredita ter sido de uma igreja. Na entrada da cidade, os vestígios encontrados indicam que provavelmente deve ter havido ali uma fundição de ferro, mineral existente em abundância pelas vizinhanças. As terras, ricas em húmus, portanto férteis, eram excelentes para a lavoura. Tais fatores também ajudam-nos a entender por quê os espanhóis optaram por escolher esse local para o estabelecimento de uma nova povoação.

As fundações espanholas no Guairá, que se iniciaram com a fundação de Ontiveiros (1554), pelo que tudo indica, estão à margem esquerda do rio Paraná e em seguida Ciudad Real do Guairá (1556) junto à boca do Piquiri e, finalmente, Villa Rica del Spíricu Santo (1570), na direção do Ivaí, representava autênticas pontas de lança em direção aos domínios da coroa portuguesa. Esse avanço dos vizinhos espanhóis do Paraguai até o alto Ivaí enfrentou fortes protestos por parte dos paulistas que ficaram indignados com o fato de os espanhóis de Villa Rica e demais povoações estarem

adentrando as terras que consideravam pertencer ao domínio da coroa portuguesa, e, mais ainda, por estarem se apossando da abundante mão-de-obra indígena encontrada nessa região. Dessa forma, a expansão dos castelhanos do Paraguai, pelas terras que, hoje, pertencem ao Estado do Paraná, se chocava com os interesses dos paulistas.<sup>84</sup>

Os paulistas, diante das fundações espanholas no Guairá, utilizaram-se desse fato como um pretexto para justificar suas incursões com o objetivo de aprisionar os Carijó, ou Guarani, que habitavam um vasto território ao sul e sudoeste de São Paulo. Durante a primeira década do século XVII, os paulistas concentraram suas atividades em duas regiões que passaram a ser conhecidas com o nome de Sertão dos Patos e Sertão dos Carijó. O Sertão dos Patos localizava-se no interior do atual Estado de Santa Catarina e era habitado por índios Guarani, também conhecidos pelas denominações de Carijó e Patos. O Sertão dos Carijó, por sua vez, abrangia as terras além das margens do rio Paranapanema, e era habitado por grupos Guarani e, também, por grupos não Guarani. Tratava-se da região do Guairá, compreendida entre os rios Piquiri, Paraná, Paranapanema e Tibagi. A região do Guairá, em poucos anos, transformou-se no principal objetivo das expedições que partiam de São Paulo.

Em fins do século XVII havia nos domínios castelhanos da vertente platina cerca de dez ou doze núcleos de povoados, que na realidade, não passavam de pequenas aldeias, por causa das inúmeras dificuldades que os assuncenhos encontravam para se estabelecer definitivamente na região. Até mesmo Buenos Aires, novamente fundada em 1580, por Juan de Garay, por ordens de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, após ter Irala ordenado seu despovoamento, não conseguiu atingir o desenvolvimento esperado.

---

<sup>84</sup> - TAUNAY, Affonso de E. *História das bandeiras paulistas*. Op. cit., p. 32.



## 2.4 – A destruição das reduções do Guairá em 1629.

No ano de 1629, no entanto, ocorreu à destruição das reduções do Guairá pelos bandeirantes paulistas, sob o comando de Manuel Preto e Antonio Raposo Tavares<sup>85</sup>. Alguns padres das missões do Guairá chegaram a enviar documentos em que acusavam D. Luís de Céspedes Xeria governador do Paraguai, de ser o autor intelectual do assolamento ao Guairá<sup>86</sup>. D. Luís de Céspedes Xeria, era um fidalgo militar espanhol que serviu no Chile no ano de 1625 foi nomeado Capitão-General do Paraguai. Ao chegar ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1628, casou-se com D. Vitória de Sá, sobrinha do governador fluminense Martin de Sá, que foi quem o induziu à viagem por São Paulo, dando-lhe permissão para a longa jornada fluvial que deveria percorrer. No dia 18 de julho de 1628, Céspedes Xeria chegou a Santos e exigiu do governador da Capitania, Amador Bueno, o apregoamento de edital proibindo terminantemente qualquer entrada de português em terras de sua jurisdição, sob pena de 500 ducados de multa. Seguindo viagem, no dia oito de julho, D. Luís precisou mostrar a Câmara de São Paulo a ordem que trazia para passar por aquele caminho, o qual era proibido. No dia 16, deixava São Paulo, seguindo em direção a um porto do baixo Tietê. Consta que, nesse lugar, D. Luís mandou fazer grandes batelões e com eles desceu o rio por

---

<sup>85</sup> - "... Raposo Tavares dio en tres reducciones ñtras y las Asolo y sin en Tayahoba no se hubieran hecho fuertes los padres com la gente que alli tienen hubieran hecho lo mismo en todo el Rio de la V.<sup>a</sup> y hubieran llegado hasta sacar los yndios de las mismas casas de los españoles, porque dicen que tienen licencia para ello. Pues dios se la he dado basta. XLIV "Cópia certificada de uma carta escrita pelo padre Antônio Ruiz ao governador do Paraguai, D. Luís de Céspedes Xeria em que dá conta dos estragos causados pela bandeira de Antônio Rapôso Tavares. Ecarnação. 15-4-1629." (In: CORTESÃO, Jaime. (org). Op. cit., vol. I, p. 305-306).

<sup>86</sup> - Encontramos na documentação consultada evidências que comprovam o envolvimento do governador D. Luis de Céspedes Xeria no assolamento ao Guairá. Um de número LVII- " Memorial em direito apresentado pelo padre Francisco Dias Taño da Companhia de Jesus contra o governador D. Luís de Céspedes Xeria na causa que se lhe move pelos delitos cometidos no seu governo. 1631." Outro de número LVIII "Três memorias: 1) Capítulos provados na sumária feita contra o governador Luís de Céspedes Xeria: 2) Pontos do processo que já existiam antes de se enviar juiz ao Paraguai: 3) Informações e autos feitos pelo governador Luís de Céspedes Xeria contra os religiosos da Companhia. 1631. (In: CORTESÃO, Jaime. (org).Op. cit., vol I. p. 399 a 424).

aproximadamente 16 dias. Navegou o Paraná e o Paranapanema até Loreto, quando chegou, no dia oito de setembro, a Ciudad Real. Logo em seguida, oito de novembro de 1628, enviou um extenso relatório ao rei Filipe IV, em que denunciava as dificuldades nas quais se encontrava a província do Guairá. D. Luís exigiu do rei que este castigasse os paulistas, traficantes de escravos que, segundo ele, os vendiam não só em todo o Estado do Brasil como até em Lisboa.<sup>87</sup>

A presença de Xeria no Guairá causou certas suspeitas entre os jesuítas que o acusavam de estar mancomunado com os paulistas, incentivando os ataques às reduções. Para os jesuítas, Xeria era cúmplice dos paulistas e os teria ajudado com a condição de que obteria, em troca, um bom número de índios, que pretendia utilizar como mão-de-obra compulsória em suas propriedades, e até mesmo teria tratado de enviar alguns índios para os seus parentes no Rio de Janeiro. Essas suspeitas dos jesuítas em relação a Xeria se devem ao fato de ter o governador, durante o tempo em que esteve em Ciudad Real e Vila Rica, demonstrado interesse e preocupação com as condições em que se encontravam os colonos espanhóis. Colocou-se contra os jesuítas e a catequese, afirmando que as reduções não passavam de esconderijos de escravos tupis que procuravam fugir do cativeiro dos paulistas.<sup>88</sup>

No começo do ano de 1629, Xeria voltou a escrever ao rei Filipe IV, comunicando-lhe sobre sua presença em Vila Rica, e relatou que as expedições paulistas que marchavam sobre as reduções já haviam atravessado o Paranapanema. Informou ainda, ao rei que se encontrava de partida do Guairá rumo a Assunção, aonde chegou, no dia 10 de abril, sendo bem recebido por todas as autoridades presentes. Chegando a

---

<sup>87</sup> - TAUNAY, Affonso de E. História das bandeiras paulistas. Op. cit., p. 44.

<sup>88</sup> - Idem. p. 44.

Assunção, Xeria enviou novos relatórios ao rei Filipe IV, nos quais constavam muitas queixas contra os jesuítas e o trabalho de catequese que realizavam junto aos índios.<sup>89</sup>

Ao se referir à destruição das reduções do Guairá, Taunay, em sua obra *História das Bandeiras paulistas* (1976), afirma que, em 8 de setembro de 1629, os bandeirantes, sob o comando de Antonio Pedroso, atravessaram o Tibagi e aprisionaram os índios da aldeia de *Encarnación*. Diante desse fato, o superior do povoado, padre Antonio Ruiz de Montoya, pediu que soltassem os índios que haviam aprisionado, mas teve seu pedido negado pelos bandeirantes paulistas. Não conseguindo libertar seus catecúmenos, os padres Cristóvão de Mendoza e José Domenech, reuniram cerca de 1.200 índios e se apresentaram diante de Pedroso, na tentativa de estabelecer algum tipo de acordo com os invasores. Após o episódio em que o padre Mendoza fora gravemente ferido, Manuel Preto decidiu por devolver os índios que haviam aprisionado, prometendo não atacar as reduções e, a partir de então, se comprometeu a só cativar índios bravios.<sup>90</sup>

Durante aproximadamente quatro meses, os paulistas, diante do que haviam prometido aos padres, mantiveram-se ocupados em caçar somente os índios que não pertenciam às aldeias dos jesuítas. No entanto, esse acordo foi rompido, no dia 30 de janeiro de 1629, quando Raposo Tavares ordenou o ataque à redução de Santo Antônio.<sup>91</sup> Consta que, nesse ataque, Simão Álvares conseguiu aprisionar um grande número de índios, muito embora o padre Pedro de Mola, superior da aldeia, indignado com o ataque, tentou reagir e quase foi assassinado. Dando continuidade aos ataques, no dia 23 de março Antônio Bicudo de Mendonça ocupou a aldeia de São Miguel de

---

<sup>89</sup> - Ibidem. p. 46.

<sup>90</sup> - Ibidem. p. 48.

<sup>91</sup> - Em 1628, o padre Luís Ernot denunciava como principais *maloqueros*: Antônio Raposo Tavares, Frederico de Melo Coutinho e seu irmão Manuel, Manuel Pires, sogro de Raposo Tavares, João Pires, Antônio Pedroso de Alvarenga Antônio Álvares, Álvaro Neto e Dom Francisco Rendon, pelo que tudo indica era este último de origem castelhana e não paulista como os demais. (TAUNAY, Affonso de E. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1976. Tomo I. p. 51).

Ibituruna, e, para sua surpresa e decepção, encontrou-a deserta, pois os padres haviam fugido dos ataques dos paulistas providenciando a transferência dos índios para outro lugar. Enquanto isso, outra coluna da tropa de Manuel Preto, comandada por Manuel Mourato, invadiu a aldeia de Jesus Maria, aprisionando mais de 1.500 índios. Soma-se a esses episódios outras duas colunas, tendo por comandantes Pedro Vaz de Barros e Brás Leme, que voltaram sem prisioneiros e com muitas perdas e mortes dos membros de suas colunas. Esses acontecimentos refletem as inúmeras dificuldades que os paulistas enfrentavam. Entre elas podemos considerar a resistência por parte dos padres, que permaneciam corajosamente junto aos índios de suas reduções e aldeias, dispostos a enfrentar as investidas dos bandeirantes. Muitos padres haviam, inclusive, providenciado armas para os índios, para que juntos pudessem se defender dos ataques a suas reduções<sup>92</sup>. Outro fator que dificultava os bandeirantes adquirirem cativos indígenas era que a área, hoje paranaense, onde se encontravam as treze reduções do Guairá, abrangia uma dilatada região, da qual os paulistas tinham pouco conhecimento.

Enquanto, de um lado, se agitavam as autoridades castelhanas, buscando frear as investidas dos paulistas na região do Guairá, no ano de 1631 reaparecia Antônio Raposo Tavares em campanha. O então governador do Paraguai, Céspedes Xeria, mandou ao encontro dos invasores uma força militar comandada pelo Mestre de campo Riquelme de Guzmán, pai de Ruy Diaz, fundador de Xerez. “A 25 de novembro de 1631,

---

<sup>92</sup>- Sobre esse fato, encontramos, na documentação consultada, algumas evidências que comprovam o uso de armas de fogo pelos índios das reduções do Guairá. A primeira evidência, documento de número LIX, trata-se de um “Inquérito aberto a instância do padre Antonio Ruiz para saber se os índios do Guairá possuíam armas de fogo antes de abandonar as suas reduções e no momento de baixar o salto, como os espanhoís afirmavam - 1632.” O próximo, de número LX “Cópia de um memorial apresentado por Antônio Ruiz de Montoya na Côrte de Espanha em que expõe as razões que levaram os paulistas a atacar as reduções e cidades de Guairá e a êle a defendê-las com mãos armadas. Pede se visitem as reduções dos índios e se lhes ponha tributo - 1629.” E ainda, documento de número LXI “Cópia da petição do padre Antônio Ruiz de Montoya a sua majestade, relatando os estragos dos índios infiéis e dos paulistas nas reduções da Companhia de Jesus e pedindo-lhe licença para que as ditas reduções possam ter armas de fogo e assim defender-se das invasões dos paulistas.” (In: CORTESÃO, Jaime. (org). Op. cit., vol. I, p. 425-434).

acampou Guzmán perto do Salto das Sete Quedas preparando-se para socorrer Vila Rica del Spiritu Santo que os paulistas pretendiam destruir, empenhados como pareciam em enxotar todos os castelhanos além Paraná.” (TAUNAY, 1976, p. 53).

Diante de tais acontecimentos, o padre Montoya, entendendo que não tinham condições de resistir e enfrentar o ataque paulista determinou o êxodo dos índios das reduções de Loreto e Santo Inácio, pois, naquele momento, eram as duas únicas reduções do Guairá que ainda resistiam, das treze que haviam sido fundadas. Providenciou o padre Montoya para que os índios embarcassem em canoas e jangadas, os quais, segundo ele, somavam cerca de 12 milhares de Guarani, que fugiram em setecentas jangadas e canoas. No total, segundo Montoya, o número de índios das onze aldeias destruídas somava mais de 33.000 habitantes, número que para nós parece um pouco exagerado. Nessa retirada, além dos perigos impostos pela navegação fluvial, os jesuítas temiam que os espanhóis de Ciudad Real assaltassem os retirantes. Grandes dificuldades tiveram os fugitivos para atravessar o Salto das Sete Quedas, sendo preciso, em determinados locais da travessia, abandonar as embarcações, percorrendo cerca de 25 léguas a pé, até que fosse possível seguir com as canoas e as balsas. Consta que muitos pereceram nessa viagem e, no final somava-se grande perda de contingente humano.

Diante dos constantes ataques às reduções do Guairá, a cada dia, tornava-se mais difícil para os padres da Companhia de Jesus e também para os castelhanos do Paraguai, assegurar a posse do território, outrora conquistado por Melgarejo, e que julgavam pertencer à Coroa espanhola. Em princípios de 1631, as pressões paulistas deixavam bem claro que deveriam os castelhanos providenciar o abandono da região reivindicada. Diante desses acontecimentos, tornou-se crítica a situação de Ciudad Real e Vila Rica del Spiritu Santo. Na tentativa de prestar ajuda e socorrer os que ainda se encontravam

na província, o bispo do Paraguai, D. Frei Cristovão de Aresti seguiu viagem para a região ameaçada. O cabildo de Assunção, em sessão de 20 de outubro de 1631, determinou que uma expedição de socorro seguisse para o Guairá, sendo comandada pelo mestre de campo Francisco Spinola. Nessa ocasião, D. Luís de Céspedes Xeria foi destituído do seu cargo de governador do Paraguai, por sua aproximação com os paulistas, com os quais compartilhava muitos interesses. “Motivaram esses fatos à deposição de D. Luís de Céspedes Xeria e a abertura de um processo de residência contra ele. Instaurado o processo do qual resultou sua condenação a quatro mil pesos de multa e a inabilitação para qualquer cargo por seis anos.” (TAUNAY, 1976, p. 57).

No ano de 1632, existiam em Vila Rica aproximadamente 4.500 espanhóis e seus índios encomendados. Encontrava-se em difícil condição por estarem cercados pelos portugueses de São Paulo, padecendo muitos sofrimentos e fome, por terem os paulistas se apossado de suas terras e de seus mantimentos. Após verificar que seria inútil continuar resistindo, o bispo D. Frei Cristóvão de Aresti chefiou o êxodo dos sitiados além Paraná. No dia 20 de outubro, encontravam-se os retirantes já estabelecidos na margem direita do Paraná, onde muitos pereceram após centenas de quilômetros de forçada marcha. Os habitantes de Ciudad Real, assustados com o que havia acontecido com os seus vizinhos de Vila Rica, também decidiram abandonar sua povoação. “Dentre em pouco não haveria um único branco mais sitiado na grande área limitada pelo Paranapanema, Tibagi, Paraná e Iguaçú.” (TAUNAY, 1976, p. 55).

Um fato, porém, nos chamou a atenção e tem exigido explicações mais claras e detalhadas por parte da história. Referimo-nos ao fato de que, após a destruição das fundações espanholas no Guairá, diversos espanhóis guairenhos decidiram residir entre os paulistas. Teria sido esta uma decisão espontânea ou, talvez, a única possibilidade encontrada diante das inúmeras dificuldades. Ao se juntarem aos paulistas, quais eram

as condições impostas para que esses guairenhos pudessem permanecer, fazendo parte do contingente que havia destruído suas povoações? Na prática, o despovoamento das fundações espanholas do Guairá resultou na perda da região para a coroa portuguesa. Os castelhanos de Vila Rica e Ciudad Real que não se juntaram aos paulistas deslocaram-se em massa para além-Paraná em longas e penosíssimas jornadas que resultaram em muitas mortes.

Feitas todas as considerações as quais julgamos ser imprescindível para que possamos compreender as especificidades em que se deu à ocupação do interior do continente sul-americano por espanhóis e, posteriormente, por portugueses, encontramos-nos familiarizados com os fatos e as particularidades da história e da geografia da região que propomos estudar. Nosso objetivo, para o capítulo que se segue, consiste em tecer algumas considerações a cerca da problemática estabelecida em torno da fundação e da localização do núcleo urbano colonial espanhol no Itatim, hoje, no Pantanal sul-mato-grossense, Santiago de Xerez, cujo entorno, os atuais municípios de Miranda e Aquidauana, integrava os “Campos de Xerez.” Tema relevante para a história da região, e que, até o momento apresenta várias lacunas que geram muitas indagações e tem solicitado explicações mais detalhadas por parte dos historiadores.

## **CAPÍTULO III**

### **OS INSUCESSOS COLONIZADORES NOS CAMPOS DE XEREZ.**

“O certo é que, descortinados os campos de Xerez, passariam eles às vezes a fornecer pousada, albergue, colheita de sementeiras e infalivelmente passagem privilegiada para as bandeiras destinadas ao Extremo Oeste.” (HOLANDA, 1986, p. 152).

Este capítulo tem por objetivo apresentar como se estabeleceu e se consolidou na historiografia brasileira e platina a problemática em torno da fundação de Santiago de Xerez. Pretendemos esclarecer alguns aspectos polêmicos quanto à fundação e localização desse núcleo colonial urbano em território hoje sul-mato-grossense. Abordaremos as circunstâncias históricas que permearam sua fundação, evidenciando o momento em que esse núcleo colonial foi transferido para as margens do rio Aquidauana, onde permaneceu até o ano de 1632. Destacaremos quais eram os objetivos dos colonizadores espanhóis com a fundação dessa cidade e onde foram se estabelecer os moradores de Xerez, após o ataque bandeirante comandado por Antonio Raposo Tavares, e 1632, e que resultou no abandono da região pelos espanhóis e, conseqüentemente, o despovoamento.

Destacaremos inicialmente algumas abordagens históricas que contemplam a temática em questão, para que, assim, possamos perceber como essa temática se apresenta e se faz confusa na historiografia brasileira. Iniciaremos nossas observações, partindo das contribuições encontradas em alguns estudos que, ao eleger um determinado assunto a ser desvendado, focalizaram o objeto em questão. Com o auxílio



desses trabalhos, tornou-se possível reunir algumas informações e evidências importantes e que nos permitiram traçar um panorama histórico sobre Xerez. Encontramos nesses estudos diferentes abordagens, das quais nos utilizamos para apresentar a problemática histórica proposta por nós para esta pesquisa.

As contribuições oferecidas por Virgílio Corrêa Filho, com seu estudo: *História de Mato Grosso* (1969) inicia esta análise. Para esse autor, a fundação de Xerez coube inicialmente a Ruy Diaz de Melgarejo<sup>93</sup>. Em sua versão, Santiago de Xerez foi edificada, pela primeira vez, sobre a margem oriental do rio Mbotetei, o qual Virgílio Corrêa acredita ser o atual Miranda, tributário do rio Paraguai, na altura Do paralelo 19º, onde segundo Virgílio Corrêa, por causa das condições ambientais e das dificuldades em estabelecer contatos com a população indígena, jamais prosperaria. Afirma Virgílio que: “Ao contrário das povoações do Guairá que floresciam e multiplicava-se em vários núcleos, definhava Xerez, hostilizada pelos Guatós, Guapís, Guanchos e Guetes, que lhe impediam o desenvolvimento.” (CORRÊA FILHO, 1969, p. 147).

Para esse autor, os motivos que levaram os xerezanos a solicitar o traslado de Xerez foi à impossibilidade de esse núcleo urbano prosperar. Não conseguindo os xerezanos submeter os índios que permaneciam hostis e se recusavam servir aos espanhóis. Sendo assim, diante de tantas dificuldades, no ano de 1593, o núcleo colonial urbano de Xerez foi reedificado às margens do rio Aquidauana. Posteriormente, afirma esse autor, ter sido Xerez transferida para um outro lugar, para um terceiro sítio chamado “llanos de Jaraguari”, onde pereceu até as investidas dos bandeirantes paulistas sob o comando de Antônio Raposo Tavares em 1632. Os objetivos dos

---

<sup>93</sup> - Acreditamos que em alguns trabalhos analisados por nós perpassa uma certa confusão entre esses dois personagens da história colonial paraguaia: Ruy Diaz de Guzmán e Ruy Diaz de Melgarejo. Isso se deve à semelhança entre esses dois nomes, o que nos levou a constatar que existem referências equivocadas quando se atribui a Melgarejo feitos realizados por Guzmán e vice-versa.

colonos espanhóis com a fundação de Xerez, no entender de Virgílio Corrêa, se justificavam pelo fato de que Xerez “.... destinava-se a servir de capital da província de Nova Viscaia, que se criasse, caso não lhe refreassem o crescimento vários fatores, entre os quais se incluíram os mesmos índios dos arredores. Nenhuma assistência religiosa havia, nos primeiros tempos.” (CORRÊA FILHO, 1969, p. 147).

Ao analisarmos o trabalho de um outro pesquisador, Uacury Ribeiro de Assis Bastos (1979), verificamos que esse autor, ao tecer considerações sobre os motivos que determinaram o estabelecimento, pelos espanhóis, de um núcleo urbano no Itatim, afirma que essa fundação está relacionada ao fato de que os espanhóis pretendiam se instalar nessa região porque sabiam da possibilidade de atingir o Peru pelo Itatim, pois essa rota já havia sido anteriormente percorrida e comprovada. Assim esclareceu Bastos: “Suas conexões com o Peru, conhecidas e comprovadas, através das diversas expedições que cruzaram o Chaco partindo de Itatins, foram fatores decisivos para a fundação de Xerez. Também o problema das *encomiendas* de índios dos assuncenhos foi motivação importante na penetração de colonos espanhóis ou seus descendentes, no Itatim.” (BASTOS, 1979, p.70).

No trabalho de Bastos, verificamos serem poucas as referências sobre as circunstâncias em que se deu à fundação, o traslado e o ataque bandeirante à cidade de Santiago de Xerez. O autor não se aprofundou nesse particular porque em seu estudo buscou contemplar os aspectos da *Expansão territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai* (1979), em sua amplitude, dando ênfase maior ao período que buscou compreender (1767-1801). Porém, afirmou esse autor que: “... a partir de 1680, as autoridades do Paraguai começaram a enviar patrulhas de reconhecimento, para localizar portugueses em Xerez.” (BASTOS, 1979, p.132). Ao se referir ao local da fundação de Santiago de Xerez, Bastos faz uma rápida observação, que consideramos

ser muito importante para ajudar a esclarecer parte da problemática estabelecida por esta pesquisa: “A fundação do Forte de Miranda, à margem do Mboteteu, em local onde existira a antiga Xerez, antecipou-se aos planos espanhóis, de atingirem a região de Chiquitos pelo caminho seguido por Ayolas”. (BASTOS, 1979, p. 187).

Com essa afirmação, Bastos reforça a hipótese de que após o traslado, em 1600, Xerez foi fundada pela segunda vez às margens do rio Miranda, que era conhecido pelo nome de Mbotetei, nome atribuído também ao atual rio Aquidauana. O local dessa fundação, segundo Bastos, teria sido onde, posteriormente, foi fundado o Forte de Miranda. Fazendo uma observação sobre essa afirmação de Bastos, queremos ressaltar que o curioso a esse respeito é que, muito embora na documentação consultada encontramos algumas referências à fundação de Xerez às margens do rio Miranda, e até o presente momento não foram encontradas as evidências arqueológicas, ou seja, as ruínas que pudessem ter pertencido a Xerez e nem mesmo, por causa da ausência de vestígios, sabe-se corretamente o local exato onde foi fundado o Forte de Miranda, uma vez que a localização da atual cidade de Miranda não coincide com o assentamento colonial do Forte.

Além dos autores já citados, foi de grande importância, para este estudo, as contribuições oferecidas por Regina Gadelha sobre *As missões jesuíticas do Itatim* (1980). Gadelha esclareceu em suas pesquisas que, após a morte de Irala, em 1557, Juan de Garay foi quem deu continuidade ao povoamento da região. Porém, destaca Gadelha que enquanto Irala se preocupou em encontrar uma passagem pelo norte em busca do sonhado *Eldorado*, Juan de Garay dirigiu-se ao rio da Prata, com o objetivo de abrir o Paraguai ao comércio com a Espanha<sup>94</sup>. Gadelha atribuiu a Garay a determinação de fundar Xerez, quando este, no ano de 1582, ao voltar de uma expedição ao Itatim, onde

---

<sup>94</sup> - GADELHA, Regina Maria A. F. *As missões Jesuíticas do Itatim: um estudo das estruturas sócio-econômicas coloniais do Paraguai (séculos XVI e XVII)* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 81.

fora apaziguar os índios, determinou a fundação de Santiago de Xerez, nas margens do rio Aquidauana, próximo a serra do mesmo nome.

Esta pesquisadora considera que Garay decidiu estabelecer um povoado nesse local para aproveitar a mão-de-obra dos índios Ñuaras e Guasarapó, habitantes tradicionais da região, reduzindo-os em aldeias e realizando seu empadramento. Segundo Félix de Azara, citado por Gadelha, Xerez encontrava-se localizada na altura dos 19° 25'20" de latitude. "A vila foi fundada por Ruy Diaz de Melgarejo, que para aí se dirigiu de Assunção, com uns 60 espanhóis." Os Ñuara e Guasarapó tentaram, ainda impedir esta fundação, mas sem resultado. No entanto, carecendo de minas e de comércio, aos poucos foi Xerez sendo abandonada por seus habitantes." (GADELHA, 1980, p. 81).

Prosseguindo em sua análise, Gadelha afirma que no ano de 1593, Xerez foi fundada pela segunda vez, em um local mais próximo do Guairá, por Ruy Diaz de Guzmán. Baseando-se novamente nas informações oferecidas por Félix de Azara, afirma a pesquisadora, que essa nova fundação se localizava nas margens do rio Pardo, afluente do Paraná. Para fundar Xerez, Ruy Diaz de Guzmán reuniu os habitantes de Ciudad Real e Villarica del Spírito Santo as quais se despovoaram. No entanto, Guzmán não obteve o apoio necessário capaz de garantir o sucesso de seu empreendimento e novamente, segundo Gadelha, teve Xerez de ser trasferida para um outro local. Gadelha acredita que essa nova fundação encontrava-se às margens do rio Aquidauana, porém, dessa vez, próximo ao rio Paraguai.

Façamos agora uma pequena pausa para traçarmos um paralelo entre esses dois autores. Podemos apontar para o fato de que Gadelha, assim como Virgílio Corrêa, trabalha com a hipótese de que Santiago de Xerez foi fundada três vezes. Gadelha estabeleceu que a primeira fundação de Xerez ocorreu no ano de 1582, e seu fundador

foi Juan de Garay. Localizava-se essa primeira Xerez, nas margens do rio Aquidauana, próximo a serra do mesmo nome. A segunda fundação de Xerez, para a autora, ocorreu no ano de 1593, por Ruy Diaz de Guzmán, nas margens do rio Pardo. E a terceira, no ano de 1599, novamente nas margens do rio Aquidauna, porém, próximo ao rio Paraguai. Enquanto Virgílio Corrêa atribui a Ruy Dias de Melgarejo a fundação da primeira Xerez, no vale do rio Miranda, mudando-se para as margens do Aquidauana em 1593 e posteriormente transferida para um outro lugar, sobre o qual não oferece maiores detalhes.

Quanto ao modo de vida que se estabeleceu em Xerez, Gadelha esclarece que mesmo tendo escravizado os índios Ñuara, estes viviam sempre revoltados contra os colonos xerezanos. Um exemplo de que esses índios nunca aceitaram a presença colonial espanhola em seu território são as inúmeras revoltas dos Itatins nesse período. Além dessas revoltas, outro fator que inviabilizou a permanência de Xerez no território do Itatim é que esse núcleo colonial encontrava-se isolado das mais importantes rotas comerciais, o que impedia o desenvolvimento de sua economia. Tendo em vista o fato de se encontrar afastada, era difícil sua comunicação com Assunção. A cidade ainda era vítima dos constantes ataques por parte dos Paiaguá e dos Guaicuru. Diante dessas circunstâncias, afirma Gadelha que:

“... apesar das tentativas para manter a vila, esta definhava, não restando mais que quinze homens brancos no local, no início do século XVII. Manter Xerez representou ato de coragem e heroísmo da parte dos que se sacrificaram, permanecendo no local, pois quem mais tirava lucro da situação era, na verdade, alguns encomenderos assuncenhos, desejosos de se aproveitar da mão-de-obra em potencial, representada pelos índios dessa região.” (GADELHA, 1980, p. 81-82).

Outro trabalho de grande importância para esta pesquisa é o de Maria de Fátima Costa. Em seu estudo *História de um país inexistente* (1999), Maria de Fátima Costa afirma que no ano de 1593 foi fundada Santiago de Xerez, na região dos Itatins, por Ruy

Diaz de Guzmán, que para essa fundação teria reunido os habitantes de Vila Rica e Ciudad Real e, após submeter os Ñuara ou Ninguara que habitavam a ocidente do Paraná, fundou Xerez, a qual Maria de Fátima atribui o título de “Primeira Cidade Pantaneira.” Porém, passado pouco tempo, Santiago de Xerez foi transladada, indo localizar-se sobre o rio Mbotetei, o qual acredita ser o atual Miranda. Essa mesma autora afirma que, posteriormente, o governo assuncenho, tinha como plano retorná-la à sua primitiva localização, mas não obteve êxito.<sup>95</sup>

Buscando esclarecer essa controvérsia que tem gerado uma interminável polêmica em torno da fundação e localização do núcleo colonial urbano de Xerez, Maria de Fátima Costa, em nota de número 33 de seu trabalho, p. 44, afirmou existir informações desencontradas em torno da fundação e localização de Xerez. Para demonstrar a dificuldade que a maioria dos pesquisadores encontra ao tentar oferecer informações mais claras e precisas, Maria de Fátima buscou exemplificar a questão e optou por apontar alguns trabalhos que, por meio da análise e interpretação de vários documentos, mostrou como o problema se estabeleceu e as dificuldades em desvendá-lo. Na própria documentação primária, referente a esse período, também se encontram informações variadas, o que se pode atribuir ao fato dos espanhóis não possuírem um conhecimento preciso da toponímia da geografia regional, na época em que foi fundada Santiago de Xerez. Ressalta a pesquisadora que muito embora a localização do novo núcleo colonial tenha sido descrita por seu fundador como de boas condições, na prática, a realidade mostrava indícios de que havia uma dose de otimismo um tanto quanto exagerada por parte de Guzmán, que assim concluiu:

---

<sup>95</sup> - COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade: Kosmos, 1999, p. 44 - 45.

“Santiago de Xerez não conseguiu prosperar, nunca chegou a ser um grande núcleo populacional. Em 1605 contava apenas com quinze homens capazes de tomar armas; carecia de padres e de eclesiásticos. Falava-se de tanta miséria que seus habitantes sobreviviam alimentando-se de raízes. Esta precariedade deve-se, entre outras coisas, à inexistência de comércio regular, à difícil comunicação com Assunção e aos constantes ataques de Payaguá e Mbayá-Guaykurú. Em vista disso, o próprio governo assuncenho solicitou seu despovoamento. Contudo, em meio a esta miséria, conseguiu subsistir até 1632.” (COSTA, 1999, p. 45).

No ano de 1632, as bandeiras paulistas que, desde a primeira metade do século XVII, haviam iniciado suas investidas em direção aos territórios de domínio espanhol, após destruir o Guairá, invadiram Santiago de Xerez. Afirma Maria de Fátima Costa, que os bandeirantes invadiram Xerez, mas não a destruíram ao contrário do que afirmam alguns historiadores: “São os seus miseráveis habitantes que, ao sentirem a aproximação dos paulistas, resolvem abandoná-la. Coincidentemente, foi nesse mesmo ano de 1632 que os jesuítas estabeleceram suas missões no Itatim.” (COSTA, 1999, p. 45).

Entre os autores utilizados destacamos também as contribuições oferecidas por Jaime Cortesão, em seu estudo: *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil* (1950). Ao apresentar o histórico das primeiras missões jesuíticas que se estabeleceram na província do Paraguai, catequizando os índios do Guairá e, a partir de 1632 os do Itatim, Cortesão destacou o trabalho dos padres em Ciudad Real do Guairá, sobre o Paraná, em Vila Rica do Espírito Santo, sobre o Ivaí e, em Santiago de Xerez, sobre o Aquidauna. Para Cortesão, o Guairá, Vila Rica e Xerez serviam como ponto de escala, ou seja, de passagem dos paulistas nas viagens em busca das sonhadas minas do Peru. Porém, afirma que é possível que nem todos os que iam ao Guairá ou até Vila Rica ou faziam em viagem ao Peru. Mas certamente os que passavam por Santiago de Xerez atravessavam o Pilcomaio e o Guapaí e seguiam em direção às tais minas.<sup>96</sup>

---

<sup>96</sup> - CORTESÃO, Jaime. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1950, p. 291 e 297.

Esse autor, de acordo com a obra citada, não faz maiores revelações sobre Santiago de Xerez. Seu estudo se concentra no personagem do bandeirante, principalmente nas ações e nos episódios atribuídos a Raposo Tavares. Cortesão preocupou-se em desmitificá-lo, mas ao mesmo tempo apresentá-lo como um homem à frente de seu tempo e a serviço da geopolítica colonial portuguesa na América do Sul. Particularmente, o que nos interessa observar é que, quando se refere a Xerez, Cortesão a localiza as margens do rio Aquidauna, reforçando a nossa hipótese sobre a sua real localização.

Além das contribuições oferecidas por Jaime Cortesão, destacamos outro importante trabalho que consideramos ser o estudo mais abrangente, o mais criterioso e, ao mesmo tempo, o mais minucioso sobre o período e sobre os fatos históricos ocorridos na região onde estabelecemos e situamos o recorte temporal e espacial de nossa pesquisa. Trata-se das considerações desenvolvidas por Sérgio Buarque de Holanda em seu estudo *O Extremo Oeste* (1986). O autor, em suas observações e indagações, revela-nos particularidades históricas que nos fazem penetrar nos aspectos do cotidiano, da cultura material, do universo indígena e dos conflitos existentes entre os diversos agentes históricos ali presentes, os quais se viram envolvidos cada qual buscando defender seus interesses particulares e impor seu domínio sobre a região.

As considerações e abordagens desenvolvidas por Sérgio Buarque de Holanda encontram-se diluídas e permeando o interior do nosso trabalho. Buscamos junto a esse autor os referenciais teóricos e metodológicos que nos deram suporte e bagagem para que pudéssemos reorganizar cronologicamente uma série de dados e de fatos, sem, contudo, perder a perspectiva, para se compreender a verdadeira dimensão da pesquisa histórica, naquilo que compete ao historiador, que é o seu ofício, ou seja, cabe ao historiador fazer a pesquisa, a interpretação e a análise crítica dos fatos com os quais



está trabalhando. Ao mesmo tempo, procurando, contudo, evitar os anacronismos e manter um certo distanciamento em relação ao objeto de sua análise, buscando uma imparcialidade, que nem sempre é possível.

Com Sergio Buarque de Holanda aprendemos a importância e a necessidade do pesquisador de escrever e reescrever, depois rever o já feito, para só então sermos capazes de expor de forma clara o nosso pensamento histórico. Ao comentar o amadurecimento intelectual de seus trabalhos, afirmou Sergio Buarque: “Só lentamente cheguei a ter idéia da necessidade de moldar minha linguagem e dar-lhe forma, cuidadosamente. Tentei fazê-la precisa e expressiva mais do que bonita. Procurei a palavra correta, não a floreada – a frondosa – mas a exata e incisiva.” (HOLANDA, 1986, p. 12). Essa é uma preocupação que nos acompanhou durante todo o processo de escrita deste trabalho.

As contribuições de Sérgio Buarque para esse trabalho são inúmeras, no entanto uma questão abordada pelo autor reproduz uma certa dúvida, isto é quando se refere à fundação e localização de Xerez às margens do rio Ivinhema, afirmou Sérgio Buarque que:

“Ficava essa primeira (ou Segunda) Xerez às bordas do Jaguari, nome que deram os castelhanos geralmente ao rio Ivinhema, mas Azara sempre inclinado, um pouco por dever de ofício, a dilatar o mais possível a primitiva área de expansão castelhana, de sorte a mostrar a injustiça das “usurpações lusitanas, julga sem explicação maior – “y creo”, diz – que ela estaria situada à margem do Pardo, nos lados de Camapuã. Com isso estaria, perto de 150 anos antes, em plena rota das monções de povoado.” (HOLANDA, 1986, p. 134).

O trabalho mais recente a tratar do tema em questão é o de Paulo Esselin, *A Gênese de Corumbá: Confluência das Frentes Espanholas e Portuguesas em Mato Grosso 1536-1778*. (2000). Esselin afirma que Juan de Garay, acompanhado por um grupo de índios Guarani que o guiava, chegou ao rio Paraná. Deste rio dirigiu-se até o

Ivinhema, adentrando os “Campos de Xerez”, para apaziguar os índios Itatins. Assinalou que em seu regresso, Garay, com o objetivo de aproveitar a mão-de-obra dos tradicionais agricultores, os Ñuara, enviou Ruy Diaz de Melgarejo, com a missão de fundar um novo núcleo urbano que receberia o nome de Santiago de Xerez: “... queria seu fundador fazer dela cabeça da província de Nova Viscaia, porém Melgarejo não foi feliz em sua empreitada, em consequência de uma forte oposição dos indígenas, habitantes daquelas províncias, que confederados impediam que o povoado prosperasse.” (ESSELIN, 2000, p. 45).

Tendo em vista os constantes ataques feitos pelos índios das vizinhanças ao núcleo recém fundado, além da dificuldade de estabelecer relações comerciais com Assunção, aos poucos, esse primeiro núcleo foi sendo abandonado. Em 1593, ainda segundo Esselin, Santiago de Xerez foi fundada pela segunda vez. Essa segunda fundação coube a Ruy Diaz de Guzmán e se encontrava localizada na margem direita do rio Ivinhema, região que Guzmán descreveu como sendo rica e próspera. Acredita Esselin que a cidade permaneceu nesse local, até que Hernandarias de Saavedra, que na ocasião ocupava o cargo de governador do Paraguai, obrigou Guzmán a transferir o pequeno povoado para um outro local.

Frente às determinações de Hernandaria, no ano de 1596, coube a Ruy Diaz de Guzmán transladar Santiago de Xerez para mais ao norte, à margem esquerda do Mbotetei, onde também enfrentou muitas dificuldades. Esselin relata que, mesmo contrariando os interesse em Assunção, Guzmán determinou que o novo núcleo colonial fosse estabelecido num sítio localizado a 20° 23’08” latitude Sul, 55°50’34” longitude Oeste, às margens do rio Aquidauana, cerca de 30 léguas acima da confluência deste com o Miranda.<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> - ESSELIN, Paulo. Op. cit., p. 47.

Na tentativa de esclarecer a polêmica em torno da localização exata do sítio onde foi fundada Xerez, no território de Mato Grosso do Sul, Esselin apresenta a versão de que a imprecisão consiste em que Mbotetei, Mondego, Miranda e Aquidauana eram, na época, nomes diferentes atribuídos a um mesmo rio, o que segundo ele gerou certas confusões e imprecisões e que, portanto: “Santiago de Xerez, quando trasladada das barrancas do Ivinhema, foi erguida nas proximidades do rio Aquidauana que era chamado pelos espanhóis de Mbotetei, nome dado também ao atual rio Miranda.” (ESSELIN, 2000, p. 48).

Com essa justificativa, Esselin acredita ter esclarecido parte do problema. Porém, as dúvidas persistiram. Não cabe a nós, ao elaborarmos este estudo, esgotarmos o assunto. Não temos essa pretensão. Ao contrário, ao propormos o debate, na verdade, o que pretendemos é ampliar os horizontes da pesquisa histórica e imprimir-lhe um novo olhar. Por meio de novas abordagens, acreditamos, estar contribuindo para que futuros pesquisadores possam se interessar pelo estudo da história colonial. As dúvidas servem de estímulo, instigam-nos a investigar o passado e pelas fontes disponíveis e acessíveis, cabem a nós, historiadores, procurar encontrar as respostas com as quais possamos estar preenchendo as lacunas do quebra-cabeça que propomos desvendar, pois a história enquanto processo é um campo de possibilidades.

### **3-1- Santiago de Xerez no contexto da União Ibérica.**

No ano de 1580, ocorreu uma crise de sucessão em Portugal que teve como desfecho a União Ibérica, ou seja, Filipe II, rei da Espanha, tornou-se rei das duas nações peninsulares. Portugal e Espanha formaram, a partir de então, uma monarquia dual. Por esse regime, os dois Estados, embora sujeitos ao mesmo soberano,

conservaram seus estatutos, foros e privilégios próprios e distintivos; seus quadros nacionais de administração, mutuamente impenetráveis bem como suas fronteiras geográficas e culturais, sempre vivas, tanto nas metrópoles, como nas colônias da América.<sup>98</sup>

Durante os sessenta anos em que vigorou a União Ibérica, também conhecida como período filipino (1580-1640), permaneceu entre as metrópoles ibéricas o mesmo receio, a mesma desconfiança e a mesma hostilidade recíproca, que marcaram as relações entre esses dois povos e os seus representantes, tanto na administração como até mesmo nos quadros religiosos. Expressiva foi à atitude do primeiro monarca desse período, Filipe II, quando se opôs às interpenetrações entre os portugueses do Brasil e os espanhóis do Prata e do Peru. Seus sucessores optaram por continuar mantendo a mesma política hostil, tentando impedir que os portugueses passassem do Brasil aos domínios castelhanos no Prata e nos Andes, demonstrando, assim, que as fronteiras pré-estabelecidas deveriam ser respeitadas e mantidas, mesmo com a união das duas coroas.<sup>99</sup>

Jaime Cortesão (1951) acredita que, embora a União Ibérica possa ter propiciado algumas mudanças na política metropolitana, em relação às colônias da América, considera que essas mudanças foram bem menores e menos significativas em suas amplitudes do que costumam crer e afirmar alguns historiadores. Isso, segundo Cortesão, por desconhecerem as particularidades que regulamentaram essa união. Cortesão aceita o fato de que a união das duas coroas contribuiu, de certa forma, para atenuar a acirrada oposição em que viviam anteriormente as duas monarquias ibéricas, pela posse das descobertas. Mas quanto às penetrações sociais e culturais entre Portugal

---

<sup>98</sup> - CORTESÃO, Jaime. "Introdução." In: CORTESÃO, Jaime (org.). Op. cit. vol II p. 73.

<sup>99</sup> - Idem. p. 73.

e o Brasil e as províncias castelhanas da América, bem como o desejo alimentado pelos portugueses e platinos, de que a união das coroas peninsulares, sob o cetro filipino, fosse abrir-lhes francamente o Prata ao tráfico com o Brasil, tiveram suas expectativas frustradas. Porém, ressalta que ganharam certo impulso às relações comerciais entre Buenos Aires e Santa Fé de um lado e os portos brasileiros de outro.<sup>100</sup>

Sérgio Buarque de Holanda (1986) nos esclarece que, depois da fundação da segunda Buenos Aires, em 1580, data que coincide com o início da União Ibérica, os espanhóis, sim, passaram a se opor aos contatos comerciais que pudessem ser realizados pelo Prata, visando atingir o Peru por intermédio de Tucuman e Charcas, por causa da concorrência que poderia oferecer Buenos Aires e a rota continental à clássica rota do Pacífico. “Pelo novo caminho sairiam prejudicados, não só o comércio de Sevilha com Terra Firme e o vice-reinado do Peru como a própria fazenda real, pois iriam provocar uma autêntica sangria da prata e do ouro, especialmente da prata de Potosí, estimulando, além disso, o contrabando.” (HOLANDA, 1986, p. 126).

Discordando de Cortesão, Sérgio Buarque enfatiza que a união das duas coroas permitiu sim maior aproximação e maiores contatos entre as colônias sul-americanas espanholas e portuguesas, independentemente das determinações oficiais. Foi em consequência da União Ibérica, que os paulistas passaram a incursionar com mais facilidade e com mais frequência sobre as terras da Coroa de Castela, onde as guarnições militares eram muito poucas e as distâncias percorridas eram imensas. Na medida em que a colonização espanhola voltava suas atenções para o Peru, priorizando as atividades nas áreas produtoras, atraída e fascinada pelos lucros com a mineração, ignorou as demais regiões sobre seu domínio. Um outro fator que contribuiu para que se estreitassem as fronteiras entre portugueses e espanhóis na colônia sul-americana foi à

---

<sup>100</sup> - Ibidem. p. 76.

própria convivência dos castelhanos de Assunção que concorreram para o ataque às Reduções, entre os quais aparece o próprio governador do Paraguai, D. Luís de Céspedes y Xeria que, por ser casado com uma sobrinha do governador do Rio de Janeiro, Martin de Sá, e senhor de engenhos, naquela cidade, “... teria sido um dos cúmplices dos bandeirantes, por ligações de interesse, dando-lhes todo apoio, concedendo-lhe todas as facilidades, em troca de índios para seus engenhos no Rio de Janeiro e para seus ervais de mate de Maracaju, fornecedores do produto para os mercados do Prata.” (HOLANDA, 1972, p. 286).

Foi no contexto da União Ibérica que se expandiu a colonização castelhana em direção ao Guairá, onde os colonizados espanhóis haviam fundado alguns anos antes as cidades de *Ontiveiros*, *Ciudad Real do Guairá* e *Vila Rica del Spiritu Santo*. No entanto, esclarece Aguirre que:

“En tiempo de las derrotas de Villa Rica y de los pueblos, se ve tan llenamente el signo de la perdida y desgracia dominante en los reinados de los Señores Felipe IV y Carlos II, que no se puede mirar sin dolor la limitacion á que redujo la provincia. Se acabó ó mas bien se recogió la enorme extension que abrazaron las colonias. Si sus fundadores, los españoles del siglo conquistador resucitaran en lo tiempo que tratamos, en el que solo existia la Asuncion, reducida al corto terreno de su dominacion, volveria gustosos al sepulcro por no ser testigos de tanta pérdida. Culpamos siempre al signo, pero bien se sabe que en su valor influyen esencialmente los datos naturales.”<sup>101</sup>

Posteriormente no final do século XVI e início do XVII, é que os espanhóis se estabeleceram no atual Estado de Mato Grosso do Sul, onde fundaram um pequeno núcleo urbano denominado Santiago de Xerez. Essa região, no entanto, já era conhecida, tanto pelos portugueses como pelos espanhóis, porque possibilitava as comunicações entre o Brasil e o Peru e entre o vale do Paraguai e o do Amazonas. Tratava-se de uma região estratégica. Ao se estabelecerem, os primeiros colonos

---

<sup>101</sup> - AGUIRRE, J. F. “Diario del Capitán de Fragata de la Real Armada.” (In: *Revista de la Biblioteca Nacional*, Argentina, Buenos Aires, tomo II, n. 47 e 48, 1950, p. 426).

assuncenhos nessa região, buscavam além de romper o isolamento a que estavam submetidos, criar também, uma infra-estrutura que lhes permitisse desenvolver suas atividades econômicas e de produção.<sup>102</sup>

Após a fundação de *Vila Rica del Spíritu Santo*, por Ruy Diaz de Melgarejo, no ano de 1570, a aproximadamente oito quilômetros da margem esquerda do rio Paraná, a qual, por volta de 1576, foi transferida para um outro lugar, na mesma margem esquerda, e junto à foz de um rio, o qual os índios denominavam Curaiberá, Quiraiberá ou ainda Corumbataí, afluente de um outro rio, que os castelhanos denominavam Guibaí, Huibaí, ou ainda, Ivaí, tributário do Paraná, a uma distância de 30 léguas dessa corrente, os espanhóis buscaram adentrar o território do atual Mato Grosso do Sul, com o objetivo de fundar na região uma nova província e consolidar o domínio espanhol sobre as duas regiões que no entender de Irala, eram fundamentais para garantir o expansionismo assuncenho, o Guairá e o Itatim. Encontramos em uma carta Ânua as seguintes referências sobre o Itatim:

“La Provincia del Itatin esta este rrio del Paraguay arriba. Toda es gente Guarani, estos indios han sido siempre quietos nunca han hecho mal a español, quieren sacerdotes, no se los han dado. Muchos há que yendo y viniendo a Santa Cruz de la Çierra passaron por alli españoles alvergaronlos bien batizaron algunos y dejaron raçonable cantidad de mestizos. Junto a estos indios estan las minas de azogue que diçen han hallado y tambien dicen que ay plata cerca de ellas. Como ninguno governador toma esto a pechos todo se estara esta provincia distante de la çiudad de la Assumpcion çien leguas poco mas o menos.”<sup>103</sup>

Disposto a viabilizar os recursos necessários que lhe permitissem pôr em prática seu projeto expansionista, ao retornarem para Assunção, dada a fundação de Vila Rica, último núcleo colonial espanhol construído no Guairá, Irala ordenou a Nuflo de Chaves,

---

<sup>102</sup>- ESSELIN, Paulo Marcos. *A gênese de Corumbá: confluência das frentes espanholas e portuguesas em Mato Grosso: 1536-1778*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 200. p. 44.

<sup>103</sup> - “Informe de um jesuíta anônimo sobre as cidades do Paraguai do Guairá espanhóis, índios e mestiços. Dezembro de 1620.” (In: CORTESÃO, Jaime (org.). *Op. cit.*, Vol. I, p. 169).

que partisse, em expedição, com um contingente de 220 soldados e cerca de 1.500 índios Guarani e iniciasse a exploração das terras localizadas a oeste do Paraná e a leste do Paraguai, no Itatim, na vasta região em que se desdobravam os alagadiços de Xaraés e as planuras da serra de Amambai. As poucas informações de que dispunham os espanhóis sobre os alagadiços de Xaraés haviam sido obtidas pelos testemunhos dos participantes das expedições que fizeram o trabalho de reconhecimento da região e também de seus habitantes. Deixaram-nos testemunhos escritos os primeiros cronistas do rio da Prata, entre eles, o soldado alemão Ulrico Schmidel membro da expedição de D. Pedro de Mendonza, e Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, segundo *adelantado* do rio da Prata, que percorreu a região com o objetivo de estabelecer nas terras da conquista a província de Verá, a qual Irala chamaria de *Nueva Viscaia*, apossando-se em definitivo daquela imensa região.

De acordo com as informações de um jesuíta anônimo, sobre as cidades do Paraguai, datada do ano de 1620, a cidade de Santiago de Xerez, na *Nueva Viscaya*, encontrava-se localizada a mais de cem léguas de Assunção, situada sobre o rio Boteteí, rio de muito peixe, afluente do Paraguai e navegável em todo seu percurso. Entre os povos que habitavam a região, cita os Guanchas, os quais se encontravam divididos em três povoados somando aproximadamente mil índios. Além dos Guancha, cita os Guató, que se encontravam divididos em dois povoados, totalizando em torno de mil índios. Por último, cita os Guapí, comunidade indígena formada por uns cem índios. Todas essas nações indígenas falavam línguas diferentes. Afirma que os Guetu habitavam, em grande número, entre os rios Taquari e Boteteí. Encontrava-se o primeiro povoado desses Guetu a uma distância de quinze léguas de Xerez. Mais adiante, no rio Taquari, afirma ter encontrado cerca de mil índios Guarani, habitantes dos “Campos de Xerez.” De acordo com o documento citado:



“Ay quarenta leguas desde Xerez alla por el camino de la cordillera y por abajo abra sseta leguas, de ali adelante no se há descubierto deiçen que há muchissima gente. Indios Ñugaras que estan de paz en Xerez seran mill y docientos poco mas o menos y no ay mas gente Ñuara que esta quatro leguas de Xerez hacia el Paraguay poco mas o menos esta el primer pueblo de los Itatines gente Guarani que he dicho estan encomendados en la Assunpçion.”<sup>104</sup>

Ao se referir às condições de vida em Xerez, o documento esclarece que eram poucos os moradores de Xerez, todos eles mestiços e qualificados como sendo de baixos pensamentos. “Los vezinos de Xerez casi todos eran mestizos de baxos pensamientos que apenas llegarán a treinta hombres sin aver tenido mas que un Sacerdote que vino del Brasil por S<sup>a</sup>. Pablo pocos años antes del dho de 1621 a quien encargaron un partido de Yndios....”<sup>105</sup>

Encontramos, na documentação consultada, na Carta Ânua do padre Diogo Ferrer, as denúncias de que em Xerez, nos primeiros tempos de sua existência, não havia nenhuma assistência religiosa. Assim relatou o padre Diogo Ferrer:

“La ciudad de Xerez viendose tanto tiempo sin cura y sin sacerdote que les administrasse los Santos Sacramentos viviendo casi y muriendo como infieles, y aviendo oydo la mucha caridad com que los Padres de la Comp. <sup>a</sup> acudian a los mesmos Indios infieles, aun en las partes remotissimas avia ya escrito dos o tres vezes al Pe. Antonio Ruyz Superior de la Provincia de Guayra, que les embiasse algun Pe. para socorro espiritual de sus almas: pero por la mucha miez que cada dia se yva descubriendo mas y mas en el Guayra no les pudo acudir por entonces por la falta de obreros.”<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> - “Informe de um jesuíta anônimo sôbre as cidades do Paraguai e do Guairá Espanhóis índios e mestiços. Dezembro de 1620.” (In: CORTESÃO, Jaime. (org.). Op. cit., Vol. I, p. 172).

<sup>105</sup> - “Exame necessário do Pe. Lozano sôbre o manifesto de Pe. Vargas Machuca, 1760” (In: CORTESÃO, Jaime. (org.). op. cit., vol. II, p. 317).

<sup>106</sup> - O documento citado segue relatando que, após a destruição da Província do Guairá, pelos portugueses, o padre Antonio Ruyz determinou que se fizesse uma nova Missão em Xerez, para tentar recuperar a perda dos cristão do Guairá e também para satisfazer o desejo espiritual que havia mostrado, por suas cartas, a cidade de Xerez. Afirma o padre Diogo Ferrer que chegou em Xerez com Mateo Fernandez, o qual ha três anos antes já havia ajudado os padres nas Reduções de Angeles del Tayaoba, e encontrava-se ajudando nessa nova Missão. “Ânua do padre Diogo Ferrer para o Provincial sôbre a Geografia e Etnografia dos indígenas do Itatim 21-VIII 1633” (In: CORTESÃO, Jaime. (org). *Manuscritos da Coleção de Angelis II. Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1710)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, vol.II, 1952, p. 31-32).

Ao se referir à qualidade da terra, o padre Lozano enfatiza que era muito fértil e boa para o plantio, abundante de cera e também de uma resina que chamavam isíca, com a qual os índios curavam muitas enfermidades. Destaca ainda que a cidade de Xerez encontrava-se, em relação a Assunção, mais próxima das minas de prata que dizem ter sido encontrada no Itatim.<sup>107</sup>

Estando Chaves encarregado de escolher o local para a fundação da capital da *Nueva Viscaia*, percorreu as terras pantanosas de Xaraés por causa das condições em que a encontrou, considerou que aquelas terras não eram as melhores para a colonização européia. Nessa conjuntura, Irala, que havia ficado em Assunção, faleceu antes mesmo de concluir seu projeto expansionista, não chegando, portanto, a presenciar a ocupação do Guairá ou do Itatim. Ao saber da morte de Irala, Chaves, desviando-se da missão que lhe fora solicitada, decidiu por adentrar as planícies de Moxos.

Não obstante, a oposição de André Manso, que do litoral do Pacífico descera em exploração das mesmas terras planas, foi a Nuflo de Chaves reconhecida pelo governo do Peru à prioridade na conquista daquele território: “A 21 de fevereiro de 1561 encetou Chaves a fundação da cidade de *Santa Cruz de la Sierra*, para sede do novo governo em que fora investido. O projeto de constituição da província de *Nueva Viscaia*, na Mesopotâmia do alto-Paraná e médio-Paraguai, era substituído, na execução de Chaves, pela realidade da fundação da província de Moxos a ocidente da última corrente.” (MONTEIRO, 1951, p. 7-8).

Com a morte de Irala, em 1557, e de acordo com a cédula real de 12 de setembro de 1537, sucederam-no, em um curto período de tempo, Gonzalo de Mendoza e Francisco Ortiz de Vergara. Mendoza faleceu pouco depois de assumir o governo e com

---

<sup>107</sup> - Idem, p. 317.

a sua morte, Vergara foi eleito governador pelos assuncenhos, no dia 22 de julho de 1558. Em 1564, partiu Vergara, em direção ao Peru, com o objetivo de obter do representante da autoridade real a confirmação efetiva de sua investidura. No Peru, Vergara deparou-se com Juan Ortiz de Zárate, seu opositor, pois Zárate ambicionava ser o novo governador do Paraguai. Este, aproveitando-se do fato o denunciou, acusando-o de ter abandonado a conquista em busca de sua nomeação efetiva. Frente a essas acusações, Vergara foi destituído do cargo pelo governador geral do Peru e Ortiz de Zárate, após apresentar sua proposta<sup>108</sup> para o governo do Paraguai, foi nomeado novo *adelantado*, fato que causou um grande descontentamento entre os colonizadores que haviam elegido Vergara, genro de Irala, para ser o novo governador do Paraguai.

Frente à tamanha desordem, causada pela disputa pelo poder no Paraguai, apoderou-se do governo o capitão Martin Suarez de Toledo, já radicado na conquista e progenitor de Hernando Arias de Saavedra. Toledo convocou Juan de Garay para auxiliá-lo e durante os cinco anos em que durou o seu governo promoveu algumas iniciativas, entre as quais: a fundação da cidade de *Santa Fé de Vera Cruz* por Garay; a fundação de *Cordoba la Llana* por Jerônimo Luiz de Cabrera, a cerca de 60 léguas daquela: e a fundação de *San Luiz de Cordoba*, pelo mesmo Jerônimo Cabrera, no mesmo local em que outrora havia sido fundado o forte de *Sancti Spiritus*.

Apesar dos sucessos dessas novas fundações, na Espanha, o monarca confirmou a Ortiz de Zárate o título de terceiro *adelantado* da conquista do rio da Prata. O novo *adelantado* partiu no dia 17 de outubro de 1572 para as terras de seu governo. Ao chegar a Assunção enfrentou sérias divergências. No final do seu segundo ano de

---

<sup>108</sup> -Mario Monteiro afirma que: “Ortiz de Zárate, colonizador opulento do Peru, propusera-se a fretar 4 embarcações e transportar nelas 300 soldados afeitos a luta, 200 lavradores práticos e artesãos conhecedores de todos os ofícios, obrigando-se ainda a introduzir nas terras platinas, no decurso de três anos, 4.000 cabeças de gado vacum, outras tantas de gado ovino, 500 éguas e cavalos, igual número de caprinos, reservas de que em parte dispunha em suas propriedades de Tarija e Charcas. Obrigou-se ainda a edificar uma cidade à entrada do estuário do Prata e outra entre Assunção e Chuquisaca.” (ALMEIDA, Mario Monteiro. *Episódios históricos da formação geográfica do Brasil*. Rio de Janeiro, 1951, p. 8).

governo, foi vítima de uma conspiração e morreu envenenado. Acredita-se que foi vítima de seus opositores. Garay o sucedeu como novo *adelantado* e, em cumprimento à obrigação assumida por Ortiz de Zárate, fundou no estuário do Prata, no mesmo local da antiga povoação construída por D. Pedro de Mendonza, a nova cidade da *Santíssima Trinidad y Puerto de Buenos-Aires*.

Consta que, após ter percorrido o interior do Paraguai, Garay visitou as terras que nos planos de Irala estavam destinadas a constituir a província de *Nueva Viscaia*. Utilizando-se do conjunto de trilhas indígenas, os “caminhos do sertão”, segundo expressão de Sergio Buarque de Holanda, Garay adentrou a serra de Maracaju, desde as margens do Paraná, e palmilhou a região do Iguatemi e do Amambaí, como as terras interjacentes ao norte dessa corrente e ao sul da que então era denominada Yaguari (Monici-Ivinhema), topônimo que se estendia ao respectivo formador austral. Nessa expedição, contou com a ajuda de 130 castelhanos e numerosos indígenas. Do Amambaí, desceu Garay, em suave declive, às terras dos Xaraés, para percorrer os campos subserranos dos tributários orientais do Paraguai. Nessa região, Garay determinou a fundação de alguns núcleos, inclusive no território daquele importante caudal.

Sergio Buarque de Holanda (1986) esclarece, no entanto, que um pouco antes de fundar a nova Buenos Aires, Garay seguiu em direção às comarcas do norte para apaziguar os Itatins. Após dominar e submeter esses índios, Garay descobriu, junto ao Mbotetei, os Nhuaras ou Nhugaras<sup>109</sup>, que segundo o padre Montoya quer dizer “moradores dos campos.” Nome que se ajustava perfeitamente às características

---

<sup>109</sup> - Gadelha esclarece que todas as tribos que habitavam do rio Miranda até o rio Apa chamavam-se Itatins, No entanto: “... o conhecimento desse povoamento não impedia que o nome Itatim englobasse parcialidades diversas. Assim encontramos tribos conhecidas com nomes regionais ou com denominações de chefes: ñuara, ñiguara, guasarapó e outros.” Afirma Gadelha que muitas vezes os documentos se referem a esses índios enumerando-os segundo a localidade das “casas” e “pueblos”, ou pelo nome de um dos seus caciques principais.” (GADELHA, Regina Maria A. F. Op. cit., p. 257).

geográficas da planície onde habitavam esses índios, a qual, posteriormente, será identificada como “Campos de Xerez”.

“Por lo mucho q. ymporta y conbiene el ver y reconocer los parages passos y rios ynsinuados en dha. Peticion y espezialmte. Los principales q. son desde Terecañi a Gatimi, de donde comieensan los campos de Gerez cogiendo el rio de Vesupil, y de alli pasara Amambay y de donde atrabesara el monte del dho. Amambay, y de ai cogiendo entre leste y Norte el rio de Mañey y passado este correr los campos hasta donde pudiese y volberse q. haziendo esta diligencia se reconocera si ai portuguezes nidos com animo de dar a esta prova.”<sup>110</sup>

Nessa região, Garay conseguiu reunir cerca de 500 desses Nhuaras e os levou às cercanias do povoado de Ipané, na latitude de 23°13'30”, formando o povoado de Pericoguaçu, repartindo esses índios entre os espanhóis que o acompanhavam.” É possível que desde então se cogitasse fundar nas beiradas do Mbotetei algum povoado de cristãos com a ajuda de índios que, aparentemente de bom grado, se deixassem batizar.” (HOLANDA, 1986, p. 133).

Estando Garay disposto a construir naquelas imediações uma cidade destinada a tornar-se cabeça da província de *Nueva Viscaia*, ordenou a Ruy Diaz de Melgarejo, no ano de 1579, que partisse com 60 soldados e algumas centenas de índios Guarani, e se encarregasse de lançar os alicerces do novo núcleo urbano. Porém, Melgarejo não foi bem sucedido em sua missão, por causa das oposições que lhes faziam os próprios Nhuaras e os Guaxarapos. “Além de padecer das hostilidades dos naturais da região, a cidade foi prejudicada pela ausência ali das propaladas minas de ouro, assim como pela falta de comércio, de sorte que foi sendo abandonada até não restar um só dos antigos povoadores.” (HOLANDA, 1986, p. 133).

---

<sup>110</sup> - BANDEIRANTES NO PARAGUAI. SÉCULO XVII. São Paulo: *Publicações da Divisão do Arquivo Histórico*. Prefeitura do Município de São Paulo. Volume XXXV, da Coleção Departamento de Cultura, 1949, p. 226.

Esse mesmo autor esclarece em seu estudo *O Extremo Oeste* (1986) que, muito embora alguns historiadores tenham atribuído o nome de Santiago de Xerez à cidade fundada por Garay, acredita que esse nome parece se aplicar melhor à fundação feita por Ruy Diaz de Guzmán, que pretenderia, com essa homenagem, lembrar a terra de onde era originária sua família, a cidade de Jerez de la Frontera, na Espanha. Portanto, quando Ruy Diaz de Guzmán, no ano de 1593, estabeleceu junto às margens do rio Ivinhema, o qual os espanhóis chamavam de Jaguari, topônimo não mais usado, um núcleo urbano, que hoje acreditamos tratar-se da fundação da cidade de Santiago de Xerez, reforçamos e trabalhamos com a hipótese de que esse fato assinalou a fundação da primeira Xerez, que se encontrava localizada na margem direita do baixo curso do rio Ivinhema.

Feito o estabelecimento do novo núcleo urbano e dado às dificuldades encontradas, a cidade permaneceu pouco tempo nesse local. Sua curta existência não nos possibilitou dispormos de mais detalhes que pudessem revelar como estava organizado o povoado. Frente às dificuldades, no ano de 1600, o próprio Guzmán, atendendo às reivindicações dos moradores da cidade, se encarregou de fazer o traslado de Xerez, para um lugar que julgou mais apropriado. Possivelmente, para o mesmo local onde Garay, anteriormente, havia estabelecido algumas *encomiendas* de índios Guarani, aos povoadores de Assunção, na margem direita do rio Mbotetei. Consolidando-se assim a segunda fundação de Santiago de Xerez, em torno da qual concentraremos nossas discussões. Para tal, buscamos, junto à bibliografia e à documentação consultada, as evidências históricas, que possam ajudar-nos a esclarecer a questão ou possibilitar que futuros pesquisadores possam se interessar pelo assunto.

### **3-2 – A primeira fundação de Santiago de Xerez.**

Ruy Diaz de Guzmán, fundador de Xerez, nasceu em Assunção do Paraguai, segundo seus biógrafos, entre os anos de 1558 e 1560.<sup>111</sup> Sua mãe, uma mestiça paraguaia chamada Úrsula, era uma das filha do grande conquistador espanhol Domingo Martinez de Irala, com uma índia Guarani chamada Leonor. Irala, membro da expedição do *adelantado* D. Pedro de Mendoza, avô de Guzmán, era ainda muito jovem quando embarcou junto aos demais espanhóis, que seguiram em busca do sonhado Eldorado. O pai de Ruy Diaz, o capitão espanhol Alonso Riquelme de Guzmán, por sua vez, era sobrinho de Alvar Núñez Cabeza de Vaca. Relatou Gandia, que: “Este hidalgo se caso com doña Úrsula, de unos trece años de edad, para que Irala no le cortase la cabeza, a raíz de una conspiración. Historia extraña e dramática.”<sup>112</sup>

Sua infância transcorreu entre Assunção e Ciudad Real, a qual estava situado acima dos grandes saltos do Guairá, hoje desaparecidos.<sup>113</sup> Ao que tudo indica, Guzmán nasceu e morreu sem nunca ter saído da região platina. Desde muito jovem, Guzmán participou, junto aos demais conquistadores, daquela vida tumultuada, guerreira e fronteiriça, que caracterizou a sociedade paraguaia dos séculos XVI e XVII, convivendo

---

<sup>111</sup> - Roberto Quevedo, ao estudar a cronologia e a vida de Ruy Diaz de Guzmán, afirma que de acordo com as várias declarações existentes na documentação do Arquivo Nacional de Assunção, Guzmán nasceu em Assunção do Paraguai, no ano de 1560. Porém esclarece Quevedo que alguns antigos e até mesmo alguns modernos historiadores afirmam que teria Guzmán nascido entre os anos de 1555 ou 1557, de acordo com uma hipotética ficha do matrimônio de seus pais, e que teria tido Guzmán uma irmã mais velha. Esclarece Quevedo que os documentos da época afirmam que Guzmán era o primogênito do matrimônio de seus pais, e que sendo sua mãe uma menina de apenas 13 anos, quando se casou com seu pai, o capitão espanhol Alonso Riquelme de Guzmán, parece não haver dúvidas de que realmente Guzmán fosse o primogênito. (QUEVEDO, Roberto. Cronologia y vida de Ruy Diaz de Guzmán (1560-1629) . In: *Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia*. Asuncion, 2001, p. 11).

<sup>112</sup> - GANDIA, Henrique de. Introdução In: *La Argentina*. Op. cit., p. 12.

<sup>113</sup> - O arqueólogo Igor Chmyz realizou as escavações nas ruínas de Ciudad Real, cujos vestígios se encontram localizados no atual município paranaense de Terra Roxa do Oeste. Acredita Chmyz que antes de sua fundação definitiva, onde hoje se encontr, Melgarejo havia escolhido outra localidade a cerca de aproximadamente 20 Km acima de Ontiveiros. Tal tentativa teria fracassado e seus povoadores juntamente com os de Ontiveiros transferiram-se para a foz do rio Piquiri. (CHMYZ, Igor. *Cadernos de Arqueologia*. Op. cit., p. 71).

entre os conquistadores hispanos, os primeiros mestiços e o mundo indígena Guarani, mergulhado numa atmosfera mais medieval do que propriamente renascentista.

A convivência junto aos demais conquistadores do Paraguai obrigou Guzmán a tomar parte nos episódios de conquista desde muito jovem. Consta que, com apenas dez anos de idade, Guzmán fez a sua primeira viagem. Na ocasião, acompanhou Ruy Diaz de Melgarejo ao Guairá, em uma jornada pelo rio Paraná acima, com a finalidade de: “... socorrer los yndios amigos de las encomiendas e asegurarlos de la nación de los Tupís enemigos suyos que los molestaban e ympedían que no viniessen a servir a sus encomenderos...”<sup>114</sup>

Encerrada essa jornada, Ruy Diaz de Guzmán seguiu juntamente com Melgarejo para a povoação e conquista de Vila Rica do Espírito Santo. Nessa nova jornada, encontraram-se com os Ybirayaras, referindo-se a esses índios como sendo pertencentes a uma nação estranha e belicosa, os quais, naquela ocasião, foram reduzidos e passaram a servir aos espanhóis. Segundo Quevedo:

“Guzmán realizó otra xornada a el río Tibaxiba: hoy llamado: Tibaji, afluente del río Parapanema que fue en compania del dicho general, de mucho efecto e provento para estos dos pueblos para empadronar, como se empadronaron los muchos yndios de aquellas comarcas los quales se encomendaron a muchos soldados que no tenían encomiendas, e vinieron de paz hasta cien caciques coronados que estaban levantados... en la dicha xornada se halló el dicho capitán Ruy Díaz de Guzmán y que fué en una canoa suya con sus criados y a su costa e mynsión... lo mismo hizo una xornada hacia las partes del Yguacú contra unos indios apóstatas que siendo cristianos avián buelto a sus ritos, se hicieron muchas presas y justicia.”<sup>115</sup>

No ano de 1579, morreu o capitão Alonso Riquelme de Guzmán, pai de Ruy Diaz de Guzmán, em Ciudad Real onde morava e exercia o cargo de governador do Guairá. No ano seguinte, 1580, encontrava-se Guzmán em Santa Fé, onde Martín de

---

<sup>114</sup> - QUEVEDO, Roberto. Cronología y vida de Ruy Diaz de Guzmán (1560-1629). Asunción: *Anuario da Academia Paraguuaia de Historia*, vol. XL – XLI, 2000 – 2001, p. 14.

<sup>115</sup> - QUEVEDO, Roberto. Cronología y vida de Ruy Díaz de Guzmán. In: *Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia*. Asunción. Vol, XL - XLI, 2000 - 2001, p. 13.



Yrala, seu tio, era um dos povoadores. Em 20 de janeiro de 1582, esteve Guzmán, em Santiago del Estero, junto a demais pessoas que se alistaram para fazer uma fundação no vale de Salta, a qual se realizou em 16 de abril de 1582. No ano seguinte, participou da guerra e pacificação de algumas tribos indígenas. Em fins de março de 1583, sobre o rio Paraná e ao sul de Santa Fé, os índios mataram o general Juan de Garay, tenente-general do adelantado Torres de Vera que, em 27 de julho, desse mesmo ano, designou ao cargo Juan de Torres Navarrete. Este assumiu seu cargo como tenente general no dia 16 de março, em Assunção. A primeira medida, estando Navarrete de posse do cargo, foi nomear Antonio de Añazco como seu tenente de governador em Ciudad Real, e como seu segundo capitão nomeou Ruy Diaz de Guzmán.<sup>116</sup>

Segundo Quevedo, após as descobertas realizadas na província dos Ñugarás, na margem direita do rio Paraná, Antonio de Añazco, que ocupava o cargo de governador e justiça maior do Guairá, determinou que, em sua ausência, Ruy Diaz de Guzmán é quem deveria substituí-lo. Para tal, o nomeou tenente e governador da província do Guairá, no dia 13 de março de 1585, em Ciudad Real, onde se encontrava. Em julho de 1588, Guzmán foi nomeado tenente e governador da província do Guairá, e lhe foi dada à permissão para que pudesse adentrar a província dos Ñuarás, tomar posse e adotar as devidas providências para que fosse fundado um povoado entre aqueles índios, os quais deveriam ser reduzidos e repartidos entre os espanhóis.

Após transladar Villa Rica, Guzmán se dedicou a preparar a expedição fundadora. Ordenou que se iniciasse a construção de barcos, canoas e balsas para que pudessem transportar o gado, as ferramentas, as armas, os mantimentos e tudo o que fosse necessário. Para tal, reuniu aproximadamente trinta homens, entre eles somavam-

---

<sup>116</sup> - QUVEDO, Roberto. Cronologia y vida de Ruy Diaz de Guzmán. Asuncion: *Anuario de la Academia Paraguaya de Historia*. Op. cit., 2001, p. 15.

se alguns capitães e soldados, aos quais se juntaram alguns índios amigos. Sendo assim, Guzmán “Com mucho entusiasmo y esperanza, remontó el gran río Paraná arriba hasta la desembocadura en la margen derecha del río Miñey, hoy llamado Ivinhema, al sur del actual territorio de Mato Grosso do Sul, Brasil.”<sup>117</sup>

No dia 11 de fevereiro de 1592, encontravam-se os conquistadores de posse da província dos Ñuara. Após percorrer os territórios dos Ñuara, partindo desde o rio Ivinhema, seguiram caminhando por mais de vinte e cinco léguas em direção ao poente. Passaram o rio Iguatemi, afluente direito do Paraná e, em seguida, chegaram à serra de Amambaí, a qual é descrita como sendo um conjunto de serras altas, que dividia as terras dos índios Ñuara das terras e habitações dos Guarani, que ocupavam a outra parte da serra, na jurisdição da província do Paraguai. Os conquistadores espanhóis estabeleceram-se na região que tinha como limites naturais:

“Por lo mucho q. ymporta y conbiene el Ver y Reconecer los parages passos (roto) y Rios ynsinuados en dha. Peticion y espezialmte. los principales q. son desde Terecañi a Gatimi, de donde comiensan los campo de Gerez cogiendo el Rio de Vesupil, y de alli pasara Amambay. Y de ai cogiendo entre leste y Norte el Rio de mañey y passado este correr los campos hasta donde pudiese y volberse q. haziendo esta Diligencia se reconecera si ai Por (tuguezes) (roto) nidos com Animo de dar a esta prova. Y se evitara y (roto) Reparar a Tpo. Este ynconvente. Y Ruina q. (roto) de los territorios pertenezientes (roto) avia de ser fomentado y ajudado por los Vezinos desta desta prova...”<sup>118</sup>

A expedição continuou e seguiu em direção norte, onde Guzmán afirmou ter encontrado muitos metais e algumas jazidas de ferro. Guzmán conseguiu obter notícias de que havia ouro e prata nessa região. Hoje, sabemos que Guzmán não estava totalmente equivocado, pois tais informações se confirmaram, no século XVII, quando os portugueses descobriram e iniciou a exploração do ouro em Cuibá, capital do atual

---

<sup>117</sup> - Idem, p. 31.

<sup>118</sup> - BANDEIRANTES NO PARAGUAI. SÉCULO XVII. São Paulo: Publicações da Divisão do Arquivo Histórico. Prefeitura do Município de São Paulo. Volume XXXV, da Coleção Departamento de Cultura, 1949, p. 226.

Estado de Mato Grosso. Em 18 de março de 1593, após ter percorrido e estabelecido os limites da nova província, Guzmán deu a ela o nome de Nueva Andaluzia. Assim passou a ser conhecida a antiga província de los Ñuarás.<sup>119</sup> Em termos de geografia atual, a província dos Nuaras ou Nova Andaluzia, como foi rebatizada por Guzmán, encontrava-se localizada no espaço territorial hoje conferido ao atual Estado de Mato Grosso do Sul. A área que servia como limites para o estabelecimento dessa província se estendia do rio Paraná para além da Serra de Maracaju, em direção ao ocidente, onde viviam os Guarani do Itatim, especificamente onde hoje se localiza o Pantanal sul-mato-grossense.

Estabelecidos os espanhóis, na província *Nueva Andaluzia*, Guzmán constatou que após terem percorrido todo o território dos Ñuaras, parecia que finalmente haviam encontrado o lugar mais cômodo e apropriado para se estabelecer um povoado. O lugar escolhido por Guzmán encontrava-se próximo ao rio Ivinhema, meia légua do porto de San Matias. Tratava-se de um lugar plano e de bons campos para o gado. Além disso, a terra era boa para a agricultura. Os Gualacho, habitantes tradicionais da região, eram índios agricultores. Decidiu então Guzmán, pelas condições que o lugar oferecia, fundar um povoado naquela região, ao qual deu o nome de Santiago de Xerez. Ao justificar a fundação da cidade, Guzmán argumentou que tal escolha se devia também ao fato de:

“... ser la tierra sana de buen temperamento de Ayres sanos de buen çielo y suelo y que en su dispusiçion toda ella es abitabile por estar en tal forma dispuesta que en qualquiera ysia o bosque ay diferentes naturales y rios caudalosos de mucha caça y pesqueria los quales rios son navegables y que en sí tienen muchas cosas para el uso humano provechosas y convinientes para el comerzio e comunicaçion no tan solamente desta governaçion del Rio de la Plata, mas aun de la costa del Brasil Santa

---

<sup>119</sup> - Roberto Quevedo transcreveu parte do pronunciamento de Guzmán, o qual consideramos importante citar. “Yo Ruy Díaz de Guzmán por birtud de los poderez que tengo.” .. “en nombre del rey don Felipe Nuestro Señor com acuerdo suficiente yntitulado e nombro a estas provincias de los Ñuarás la Nueva Andaluzia...” (QUEVEDO, Roberto. Fundacion de Santiago de Xerez. In: *Anuário de la Academia Paraguay de la História*. Asunción, vol. n° XL – XLI, 2000 – 2001, p. 34).

Cruz de la Sierra por el consiguiente de los reinos del Piru a que puede aver entrada...”<sup>120</sup>

Para garantir que o novo povoado prosperasse, e que a cidade de Santiago de Xerez, recém-construída, pudesse vir a se tornar um ponto de referência dos espanhóis naquela região, Ruy Díaz de Guzmán tratou de manter-se em paz e justiça com todos os moradores. A cerimônia de fundação da cidade se realizou no dia 24 de março de 1593 e foi lavrada em Ata pelo escrivão Bartolome Garcia, nos seguintes termos:

“Por la conversión de los naturales y a la magestad del rey Felipe” (...) “de aver ampliado su real Corona e patrimonio en su real nombre por virtud de los poderes a mi dados conседidos y traspasados por el general Alonso de Vera y Aragón.” .. “me a parecido fundar una ciudad en lugar que mas acomodado fuese para ello, y habiendolo mirado y atentamente e para ello corrido mucha parte, finalmente a parecido ser el mejor e mas acomodado y suficiente este que al presente estamos ques riveras del dicho río de San Salvador (Ivinhema) que dista de puerto de San Matias media légua, por ser en comarca de todos los yndios naturales.” .. “lugar apazible llano, apartado de ciénagas e buenos campos para los gados e tierras para labanzas.” .. “la qual intitulo y nombro de Santiago de Xerez y mantenerle en paz y justicia a todo los vezinos y moradores.”<sup>121</sup>

De acordo com a Ata de fundação de Xerez, no mesmo dia, o general Ruy Díaz de Guzmán nomeou o cabildo e regimiento da cidade. Foram designados por primeiros regidores: Pedro Hurtado de Mendoza, Domingo Machado, Juan de Alvear de Zuñiga e Francisco de Escobar. Imediatamente, o cabildo xerezano designou Francisco de Morinigo como procurador geral de Xerez. Ainda no mesmo dia, Guzmán nomeou Joan de Guzmán alfez e cavaleiro da cidade e de seus distritos. Juntos, iniciaram a construção de um forte para garantir a defesa da nova povoação e os demais moradores

---

<sup>120</sup> - 1593, marzo 18. Fuerte de San Matías. El capitán Ruy Díaz de Guzmán expone los motivos porque intitula a dichas tierras la Nueva Andalucía, ante el escribano Bartolomé García; y com tambor llama al campo. (In “*Anuario de La Academia Paraguaya de la Historia.*” Vol XL – XLI. 200 - 2001. p. 634).

<sup>121</sup> - Roberto Quevedo transcreveu parte do pronunciamento de Guzmán que foi lavrado em Ata, pelo escrivão Bartolome Garcia na ocasião da cerimônia de fundação de Santiago de Xerez. O documento segue destacando que Guzmán instituiu a pena de morte para aqueles que desamparassem a cidade e solicitou ao rei que lhes enviasse soldados, fidalgos, cavaleiros e homens bons para que pudessem construir um forte e proteger a cidade. (QUEVEDO, Roberto. *Fundacion de Santiago de Xerez*. In: “*Anuario de la Academia Paraguaya de História.*” Asunción, vol. n.º XL – XLI – 2000 – 2001, p. 34 – 35).

iniciaram a construção das primeiras casas. Porém, os primeiros anos de existência desse núcleo colonial não foram fáceis para os colonos e nem mesmo para os índios. Períodos de secas, isolamento, ataques de insetos, perdas de colheitas, insubordinação dos indígenas que se opunham à presença castelhana em seus territórios, foram fatores que levaram ao fracasso a experiência colonizadora xerezana nesse local.

O padre Lozano, na carta Ânua de 1760, afirmou que a cidade de Santiago de Xerez, em Nueva Viscaia, nome pelo qual, anteriormente, Irala havia reconhecido a província dos Ñuarás, e que Guzmán denominou, posteriormente, de Nueva Andaluzia, encontrava-se em grandes dificuldades. Os moradores de Xerez não conseguiam dispor nem mesmo de padres para fazer a conversão dos indígenas. Segundo Lozano:

“La Ciudad de Santiago de Xerez en la Nueva Viscaya, que era la Prov<sup>a</sup>. De los Ñuaras la poblo ã pedimento de dhos naturales el Gen. Ruy Diaz de Guzmán com plenos poderes el ano de 1593 y los Nuaras acudian com sus personas e hijos è mugeres al servicio de los Españoles sin ser forzados. El Sacerdote que fue ã dha poblacion no se detuve allí mas que dos meses en que baptizó mas de dos mil Yndios, varones, mugeres y niños. No tuvieron despues Sacerdote Hasta la Quaresma de 1593. Pero passada ella se salio dho Sacerdote sin querer ir outro alguno assí por no tener ornamentos como por no tener estipendio. muriendo muchos Españoles y naturales sin confession. Distaba su sitio primitivo noventa leguas de la Assumpcion y ã la banda del Brasil. Estaba de allí cincuenta leguas de la Ciudad Real del Guayrá cuio Paroco murio por los años de 1582 y solo desde el año de 1590 tuvieron dhos Guayreños recurso p.<sup>a</sup> que bajaban una vez cada año ã Ciudad Real, saliendo p.<sup>a</sup> esso de la Villarica, que está otras cincuenta leguas mas arriba azia el Brasil. Los otros yndios de Xerez eran Conumyais, y Cuataguás que com los Nuaràs por falta de doctrinas se bolvieron ã sus ritos antiguos y estaban muchos rebelados. Representò todo esto ã la Real Aud<sup>a</sup> de Charcas Geronimo Lopes Procur. de Xerez y Protector de sus naturales pidiendo se les diesse sacerdote, ornamentos com estipendio de la Caxa Real y lo concedio por Provision de 7 de Agosto de 1600. Y por outra despues proveida en 7 de Setempro del mismo año.”  
122

Durante o tempo em que Guzmán se encontrava envolvido com a fundação de Xerez, havia nomeado, em Ciudad Real, para ocupar em sua ausência o cargo de governador o capitão Diego de Zuñiga. Estando Zuñiga à frente do governo da

---

<sup>122</sup> - “Exame necessário do padre Lozano sobre o manifesto do padre Vargas Machuca, 1760.” (In: CORTESÃO, Jaime. (org.). Op. cit., vol. II, p. 316).

província do Guairá, ao deparar-se com Guzmán que voltava para reassumir o seu cargo de governador, em Ciudad Real, e, não estando disposto a perder o prestígio adquirido, juntou-se aos demais moradores de Ciudad Real e armou uma emboscada com a finalidade de prender Guzmán, que se manteve preso por aproximadamente três meses, até que o general Bartolomé de Sandoval enviou de Assunção o capitão Diego de González de Santacruz com vinte soldados para que o libertassem. Diego de González libertou Guzmán, prendeu Zuñiga e os demais conspiradores enviando-os a Assunção para que explicassem tais acontecimentos ao governador Fernando de Zárate. Ao livrar-se da prisão, Guzmán reassumiu seu cargo de tenente e governador da província do Guairá: “Guzmán aquietó los ánimos de los vecinos levantiscos de Ciudad Real e Villa Rica, reorganizó el gobierno con ayuda de sus cabildos, y se trasladó a los Ñuarás para dar terminación al fuerte en Santiago de Xerez.”<sup>123</sup>

Encontrando-se novamente em Santiago de Xerez, no ano de 1595, Guzmán relatou ao rei, Felipe IV da Espanha, que haviam trabalhado muito, e que naqueles últimos seis anos, não mediram esforços, empenhando-se efetivamente na construção da nova cidade. Aproveitando a oportunidade, solicitou ao rei que lhe enviasse algum tipo de ajuda. Nesse mesmo ano, Fernando de Zárate renunciou ao governo do rio da Prata e o vice-rei do Peru nomeou Juan Ramírez Velazco que por sua vez nomeou como tenente general de Assunção do Paraguai Hernando Arias de Saavedra.<sup>124</sup>

No dia 13 de janeiro de 1596, o tenente governador Ramírez de Velazco confirmou a Ruy Diaz de Guzmán a tendência da governação de los Ñuarás e Santiago de Xerez. Em Assunção, o governador Ramírez de Velazco nomeou Guzmán capitão, para que este fizesse a guerra contra os índios do Chaco. No ano seguinte, 1597,

---

<sup>123</sup> - QUEVEDO, Roberto. Fundacion de Santiago de Xerez. In: *Anuário de la Academia Paraguaya de la Historia*. Op. cit., p. 36.

<sup>124</sup> - QUEVEDO, Roberto. Fundacion de Santiago de Xerez. Asuncion: *Anuario de la Academia Paraguaya de Historia*. Op. cit., p. 40.

Ramirez designou Guzmán tenente governador e justiça maior de Santiago de Xerez e de seus distritos. Estando de posse do novo cargo, Guzmán, juntamente com alguns soldados e amigos, os quais dispunham de armas, munições e cavalos, foram prestar socorro aos habitantes de Xerez. Ao chegar, encontraram a cidade em difíceis e precárias condições. Tendo em vista o estado em que encontrou Xerez e percebendo a dificuldade em manter o povoado no lugar em que se encontrava estabelecido, Ruy Diaz de Guzmán, com os moradores de Xerez, começou a se empenhar e a tomar algumas providências para que pudesse transladar a cidade para um lugar mais seguro, garantindo, assim, o sucesso e o êxito da nova fundação.

Somando-se aos episódios comentados anteriormente faleceu o governador Ramírez de Velasco. Com a morte de Velasco, no ano de 1598, o cabildo de Assunção nomeou Hernandaria de Saavedra para ocupar interinamente o cargo de governador. Pouco tempo depois, o vice-rei do Peru decidiu nomear ao governo o próprio Saavedra. Quanto a Ruy Diaz de Guzmán, permaneceu em Xerez até setembro de 1599, deixando tudo encaminhado para que se realizasse o traslado da cidade, para outra localidade mais favorável ao florescimento do projeto colonizador xerezano.

A primeira representação cartográfica de Santiago de Xerez trata-se de um mapa elaborado em 1628 por Luís de Cespedes Xeria. Atualmente, esse mapa é considerado a mais antiga representação cartográfica da região do Alto Paraná (v. mapa 1). O intrigante, segundo o professor Gilson Martins (2002), é que nesse mapa, Santiago de Xerez ainda aparece localizada no Ivinhema ou Muncy, quando esse núcleo colonial já havia sido transladado fazia 28 anos para o Pantanal. Ainda segundo esse autor, prospecções arqueológicas e análises topográficas por ele realizadas no baixo curso do

rio Ivinhema, sugerem que a localização da primeira Xerez coincide com o atual porto Peroba, na margem direita do rio Ivinhema no município de Naviraí.<sup>125</sup>

### **3.3 – A segunda fundação de Santiago de Xerez.**

No ano de 1600, após seis anos de muito esforço e trabalho, os espanhóis e os demais moradores de Santiago de Xerez, frente às dificuldades enfrentadas, não tinham mais dúvidas de que insistir em manter a cidade no local em que havia sido fundada pela primeira vez, sobre algum ponto da margem direita do baixo curso do rio Muney, hoje Ivinhema, no atual município sul-mato-grossense de Naviraí, por Ruy Diaz de Guzmán, no ano de 1593, era inviável. Frequentes eram os ataques e assaltos promovidos pelas tribos indígenas vizinhas ao novo núcleo, frustrando, desse modo, a iniciativa colonial espanhola xerezana de que a cidade pudesse prosperar. Tais ataques refletiam as tentativas e os esforços, por parte dos índios, de inibir e até mesmo de impossibilitar a presença dos colonizadores espanhóis em seus domínios. Isso porque os índios temiam perder seus respectivos territórios, ou serem obrigados a se submeter às determinações do vencedor, sistema das *incomiendas* caso o domínio espanhol se consolidasse na região.

Além dos ataques indígenas, os colonos xerezanos, em uma petição redigida em Xerez no ano de 1599, solicitando o traslado da cidade, afirmavam que padeciam por muito trabalho, fome e enfermidades. Nesse documento, os xerezanos apresentaram às autoridades superiores as principais características geográficas, econômicas e sociais do lugar onde se encontravam estabelecidos, salientando que em tais condições, pela

---

<sup>125</sup> - A fundação de Santiago de Xerez no rio Ivinhema em 1593: In I Simpósio de Arqueologia do alto curso do rio Paraná, XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, São Paulo, 2003



precariedade imposta pela adversidade de um ambiente extremamente hostil, parecia-lhes impossível garantir o sustento e o desenvolvimento da cidade. Afirmavam ainda os xerezanos que, caso deixassem de transladar a cidade, poderiam perdê-la, porque pelas péssimas condições, fatalmente se despovoaria. A esterilidade da terra, o clima, a dificuldade em dispor da mão-de-obra indígena eram alguns dos fatores que impediam o desenvolvimento de uma agricultura, ainda que de subsistência, acarretando a falta de recursos que lhes eram convenientes e necessários para garantir o sustento de todos. Afirmavam os xerezanos que dentre as causas principais que faziam desse local inadequado para que pudessem ali permanecer, destacavam-se:

“... la primera ser el clima y costelacion enferma por estar thodabia debajo del tropico la segunda aber muy pocos naturales sercanos y los que ay tan debiles y de poca utilidad que no son sufisientes a sustentar esta dicha ciudad y lo outro estar muy apartada de las poblaciones de los yndios que ay en la provincia asi [Roto] mo ser la tierra muy ceca y faltandole el te[mpo]al de las aguas que de ordinario falta quando es nesesaryo se pierden y consumen las simenteras y no se haze cozecha la ultyma y mas perjudicial que en esto dicha ciudad questa anjambrada dellas por cya cauza no se na podido criar viñas y sustentar guertas ny tener arboledas de frutas de Castilla ny de la tierra quales penurias viztas por las personas que aca bienen a bivir y los que pretendian despues benir no se anyman ny [roto] ponen a ello y el mayor y mas principal que desto resulta es el careser del consuelo espiritual porque no ay nyngun saserdote que quiera benir ny acistir en esta dicha ciudad...”<sup>126</sup>

Ao se deparar com inúmeras dificuldades, que impediam a sobrevivência e a manutenção do núcleo urbano xerezano no local onde se encontrava estabelecido, o próprio Ruy Diaz de Guzmán, após ter voltado de uma viagem ao Guairá, onde fora apaziguar os conflitos e enfrentamentos ocorridos naquela província, e encontrado a cidade de Xerez em precárias condições, buscando atender às reivindicações dos colonos, tratou de criar, junto aos demais moradores de Xerez, um movimento,

---

<sup>126</sup> - “1599, setiembre 26. Santiago de Jerez. El procurador Anton Bernal y vecinos de la ciudad presentan al cabildo un petitorio para que se traslade la ciudad y se nombre un procurador para ir a Asunción.” (In: *Anuario de la Academia de la Historia*. Vol. XL – XLI, 2000 – 2001, p. 761).

solicitando ao governador do Paraguai, Hernandarias de Saavedra, que lhes desse permissão para que pudessem transladar a cidade.

Encaminhado o pedido oficial para se fazer a mudança de Xerez, coube ao capitão André Diaz fazer o levantamento e o reconhecimento da nova área para onde a cidade seria transladada. O argumento utilizado pelos moradores de Xerez, para justificar a mudança do núcleo urbano, era o de que a cidade deveria ser instalada em um local que fosse mais alto e de bons pastos e montes. Era necessário também que no novo local a ser escolhido pudessem os colonizadores dispor de rios navegáveis e piscosos. A existência de rios navegáveis facilitaria o comércio dos xerezanos com as demais províncias e com Assunção. Enfim, fazia-se indispensável à escolha de um lugar que lhes fosse mais seguro, onde a cidade pudesse prosperar, legitimando-se, assim, a posse espanhola sobre a província, que Ruy Diaz de Guzmán havia denominado *Nueva Andaluzia*.

Após as reivindicações e solicitações dos moradores de Xerez serem analisadas, foi concedida a autorização para que pudessem realizar o traslado da cidade para um lugar mais cômodo e mais próximo aos *repartimientos* dos índios que deveriam servir como *encomiendas* aos moradores de Xerez. O traslado de Xerez ocorreu no ano de 1600, consolidando-se, então, a segunda fundação da cidade. O espaço selecionado localizava-se na região banhada pelo rio *Mbotetey*, também denominado na toponímia colonial como Bitetey, ou ainda rio dos Apóstolos e mais tarde *Mondego*, na área compreendida, atualmente, pela bacia hidrográfica dos rios Miranda e Aquidauana, na parte não inundável do Pantanal sul-mato-grossense, o que acarretou, por extensão, a denominação dos arredores, ou seja, a área conjunta dos atuais municípios de Miranda e Aquidauana, como Campos de Xerez. (v. mapa 2 e 3 ).

Encontramos em um testemunho do padre Antonio de Acosta de Souza, escrito em Santiago de Xerez, no ano de 1600, algumas referências sobre o lugar para onde a cidade deveria ser trasladada. Afirmou o padre, nesse documento, que se tratava de uma terra fértil, de bons pastos, montes e rios, particularmente, o rio *Botetey*, que, segundo ele, também era chamado de rio dos Apóstolos. Relatou o padre Antonio que o viu com seus próprios olhos, quando acompanhava o capitão Andrez Diaz, em um castigo aos índios indelinqüentes, e deparou-se com o rio. Permaneceram por quatro dias no rio *Botetey*, dispondo de muita caça e pesca. Após seguiram navegando esse rio *Botetey* abaixo e, em poucos dias, encontravam-se em Assunção, onde obtiveram notícias de que eram muitos os índios que habitavam por aquela região. Algumas nações eram de índios canoieiros, outras de índios que moravam em terra firme. Eram esses índios lavradores, pescadores e caçadores. Diogo Ferrer assim descreveu os índios Gualacho que habitavam as proximidades do rio *Botetey*:

“De aqui hazia el Norte sobre y cerca del rio Butetey de esta banda del rio Paraguay ay muchos Gualachos labradores que tienen pueblos fixos y chacaras grandes y en ellas todo lo que tienen los Guaranis. y no diferen en nada dellos sino en la lengua, aunque diz que tambien ellos entre sí tienen una lengua o dos universales, y entran a contratar com estos Itatines. tengo escritos dellos mas de veynte pueblos. tienen buen natural y algunos dizen que es aun mejor que el de los Guaranis, tienen mucho arroz que recojen por sus lagunas, y son grandes pescadores. (...) Arriba de estos Gualachos hazia el Nordeste esta el rio Taquary que se desemboca en el Paraguay arriba de los Guayarapos. en este rio ay indios Guaranis que venian antiguamente a contratar com estos Itatines, pero por los Gualachos del rio Butetey que dixen estan entremedios y les estovan el paso no se atreven a venir mas. Mas adelante hazia el nordeste ay otros Gualachos bravos, y hazia el norte estan las Amazonas...”<sup>127</sup>

Verificadas as condições do local, concluíram, então, o capitão Andrez Diaz e o padre Antonio, que tinham encontrado o lugar ideal para o sustento e permanência do

---

<sup>127</sup> - “Ânua do Pe. Diogo Ferrer para o Provincial sôbre a Geografia e Etnografia dos indígenas do Itatim 21 – VIII – 1633. ( In: CORTESÃO, Jaime (org). Op. cit., vol II, p. 47 – 48).

novo povoado. Iniciaram-se, os preparativos para o traslado de Xerez.<sup>128</sup> Os trabalhos que envolveram a transferência do núcleo colonial urbano xerezano para o Mbotetey estiveram sob o comando do general D. Francisco de Beumnot y Navarra. Segundo o padre Lozano, a nova Xerez encontrava-se situada:

“... sobre el rio Mbotetey mas de cien leguas de la Assumpcion. Es rio bueno, y de mucho pescado, y muy navegable, y desemboca en el rio Paraguay. Sobre este rio abajo estaban poblados los Yndios Guanchas em 3 Pueblos que serian como mil Yndios: los Guatós en dos Pueblos como otros mil: los Guapis en un Pueblo como cien Yndios. Todos tenian diferentes lenguas. La nacion Guetù estaba en las faldas de la Cordillera que ay entre los rios Tacuari, y Mbotetey que dizian el año de 1621. Era gran numero de gente y su primer Pueblo estava 15 leguas de Xerez de alli adelante no se há descubierto: pero dezian avia muchissima gente. Los Nujaràs quienes estaban de paz serian mil ducientos. 4 leguas de Xerez azia el Paraguay estava el primer Pueblo de los Itatines gente Guarani que estava encomendada dho año de 1621 â los Españoles de la Assumpcion.”<sup>129</sup>

Ao se referir ao local onde foi fundada pela segunda vez a cidade de Santiago de Xerez, Aguirre, assim como o padre Lozano, afirma que se encontrava situado esse núcleo urbano sobre o rio Mbotetey a aproximadamente 30 léguas acima de sua confluência com o Miranda e que tinham os espanhóis como vizinhos os moradores da província do Guairá.

O traslado da cidade, segundo Aguirre, ocorreu:

“En tiempo del General D. Francisco de Beumont y Navarra fué quando se trasladó Santiago ao Mbotetei entre las encomiendas de Niguarás reducidos por el célebre Juan de Garay. Pertenecia entonces una de ellas à Hernandarias, como otras à diferentes vecinos de la Asuncion, entre quienes la de Bartolomé Gomes estava muy cerca de la misma poblacion. Por esto el procurador Juan Gonzales de St<sup>a</sup>. Cruz pidió à la contradijese y mandase despoblar. Las resultas que tuve esta solicitud las ignoro, y solo por otros documentos se infiere que Xerez se legitimó y permaneció.”<sup>130</sup>

---

<sup>128</sup> - “1600, noviembre 6. Santiago de Jerez. Testimonio del padre Antonio de Acosta de Souza.” (In: *Anuário de la Academia Paraguaya de la Historia*. Vol. XL – XLI, 2000-2001, p. 773-774).

<sup>129</sup> - “Exame necessário do Pe. Lozano sôbre o manifesto de Pe. Vargas Machuca, 1760” (In: CORTESÃO, Jaime. (org.). *Op. cit.*, vol. II p. 317).

<sup>130</sup> - AGUIRRE, J. F. *Op. cit.*, p. 308.

De acordo com o documento acima citado, Aguirre continua afirmando que os moradores de Assunção, lamentando os prejuízos que teriam com a instalação de uma cidade junto aos índios Niguarás, que lhe deveriam servir como *encomiendados*, tentaram fazer com que novamente Xerez fosse despovoada. Para tal, os assuncenhos, juntamente com alguns xerezanos, como Juan de Molina e Miguel Lopez Barreda, ambos citados por Aguirre, apresentavam como justificativa, para a mudança do núcleo urbano, em que constavam as dificuldades e a infelicidade em que viviam os habitantes de Xerez. Informa-nos, ainda, o referido documento que, no ano de 1605, Andrez Diaz, tenente de Ruy Diaz de Guzmán, ordenou um ataque contra os índios que até aquele momento se encontravam em paz com os colonizadores estabelecidos em Xerez: “Decia á, mas que los Ñiguaras se habian sublevado y muerto 80 persona del servicio de los españoles de la referida ciudad que por no tener bastimentos andaban por los montes manteniéndose de raices y frutas silvestres.”<sup>131</sup>

Diante desse episódio, o núcleo colonial urbano xerezano passou por grandes dificuldades. Para manter a cidade era necessário que os assuncenhos enviassem constante ajuda de víveres e de gente. Não conseguindo se legitimar e nem se impor na região, os moradores de Xerez constantemente pediam ajuda e socorro ao governador do Paraguai, que se encontrava em Assunção. Consta que Hernandarias de Saavedra, enquanto esteve à frente do governo do Paraguai, enviou ajuda por duas vezes aos colonizadores em Xerez. A primeira, no ano de 1602, sob o comando de Juan de Espinosa e, a segunda em 1604. Em 1607, diante da difícil situação dos colonos xerezanos, Hernandarias enviou um ofício ao Rei referindo-se a teimosia de Ruy Diaz de Guzmán em fundar Xerez, despovoando Ciudad Real. Nessa expedição consta ainda que:

---

<sup>131</sup> - AGUIRRE, J. F. Op. cit., p. 309.

“Tambien en este fué el hijo y ambos socorros llegaron á 60 hombres á mas de sus servicios; pero duraban poco tiempo en Xerez porque se manifiesta la hambre y necesidad que pasaban en tales términos que no podian subsistir. Al regresar los espinosas lo resolvieron por el rio que ay llamaban de Xerez. Se embarcaron com diez hombres y tuvieron á poco de su salida una refriega com los naturales de que salieron bien; pero despues tuvieron outra com los payaguas sin poder-lo remediar en que les fué mal. Ellos y un soldado Diego Moyano escaparon la vida trabajosamente; los demas murieron.”<sup>132</sup>

Após constatar as dificuldades em se estabelecer em definitivo o novo núcleo colonial urbano, o procurador de Xerez, Bernardino de Espinosa, no ano de 1605, relatou ser impossível a cidade se manter. Justificava Espinosa que Xerez necessitava constantemente de socorros e que por causa da distância de onde se encontrava localizada, os reforços e a ajuda solicitados pelos xerezanos demorava muito a chegar. Um outro aspecto, apontado por Espinosa e que contribuía decisivamente para que Xerez permanecesse isolada, é que a própria Assunção se encontrava em grandes dificuldades: “Asunción se hallaba muy pobre y descarnada y su provincia expuesta á perderse y ser destruida como acababa de suceder á Chile si se confederaban los indios de Xerez com los Payaguas y Guaicurus.”<sup>133</sup>

Ao se referir especificamente às condições em que se encontrava Assunção, Aguirre faz uma observação sobre a importância dessa cidade, enfatizando a relevância que assumiu Assunção para toda a colonização do rio da Prata, a qual transcrevemos:

“Esta república erigida entre las calamidades, elevada a matriz de las colônias del rio de la Plata, alcanzó algunos privilegios de metrópoli. Los colonos llevaron el uso de la hierva mate y aún le propagaron á otras partes por la escasa comunicacion de aquel tiempo en España. A mas de la hierba, el tabaco, el dulce, el vino, el trigo el aguardiente y otros renglones les subministraba la Asuncion, que aunque fuesen de corta cantidad eran algunas ventajas para su subsistencia.”<sup>134</sup>

---

<sup>132</sup> - Idem, p. 309.

<sup>133</sup> - AGUIRRE, J. F. Op. cit., p. 309.

<sup>134</sup> - AGUIRRE, J. F. Op. cit., p. 354 – 355.

As circunstâncias em que se encontravam envolvidos os colonizadores de Xerez em muito se diferenciava dos de Assunção em seu período expansionista. Xerez nunca conseguiu assumir a importância que obteve Assunção para a conquista do rio da Prata. Além dos fatores anteriormente citados, as desavenças e rivalidades entre Hernandarias de Saavedra, governador do Paraguai e Ruy Diaz de Guzmán, tenente e governador de Xerez, de longa data, contribuíam para que Hernandarias solicitasse constantemente o despovoamento de Xerez. A cidade de Xerez era vista por Hernandarias como intrusa, por estar localizada entre os índios que haviam sido anteriormente encomendados por Juan de Garay aos povoadores de Assunção. No entanto, mesmo enfrentando inúmeras dificuldades, o núcleo colonial urbano xerezano se conservou e permaneceu no local para onde havia sido trasladado, no ano de 1600.

A permanência de Xerez sobre o Mbotetey até o ano de 1632, contudo, refletiu os esforços e a coragem dos colonos xerezanos em enfrentar as constantes rebeliões indígenas e submeter à suas ordens os poucos moradores e também os soldados que se encontravam na cidade, os quais, na primeira oportunidade, por causa das enormes dificuldades, abandonavam Xerez. “... los soldados que se na ydo desta ciudad se na ydo por no poderse sustentar en el comer ny bestir e que sabe este dicho testigo que algunas rayzes que se comyan en esta tierra y yervas e frutas silbestres van en desmynusion que algunas vezes la desean comer y falta.”<sup>135</sup>

Entre tantas dificuldades e desafios enfrentados pelos xerezanos, consta ainda que no dia 12 de novembro de 1607, Xerez foi novamente socorrida. Dessa vez, por D. Antonio de Añasco, quando este constatou que a cidade se encontrava desprotegida e correndo grande risco de ser invadida. Na análise de Añasco, nas condições em que se encontrava, Xerez poderia a qualquer momento ser atacada pelos indígenas inimigos,

---

<sup>135</sup> - “1600, noviembre 6. Santiago de Jerez. Testimonio del padre Antonio de Acosta de Souza.” In: *Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia*. Vol XL – XLI, 2000-2001, p. 776.

que se opunham à presença colonial espanhola em seus domínios territoriais e que em tais circunstâncias, provavelmente, não conseguiria resistir a tal ataque. Mesmo enfrentando condições extremamente precárias, os xerezanos insistiram em permanecer sobre o Mbotetey. As ameaças, que dificultavam a realização dos trabalhos na cidade, segundo o governador da província do Paraguai, D. Manuel de Frias, no ano de 1625, ocorriam principalmente pelo fato de:

“...estar la dha ciudad de geres em mucho Peligro y rriesgo asi por causa de muchas naciones de Yndios circumvesinos a ella y otros com quienes aquellos se tratan y comunican y tienen amistad y confederasscion como principamente por la poca vesindad [de] españoles que ay en la dha ciudad p<sup>a</sup>. defensa de ella y ser el sitio en que oy esta muy enfermo y de poca salud assi para espñoles como para naturales donde se na consumido y muerto gran suma de ellos por lo qual a mucho tiempo desean mudar la dha ciudad a outro citio mas sano y seguro y de mas comodidades y donde principalmente puedan tener sementeras y ganados par o sustento ordinario porque en el dho citio donde al preste estan no se da bien lo suso dho y por que para el dho efeto de trasladar la dha ciudad en citio combiniente...”<sup>136</sup>

Segundo o documento acima citado, os moradores de Xerez realizaram, no ano de 1623, *cabildo abierto*, ou seja, uma assembléia geral dos moradores que se encontravam na cidade, para uma consulta popular sobre a possível transferência de Xerez para um outro local. Realizada a votação, a maioria dos que estavam presentes na assembléia decidiu pela mudança da cidade. O resultado da votação foi enviado ao governador do Paraguai, D. Manuel de Frias, e assim solicitado que examinasse o documento e procurasse atender à reivindicação que lhe estava sendo solicitada, a que compreendia a autorização do governador, para que os moradores de Xerez pudessem trasladar novamente a cidade. Nesse documento, os xerezanos enfatizavam que:

“Los motivos que alegaran p<sup>a</sup>. mudarse era hallarse la Ciudad de Xerez en mucho peligro por las muchas naciones de Yndios circumvesinos y otros com quienes se

---

<sup>136</sup> - “Licença de D. manuel de Frias, governador da província do Paraguai, para que em caso de conveniência, se possa fazer a mudança da cidade de Xerez 1625” In: CORTESÃO, Jaime (org.). Op. cit., vol. II, p. 26- 27.



comunican y estan confederados, y por la poca vezindad de Españoles que hay en la dha Ciudad p<sup>a</sup>. su defensa. 2<sup>o</sup>. Por ser el sitio muy enfermo assi p<sup>a</sup>. Españoles como para los naturales, donde se han consumido gran suma de estos y assi ha mucho tiempo desean la mudanza â sitio, mas sano y de mas comodidades, donde puedan tener sementeras y ganados p<sup>a</sup>. su sustento, porque en su sitio no se dá bien lo suso dha.”<sup>137</sup>

Os xerezanos relataram no documento enviado ao governador do Paraguai, D. Manuel de Frias, que o local dessa vez escolhido e que deveria abrigar a cidade era por eles denominado como llanos de Yaguari. Justificavam tal escolha, assinalando que esse local apresentava as qualidades e as condições que julgavam ser necessárias e convenientes para que o novo núcleo urbano pudesse prosperar. No entanto, o governador do Paraguai, D. Manuel de Frias, ao tomar conhecimento da iniciativa expressa no documento que lhe foi enviado, ordenou que suspendessem a transferência da cidade até que ele estivesse em condições de ir pessoalmente a Xerez para verificar as reais condições em que se encontravam os xerezanos. De acordo com o citado documento, o governador D. Manuel de Frias deu ordens para que:

“... la dha ciudad y las demas de la Prov<sup>a</sup>. del Guayra se puedan mudar por mi o por outro qulaquiera governador que me susediere en el gobierno y atento a que esto se deve hacer com mi presencia o de tal governador tomando los votos de los mas vezinos de las dhas ciudades para que por una vez se muden y transladen a sitios combinientes y esto por aora no puede tener efeto rrespetto del dho mi biaje y ausencia que hago...”<sup>138</sup>

De acordo com esse documento, a transferência de Xerez, muito embora tenha sido solicitada pelos xerezanos, no ano de 1623, não chegou, na prática a acontecer. Permanecendo, assim, a cidade, no mesmo local para onde havia sido trasladada, a pedido de Ruy Diaz de Guzmán, no ano de 1600, ou seja, no Mbotetey. Essas

---

<sup>137</sup>- “Exame necessário do padre Lozano sôbre o manifesto do padre Vargas Machuca.” In: CORTESÃO, Jaime. (org.). Op. cit., vol. II. p. 317-318 .

<sup>138</sup>- “Licença de D. Manuel de Frias, governador da província do Paraguai, para que em caso de conveniência se possa fazer mudança da cidade de Xerez.” In: CORTESÃO, Jaime. (org.). Op. cit., vol II. p. 28.

evidências nos levam a verificar que Virgílio Corrêa Filho cometeu, em seu trabalho, um engano quando se referiu à transferência de Xerez para um terceiro sítio nos “llanos de Jaraguari”, onde teria o núcleo colonial urbano xerezano perecido frente aos ataques dos bandeirantes-luso paulistas, no ano de 1632.

Ao confrontarmos essa informação com a documentação consultada, percebemos o equívoco cometido pelo historiador, uma vez que a transferência do núcleo colonial urbano xerezano, muito embora tenha sido solicitada, não ocorreu, pois o governador do Paraguai D. Manuel de Frias se encontrava de viagem em Chuquisaca, não podendo, portanto, naquele momento, ir pessoalmente a Xerez. Em sua ausência, encarregou de representá-lo em Xerez o lugar-tenente Diego de Orrego y Mendoza, advertindo-o de que deveria lhe informar as condições em que se encontravam os xerezanos, mas que uma decisão final dependia, contudo, de sua presença em Santiago de Xerez.<sup>139</sup>

O historiador Pedro Lozano também afirma que a mudança de Xerez para um terceiro sítio chegou a ser cogitada, no entanto, não ocorreu. Afirma Lozano que o principal motivo que impediu a transferência de Xerez para outro local foram os sucessivos ataques dos mamelucos paulistas, diante dos quais, não podendo resistir, os xerezanos se viram obrigados a abandonar a cidade. Destacou ainda Lozano que os sucessos da obra devastadora dos bandeirantes paulistas na região, foi facilitada, em parte, pela cooperação de alguns dos próprios vizinhos e moradores de Xerez, que seguiram com os paulistas, mostrando-lhes quais eram os povoados indígenas que poderiam atacar.<sup>140</sup>

---

<sup>139</sup> - HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 142.

<sup>140</sup> - LOZANO, Pe. Pedro. *Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de La Plata y Tucuman*, t. I. p. 98.

Sergio Buarque de Holanda, profundo conhecedor das fontes documentais que retratam o período por nós estudado, afirma categoricamente que o traslado de Xerez para um terceiro sítio, como insistem em afirmar alguns pesquisadores, não ocorreu, e que se enganou o Barão do Rio Branco quando afirmou que, em 1632, os paulistas desalojaram os jesuítas das posições que ocupavam a oeste do rio Pardo e destruíram a cidade espanhola de Santiago de Xerez, que estaria situada em uma chapada da serra de Amambai chamada de “llanos de Yaguari”. Sergio Buarque continua, afirmando que os testemunhos conhecidos são concordantes em situar a Xerez, atacada pelos paulistas, em 1632, à margem direita do Mbotetei, que era o sítio de onde deveria mudar-se, mas que a solicitada mudança não ocorreu. Para dar maior credibilidade a sua afirmação, Sergio Buarque argumenta que, ao pesquisar a cartografia colonial, Santiago de Xerez aparece na maioria dos mapas da época situada à margem direita do Mbotetey, trazendo a indicação “Xerez destruída.”<sup>141</sup> (ver mapas 4, 5, 6,7)

As contribuições oferecidas por Sérgio Buarque de Holanda, autor que, a nosso ver, abordou de maneira mais clara e objetiva o assunto, procurando preencher por meio de uma criteriosa análise junto às fontes documentais algumas das muitas lacunas deixadas por outros pesquisadores. Com esse trabalho, mostrou alguns dos equívocos encontrados em diversas referências sobre Xerez. As observações de Sérgio Buarque, em sua maioria, se aplicam a este estudo, pois trabalhamos com a hipótese de que a transferência de Xerez, para um terceiro lugar, como afirma Virgílio Corrêa e demais autores que adotam seu trabalho como referência, sob a luz das fontes documentais, não existiu. Fato que tem gerado alguns equívocos entre aqueles pesquisadores que não têm o hábito de investigar o passado por meio das fontes documentais, ou que insistem em

---

<sup>141</sup> - HOLANDA, Sergio Buarque de. Op. cit., p. 141.

desprezar os fatos, sem os quais não nos é possível reconstruir os fragmentos do passado.

De acordo com as fontes documentais consultadas, são inúmeras as evidências de que a cidade de Santiago de Xerez, ao contrário das descrições uns tanto otimistas, feitas por seu fundador, Ruy Diaz de Guzmán, desde a sua primeira fundação, enfrentou muitas dificuldades para se manter. Encontramos uma descrição feita por Guzmán em que ele destaca as qualidades de Xerez, na tentativa de justificar sua fundação:

“Esta ciudad de Santa Cruz está com la de Jerez de leste á oeste, 60 leguas de rio, y la de Jerez 30 a mano derecha, a cual está ciento y tantas leguas de la Asuncion. Tiene su fundacion sobre un rio navegable y caudaloso, llaman los naturales Botetey, y está de la esquinoccial 20 grados, tiene muy buenas tierras, está dividida en alta y baja hay en ella muchas naciones de indios que todos son labradores. Los que habitan en lo alto, se llaman Cutaguas y Curumias, todos de una costumbre y lengua, gente nien inclinada, y no muy bárbara; no usan ningun jénero de brebaje que los embriague, aunque los deabajo tienen muchos: hablan diferentes lenguas, y están poblados entre rios y lagunas, los cuales ademas de las cosechas de legumbres que cojen, tienen cerca de las lagunas tanto arroz silvestre, de que hacen muy grandes trojes, y silos, que siempre se hallan provistos de este gran sustento: cojen en toda aquella provincia mucho algodón, que sin beneficio alguno se dá en gran cantidad, y es tanta la miel de abeja silvestre, que todos los montes y árboles tienen sus colmenas y panales de que sacan gran cantidad de cera, y se aprovechan de ella en las gobernaciones del Paraguay y Tucuman. Es abundante de pastos, donde se cria todo jénero de ganados, y muy f’rtil de pan y vino, y de todas las legumbres y semillas de Castilla. Finalmente es una provincia de mucha estima y de las mas nobles y ricas de aquella gobernacion, por que á la falda de una Cordillera, que parte aquella tierra en alto e baja y viene bojeando desde el Brasil, se han hallado minerales de oro com muchas muestras de metales de plata”. (GUZMÁN, 1943, p. 29-30).

Muito embora Guzmán insista em atribuir e ressaltar as qualidades de Xerez, o fato é que a cidade não prosperou. Sem recursos, passou a viver precariamente, sendo constantemente ameaçada pelos Guaicuru e pelos Payaguá, os quais dificultavam as comunicações entre Xerez e Assunção pelo rio Paraguai. Com a aproximação dos paulistas, instalando povoados no rio Paraná acima em busca da mão-de-obra indígena Guarani dos Campos de Xerez e do Itatim intensificaram-se os riscos de se perder, para os portugueses, o povoado de Xerez. Diante de tais ameaças, o procurador de Xerez, Alonso Riquelme de Guzmán, solicitou ao governador de Assunção que lhe enviasse

algum socorro, pois estavam paupérrimos e eram muito poucos. Na mesma ocasião, em 10 de abril de 1617, escreveu Alonso Riquelme ao cabildo, cujas justiças eram Juan Fernandez Villalobos e Andres Diaz de Rivera e também ao governador, remetendo-se a seus tenentes onde novamente afirmou:

“Que estan rodeados de indios por conquistar y para maior trabajo rebelados los Itatines por lo que pedian les enviase para su guarda, los vezinos de la ciudad que andaban fuera. Que los portugueses entraron en su provincia, robaron los indios Taquari y se tenia por cierto volverian á la ciudad y al Itatin á destruir todas las encomendas. Que o padre Antonio Acosta se habia ido a S. Pablo com todos los indios de nacion Pinchumiai cuya fuga no se supo hasta los dos meses, por lo que se le siguió inutilmente mas de cien leguas. Se creia fuese cosa tratada com los portugueses pues fué su entrada al mismo tiempo que la ida del padre hacia ellos, mayormente quando, segun los naturales, habia dos años que los portugueses entraron la primera vez.”<sup>142</sup>

De acordo com Aguirre, Alonso Riquelme de Guzmán se apresentou a Hernandarias de Saavedra, pedindo-lhe uma arroba de azufre e outra de plomo de socorro, para que pudesse repartir entre os soldados que faziam a guarda e a segurança de Xerez. Consta ainda que Guzmán foi nomeado capitão da jornada aos Itatins, que deveria ir por terra e foi dado a ele outro tanto de plomo e azufre de que outorgou ter recebido em 11 de outubro do referido ano de 1617, seguindo viagem: “... para aviar los soldados y vecinos de las ciudades de arriba, que/deben ir en su compañía.”<sup>143</sup>

D. Manuel de Frias não mediu esforços para socorrer a cidade de Santiago de Xerez. No ano de 1623, foi o governador pessoalmente a uma jornada contra os índios Payaguá, juntamente com seu mestre de campo D. Francisco Vallejo. A jornada empreendida por Frias seguiu viagem por rio e por terra e no trajeto pelo rio conseguiram surpreender umas 40 canoas Payaguá e matar mais de 100 índios. O padre Diogo Ferrer em sua Carta Ânua de 1633, assim se referiu aos índios Payaguá:

---

<sup>142</sup> - AGUIRRE, J. F. Op. cit., p. 312.

<sup>143</sup> - AGUIRRE, J. F. Op. cit., p. 313.

“Digamos ahora las naciones que ay de esta banda del rio Paraguay. Sobre el mismo rio estan los Payaguas que lo señorean desde Assumpcion hasta los Guayarapos. Estos son los que estorvan a los Españoles de Paraguay el passo rio arriba. Y aunque muchas vezes na salido armadas contra ellos pero no les pudieron sujetar, y no solamente son enemigos de los Españoles sino tambien de todas las demais naciones vezinas. Y no tienen a ningunos amigos sino a estos Itatines. (...) no son labradores, sino viven de pesca. Su principal Cacique se llama Jacayra: no tiene pueblo fixo, sino corren por el rio mas de cien leguas, y estan ya rio arriba e rio abajo, no permitiendo que algun Español o outro Indio ande por el.”<sup>144</sup>

Em 1625, Frias despachou uma armada a cargo do capitão Arzamendi com destino às terras dos Itatines e a Xerez. Pouco depois, seguiu viagem para Concepción, cidade que fora construída para servir de escala e comunicação com o Peru, mas que se despovoou em 1632. Assim como aconteceu também com as cidades da província do Guairá e Xerez. Os padres jesuítas, entre eles o padre Nicolas Del Techo, que já haviam estabelecido suas missões junto aos índios do Guairá, lamentavam perder uma província na qual, segundo ele, a fé católica fazia grandes progressos. Os jesuítas atribuíam a culpa de tal perda ao governador do Paraguai D. Luis de Céspedes Xeria e também aos espanhóis guairenhos que, por ganância em vender os índios, trataram com os mamelucos de São Paulo, e permitiram que os índios fossem aprisionados e que tamanha brutalidade acontecesse.<sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> - “Ânua do padre Diogo Ferrer para o Provincial sobre a Geografia e Etnografia dos indígenas do Itatim. 21 – VIII – 1633.” (In: CORTESÃO, Jaime (org.). Op. cit., vol. II, p. 47).

<sup>145</sup> - O padre Techo afirmou que foram 12 os povoados do Guairá vítimas dos ataques contra seus núcleos. O primeiro deles foi o de Santo Antonio em janeiro de 1629 atacado por Simon Alvarez, subalerno do capitão Raposo Tavares. Outro subalerno chamado Vicudo atacou a redução de São Miguel, porém os padres Cristobal de Mendoza e Juan Mansilla conseguiram salvar a maior parte do povoado. Outro subalerno chamado Mauro foi contra Jesus Maria. Relatou o padre os horrores que foram cometidos nessas ocasiões pelos mamelucos contra as populações indígenas. Afirmou que, na ocasião, os paulistas preadores de índios matavam as crianças que embarcavam na marcha junto com seus pais. Os que escaparam foram submetidos a muito trabalho seguido de um grande número de mortes. Para tentar fugir dos ataques a suas Reduções, os padres transmigraram os povoados de Santo Ignacio e de Loreto. O padre Antonio Ruiz de Montoya seguiu junto aos índios pelo rio Paraná abaixo enfrentando fome, miséria e a morte de muitos índios. Finaliza o padre Techo dizendo que assim voltaram os mamelucos ano após ano e foram destruindo sucessivamente todos os demais povoados. AGUIRRE. J. F. Op. cit., p. 388 – 389.

A catequese dos índios Guarani Itatins assentados no âmbito dos Campos de Xerez, como enfatizou o professor Gilson Martins, resultou na constituição da Província Jesuítica do Itatim. No entanto, esclarece Martins que as relações entre jesuítas, índios e colonos xerezanos, desde o início, não se deram de forma harmoniosa. Ao contrário, os jesuítas impuseram resistentes obstáculos à apropriação compulsória da mão-de-obra indígena catequizada, o que era, portanto, contraditório e incompatível com o modelo da economia colonial ibérica, baseada no sistema das *encomiendas*.<sup>146</sup>

Para John Manuel Monteiro, muito embora os jesuítas estivessem defendendo os interesses das metrópolis coloniais, a serviço dos reis católicos, acenavam com uma proposta alternativa de colonização que buscava por meio dos aldeamentos e da catequese transformar o índio em mão-de-obra produtiva. O aldeamento tinha como objetivo, além do trabalho de catequese e conversão dos indígenas nas Reduções, impedir o acesso direto dos colonizadores à apropriação compulsória do trabalho indígena, método que levava à escravização e conseqüentemente ao extermínio das populações autóctones de toda a América.

Por causa dos constantes ataques bandeirantes que se seguiram e se intensificaram por toda a região, a partir de 1628, o fato é que pouco tempo depois do despovoamento da província do Guairá acontecia à ruína e o despovoamento de Santiago de Xerez, que também foi vítima dos ataques dos mamelucos de São Paulo. Em uma informação citada pelo procurador Francisco Sanchez Cabrera, consta que Xerez foi surpreendida e seus moradores presos. Na ocasião, o general D. Martin de Ledesma Valderrama, ao saber da entrada dos paulistas em Xerez, enviou uma armada sobre o comando dos capitães Cristobal Ramires e Felipe de Torrillas e Linares para que fossem prestar socorro aos xerezanos. Contudo, quando a expedição chegou a Xerez não

---

<sup>146</sup> - MARTINS, Gilson Rodolfo. Santiago de Xerez: uma problemática para a arqueologia histórica. In: *Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia*. Op. cit., p. 247.

conseguiu alcançar os invasores, que já haviam se retirado levando muitos índios prisioneiros.<sup>147</sup>

Em uma petição do padre João Batista Ferrufino, de 1649, relatou o padre ao ouvidor da província do Paraguai, Garabito de Leon, as dificuldades e os riscos em que se encontravam os poucos índios que haviam conseguido escapar das repetidas invasões que os portugueses de São Paulo faziam na província do Itatim. Afirmava o padre que a nação Guarani, por ser uma das mais numerosas do Novo Mundo, encontrava-se no momento consumida, acabada e despovoada. Os paulistas, em suas incursões pela província do Guairá, haviam aprisionado um grande número de índios, enquanto outros tentando fugir do assédio bandeirante preferiam seguir junto com os padres para outras regiões. Sendo assim, as muitas províncias do Paraguai, as quais se estendiam por milhares de léguas, encontravam-se desfalcadas de seus habitantes nativos. Quanto ao despovoamento de Santiago de Xerez afirmou Ferrufino que:

“Descendiendo pues en particular a tratar de las invasiones, que na hecho en la Prov<sup>a</sup>. de los Itatines, de que hablamos. notoria cosa es que el año de treinta y dos despoblaron los dhos Portugueses la ciudad de Jerez quitando a sus moradores los Indios de sus encomiendas que tenia en su servicio, y traiendo por guia a D. Diego de Orrego, que haciendo off<sup>o</sup>. de teniente en la dha ciudad de Jerez se entro entre ellos [entraron por la dicha Prov<sup>a</sup>. de los Itatines] cautivando y llevando consigo gran parte de sus moradores, y destruyeron quatro pueblos, que avian começado a fundar los Padres Diego Ferrer, Justo Manzilla, Nicolas Enarcio, e Ignacio Martinez, que poco antes avian entrado en dar principio a la conversion de esta gentilidad, y al ultimo de los Padres referido le afligieron e trabajaron sobremanera, teniendole tres dias preso sin darle de comer, porque com libertad les afeava, tan enormes desafueros.”<sup>148</sup>

---

<sup>147</sup> - O documento segue afirmando que, muito embora a ajuda enviada tenha chegado tarde em Xerez, mesmo assim foi de grande utilidade porque no caminho reconheceram alguns índios que se encontravam dispersos e com eles fundaram outros dois povoados. Um se chamou São Benito e o outro Nossa Senhora da Fé. Nesses dois novos povoados atuaram dois jesuítas que se encontravam junto aos índios quando se deu o despovoamento de Xerez. ( AGUIRRE. J. F. Op. cit., p. 391).

<sup>148</sup> - “Petição do Pe. João Baptista Ferrufino ao ouvidor Garabito para mudar os índios Itatim reduzidos para outro lugar. 1649.” In: CORTESÃO, Jaime (org.). Op. cit., vol. II, p. 78.



As bandeiras que assolaram o Guairá e também Santiago de Xerez partiam de São Paulo e contavam com a presença de muitos mamelucos e dezenas de índios auxiliares. Os tenentes dessas expedições, uma minoria de “lusó-índio-paulista”, eram comandados pelo mestre de campo Antônio Raposo Tavares, também identificado como Cabo da Tropa. Ao sair de São Paulo, esses expedicionários tinham um único objetivo: aprisionar o maior número possível de índios que seriam utilizados como mão-de-obra compulsória em seus empreendimentos, alimentando, dessa forma, uma crescente força de trabalho indígena que se fixava no planalto e era necessária para tocar os empreendimentos agrícolas dos paulistas.<sup>149</sup>

No ano de 1628 partiu, então, de São Paulo, uma grande bandeira, que reuniu aproximadamente 900 mamelucos e 2.000 índios auxiliares, comandados por cerca de 69 paulistas que costumavam ser bianuais. No início do ano seguinte, 1629, adentraram a província do Guairá, onde, segundo o padre Montoya, afirmavam os paulistas que estavam dispostos a expulsar os jesuítas, assim como expulsariam também todos os espanhóis, que se encontravam naquela região, alegando que estavam estabelecidos em domínios territoriais que pertencia aos portugueses e não ao rei da Espanha. O vice-rei do Peru relatou a Filipe IV, em 1632, que os paulistas sustentavam ser legitimamente seu o território guaireño. Assim pretendiam os portugueses expulsar os jesuítas espanhóis do território do Guairá e reconquistar para o Brasil aquela região ocupada pelos castelhanos.

Diante dessa afirmação, podemos perceber como a questão de limites territoriais entre Portugal e Espanha, no continente sul-americano, desde o seu início foi conflituosa. Tais conflitos resultaram em muitos descontentamentos, impasses e ações de espionagem por parte de ambas as metrópoles coloniais envolvidas, os quais se

---

<sup>149</sup> - MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. Companhia das Letras, 1994. Op. cit., p. 8.

arrastaram por muito tempo. Somente com a assinatura do Tratado de Madri, de 1750, é que se estabeleceram definitivamente os limites territoriais entre as metrópoles coloniais ibéricas no continente sul-americano. Affonso de E. Taunay, ao examinar a documentação bandeirante, faz uma importante consideração a esse respeito:

“Fato curioso: o tom de toda essa documentação revela as circunstâncias de que ninguém considerava os paulistas como gente que fosse súdita do monarca espanhol. Todas estas denúncias apresentam êstes acontecimentos como se em 1580 não houvesse ocorrido a integração de Portugal na monarquia dos Áustrias. Persistia como que a impressão nítida de que as relações das duas coroas eram pura e simplesmente as antigas dos tempos pós-aljubarrotanos.”<sup>150</sup>

Utilizando-se de tal justificativa, os bandeirantes paulistas apossaram-se das reduções de San Miguel, San Antonio, Jesus-Maria, Encarnación, San Xavier e San José. Diante dos assaltos às suas Reduções, os padres reuniram em San Ignacio e Loreto os índios que conseguiram escapar das perseguições dos bandeirantes paulistas e abandonaram a província do *Guayrá*. Jesuítas e índios foram se estabelecer entre o Paraná e o Uruguai, onde já possuíam outras aldeias. Enquanto os padres transferiam os índios para outro lugar, de forma que pudessem estar fora do alcance dos mamelucos de São Paulo, no ano de 1631, os bandeirantes se apoderavam dos povoados de Villa Rica e Ciudad Real, destruindo-os completamente. Assim, os paulistas destruíram, com impiedade e crueldade nunca vistas, uma das mais numerosas e prósperas províncias católicas. Mais de dez mil almas foram chacinadas, escravizadas e dispersas, havendo os de São Paulo conquistado mais de cem léguas da Coroa de Castela como se fora de algum rei estranho ou inimigo, agindo como se desconhecessem, de fato, a União das duas Coroas.

---

<sup>150</sup> - TAUNAY, Affonso de E. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo: Melhoramento, Tomo I, 1951, p. 62.

Examinando a documentação referente ao período estudado, encontramos denúncias feitas pelo governador de Buenos Aires, D. Pedro de Estevão Davila, contra os graves danos causados pelos paulistas à província do Paraguai. Afirmou Davila que:

“... llegado que fui al Rio de Janero vi y reconoci ser cierta la relacion que se me avia hecho pues a mis ojos se vendian los indios en aquella Ciudad traydos por los vezinos de la villa de San Pablo, como si fueran esclavos y dados por tales por V. M. e ynformado vine averiguar vervalmente como desde el ano de 28 hasta de 30 avian traydo los vezinos de San Pablo mas de setenta mil almas de las reducciones de los Padres de la compañia del destrito de este gobierno y del del Paraguay, en que havian usado los dichos vezinos de San Pablo crueldades y inhumanidades increybes hasta faltar en sus acciones a catolicos Xptianos.”<sup>151</sup>

No ano de 1632, após capturar e aprisionar um grande número de índios e saírem vitoriosos do Guairá, os bandeirantes paulistas voltaram-se para o sul de Mato Grosso, para o Itatim, como se dizia, onde se encontrava estabelecido o núcleo colonial urbano de Santiago de Xerez. Na ocasião dessas invasões, os bandeirantes renderam os moradores de Xerez, os quais, diante da precária circunstância em que se encontravam, passaram a colaborar com os portugueses, na invasão aos demais povoados indígenas do Itatim. Os xerezanos seguiram junto aos bandeirantes, aterrorizando e aprisionado um grande número de índios. Os padres da Companhia de Jesus se referiam aos paulistas como se fossem verdadeiros dragões devoradores de todas aquelas terras, utilizando-se das armas que melhor sabiam manejar: o engano e a mentira. Na ocasião dessas invasões:

“... os paulistas transpando o alto Paraná, não só tomaram Santiago de Xerez, estabelecimento espanhol, sito perto das nascentes do Aquidauana, como também destruíram as três reduções de San José, Angeles e San Pedro e San Pablo, que os jesuítas tinham acabado de formar, com índios Itatins, a oeste do rio Pardo, no atual

---

<sup>151</sup> - “Representação do Governador de Buenos Aires, D. Pedro Estevão Davila, a Felipe IV em que denuncia os graves danos causados pelos paulistas à província do Paraguai e propõe os meios para remediá-los 12- X – 1637.” In: CORTESÃO, Jaime (org.). Op. cit., vol II, p. 61.

Estado de Mato Grosso. Alguns castelhanos, moradores em Xerez, e que estavam de boa avença com os bandeirantes passaram-se nessa ocasião para São Paulo.”<sup>152</sup>

Os moradores das cidades despovoadas pelos bandeirantes, entre elas, Vila Rica e Ciudad Real no Guairá e Santiago de Xerez no Itatim, ao constatarem que haviam perdido seus índios, suas casas e suas fazendas, e que, naquele momento, se encontravam em desvantagens para resistir, se viram obrigados a seguir junto com os paulistas para São Paulo, em vez de buscar refúgio ou proteção em Assunção. Segundo Diogo Ferrer, vários foram os motivos para que os espanhóis de Xerez seguissem com os paulistas. Em sua *Ânua* de 1633, assim se referiu ao fato em questão: “... y como com los Portuguezes venian los Españoles de Xerez los quales unos por miedo que tenian de los Portuguezes, otros por averse del todo ya entregado a ellos, afirmavan lo mismo, facil foi persuadir a los indios en ausencia del Pe. que fuessen com ellos a pelear contra sus hermanos...”.

Sergio Buarque de Holanda, ao se referir a esse episódio, faz uma importante observação e nos chama a atenção para o fato de que não foram todos os castelhanos de Xerez que seguiram com os paulistas, como costuma freqüentemente aparecer na documentação jesuítica. Holanda prefere acreditar que, de certa maneira, há um exagero por parte de alguns historiadores, entre eles o padre Lozano, ao fazer uso dessa afirmação: “Há exagero nisto, pois de alguns consta que passariam a viver ou a definir em Assunção, onde se acolheram, ou na nova Vila Rica formada com as sobras da população das cidades arruinadas.” (HOLANDA, 1986, p. 143).

A respeito do que teria acontecido com os xerezanos que seguiram junto com os paulistas, afirma Sérgio Buarque que passaram estes, com o tempo, a integrar-se na vida local, assim como sucedeu também com os paraguaios do Guairá. O autor, para dar

---

<sup>152</sup> - MAGALHÃES, Basílio. “Expansão geográfica do Brasil até fins do século XVII.” In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. Tomo Especial. Parte II, 1914. p. 102.

maior credibilidade a sua afirmação, cita como exemplo, entre outros, o caso do beneditino Juan de Ocampo y Medina, o qual havia sido vigário de Vila Rica do Espírito Santo antes de 1632, ano em que foi essa cidade destruída pelos paulistas. No entanto, no ano seguinte, 1633, aparece o mesmo Juan de Ocampo y Medina como vigário de Sant'Ana de Parnaíba, em São Paulo. Afirma ainda Buarque que: “A abundante infiltração do elemento paraguaio em São Paulo chegaria a inquietar o governo espanhol pelas graves conseqüências em que eventualmente redundaria.” (HOLANDA, 1986, p. 144).

No ano de 1633, ocupava interinamente o cargo de governador do Paraguai o Mestre de Campo D. Martin de Ledesma Valderrama. Foi nessa época que se arruinaram definitivamente as cidades do Guairá e também Santiago de Xerez, no Itatim. Consta, no entanto, que Valderrama, mesmo enfrentando muitas dificuldades, enviou socorro aos colonizadores espanhóis estabelecidos no Guairá e em Xerez. Providenciou o governador algumas balsas com destino ao porto de Maracaju<sup>153</sup> e deu parte a seus superiores do lamentável estado em que se encontrava, então, o Paraguai. Em uma carta enviada à Real Audiência em Assunção, datada de seis de junho de 1633, Valderrama afirmava que:

“Quedava en gran riesgo la provincia, así por las entradas que cada dia hacen los portugueses de S. Pablo, llevándose los indios en colleras para sus ingenios de azucar, por lo que se habian despoblado tres poblaciones que se nombraban ciudades y que solo habia quedado la Asuncion en gran aprieto, por estar desarmada é indefensa, pues se tenia verdadera relacion de que los dichos portugueses volvian com ánimo de entrar á saquearla y hacerse dueños de la provincia y que si acaecia peligraban las de Potosí y Buenos Aires, teniendo este paso abierto á su comunicacion.”<sup>154</sup>

---

<sup>153</sup> - O padre Lozano nos informa que no ano de 1683 os portugueses já haviam fundado povoados em Maracajú. “Exame necessário do Pe. Lozano sôbre o manifesto do Pe. Vargas Machuca. 1760.” (In: CORTESÃO, Jaime (org.). Op. cit., vol II, p. 318).

<sup>154</sup> - AGUIRRE, J. F. Op. cit., p. 392.

Com o despovoamento de Santiago de Xerez pelos espanhóis, os bandeirantes paulistas passaram a promover algumas incursões pela região da então Província do Itatim. As penetrações, nas terras do atual Estado de Mato Grosso do Sul, costumavam ser feitas baixando-se o rio Paraná, pelo qual adentravam pelo Ivinhema, passavam ao Brilhante, ao Nioaque, deste ao Miranda e por fim saíam no Paraguai. Essas investidas causavam muita apreensão e desconforto aos espanhóis do Paraguai que até se contentavam em ter como limite setentrional o rio Mbotetey, mas não se conformavam, os hispano-americanos, com a presença dos portugueses nas terras que julgavam pertencer à Espanha.

Em 1682, Juan Diaz de Andino que, na ocasião, ocupava o cargo de governador do Paraguai, bastante preocupado, procurou se informar de quantos seriam os portugueses implantados nas vizinhanças das ruínas da cidade de Santiago de Xerez. O governador obteve, então, a informação de que os cabos paulistas ali presentes eram Pascoal Moreira Cabral e André de Zuñega. Estes passariam a realizar suas incursões em direção a Cuiabá, tendo como ponto de apoio e escala principal a antiga povoação espanhola de Santiago de Xerez. Para tal, nesse mesmo ano, possuíam os portugueses, aproximadamente, oitenta canoas e se encontravam estabelecidos no rio Mbotetey que entra no Paraguai, na altura dos 19° 30' latitude sul.<sup>155</sup>

Desde o ano de 1678, a cidade de Santiago de Xerez, que havia sido abandonada pelos espanhóis durante o ataque bandeirante de 1632, passou a ser ocupada pelos paulistas, cujas canoas começaram a percorrer com frequência o Paraguai. Os jesuítas, na ocasião, tentaram alertar o governador do Paraguai para o perigo que representava aquela ocupação. Mesmo assim, o governador nada fez para impedir tal iniciativa. Pedro Lozano, historiador da Companhia de Jesus no Paraguai, assim relatou esse fato:

---

<sup>155</sup> - TAUNAY, Affonso de E. *História das bandeiras paulistas*. Op, cit., p. 149.

“La Nueva Xerez poblaron los Portugueses año 1678, poco despues que una esquadra de los paulistas depobló la Vilarica. Supolo D. Filipe Rexe, governador do Paraguai, y lo comunicó dicho año com el P. Provincial Altamirano, quien le procuró persuadir que no dexase tomar cuerpo y arreigar la dicha poblacion.”<sup>156</sup>

Decorridos alguns anos, em março de 1686, o mestre de campo Antônio de Vera Mujica apresentou a sua Majestade católica um relatório detalhado, contando-lhe sobre o miserável estado em que se encontrava o Paraguai. Afirmou Mujica que no forte da nova cidade de Xerez já possuíam os paulistas oitenta canoas e estavam providenciando um número ainda maior de embarcações. Nessa ocasião, o padre Altamirano, que atuava nas missões do Itatim, solicitou das autoridades espanholas o fornecimento de quinhentos mosquetes para que pudesse armar seus índios, pois só assim, acreditava o padre, conseguiria defender as reduções do norte do Paraguai dos maloqueros de Xerez. Tal pedido foi reforçado em 1687 pelo novo governador do Paraguai, D. Francisco de Monforte, pois os paulistas continuavam no Mbotetey e era indispensável à segurança do Paraguai colocar presídios guarnecidos por duzentos e cinquenta homens, no local onde fora Santiago de Xerez.<sup>157</sup>

Jaime Cortesão afirma que os quarenta anos que vão desde a ocupação de Xerez pelos paulistas, até aos primórdios da exploração do ouro de Cuiabá, os jesuítas, quer os de Assunção, que desejavam alcançar a região de Chiquitos, quer os que fundaram essa missão, no sentido inverso, deparavam-se com seus inimigos de São Paulo que circulavam livremente pelo Paraguai, ou mesmo quando esse encontro não acontecia,

---

<sup>156</sup> - “Exame necessário do Pe. Lozano sôbre o manifesto do Pe. Vargas Machuca. 1760.” (In: CORTESÃO, Jaime (org.). Op. cit., vol. II, p. 328).

<sup>157</sup> - Idem. p. 149.

temiam por ele. Pois os paulistas há mais de quarenta anos vinham exterminando com suas incursões as populações do rio Paraguai.<sup>158</sup>

No ano de 1721, passados, portanto, várias décadas do despovoamento de Santiago de Xerez pelos espanhóis, ao empreender uma jornada de reconhecimento dos “Campos de Xerez”, D. José de Antequera assim se referiu a esse fato:

“...dice que S. M. le mandó hacer en diferentes reales cédulas y particularmente á D. Juan Gregório Bazan en la última de Madri á 20 de octubre de 1714 para o cual envió socorro de armas y municiones; y como no se há hecho y hay indicios de haber Paulistas, se apronta la siguiente expedicion para que no suceda lo que antiguamente, que siempre iban los socorros cuando no habia remedio. Mandó se juntasen los maestros de campo &<sup>a</sup> y por eleccion comum se encomendó al cargo del Mestre de Campo de la Villa Rica D. Lorenzo del Villar el reconecimiento de aquellos campos de Xerez.”<sup>159</sup>

O documento acima citado segue afirmando que o governador deu algumas instruções sobre a viagem a ser realizada. Consta que, segundo a orientação recebida, deveriam seguir adentrando pelo rio Igatimi, passando ao rio Amambay, ao Yaguari e ao Ipita. Nessa jornada, caso reconhecessem algum inimigo, tinham ordens para que: “...los desalojase como fuesen de inferior fuersa y si superiores que los requiriese. Y que si encontraba indios, guardase mucha precaucion com sagacidade que ni parezca cobardia ni haya confianza.”<sup>160</sup>

Diante das evidências históricas apresentadas, podemos perceber que o Paraguai passou então a vivenciar um novo momento em sua história. Após o despovoamento de Santiago de Xerez pelos espanhóis em 1632, os portugueses se estabeleceram na região. (v. Mapa 8). No entender de Juan Francisco de Aguirre, responsável pelos trabalhos de demarcação dos limites das terras da Coroa espanhola na América do Sul, ao analisar

---

<sup>158</sup> - CORTESÃO, Jaime. *Rapôso Tavares e a formação territorial do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1950, p. 397.

<sup>159</sup> - Documento que se cita en el viagem de Curuguay. Extracto del Diario del Maestre de Campo. In: AGUIRRE, J. F. Op. cit., p. 291.

<sup>160</sup> - Idem, p. 291.



critérios o material histórico disponível, considerou que o abandono pelos espanhóis das posições que já ocupavam, tanto no Guairá como em Xerez, resultou não de seu pouco valor, mas de sua pouca vontade de lutar. Afirma Aguirre que os espanhóis que deixaram o Guairá não tinham outro pensamento senão o de se irem daquelas terras e procurarem melhor vida. Considerou que os assaltos dos paulistas serviram apenas como um pretexto. Aguirre admite também que Assunção encarava com indiferença o abandono das terras já povoadas e não deu qualquer passo para defendê-las da fúria lusitana.

Ao comentar essa indiferença, sugerida por Aguirre, Sergio Buarque Holanda afirma em suas considerações que:

“... se essa indiferença era de lamentar no caso do Guairá, tornara-se imperdoável no tocante a Xerez. Só depois de descobertas as riquezas minerais do Cuiabá e do Mato Grosso, que caíram em mãos de portugueses, puderam os assuncenhos reconhecer os prejuízos irreparáveis que vieram a sofrer por não reconhecerem em tempo a importância daquele estabelecimento, situado junto ao Mbotetei, que os mamelucos puderam impunemente destruir em 1632.” (HOLANDA, 1986, p. 97).

De acordo com os fatos históricos que buscamos relatar neste capítulo, nos foi possível verificar que a partir de 1620 intensificaram-se os ataques dos bandeirantes luso-paulistas sobre a região das antigas províncias do Guairá e do Itatim. Com o abandono de Santiago de Xerez pelos colonos xerezanos, na ocasião do ataque bandeirante de 1632, o domínio espanhol sobre a região se tornou cada vez menor. No ano de 1750, quando se deu a assinatura do Tratado de Madri, que adotou o *Uti possidetis* como critério para estabelecer os limites territoriais entre Portugal e a Espanha na América do Sul, o Paraguai Católico Colonial, na expressão de Sanches Labrador, sofreu uma drástica redução. Todo o território do atual Mato Grosso do Sul passou efetivamente ao domínio português, pois eram estes que se encontravam estabelecidos na região em 1750 quando o Tratado foi ratificado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Na elaboração desta dissertação consultamos uma significativa parte da bibliografia referente ao contexto histórico abrangido pelo recorte temporal e espacial estabelecido pela temática por nós selecionada. Recorremos também à análise das fontes primárias que a nós estiveram acessíveis e percorremos esse caminho em busca das evidências históricas que nos permitiram esclarecer questões deixadas em aberto pela historiografia e que se transformaram nos objetivos do nosso trabalho. A pesquisa, junto às fontes primárias, nos auxiliou no esclarecimento de questões que assumem importância relevante para se compreender o processo histórico que correspondeu à conquista e à colonização castelhana no sul de Mato Grosso no fim do século XVI e primeira metade do século XVII.

Motivados inicialmente pelo mito da serra de Prata e do “rei branco” os conquistadores espanhóis adentraram pelo interior do continente sul-americano, em terras povoadas por um mosaico de povos e culturas indígenas e fundaram os primeiros núcleos urbanos em locais que consideravam funcionais para seus projetos mercantilistas. No ano de 1536, D. Pedro de Mendoza, encabeçando uma poderosa expedição conquistadora, fundou Buenos Aires, no estuário do Prata, em uma posição estratégica para se ter o controle da navegação na bacia Platina. Logo depois, em 1537, Juan Salazar, membro da expedição de Mendoza, fundou Assunção, no médio curso do rio Paraguai. Tendo em vista uma série de infortúnios que se abateram sobre a expedição de Mendoza, a base das operações colonizadoras foi transferida para Assunção, em 1540, já então sob o comando de Domingos Martinez de Irala. A partir de então, o modelo colonizador castelhanos nessa região sul-americana, consolidou-se por meio da união hispano-guaraníca, assinalando assim o início do período expansionista

assuncenho, o qual foi de grande amplitude, porém de curta duração. Tal etapa compreendeu praticamente a duração do governo de Irala, e se estendeu até o ano de 1564, cuja finalidade era romper o isolamento em que se encontrava Assunção e, ao mesmo tempo, pôr em prática a política mercantilista, típicas da economia da Idade Moderna.

As principais características políticas do governo de Irala foram as constantes intrigas e conspirações que se acentuaram em Assunção, a partir do ano de 1542, com a chegada do novo *Adelantado* Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca. Esses acontecimentos tiveram como desfecho a prisão e a deportação de Cabeza de Vaca para a Espanha. A fragmentação política dos colonizadores/conquistadores possibilitou o surgimento de um movimento de resistência indígena que passou a se opor e ameaçar a presença colonial espanhola na região. Na impossibilidade de encontrar prontamente um outro *Adelantado* para ocupar o lugar de Cabeza de Vaca e frente aos inúmeros impasses que resultaram de algumas tentativas, decidiu então o rei espanhol nomear oficialmente o próprio Irala para o governo do Paraguai colonial.

Os insucessos de Irala em relação às cobiçadas riquezas da Serra de Prata levou-o a adotar uma política territorial expansionista que resultaram na implantação das províncias do Guairá e também do Itatim, ampliando a extensão territorial colonial incorporando áreas hoje paranaenses e sul-mato-grossenses. Um de seus objetivos era retirar Assunção do isolamento em que se encontrava e viabilizar o acesso ao mar, permitindo o estabelecimento rotineiro do fluxo de mercadorias no âmbito do sistema colonial. Para consolidar efetivamente a política expansionista de Irala foram fundados novos núcleos de povoamento, buscando estabelecer novas vias de comunicação e de comércio. Nesse contexto, se deu a fundação de *Ontiveros* em 1554, de *Ciudad Real do Guairá* em 1556 e de *Villa Rica do Spírectu Santu* em 1570, na província do Guairá.

Posteriormente, foi fundada Santiago de Xerez, em 1593, no sul do território de Mato Grosso colonial.

Quanto à polêmica estabelecida em torno da fundação e da localização exata de Santiago de Xerez podemos afirmar que tal assunto ainda é alvo de controvérsias entre os pesquisadores. Até o presente momento não foi possível estabelecer com precisão topográfica a localização das duas localidades que sediaram o núcleo colonial xerezano. A incerteza até o momento reinante sobre os vestígios arqueológicos referentes a esses assentamentos ainda não permitiu que fossem identificadas as ruínas que pudessem ter pertencido aos distintos assentamentos de Xerez. As dúvidas persistem porque muitos autores se confundem ou discordam entre si quanto à localização exata de Xerez. As fontes primárias também são imprecisas quando essa referência aparece representada na documentação cartográfica colonial ela o é também vaga e genérica. Argumentam tais estudiosos que a cartografia colonial, por suas limitações técnicas da época em que foi produzida, apresenta sérias distorções, imprecisões e deformações locais, se apreciada antes de um criterioso estudo comparativo entre as diversas cartas disponíveis.

O problema quanto à utilização da cartografia colonial como fonte primária se acentua e ganha uma dimensão ainda maior quando analisamos as considerações feitas por Félix de Azara, sobre o contexto do Pantanal sul-mato-grossense no século XVIII. Ao ver-se diante das dificuldades apresentadas em uma carta que fora por ele próprio elaborada, Azara considerou que: "... el curso de los rios que desembocan en el Paraguay por el lado oriental, desde el grado 22 y 4 minutos de altitud hasta el río Taquary, es acaso algo diferente de lo que mi carta representa. No he viajado lo suficiente en esta parte para estar seguro de esta porción de mi trabajo. Las cartas y las relaciones no concuerdan en este punto." (AZARA, 1998, p. 44).(v. mapa 9).

Essas imprecisões da cartografia colonial têm contribuído para dificultar o esclarecimento sobre a localização exata de Santiago de Xerez. No entanto, a análise futura da documentação cartográfica colonial se faz imprescindível e necessária.

O que podemos concluir, tendo por base as evidências históricas encontradas na documentação utilizada no decorrer desta pesquisa, é que Santiago de Xerez foi fundada duas vezes. A primeira fundação de Xerez ocorreu no ano de 1593, por Ruy Diaz de Guzmán, em algum ponto do baixo curso do rio Ivinhema. No entanto, esclarece Gilson Martins que, até o momento, do ponto de vista arqueológico, não foram encontrados os vestígios materiais desse assentamento, embora alguns indícios provenientes de trabalhos de levantamento arqueológico nessa área sugerem que esse assentamento possa ter se dado no local hoje denominado Porto Peroba, no atual município sul-matogrossense de Naviraí. Enfatiza ainda Martins que o mesmo problema se estende para a localidade onde esteve assentada a segunda Xerez. A imprecisão topográfica da cartografia colonial, ora estabelece a localização da segunda Xerez (1600-1632) nas margens do rio Miranda, ora nas margens do rio Aquidauana.<sup>161</sup> “Considerando-se as informações orais referentes à existência de ruínas nesses dois rios (Miranda e Aquidauana), pode-se obter relatos positivos nos dois casos, o que agrava a indefinição arqueológica sobre a localização precisa de Xerez.” (MARTINS, 2002, p.250).

Os vestígios arqueológicos encontrados na fazenda Buriti, (foto 1) localizada a aproximadamente 15 quilômetros da área urbana do município de Aquidauana, na margem direita do rio, tais como vestígios de paredes organizados simetricamente, como se estivessem alinhados em ruas e centenas de fragmentos de telhas (foto 2,3) enterrados no solo, a mais de 0,50 cm de profundidade, foram coletados no ano de 1992 por uma equipe de pesquisadores coordenados pelo arqueólogo Gilson Martins, do

---

<sup>161</sup> - MARTINS, Gilson Rodolfo. Santiago de Xerez: uma problemática para a arqueologia histórica. Asunción: *Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia*, vol XLII, 2002, p. 248.

*Campus* Universitário de Aquidauana/UFMS e enviados para análise. O resultado fornecido pela datação das amostras enviadas ao laboratório especializado em datações por termoluminescência (FATEC/SP) foi de aproximadamente 395 anos. Portanto, os vestígios encontrados são anteriores à fundação de Aquidauana, que se deu somente no ano de 1892. O resultado fornecido pela datação vem a colaborar positivamente com a hipótese por nós sugerida de que essas ruínas podem ser as evidências concretas da existência de Santiago de Xerez em Aquidauana.

A existência dessas ruínas, na ausência de explicações mais detalhadas e concretas sobre sua origem e seu significado, desperta a curiosidade e tem alimentado o imaginário dos habitantes da região dos “Campos de Xerez” sobre a possibilidade de que ali estariam enterrados os “tesouros” que os espanhóis haviam deixado escondido. Essa idéia atraiu curiosos para o local dessas ruínas, os quais acreditando encontrar e se apossar de tais “tesouros” realizaram escavações por conta própria e dessa maneira acabaram destruindo grande parte das estruturas originais, a qual se encontra atualmente reduzida a centenas de fragmentos de telhas e restos de cacos de cerâmica indígena.

Durante anos, a imprensa local contribuiu para aumentar as especulações em torno do que pudesse realmente estar associado à existência dessas ruínas, veiculando informações e notícias com destaque do tipo “O tesouro de Xerez” ou ainda “Santiago de Xerez, a cidade encantada do passado”, o que permitiu o surgimento de interpretações e versões carregadas de representações que mergulham na ficção, no mitológico e até mesmo no sobrenatural. Somente a partir do ano de 1992 quando se iniciaram os primeiros estudos científicos em busca das reais explicações para os vestígios materiais encontrados em Aquidauana é que a cidade colonial espanhola de Santiago de Xerez começou a deixar de ser uma referência lendária para tornar-se uma referência histórica na região.

Em 2000, por ocasião das comemorações do quarto centenário da fundação da segunda Xerez, com a doação pelo presidente da Academia Paraguaya de la Historia, da cópia de um manuscrito do período colonial encontrado em um arquivo na Espanha pelo pesquisador paraguaio Roberto Quevedo, que é a ata de fundação de Santiago de Xerez em 1600, aproximaram-se os interesses entre o Brasil e o Paraguai em torno das ruínas existentes em Aquidauana. Da aproximação entre esses dois países em uma solenidade oficial realizada em Aquidauana, em outubro de 2001, intermediado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e que contou com a presença do intendente (prefeito) de Assunção, D. Martin Burt, e do prefeito de Aquidauana, Felipe Orro, as cidades de Aquidauana e Assunção foram declaradas cidades-irmã, já que ambas estão ligadas historicamente por um passado comum. O objetivo dessa declaração de fraternidade consistiu na soma de esforços em se promover ações conjuntas pela preservação das tradições culturais que unem brasileiros e paraguaios. Na ocasião, foi assinado um Protocolo de Intenções, sugerindo uma série de eventos culturais, dando prosseguimento ao intercâmbio cultural e científico entre o Brasil e o Paraguai.

Em 2002, foi assinada a segunda etapa do intercâmbio com Assunção pelo novo intendente assuncenho Enrique de Riera Escudero. Enquanto a primeira etapa desse intercâmbio priorizou o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais realizadas em Assunção e em Aquidauana, na segunda etapa, buscou-se priorizar e intensificar os estudos históricos e arqueológicos relacionados à ocupação espanhola em Mato Grosso do Sul. Essas iniciativas estão intimamente ligadas às ruínas existentes em Aquidauana, que acreditamos pertencer a Santiago de Xerez e que devem ser estudadas e compreendidas, para que possam ser transformadas em patrimônio histórico/cultural binacional ou até mesmo ibero-americano.

Dando continuidade às pesquisas históricas e arqueológicas em Aquidauana, neste ano de 2004, foi aprovado pelo FUNDECT e pelo CNPQ um projeto coordenado pelo arqueólogo Gilson Martins que tem como prioridade realizar as escavações arqueológicas na fazenda Buriti, no local onde se encontram as ruínas. Os trabalhos de campo estão previstos para o início do segundo semestre desse ano de 2004, em que serão recolhidas novas amostras de telhas e de cerâmica, que estarão sendo novamente enviadas para datação. Posteriormente, será elaborada uma avaliação e cruzamento de dados arqueológico e histórico, cujos resultados poderão, provavelmente, esclarecer definitivamente essa dívida com o conhecimento objetivo do passado.



## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES IMPRESSAS

ANGELIS, Pedro de. *Colección de Obras y Documentos relativos a la história antigua y moderna de las provincias del rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

AZARA, Felix de. *Descripción e História del Paraguay y del rio de la Plata*. Madrid: Imprenta de Sanchiz, Tomo I e II, 1847.

----- . Correspondência Oficial e inédita sobre la demarcación de límites entre el Paraguay y el Brasil, por D. Félix de Azara, primer comisario de la tercera división. In: Angelis, *Colección de Obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del rio de la Plata*. Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1836, tomo IV.

----- . *Demarcación de límites entre el Paraguay y el Brasil*. Madri: Imprenta de Sanchez, 1990.

----- . *Descripción General del Paraguay*. Madri: Alianza Editorial, 1994.

BANDEIRANTES NO PARAGUAI SÉCULO XVII. São Paulo: Publicação da Divisão do Arquivo Histórico, Prefeitura do Município de São Paulo, Vol XXXV, da Coleção Departamento de Cultura, 1949.

CABEZA de VACA. *Naufregios e comentários*. Trad. De Jurandir Soares dos Santos (texto) e Bettina Becker (introdução). Porto Alegre: LEPM editores, Coleção Os Conquistadores, 1987.

CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional - Divisão de Obras Raras, 1952. (Manuscritos da coleção de Angelis) -

----- . *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional - Divisão de obras Raras, 1951. ( Manuscritos da coleção de Angelis).

Documentos sobre o Bandeirantismo do Arquivo General de Índias em Sevilha. Separata do Tomo II dos Annales do Museu Paulista. São Paulo.

Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo do Arquivo do Estado de São Paulo. Vol VIII. São Paulo 1901.

GUSMÁN, Ruy Díaz de. *La Argentina* – Buenos Aires, Angel Estrada, 1943.

GROUSSAC, Paul. Ruy Diaz de Guzmán – noticia sobre su vida e su obra. *Anales de la Biblioteca*, tomo IX, 1914.

GUEVARA. Historia de Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman. In: Angelis, *Colección de Obras y Documentos relativos a la Historia antigua y moderna de las provincias del rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, Tomo II.

IRALA, Domingos Martinez de. *Carta al consejo de Indias referiendo sus entradas y descubrimientos por el rio Paraguay hasta el Perú y lo ocurrido en aquellas expediciones y en los asientos del Rio de la Plata*. BNM. Cartas de Indias. XCVII.

RUIZ DE MONTOYA, Antonio. *La conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias de Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*. Argentina, Equipe Difusor de Estúdios de Historia Iberoamericana, 1993.

SANCHEZ LABRADOR, J. *El Paraguai Catolico*. Buenos Aires: Imprenta del Coni y Hermanos, 1910-1917. 3 vls.

SCHMÍDEL, Ulrico. *Relatos de la Conquista del Rio de la Plata y Paraguay 1534 – 1554*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

------. *Derrotero y viaje a Espanã y las Índias*. Buenos Aires: Espasa Calpe. 1947.

TAUNAY, Afonso de E. Documentação Hespanhola do Arquivo General de Índias-Sevilha, *Annaes do Museu Paulista*. São Paulo: Oficinas do Diário Oficial, 2ª parte. Tomos I e II, 1922.

## REVISTAS

AGUIRRE, J. F. “Diário del Capitán de Fragata de la Real Armada.” In: *Revista de la Biblioteca Nacional Argentina*. Buenos Aires: Tomo XIX, n: 47 e 48, 1948.

ALMEIDA, Luis Castanho de. “Bandeirantes no Ocidente.” In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: Vol XL, 1914.

------. “Nossos Bandeirantes.” In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: Vol 1943.

ALMEIDA SERRA, Ricardo Franco. “Descrição geographica da Província de Mato Grosso 1798.” In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tomo VI, 1844.

CORRÊA, FILHO, Virgílio. “Portugueses em Mato Grosso.” In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: vol. 245, 1949.

CORRÊA, Valmir Batista. A história regional em questão. In: *Revista Científica*, Campo Grande: UFMS, v.1, n.2, p. 51-56, 1994.

DOMINGUEZ, Manuel. “Viajes y muerte de Ayolas” In: *Revista del Instituto Paraguayo*. Asunción: Ano II, No 16, 1899.

GARCIA, Diego. “Cartas de Luiz Ramires.” In: *Revista do Instituto Histórico do Brasil*. Rio de Janeiro: Vol. XV, 1888.

GROUSSAC, Paul. De Mendoza a Garay – p. 14-23. In: *Anales de la Biblioteca de Buenos Aires*. vol. 8.

YOUNG, Ernesto Guilherme. “Apontamentos sobre Aleixo Garcia.” In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: Vol. XII, 1907.

MARTINS, Gilson Rodolfo. “A cultura Guarani na formação da sociedade paraguaia.” In: *ARCA (Revista de divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande)* Mato Grosso do Sul – no 4, 1993.

NOWELL, Charles E. “Aleixo Garcia and the white king.” In: *The Hispanic American Historical Review*. University of Illinois, 1946.

RIBEIRO, João Coelho Gomes. “Ulrich Schimidel Notícias Biográficas.” In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: Vol. X, 1910.

RODRIGUES, Antônio. “Carta do Irmão Antônio Rodrigues para os Irmãos de Coimbra.” In: *Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. Cuiabá: n° 47, 2002.

SAAVEDRA, Hernandarias. “Cartas y memoriales de Hernandarias de Saavedra. Informes del primer gobernador criollo del rio de La Plata al rey de Espana y al consejo de Indias.” In: *Revista de la Biblioteca Nacional Argentina*. Buenos Aires: tomo I, n° 2 de abril a junho de 1937.

## BIBLOGRAFIA

AMADO, Janaína. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. (coord.). *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

ALMEIDA, Mário Monteiro de. *Epsódios históricos da formação geográfica do Brasil*. Fixação das Raias com o Uruguai e Paraguai. Rio de Janeiro: Pongetti, 1951.

AZARA, Felix de. *Descripción e Historia del Paraguay y rio de la Plata*. Madrid: Imprenta de Sanchiz, tomo I e II, 1847.

BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. *A expansão territorial do Brasil Colonia*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Depto. De História, 1979.

BALDUS, Herbert. *Fontes primárias para o estudo dos índios do Brasil quinhentista*. Publicações do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de São Paulo e Museu Paulista. 5ª edição, 1948.

BOND, Rosana. *A saga de Aleixo Garcia: o descobridor do Império Inca*. Florianópolis: Insular: Fundação Franklin Cascaes, 1998.

----- . *O Caminho de Peabiru*. Brasil, Fundação Cultural de Campo Mourão (PR), 1996.

BOITEUX, Lucas Alexandre. *Santa Catarina no século XVI*. (Separata do volume II dos Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense), Florianópolis 1950.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989. P.107-132.

BOSSI, Bartolomé. *Viagem pitoresca por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyaba... com la descripción de la Provincia de Mato Grosso*. Paris: Libreria Parisiense, 1863.

BRUNO, Ernani Silva. *Viagem ao país dos paulistas*. Ensaio sobre a ocupação da área Vicentina e a formação de sua economia e de sua sociedade em tempos coloniais. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: 3ª Edição. Editora Lunardelli, 1987.

CANAVARROS, Otávio. *Os conflitos entre espanhóis e o avanço luso paulista no extremo oeste*. In ANAIS do VI Encontro de História de Mato Grosso do Sul: história memória e identidades. Campo Grande: UCDB, 2002.

------. *O poder metropolitano em Cuiabá e seus objetivos geopolíticos no extremo oeste (1727 –1752)*. São Paulo, 1998. (Tese de Doutorado).

CANABRAVA, Alice P. *O comércio português no rio de la Plata (1580-1600)*. São Paulo. Itatiaia, 1984.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma introdução à História*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Vãos).

CARDOSO, Efraín. *Breve História del Paraguay*. Asunción: El Lector, 1987.

------. *El Paraguay colonial*. Asunción: El Lector, 1953.

------. *Paraguay de La conquista*. Asunción: El Lector, 1989.

CHAVES, Júlio César. *Descubrimiento y conquista del rio de La Plata y el Paraguay*. Asunción: Ediciones Nizza, vol I, 1968.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitário. 2000.

CHMYZ, Igor; SAUNER, Zulmara Clara. *Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no Vale do rio Piquiri*. Brasil, Dédalo, Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo, 1971.

-----, *Cadernos de Arqueologia*. Museu de Arqueologia e Artes Populares – Universidade Federal do Paraná – Paranaguá – Paraná – Brasil. Ano 1 N. 1, 1976.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

-----, *Portugueses em Mato Grosso. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, vol. 245. Out-Dez, 1945.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e fronteira: o sul de Mato grosso, 1870-1920*. Campo Grande: Ed. UCDB, 1999.

CORRÊA, Valmir Batista e CORRÊA, Lucia Salsa. *História e historiografia de uma região*. 1985.

CORRÊA, Fernando A. *O tesouro de Xerez*. Associação de Novos Escritores de MS, 1993.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo. Editora Estação Liberdade / Livraria Kosmos Editora. 1999.

COSTA, Antônio Corrêa da. *Os predecessores dos Pires de Campos e Anhanguéras*. Commemoração do bi-centenário da fundação da cidade de Cuyabá. Biblioteca do Museu paulista. 1918.

CORREA de OLIVEIRA, Paulo. *Era uma vez Xerez*. Peça teatral criada para ser encenada pelos alunos do CERA. Aquidauana, 1983.

CORTESÃO, Jaime. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura / Serviço de documentação, 1950.

-----, *Introdução à história das Bandeiras*. Lisboa: Portugalia Editora, vol.

I, 1945.

-----, *A fundação de São Paulo*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955.

-----, *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Rio de Janeiro: Ministério das relações exteriores, Instituto Rio Branco, 1957, 2 vols.

-----, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1950, 1956, 9 vols.

-----, *A maior bandeira do maior bandeirante*. São Paulo, USP, Ver de História, n° 45 1961.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo Companhia das Letras, 1992.

DOMINGUEZ, Manuel: *El alma de la Raza*- Cap. A serra de Prata – Ed. Ayacucho - Buenos Aires, 1946.

-----, *Estudios Históricos y Literarios*. Cap. Schmidel – Ed. EMEDE. Asunción, 1957.



------. *El alma de La Raza* – Cap. La Fundación de Asunción: el Primer Problema de los Orígenes – Ed. Ayacucho – Buenos Aires, 1946.

D’ALESSIO, Márcia Mansor. *Reflexões sobre o saber histórico*. Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux. São Paulo: Fundação Editora UNESP. 1998.

ESSELIN, Paulo Marcos. *A Gênese de Corumbá : Confluência das Frentes Espanhola e Portuguesa em Mato Grosso ( 1536 – 1778 )*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2000.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1996.

GADELHA, Regina Maria A. F. *As missões jesuíticas do Itatim: um estudo das estruturas sócio - econômicas coloniais do Paraguai. (séc. XVI e XVII )* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GANDIA, Henrique de. *História de La Conquista Del Rio de La Plata y Del Paraguay ( 1535 – 1556 )*. Buenos Aires: 1ª Edição, 1932.

------. *História crítica de los mitos da conquista americana*. Madri: Juan Roldán y Compañía, 1909.

------. *La Ciudad Encantada de los Cesares*. Buenos Aires: Libreria de A. Garcia Santos, 1933.

------. *Las misiones jesuíticas y los bandeirantes paulistas*. Buenos Aires: Editorial La Facultad, 1936.

------. *España en la Conquista del Mundo*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1946.

GUSMÁN, Ruy Díaz de. *Anales del descubrimiento, población y conquista del rio de la Plata*. Paraguai, Ediciones Comunero, 1980

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. Rio de Janeiro: Coleções Estudos Brasileiros, 1945.

----- . *O Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

----- . *Visão do Paraíso*. 5<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

----- . *Caminhos e fronteiras*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

----- . (org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, 1973.

IRALA, Domingo Martinez de: *Carta al Rey de 1545* – Publicada por Lafuente Machain, R. de: El Governador Domingo Martinez de Irala - Ed. La Facultad – Buenos Aires, 1939.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. *Fronteira, Revista de História da UFMS*, Campo Grande 1(2): 27-46, jul-dez. 1997.

KLOSTER e SOMMER. *Ulrico Schmidl no Brasil Quinhentista*. São Paulo: Publicação da Sociedade Hans Staden, 1942.

LENHARO, Alcir. *Crise e mudança na frente oeste de colonização*. Cuiabá, UFMT, 1982.

LE GOFF, Jacques – “Documento/ Monumento.” In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997, volume 1, pp. 103-104.

LOSANO, Pedro de. *História dela conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*. Argentina, Casa Editora Imprenta Popular, 1873.

MAACK, Reinhard. *Sobre o itinerário de Ulrich Schimidel através do Sul do Brasil ( 1552 – 1553 )* Uma pesquisa histórico Geográfica. Brasil. (Publicação do Conselho de Pesquisas da Universidade do Paraná)-Série II, 1959.

MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Brasil, editora Guairá, s.d.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. 2ª. ed. ampl. e rev. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2002.

------. *Santiago de Xerez: Uma problemática para a arqueologia histórica*. Asunción: Anuário de la Academia Paraguaya de la História, Vol. XLII, 2002.

------. A fundação de Santiago de Xerez no rio Ivinhema em 1593: In I *Simpósio de Arqueologia do Alto Curso do rio Paraná*, XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, São Paulo, 2003

MEDINA, José Toribio. *Juan Diaz de Solíz – Estudio Historico*. Chile, Casa del Autor, 1897.

------. *El portugues Gonzalo de Acosta al servicio de España – Estudio Historico*. Chile, Imprenta Elzeviriana, 1908.

MENDONÇA, Marcos Carneiro. *Rios Guaporé e Paraguai: primeiras fronteiras definitivas do Brasil*. Rio de Janeiro: Xeroz do Brasil, 1985.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Base da Formação Territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI*. São Paulo: Hucitec, 2000. (Estudos Históricos; 41).

MONTEIRO, Mario. *Aleixo Garcia descobridor portugues do Paraguay e da Bolivia em 1524 – 1525 glória ignorada de Portugal*. Lisboa. Editora: Livraria Central de H. E. G. de Carvalho, 1923.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesús de las provinias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tapé*. Madri, 1639.

- NOVAIS, Fernando. *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial* (séc. XV – XVIII). São Paulo: Cebrap, 1975.
- , *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial*. São Paulo, Editora Hucitec, 1979.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Mapa etno-histórico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE / Fundação Pró-memória, 1987.
- NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (org.). *História, novos problemas*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1995.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- , *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- , *História econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- PISTILLI, Vicente S. *La Primera Fundacion de Asuncion: la gesta de Don Juan de Ayolas*. Asunción: Editorial El Foro, 1987.
- , *La cronologia de Ulrich Schmidel*. Asunción: Instituto Paraguayo de Ciência del Hombre, 1980.
- QUEVEDO, Roberto. Introdução e comentários em: *Anales del descubrimiento, poblacion y conquista del rio de la Plata*. Asunción: Comuneros, 1980.
- , *Apuntes sobre la fundación de Asunción y su expansión fundadora en siglo XVI*. Asunción: Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia, vol. XXIV, 1987.
- , *Ruy Diaz de Guzmán y el Tucumán*. Asunción: Anuario de la academia Paraguaya de la Historia, Vol. XVIII, 1981.

- . *Salto del Guaira: un siglo de síntesis histórica (1524 – 1632)*. Asunción: Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia, Vol. XXI, 1984.
- . *Cronología y vida de Ruy Diaz de Guzman (1560 – 1623)*. Asunción: Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia, Vol. XL – XLI, 200 – 2001.
- . *Alexo Garcia y los Hermanos Goes ( 1919 – 2002)*. Asunción: Anuario de la Academia Paraguaya de Historia, Vol. XLII, 2002.
- RICARDO, Cassiano. *Marcha para o Oeste*. Rio de Janeiro; José Olympio, 1940.
- RIO BRANCO, Barão de. *Questão de limites*. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1945.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1944. (Col. Missão Aberta, 11).
- SERRA, Ricardo Franco de Almeida. *Reflexões sobre o estado actual da capitania de Mato-Grosso*. Cuiabá, UFMT, 1975.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (coordenadora geral). *Dicionário da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa / São Paulo: Copyright Editorial VERBO, 1994.
- SIMONSEN, Roberto C. *História econômica do Brasil (1500-1820)*. 3. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. (Col. Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 10).
- SODRÉ, Nelson Werneck. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1997.
- SUSNIK, Branislava. *Una Visión sócio – antropológica del Paraguay ( XVI – ½ XVII )*. Asunción: Museo Etnográfico “Andres Barbero”, 1993.

------. *Chiriguanos*. Asunción: Museo Etnográfico Andres Barbero, Tomo I, 1969.

------. *Los Aborígenes del Paraguay*. Assunção: Museo Etnográfico Andres Barber, 1987.

STUART, Schwartz e LOCKART, James. *A América Latina na Época colonial*: tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TAUNAY, Afonso de Escragnoille, 1876-1958. *São Paulo nos primeiros anos*: ensaio de reconstituição social; São Paulo no século XVI: História da Vila Piratiningana/ Afonso de Escragnoille Taunay; coordenação de Paula Porta. – São Paulo: Paz e Terra, 2003. ( Coleção São Paulo; 3).

------. *História geral das bandeiras paulistas*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1924/1950, II vols.

------. *História Geral das Bandeiras Paulistas*. São Paulo: Edição do Museu Paulista, tomo X, 1949.

------. *História da cidade de São Paulo*. São Paulo, Melhoramentos, 1953.

------. *Paulistas em Mato-Grosso*. São Paulo, Rev. AMP, Tomo X.

------. *Relatos Monçoeiros*. São Paulo, Edusp/Itatiaia, 1981.

------. *Relatos sertanistas*. São Paulo, Edusp/Itatiaia, 1981.

------. *Viagens de outr'ora*. São Paulo, Melhoramento, 1921.

------. *A cidade do Ouro e das ruínas – Mato Grosso antiga Villa-Bella*. São Paulo: Cia. Melhoramento, s/d.

TECHO, Nicolás. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesús*. Assunção, Tomo I, 1897.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América - a questão do Ouro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VARGAS MACHUCA, B. *Milicia y Descripción de las Indias*. Madri, vol. I 1892.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. São Paulo, Edições Melhoramento, 1956, 5 vol.

WEBER, Astor. *Os Eyiguayegui-Mbayá-Guaicuru: Encontro e confronto com os luso-brasileiros na capitania de Mato Grosso*, Dourados, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2002. (Dissertação de Mestrado).

ZAVALA, Silvio A. *Las Instituciones Jurídicas en la Conquista de América*. Madrid, vol. I. 1935.